



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA

CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS

.Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais: Cultura, Desigualdade e Desenvolvimento

Mestrado em Ciências Sociais

LEOMIR SANTANA DE SOUZA

QUILOMBOLAS EM REDE: Os efeitos da internet entre jovens da comunidade quilombola de São
Francisco do Paraguaçu – Cachoeira/Bahia

CACHOEIRA /BAHIA

MARÇO/2017

LEOMIR SANTANA DE SOUZA

QUILOMBOLAS EM *REDE*: Os efeitos da internet entre jovens da comunidade quilombola de São Francisco do Paraguaçu – Cachoeira/Bahia

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, do Centro de Artes, Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Kabenguele Munanga

CACHOEIRA /BAHIA

MARÇO/2017

Ficha Catalográfica: Biblioteca Universitária de Cachoeira - CAHL/UFRB

Souza, Leomir Santana de

S719q Quilombolas em rede: Os efeitos da internet entre jovens da comunidade quilombola de São Francisco do Paraguaçu – Cachoeira/Bahia / Leomir Santana de Souza. – Cachoeira, 2017.

181f.: il.; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Kabengele Munanga.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Centro de Artes, Humanidades e Letras, 2017.

1. Internet. 2. Globalização. 3. Quilombos – Cachoeira/Ba. 4. Sociedade da informação. I. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Centro de Artes, Humanidades e Letras. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais: cultura, desigualdade e desenvolvimento. II. Título.

CDD: 305

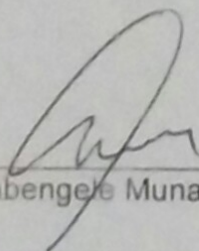
LEOMIR SANTANA DE SOUZA

QUILOMBOLAS EM REDE: OS EFEITOS DA INTERNET ENTRE JOVENS
DA COMUNIDADE DE SÃO FRANCISCO DO PARAGUAÇU-
CACHOEIRA-BA

Dissertação apresentada ao programa de Mestrado em
Ciências Sociais da UFRB, sob orientação do Prof. Dr.
Kabengele Munanga

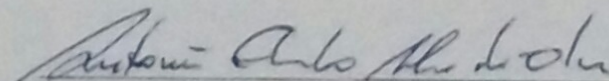
Aprovado, 10 de abril de 2017.

Comissão Examinadora:



Prof. Dr. Kabengele Munanga (UFRB – Orientador)

Prof. Dr. Herbert Toledo Martins (UFRB – Examinador)



Prof. Dr. Antonio Eduardo Alves de Oliveira (UFRB – Examinador)

Cachoeira-Ba
2017

Dedico esta dissertação a minha família por estar comigo durante todos os momentos.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus por sua misericórdia e graça de me conceder força e sabedoria em todos os momentos de minha vida e para a realização de mais um trabalho acadêmico;

À minha família pelo apoio incondicional durante toda a minha caminhada;

Aos meus amigos pela paciência e compreensão ao longo dessa empreitada;

A todos os moradores da minha comunidade que gentilmente confiaram em mim para a realização deste estudo, em especial os jovens que se dispuseram a participar da pesquisa;

No ambiente acadêmico, agradeço a todos os meus colegas de curso pelo companheirismo, pelos toques e dicas que me ajudaram bastante na elaboração desta dissertação, agradeço também a todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais pelo empenho durante todo o curso, pelo carinho e profissionalismo com que conduziram suas disciplinas;

Ainda na universidade, um agradecimento especial ao meu orientador, o professor Kabenguele Munanga, pelo direcionamento dado durante todo o processo de pesquisa, por sua orientação valiosíssima e pela leveza e sabedoria com que conduziu-me na elaboração e finalização deste trabalho;

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de estudos ofertada.

A todos meu MUITO OBRIGADO!

*“Eu sou do quilombo, sou nego nagô,
peguei minha enxada e convidei
o pescador. Pescador é guerreiro,
é da nossa nação. Estamos aqui
para ajudar o nosso irmão.”*

Letra do Samba de Dona Maria do Paraguaçu (moradora de São Francisco do Paraguaçu)

RESUMO

A sociedade contemporânea vem passando por um momento onde os processos de globalização da modernidade se estabelecem de maneira bastante intensa e acelerada. E os efeitos desse processo são sentidos em toda a parte, seja nos grandes centros urbanos, onde tais processos possuem maior força, seja nas periferias desses grandes centros urbanos, onde estão incluídas as chamadas comunidades tradicionais, as quais são detentoras de um modo de vida diferenciado e menos acelerado, se comparado às grandes cidades ao redor do mundo. Este estudo procurou identificar os efeitos da internet, enquanto novo tipo de tecnologia da informação e comunicação do mundo moderno e parte dos processos de globalização da modernidade, entre jovens de uma comunidade quilombola rural, que há pouco tempo possuem contato mais direto com essa ferramenta, produto da sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Internet. Juventude. Globalização. Comunidade quilombola. São Francisco do Paraguaçu. Sociedade em rede.

ABSTRACT

Contemporary society has been passing through a moment where the processes of globalization of modernity are established in a very intense and accelerated way. And the effects of this process are felt everywhere, whether in large urban centers, where such processes have greater force, or in the outskirts of these large urban centers, which include the so-called traditional communities, which are holders of a way of life differentiated and less accelerated compared to large cities around the world. This study sought to identify the effects of the Internet as a new type of information technology and communication in the modern world and part of the processes of globalization of modernity among young people from a countrified quilombola community that recently had more direct contact with this tool, product of contemporary society.

Keywords: Internet. Youth. Globalization. Quilombola community. São Francisco do Paraguaçu. Networked society.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: MAPA DO RECÔNCAVO DA BAHIA	52
FIGURA 2: MAPA DO MUNICÍPIO DE CACHOEIRA	54
FIGURA 3: MAPA DE LOCALIZAÇÃO DE SÃO FRANCISCO DO PARAGUAÇU.....	60
FIGURA 4: CONJUNTO DO CONVENTO E DA IGREJA DE SANTO ANTÔNIO DO PARAGUAÇU	65
FIGURA 5: PLANTAÇÃO DE MANDIOCA	71

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAMEN	Associação de Amigos do Engenho
AATR	Associação de Advogados de Trabalhadores Rurais
CAHL	Centro de Artes, humanidades e Letras
CONAQ	Coordenação Nacional das Comunidades Negras Rurais Quilombolas
CPP	Comissão Pastoral dos Pescadores
CPT	Comissão Pastoral da Terra
FCP	Fundação Cultural Palmares
ICMBio	Instituto Chico Mendes
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MMA	Ministério do Meio Ambiente
MPP-BA	Movimento de Pescadores e Pescadores da Bahia
OIJ	Organização Ibero-americana de Juventude
PROBio	Projeto de Conservação e Utilização Sustentável da Diversidade Biológica Brasileira
REXEX	Reserva Extrativista Marinha Baía do Iguape
RTID	Relatório Técnico de Identificação e Delimitação do Território
SEPROMI	Secretaria Estadual da Promoção da Igualdade
SEI	Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia
SFP	São Francisco do Paraguaçu
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFRB	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
UNESCO	Organização Internacional da Juventude

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO -----	13
1. OBJETIVOS E PROBLEMA DA PESQUISA-----	13
2. JUSTIFICATIVAS-----	14
3. HIPÓTESES-----	16
4. METODOLOGIA E PESQUISA DE CAMPO-----	18
5. UNIVERSO DE PESQUISA E REFERÊNCIAS TEÓRICO-CONCEITUAIS-----	20
CAPÍTULO I – UMA REFLEXÃO SOBRE OS CONCEITOS-CHAVE DA PESQUISA -----	29
1. MODERNIDADE E GLOBALIZAÇÃO: UMA SÍNTESE-----	29
2. UMA SOCIEDADE EM REDE-----	35
3. JUVENTUDE: UMA CATEGORIA EM DISCUSSÃO-----	37
4. COMPLEXIFICANDO O <i>MEIO RURAL</i> -----	44
CAPÍTULO II – SÃO FRANCISCO DE PARAGUAÇU – BOQUEIRÃO: UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA RURAL -----	50
1. ASPECTOS DA GEOGRAFIA, HISTÓRIA E ECONOMIA DO RECÔNCAVO DA BAHIA-----	51
1.1 Município de Cachoeira-----	53
1.2 Um breve histórico de Cachoeira-----	55
1.3 Vale de Iguape-----	57
1.4 São Francisco de Paraguaçu-----	59
1.5 Histórico da comunidade-----	61
1.6 Convento de Santo Antônio de Paraguaçu-----	62
1.7 Modo de vida-----	66
1.8 Meio ambiente-----	68
1.9 Meios de subsistência-----	69
2. QUESTÃO QUILOMBOLA-----	72
2.1 Histórico do conflito-----	75
2.2 Sobreposição de territórios: Reserva Extrativista Marinha Baía do Iguape-----	77
CAPÍTULO III – PESQUISA DE CAMPO -----	80
1. RELAÇÃO ENTRE O PESQUISADOR E O UNIVERSO DA PESQUISA -----	81
2. A “ENTRADA” EM CAMPO-----	85
3. AS ENTREVISTAS-----	88
4. OS JOVENS ENTREVISTADOS-----	90
5. OS JOVENS DE SÃO FRANCISCO DO PARAGUAÇU E A INTERNET-----	92

5.1 Os jovens de São Francisco do Paraguaçu e seu contexto específico-----	92
5.2 Internet enquanto nova instância socializadora da comunidade-----	95
5.3 Um novo meio de acesso à informação-----	99
5.4 Novas formas de interação e novas redes de relacionamento-----	103
5.5 Os jovens, a internet e a escola no quilombo-----	115
5.6 O acesso ao ensino superior-----	119
5.7 Novas necessidades e saída da comunidade-----	121
CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	124
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS-----	127
ANEXO-----	132

INTRODUÇÃO

1. OBJETIVOS E PROBLEMA DA PESQUISA

Neste trabalho, pretendo investigar e analisar os efeitos da globalização através do uso da internet entre jovens da comunidade quilombola de São Francisco do Paraguaçu – Boqueirão, localizada no Vale do Iguape, no município de Cachoeira, no Recôncavo da Bahia. Em outros termos, quero analisar os efeitos e reflexos da utilização da internet, produto da modernidade e dos processos de globalização da sociedade contemporânea na vida de uma coletividade que há pouco tempo tem acesso a essa nova forma de tecnologia da sociedade moderna e globalizada. Como destaca André Lemos (2008, p. 15), essa relação entre a cultura contemporânea e as novas tecnologias digitais “vai criar uma nova relação entre a técnica e a vida social que chamaremos de cibercultura.”

Nesse sentido, propõe-se identificar tais efeitos na vida de *jovens quilombolas rurais* dentro do contexto de um mundo moderno e globalizado, onde os processos de globalização das novas tecnologias e meios de comunicação carregam diversos tipos de informação por toda a parte, tanto nos centros urbanos quanto em suas periferias, modificando as relações entre indivíduos e sociedades humanas, facilitando os contatos e diminuindo as distâncias entre as pessoas.

Entretanto, é necessário entender que ao mesmo tempo em que esses processos de globalização agregam, eles também segregam por intermédio de formas de exclusão e agrupamento. De acordo com Manuela do Corral Vieira (2011, p. 2), “o dito ‘mundo global’ é, na verdade, para esta visão, o reflexo do que os centros de poder, em especial econômico e político, querem que ele seja, enquanto que os demais centros consistem em periferia dependente destes primeiros.”

Dentro da problemática desse estudo proponho a seguinte questão, a qual pretende-se responder ao longo desta dissertação: Quais os aspectos característicos que a internet inova concretamente na vida, nos projetos e modos de se relacionar de uma juventude rural quilombola que, embora possua algo em comum com a juventude urbana, tem suas especificidades e diferenças? Esta é a pergunta principal que esta pesquisa procura explorar, tendo como objetivo específico contribuir para os estudos dos processos de mudança e

dinâmica nas sociedades ditas tradicionais, vivendo às margens das transformações tecnológicas modernas.

Os jovens aqui estudados foram escolhidos como campo de estudo pelo fato de fazerem parte do contexto de uma comunidade quilombola rural que ainda preserva um modo de vida tradicional e utiliza de maneira harmônica e sustentável os bens naturais de que dispõe em seu território e que há pouco tempo possui um contato mais direto com as chamadas novas tecnologias da informação e comunicação, a exemplo da internet, computadores, tablets e smartphones.

Com o intuito de identificar as possíveis perspectivas de futuro dos jovens quilombolas locais e compreender as especificidades dessa coletividade foi realizada uma caracterização do contexto histórico-social em que essa juventude está inserida: a comunidade quilombola de São Francisco do Paraguaçu. Para além disso, este estudo procurou analisar especificamente os fenômenos de resistência identitária numa comunidade que, embora sofra os efeitos benéficos e maléficos dos processos de globalização, ainda mantém um padrão de vida baseado numa economia sustentável e num regime de subsistência, resistindo ao modo de vida de uma economia capitalista lucrativa e cumulativa acentuada pelos progressos tecnológicos globalizantes.

Sendo assim, essa reflexão tem como pretensão contribuir na construção de um referencial de estudo sobre a incidência dos processos de globalização no modo de vida, nas relações e perspectivas de futuro de jovens pertencentes a uma comunidade que ainda sobrevive de forma tradicional e sustentável, que luta para garantir seu modo de vida diferenciado, e que há tão pouco tempo se vê envolvida com as novas tecnologias do mundo moderno, e conseqüentemente com um estilo de vida bastante diferente do seu.

2. JUSTIFICATIVAS

A motivação principal desta pesquisa se pauta em minha experiência enquanto morador da comunidade de São Francisco do Paraguaçu. Nesse sentido, por também fazer parte dessa rede de relações entre os jovens estudados, me senti instigado a estudar os efeitos da globalização, através da internet, na vida dessa coletividade, a qual estou inserido enquanto parte do processo social.

Dessa maneira, apresento-me neste estudo enquanto pesquisador mas também como sujeito pesquisado, pois, além de conduzir a pesquisa faço parte do contexto social desses jovens, ou seja, sou parte integrante das redes de relações que se desenvolvem nesse contexto sócio-histórico. Estar no meio desse processo e ver as modificações no modo de pensar e de agir dessa coletividade me motivou a pensar como essa relação entre os jovens e a internet vem se estabelecendo na comunidade em que nasci e onde moro atualmente.

O convívio diário com meus pares foi uma das principais, se não a principal motivação para a realização desta pesquisa na comunidade. Além do prazer de pesquisar e falar do lugar onde nasci e estão todas as minhas raízes, falar sobre São Francisco do Paraguaçu é também falar sobre mim e sobre minha história. Dessa maneira, minhas experiências com essa coletividade permeiam toda a pesquisa, porém sem prejuízo aos dados coletados e analisados, pelo contrário, meu conhecimento empírico se configuram como uma forma de enriquecer a reflexão e a problematização da realidade estudada.

Enquanto pesquisador é certo que não estou isento de minhas prenoções e juízos de valor, e isso se mostra mais forte no caso desta pesquisa, pois, além de propor e realizar o estudo, estou inserido nas relações sociais da comunidade e do grupo em questão enquanto sujeito pesquisado. Nesse sentido, Maria Isaura Pereira de Queiroz (2008) nos apresenta que

o ser pensante é sempre único, sua individualidade é patente; seu modo de conhecer e, portanto, sua imaginação, sua interpretação, seu julgamento de valor são, sem dúvida, inteiramente pessoais. No entanto, o indivíduo só existe em coletividade de que é parte inseparável; é em sua sociedade e em seu grupo que adquire sua maneira de considerar a ciência. (p. 15).

Nesse momento é de vital importância deixar explícito que minha vivência empírica com a comunidade não trouxe prejuízos ao estudo aqui realizado, ou seja, o envolvimento do pesquisador com o universo de estudo e as noções preestabelecidas com relação ao meio social deste, não prejudicaram a compreensão dos fenômenos sociais estudados e o desenvolvimento da pesquisa. Nesse sentido, Pierre Bourdieu (1999) aponta para o fato de que

é necessário submeter as operações da prática sociológica à polêmica da razão epistemológica para definir e, se possível, inculcar uma atitude de vigilância que encontre no conhecimento adequado do erro e dos mecanismos capazes de engendrará-lo um dos meios de superá-lo. (p. 11).

Pierre Bourdieu (1999, p. 24) destaca que tal influência dessas noções comuns “é tão forte que todas as técnicas de objetivação devem ser utilizadas para realizar efetivamente uma ruptura que, na maior parte das vezes, é mais professada do que concretizada.” É preciso sempre fazer esse exercício de questionamento e problematização do meio social, trata-se de um exercício de auto questionamento constante e busca de uma sociologia científica.

A partir de meu conhecimento de categorias sociais do contexto social da coletividade estudada para a elaboração e construção da pesquisa, no sentido de um conhecimento mais profundo de códigos e simbolismos do campo social pesquisado, foi possível uma problematização mais aprofundada dessa realidade analisada nesta dissertação.

Mas, no sentido de não permitir que tais prenoções obscurecessem os resultados da pesquisa, propus-me a realizar o que Roberto Damatta (1978, p. 28-29) chama de *transformar o familiar em exótico* e, dessa maneira, poder “estranhar alguma regra social familiar e assim descobrir (ou recolocar, como fazem as crianças quando perguntam os ‘porques’) o exótico no que está petrificado dentro de nós pela reificação e pelos mecanismos de legitimação.”

E ainda de acordo com Damatta (1978), por se tratar de um processo de mão dupla, é necessário também *transformar o exótico em familiar*. E ele entende por esse processo, a tentativa de compreender a linguagem, os códigos, os símbolos que o pesquisador ainda não tem acesso, as regras, os valores e os imponderáveis da vida social, ou seja, familiarizar-se com o campo social para uma melhor interpretação da realidade em questão. Para Damatta (1978, p. 28) trata-se do “esforço na busca deliberada dos enigmas sociais situados em universos de significação, sabidamente incompreendidos pelos meios sociais do seu tempo.”

3. HIPÓTESES

Diante do exposto, o presente estudo parte da hipótese de que apesar dessa comunidade se situar na periferia do centro do mundo globalizado, onde se encontram as grandes cidades, a juventude local também sofre os efeitos da globalização através das NTIC, a exemplo da rede mundial de computadores. Além de diminuir as distâncias, ao aproximar essa juventude de outros jovens de diferentes lugares do mundo através de sua inserção nas redes sociais, por exemplo, a internet cria novas perspectivas e modos diferentes de se relacionar com seus pares em sua comunidade.

A utilização da internet por parte da juventude local pode servir como um meio de estreitar alguns laços de amizade, através de sites de relacionamentos, redes sociais e aplicativos de comunicação, por exemplo. Novas formas de comunicação à distância podem aparecer, contrariando uma lógica mais tradicional que visa uma comunicação mais presencial, física. Esse fato pode facilitar a comunicação e proporcionar novas formas de interação entre esses atores sociais, entretanto, isso pode fomentar mais o individualismo do que o coletivismo, o qual se estabelece de maneira mais presente nesse tipo de comunidade.

Nesse sentido, o contato entre a juventude local e os meios de comunicação e informação, como a internet, pode proporcionar novas experiências e a obtenção de mais conhecimento, adquirido através da rede mundial de computadores. O acesso à informação também pode acontecer fora do ambiente formal da escola, propiciando ao jovem novas experiências adquiridas no ambiente virtual da internet. Dessa maneira, a internet se estabelece na comunidade como um dispositivo de fortalecimento da educação dessa coletividade. Para Vieira (2011)

o conhecimento passa a ser em grande parte construído pelo compartilhamento das experiências que acontecem na rede e que são, segundo Castells (2010, p.23-24), organizados e classificados pelos grupos sociais e pelo próprio indivíduo, de acordo com sua visão de tempo/espaço, de estrutura social e aportes culturais e sociais. É assim que o simbólico ganha força na construção do sujeito através das redes sociais da internet. (p. 3-4).

Nesse contexto, a internet pode se apresentar como um meio de facilitar o acesso ao Ensino Superior de jovens da comunidade, visto que, a entrada na educação superior era praticamente impossível para os moradores da comunidade, devido, em grande parte, à falta de conhecimento e da dificuldade de acesso e inscrição nos cursos de ensino superior oferecidos.

O contato mais intenso dos jovens quilombolas da comunidade com o mundo moderno capitalista pode levar à criação de novas necessidades a partir da obtenção de novos saberes e novas experiências. Pressupõe-se então que a partir do acesso a uma infinidade de possibilidades de uma sociedade globalizada e capitalista através da internet, haja a criação de necessidades e desejos de consumo de produtos e serviços que estão acima das possibilidades financeiras reais desses jovens, estimulando um consumismo exacerbado, marca da sociedade capitalista atual. Para além disso, a criação de novas necessidades poderia levar à saída dessa

juventude para outros lugares em busca de satisfazer tais necessidades, levando a um êxodo rural mais intenso na comunidade.

4. METODOLOGIA E PESQUISA DE CAMPO

Diante da natureza complexa dos fatos e relações sociais, busco uma postura crítica diante da aparência de tais coisas. Sendo assim, de maneira epistemológica, adoto uma perspectiva dialética dos fenômenos sociais aqui estudados, ou seja, entendo o fazer científico como uma relação dialética entre pesquisador e pesquisado, entre o sujeito e o objeto, como algo conquistado, construído e constatado. Dessa maneira, assumo a posição de que até mesmo a produção do conhecimento científico é determinada socialmente.

Nesse sentido, vejo a ciência como uma atividade crítica, prática e transformadora que busca sempre ultrapassar os mais diversos obstáculos que se impõem, com o objetivo principal de avançar na construção do conhecimento científico visando a transformação da sociedade. Desse modo, busco neste trabalho uma abordagem que permita tornar visível as relações existentes entre as condições subjetivas e objetivas, para dessa maneira ir contra toda cristalização e simplificação no conhecimento dos fenômenos sociais.

Para alcançar os objetivos propostos nesta pesquisa, utilizo-me do método de pesquisa qualitativo. Busco uma abordagem qualitativa, no sentido de problematizar a realidade, as relações sociais presentes no campo social estudado. A abordagem metodológica qualitativa fornece ao pesquisador os dados básicos para uma compreensão detalhada das relações existentes entre os sujeitos da pesquisa em seu contexto social. De acordo com Martin W. Bauer e George Gaskell (2008, p. 68), a real finalidade da pesquisa qualitativa é “explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão.”

Parto de uma abordagem voltada para um estudo de caso, no intuito de nos ajudar a pensar o fenômeno social investigado. Alda Judith Alves-Mazotti (2006, p. 644) entende o estudo de caso detalhado enquanto uma abordagem adequada de um problema de pesquisa, pois este trata-se de um fenômeno pouco investigado, “o qual exige estudo aprofundado de poucos casos, que leve à identificação de categorias de observação ou à geração de hipóteses para estudos posteriores”.

Ainda sobre o estudo de caso detalhado, ou análise situacional, como J. Van Velsen

(1997, p. 345) prefere chamar, essa abordagem se refere à coleta de informações detalhadas, “mas isto também implica o modo específico em que esta informação é usada na análise, sobretudo a tentativa de incorporar o conflito como sendo ‘normal’ em lugar de parte ‘anormal’ do processo social.”

Para a elaboração deste estudo foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre a história da comunidade de São Francisco do Paraguaçu, no intuito auxiliar na caracterização da comunidade e assim, situar o contexto sócio-histórico dos sujeitos da pesquisa, ou seja, dos *jovens quilombolas rurais*. Lancei mão do uso de entrevistas abertas (em profundidade), no sentido de obter “os dados básicos para o desenvolvimento e compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação.” (BAUER; GASKELL, 2008, p. 65). Essa técnica se apresenta também como uma interação, um processo cooperativo entre o entrevistador e o entrevistado, ou seja, se estabelece um processo de interlocução entre ambas as partes. Para Bauer e Gaskell (2008), toda a pesquisa com entrevista

Não é apenas um processo de informação de mão única passando de um (o entrevistado) para outro (o entrevistador). Ao contrário, ela é uma interação, uma troca de ideias e de significados, em que várias realidades e percepções são exploradas e desenvolvidas. Com respeito a isso, tanto o(s) entrevistado(s) como o entrevistador estão, de maneiras diferentes, envolvidos na produção de conhecimento. (p. 73).

Durante o processo de pesquisa foram realizadas entrevistas semiestruturadas em profundidade (entrevistas com um único respondente) e entrevistas com grupo focal (entrevistas com um grupo de respondentes), ambas também chamadas de *entrevistas etnográficas*. Nesse sentido, para facilitar a compreensão e interpretação das informações coletadas, foi realizada uma transcrição detalhada das entrevistas. Para isso, o uso de gravador durante as entrevistas se apresentou de fundamental importância. Outra técnica bastante relevante durante essa etapa da pesquisa foi a utilização de um tópico guia, o qual “funciona como um esquema preliminar para a análise das transcrições.” (BAUER; GASKELL, 2008, p. 67).

Efetivou-se também uma análise de discurso com o objetivo de levar em consideração aquilo que está implícito nas entrelinhas, o silêncio, a pausa, os gestos, o não querer falar sobre determinado assunto, ou seja, aquilo que na maioria das vezes é essencial para compreender o lugar de fala e as representações do entrevistado. Tais aspectos, muitas vezes essenciais, são as condições de produção e recepção e o espaço social onde circulam os

discursos, ou seja, do contexto, do meio social onde se produz e é recepcionado o discurso dos agentes sociais.

No intuito de uma melhor sistematização, e conseqüentemente de uma compreensão mais apropriada do estudo proposto, a dissertação está dividida da seguinte maneira: além desta introdução, a qual apresenta de maneira mais sucinta o tema proposto para esta pesquisa, o trabalho é composto por três capítulos intitulados *Capítulo I – Uma reflexão sobre os conceitos-chave da pesquisa; Capítulo II – São Francisco do Paraguaçu – Boqueirão: Uma comunidade quilombola rural; e Capítulo III – Pesquisa de Campo.*

O capítulo I, *Uma reflexão sobre conceitos-chaves da pesquisa*, trata-se de uma reflexão acerca dos principais conceitos que permeiam a discussão proposta nesta pesquisa, visando problematizar alguns conceitos centrais para a compreensão e análise da realidade social estudada, a exemplo dos conceitos de *modernidade, globalização, juventude e ruralidade.*

O capítulo II, intitulado *São Francisco do Paraguaçu – Boqueirão: Uma comunidade quilombola rural*, tem como objetivo principal apresentar a comunidade onde os jovens estudados moram e mantêm suas relações sociais com seus pares. Essa caracterização é realizada tendo como base conceitos-chave, a exemplo do conceito de territorialidade, tradicionalidade, entre outros, no sentido de ajudar a compreender o contexto sócio-histórico em que esta coletividade está incluída.

Já o capítulo III, denominado *Pesquisa de Campo*, procura descrever todo o processo de pesquisa dentro da comunidade, as etapas percorridas ao longo do estudo, a exemplo da coleta de dados, a inserção no campo de estudo e a fase de entrevistas, além de identificar e analisar, à luz de teorias vinculadas às Ciências Sociais, os dados coletados durante o processo de pesquisa, os efeitos reais dos processos de globalização da modernidade.

5. UNIVERSO DE PESQUISA E REFERÊNCIAS TEÓRICO-CONCEITUAIS

Como anunciado e proposto no título e nos objetivos do trabalho acima delineados, o universo desta pesquisa não é a comunidade quilombola de São Francisco do Paraguaçu como um todo, mas sim sua juventude. Porém, ao decorrer da dissertação não trato do conceito de juventude como apenas uma categoria natural definida pela idade física dos indivíduos, mas também, e sobretudo, como uma categoria socialmente construída. Nesse sentido, o sociólogo

Nilson Weisheimer (2009) afirma que

em termos sociológicos, podemos dizer que ela [a juventude] reflete os processos de individualização e racionalização crescentes iniciados na modernidade. O fundamental para sua construção como categoria sociológica é ter presente que a juventude não se constitui, e nem se explica, simplesmente por meio de princípios naturais ou determinações biológicas. (p. 85).

O debate aqui proposto trata da categoria social *Juventude* enquanto uma construção social, histórica e cultural que aparece de maneira bastante complexa, fruto do advento de processos iniciados na modernidade. O conceito de juventude se apresenta de forma polissêmica, sem uma única definição possível. Enquanto fenômeno social, ela se estabelece como uma realidade múltipla. Sendo assim, não tomo esta categoria sociológica como uma simples determinação biológica ou a partir de princípios puramente naturais.

Desse modo, fez-se necessário uma categoria analítica que possibilitasse uma base de análise para o presente estudo. Entretanto, assumo a posição de que tal recorte etário e abordagem devem ser realizados com o devido cuidado, visto os fatores já mencionados anteriormente, no sentido de não naturalizar e estereotipar o fenômeno sociológico complexo da juventude. Para Weisheimer (2009),

abordagem da juventude como um recorte etário deve ser utilizada com cautela, evitando-se a naturalização de um fenômeno eminentemente sociológico. Além disto, esta abordagem marcadamente empírica não é suficiente para forjar uma categoria teórica; entretanto, esta posição não implica negligenciar a importância desta variável para a compreensão do fenômeno juvenil e para a delimitação do universo de pesquisa. (p. 74).

É nesse sentido, e com a finalidade de uma melhor sistematização e operacionalização do trabalho, que tomo como recorte etário os indivíduos na faixa etária de 15 a 24 anos de idade, assim como propõem a Organização Ibero-americana de Juventude (OIJ, 1994) e a Organização Internacional da Juventude (UNESCO, 1997). “No Brasil, a abordagem demográfica do IBGE classifica o ‘grupo jovem’ entre 15 a 24 anos em três recortes etários: 15-17 anos como jovens adolescentes; 18-20 anos os jovens e, 21-24 anos como jovens adultos.” (WEISHEIMER, 2004, p. 85).

Os jovens aqui estudados fazem parte de um determinado contexto sócio-histórico onde suas relações se estabelecem a partir de suas especificidades. Uma juventude pertencente a

uma comunidade tradicional rural, com costumes e um modo de vida que busca a subsistência de sua população a partir de uma lógica sustentável dos recursos naturais de que dispõem, mas que não se encontra totalmente isolada do resto do mundo, e possui também relações externas com uma sociedade moderna, industrializada, ou seja, está também inserida no contexto de uma sociedade globalizada. E essa inclusão cada vez maior nessa sociedade moderna global se estabelece a partir das NTIC que possuem o caráter de ligar e aproximar diversos grupamentos humanos ao redor do planeta.

Devido à grande complexidade dessa categoria sociológica, não é possível existir apenas um único conceito de juventude, visto que se trata de uma categoria histórica, cultural e socialmente construída. Dessa maneira, é mais apropriado falarmos em *juventudes*, devido a essa complexidade do conceito e às variadas formas de como cada indivíduo e sociedade vão lidar e representar essa fase da vida. Ao tratar do termo *juventudes* busco refletir a respeito de diversas juventudes em suas complexidades e especificidades, no caso aqui estudado, uma juventude quilombola rural em seu contexto específico.

A juventude se apresenta numa condição de invisibilidade com relação aos seus direitos sociais, e a situação dos jovens rurais se apresenta de forma mais problemática. Segundo Suzana Maria Valle Lima (2013, p. 14), “a vulnerabilidade que caracteriza o jovem, de modo geral, é ainda mais complexa quando se observa o jovem rural. Este grupo – talvez por ser cada vez menor, no Brasil – recebe ainda pouca atenção como um problema relevante para políticas públicas específicas.”

A categoria *jovem quilombola rural* é usada durante o estudo no sentido de tentar delimitar as características e especificidades de uma coletividade presente num contexto rural e quilombola, onde as relações e as formas de comunicação vão se modificando, proporcionando a criação de novas associações, além de mudanças nos modos de vida dessa coletividade rural, através da inserção das NTIC enquanto fenômeno da modernidade.

É nesse contexto de modernidade que as relações sociais ganham novos contornos. Diversos estudiosos e pesquisadores apontam para o fato de que vivenciamos, na sociedade contemporânea, um estilo de vida que emergiu a partir do século XVII, na Europa, o qual tornou-se mais ou menos mundial em sua influência.

De acordo com a problematização do sociólogo Anthony Giddens (1991, p. 9), não estamos entrando em um período de pós-modernidade, “estamos alcançando um período em

que as consequências da modernidade estão se tornando mais radicalizadas e universalizadas do que antes”, e que além da modernidade “podemos perceber os contornos de uma ordem nova e diferente, que é a ‘pós-moderna’; mas isto é bem diferente do que é atualmente chamado por muitos de ‘pós-modernidade’”.

As inovações tecnológicas trazidas pelos processos de globalização são um patrimônio cultural da humanidade, mas com elas são criados problemas para os seres humanos. Apesar de apresentar benefícios para as populações tradicionais como o conhecimento maior de seus direitos, por exemplo, essas novas possibilidades têm a capacidade de gerar um choque cultural e, conseqüentemente uma transformação muito brusca no modo de vida dessas populações.

O título proposto para esta dissertação (Quilombolas em *rede*: Os efeitos da Internet entre jovens da comunidade quilombola de São Francisco do Paraguaçu – Cachoeira/Bahia) faz uma analogia ao termo *sociedade em rede*, presente no trabalho de Manuel Castells e Gustavo Cardoso (2004), no sentido de que, apesar da distância física dos grandes centros onde a cultura do mundo globalizado se faz sentir de maneira mais próxima e intensa, esses jovens quilombolas rurais encontram-se inseridos numa rede de relações mundiais através da rede mundial de computadores (Internet).

Para os autores, “estamos na sociedade em rede, apesar de nem todos, nem todas as coisas estarem incluídas nas redes.” (CASTELLS; CARDOSO, 2004, p. 26). Dessa maneira, Castells e Cardoso (2004, p. 20) definem a sociedade em rede enquanto “uma estrutura social baseada em redes operadas por tecnologias de comunicação e informação fundamentadas na microelectrónica e em redes digitais de computadores que geram, processam e distribuem informação a partir de conhecimento acumulado nos nós dessas redes.”

As sociedades contemporâneas vivem um momento de globalização intensamente acelerado, onde os efeitos de uma cultura globalizada se fazem sentir tanto nos centros urbanos, onde essa cultura se dá de forma mais intensa, quanto nas periferias desses centros, onde se incluem as sociedades rurais e tradicionais como as comunidades quilombolas. É dessa cultura globalizada que a sociedade ocidental capitalista se utiliza, através de diversos mecanismos, para se impor na sociedade. Impor sua lógica capitalista, a qual visa antes de tudo o fator econômico, através do consumismo, e mais objetivamente, da lucratividade.

Apesar de uma transformação na sociabilidade entre os indivíduos que utilizam essas

novas tecnologias, estudos apontam que a maior parte dos que utilizam a internet se apresentam como mais sociáveis e politicamente mais ativos do que aqueles que não fazem uso desse tipo de tecnologia.

Em nossa sociedade contemporânea a internet exerce grande atração sobre os jovens, apresentando-se como uma ferramenta que possibilita o contato mais fácil e mais rápido entre as diversas sociedades, democratizando os conhecimentos adquiridos. Porém, é necessário entender que esse poder de atração também traz consigo mecanismos ideológicos de um mundo baseado numa produção capitalista voltada para o consumismo exacerbado.

É nesse sentido mais restrito que este trabalho procura entender de que maneira esses jovens quilombolas rurais estão inseridos na chamada sociedade em rede, ou naquilo que denominamos de globalização; quais os efeitos da globalização em seu cotidiano produzidos através dos novos meios de informação e comunicação como da internet. Nesse contexto, essas novas tecnologias de comunicação e informação se apresentam como um patrimônio da humanidade, democratizando o conhecimento e a comunicação entre as sociedades contemporâneas.

É nesse mundo repleto de novas oportunidades, originadas por uma revolução tecnológica da sociedade contemporânea, que a capacidade criativa do ser humano ganha mais um potencial. É também nesse contexto que projetos de vida ganham horizontes diferenciados, abertos a novas possibilidades que antes não se apresentavam da mesma forma que agora. Desse modo, percebe-se diversas mudanças no pensamento e nos projetos de vida desses jovens quilombolas que passam a ter cada vez mais contatos com essas novas possibilidades geradas pelos processos de globalização.

Entretanto, se o fenômeno da globalização tem sua influência a nível mundial, por que privilegio essa juventude quilombola rural como universo de pesquisa e não a comunidade de São Francisco do Paraguaçu como um todo, como se este não sofresse os efeitos da globalização, através da internet? Faço esse recorte pelo fato de que a internet revela-se como uma ferramenta expressiva da modernidade na transformação das relações sociais, principalmente entre esses jovens quilombolas rurais, pois são eles os que possuem maior contato com esse novo tipo de tecnologia em seu contexto rural e os que mais se empenham em aprender as técnicas de uso dessas novas tecnologias do mundo moderno, a exemplo de celulares, iPhone, computadores, etc.

É também através dessas ferramentas da modernidade que essa coletividade tem acesso a serviços, informações e mensagens, as mais diversas, que fomentam e influenciam na realidade cotidiana desses jovens quilombolas rurais. Essas juventudes participam de um contexto sócio-histórico, o qual recebe grande influência dessas novas ferramentas técnicas do mundo moderno, fomentando e disseminando uma cultura onde a informação e a comunicação têm grande importância na construção e conservação das relações sociais.

Dessa maneira, por se tratar de um tipo de tecnologia bastante novo inserido nesse contexto rural – e onde os mais jovens são os que possuem um acesso maior a esse tipo de ferramenta – a população mais velha, muito pelo fato de ser de uma geração diferente e ter vivido sua juventude num outro contexto, não possui a mesma perspectiva dessa geração mais jovem. Nesse sentido, pensar o fenômeno da geração enquanto um fato sociológico é de vital importância para compreendermos as relações entre esses grupos dentro da comunidade. Para o sociólogo Karl Mannheim (1982), em última análise, o fenômeno das gerações se baseia no ritmo biológico de nascimento e morte, entretanto,

Não fosse pela existência de interação social entre seres humanos, pela existência de uma estrutura social definida, e pela história estar baseada em um tipo particular de continuidade, a geração não existira como um fenômeno de localização social; existiria apenas nascimento, envelhecimento e morte. (p. 72).

Mannheim (1982, p. 79) avança em seu pensamento e destaca a importância da relação entre grupos etários e um processo histórico-social. Para ele, antes de mais nada, os membros de uma determinada geração encontram-se “similarmente situados”, ao passo “em que todos estão expostos à mesma fase do processo coletivo.” Nesse instante, o autor discute a relevância do que ele chama de fenômeno da *estratificação* da experiência (*Erlebnisschichtung*).

O fato de as pessoas nascerem ao mesmo tempo, ou de que a sua juventude, maturidade e velhice coincidem, não envolve por si só uma similaridade de situação; o que realmente cria uma situação comum é elas estarem numa posição para experienciar os mesmos acontecimentos e dados, etc., especialmente que essas experiências incidam sobre uma consciência similarmente “estratificada”. (MANNHEIM, 1982, p. 79-80).

Se fazer parte da mesma situação de geração é estar exposto a mesma fase do processo histórico, é necessário, para tanto, de acordo com Mannheim (1982, p. 85) “nascer dentro da

mesma região histórica e cultural.” Entretanto, para o autor uma geração enquanto fenômeno de situação não é suficiente para dar conta desse fenômeno sociológico em sua realidade completa.

A geração enquanto realidade, todavia envolve ainda mais do que mera co-presença em uma tal região histórica e social. Um nexos mais concreto é necessário para que a geração se constitua como uma realidade. Esse nexos adicional pode ser descrito com a *participação no destino comum* dessa unidade histórica e social. (MANNHEIM, 1982, p. 85-86).

Em todas as sociedades as fronteiras entre a juventude e a velhice se estabelecem como objetos de disputa, marcadas, principalmente, por relações de dominação e hierarquia das posições sociais. Nesse sentido, as juventudes participam de um processo histórico e cultural, onde experienciam a juventude de maneira diferente devido a questões de classe, religião, gênero, etnicidade, etc.

Como já explicitado anteriormente, o universo de pesquisa aqui proposto são os jovens moradores da comunidade quilombola de São Francisco do Paraguaçu. Ao tratá-los enquanto universo de pesquisa, proponho a análise dessa coletividade de maneira a considerar suas especificidades enquanto grupo social, considerando-os não apenas como receptores passivos de uma nova lógica social imposta ao seu modo de vida particular, mas sim como sujeitos sociais dotados de agência. Jeremy Boissevan (1997) nos oferecesse uma boa reflexão a esse respeito ao considerar que

Ao invés de encarar um homem como um membro de grupos e complexos institucionais passivamente obediente às suas normas e pressões, é importante tentar considerá-lo como um empreendedor que tenta manipular normas e relações sociais para seu proveito próprio, social e psicológico. (p. 201).

Apesar da grande dificuldade de uma definição única e precisa do termo quilombo ou comunidade quilombola, o conceito utilizado neste trabalho faz referência a uma coletividade que se autodefine enquanto quilombola e desenvolve determinadas práticas de resistência em determinado território, no sentido de garantir sua territorialidade e assim afirmar sua identidade.

Trata-se de uma categoria política em disputa, que pode ser entendida a partir de diferentes planos, tendo como ponto de partida situações sociais específicas, com a finalidade principal da garantia da terra e a afirmação de uma identidade própria. Para Alfredo Wagner

Berno de Almeida (2011),

parte-se de realidades factuais, localizadas, e do que hoje os agentes e movimentos sociais, a elas referidos, representam como sendo quilombo. Para esses agentes sociais o esforço de conceituação adquire sentido ao viabilizar o reconhecimento de suas formas intrínsecas de apropriação dos recursos naturais e de suas territorialidades específicas." (p. 37-38).

É nesse sentido que proponho uma conceituação desvinculada da definição arqueológica e histórica *estricto senso* que colocam essa categoria em uma camisa de força, “isto é, da definição jurídica dos períodos colonial e imperial e até daquela que a legislação republicana não produziu, porque achava que tinha encerrado o problema dos quilombos com a abolição da escravatura.” (ALMEIDA, 2011, p. 72).

Uma das quinze comunidades quilombolas do Vale do Iguape, na zona rural do município baiano de Cachoeira, São Francisco do Paraguaçu é reconhecida como comunidade quilombola desde o ano de 2005 pela Fundação Cultural Palmares (FCP). São Francisco do Paraguaçu é beneficiária da Reserva Extrativista (RESEX) Marinha Baía do Iguape, uma unidade de conservação de uso sustentável que tem como papel principal a conservação ambiental e manutenção dos usos, saberes e modos de vida das populações tradicionais da região. Atualmente a comunidade luta pela titulação definitiva de seu território (5.126,6485 hectares), junto ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA).

A partir da certificação junto a Fundação Cultural Palmares, os conflitos entre fazendeiros e quilombolas se intensificaram na comunidade com a destruição dos barracos, roças e da associação quilombola, invasões a residências de moradores por parte da polícia, além de ameaças de morte a líderes quilombolas locais. O conflito ganhou notoriedade nacional no ano de 2007 quando, através da Rede Bahia, sua afiliada na Bahia, o Jornal Nacional da Rede Globo de Televisão levou ao ar nos dias 14 e 15 de maio, duas reportagens intituladas: *Suspeitas de fraude em área que vai ser reconhecida como quilombola e INCRA promete apurar denúncias de fraude no Recôncavo Baiano*. As reportagens apresentavam supostos indícios de fraude no pedido de reconhecimento da comunidade enquanto remanescente de quilombo por parte dos membros da associação quilombola local.

A comunidade sofreu inúmeros pedidos de reintegração de posse por parte dos fazendeiros da região concedidos pela Comarca de Cachoeira. Lideranças quilombolas da comunidade perderam a vida durante os conflitos e, atualmente, com seu Relatório Técnico de

Identificação e Delimitação do Território (RTID) publicado desde 2007 junto ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), os moradores de São Francisco do Paraguaçu lutam na justiça para conseguir a titulação definitiva de seu território.

CAPÍTULO I – UMA REFLEXÃO SOBRE OS CONCEITOS-CHAVE DA PESQUISA

Tendo em vista que a presente dissertação busca uma reflexão a respeito dos efeitos da internet entre uma juventude inserida numa comunidade tradicional em meio rural, este capítulo realiza uma discussão necessária a respeito de conceitos-chaves e categorias sociais que permeiam tal discussão, a exemplo de modernidade, globalização, sociedade em rede, juventude e ruralidade, no sentido de dar sustentação à reflexão proposta no estudo.

No sentido de uma compreensão mais sistematizada, proponho uma discussão sobre os conceitos de *modernidade* e *globalização*, presentes na discussão proposta para este trabalho. Em seguida realizo uma reflexão sobre o conceito de *juventude*, de como essa categoria social é vista e estereotipada em meio à nossa sociedade. Posteriormente procuro refletir sobre o conceito de *rural* e como esse conceito se estrutura e se estabelece atualmente na sociedade contemporânea, para dessa maneira termos uma visão mais aproximada do contexto social em que os sujeitos dessa pesquisa estão inclusos.

1. MODERNIDADE E GLOBALIZAÇÃO: UMA SÍNTESE

De acordo com o teórico Anthony Giddens (1991, p. 8), a modernidade, num sentido mais superficial, “refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência.”

Em nossa sociedade contemporânea, as consequências da modernidade se tornam cada vez mais radicalizadas e universalizadas devido a um sistema de técnicas dirigido pelas técnicas de informação. Para Milton Santos (2008, p. 23), as técnicas de informação exercem uma função de ligação entre as demais, “unindo-as e assegurando ao novo sistema técnico uma presença planetária.” De acordo com Santos (2008), essa globalização,

não é apenas a existência desse novo sistema de técnicas. Ela é também o resultado das ações que asseguram a emergência de um mercado dito global, responsável pelo essencial dos processos políticos atualmente eficazes. Os fatores que contribuem para explicar a arquitetura da globalização atual são: a unicidade técnica, a convergência dos momentos, a cognoscibilidade do planeta e a existência de um motor único na história, representado pela mais-valia globalizada. (p. 24).

Ainda segundo Giddens (1991, p. 13), a modernidade se apresenta como um fenômeno de dois gumes. Apesar da criação de novas oportunidades para os seres humanos desfrutarem “de uma existência segura e gratificante que qualquer tipo de sistema pré-moderno” através do desenvolvimento das instituições sociais modernas, a modernidade apresenta um lado sombrio. De acordo com esse autor, até os fundadores clássicos da sociologia não chegaram a prever os todos os lados nefastos da modernidade.

Para dar um exemplo, todos os três autores viram que o trabalho industrial moderno tinha conseqüências degradantes, submetendo muito seres humanos à disciplina de um labor maçante, repetitivo. Mas não se chegou a prever que o desenvolvimento das “forças de produção” teria um potencial destrutivo de larga escala em relação ao meio ambiente material. (GIDDENS, 1991, p. 13).

Outro ponto sombrio da modernidade, não previsto por esses pensadores, é o uso arbitrário e consolidado do poder político, culminando na possibilidade de diversos episódios de totalitarismo. Sendo assim, para Giddens (1991),

Na esteira da ascensão do fascismo, do Holocausto, do stalinismo e de outros episódios da história do século XX, podemos ver que a possibilidade de totalitarismos é contida dentro dos parâmetros da modernidade ao invés de ser por eles excluída. O totalitarismo é diferente do despotismo tradicional, mas é muito mais aterrorizante como resultado. O governo totalitário combina poder político, militar e ideológico de forma mais concentrada do que jamais foi possível antes da emergência dos estados-nação modernos. (p. 14).

Para Renato Pinto Ortiz (2007) a globalização se estabelece enquanto um fenômeno emergente, um processo ainda em construção. Ele faz uma distinção entre a globalização e a internacionalização. Embora esses conceitos sejam usados muitas vezes como sendo intercambiáveis, eles não são sinônimos. Internacionalização refere-se simplesmente ao aumento da extensão geográfica das atividades econômicas. Esse processo se estabelece através das fronteiras econômicas. E esse não é um fenômeno novo.

Ortiz (2007) distingue os termos “*global*” e “*mundial*”: *global* se refere a processos econômicos e tecnológicos, enquanto que o termo *mundial* refere-se ao domínio específico da cultura. O conceito de mundialização está ligado à cultura, enquanto que o termo globalização à economia. O autor defende que é preciso tomar consciência da importância do papel da imprensa, da escola e dos meios de transporte no processo de formação da nacionalidade,

visto que o nacionalismo se estabelece e se constitui paralelamente com o processo da modernidade e industrialização, sobretudo com a desterritorialização.

A globalização é uma forma mais complexa e avançada da internacionalização, e implica certo grau de integração funcional entre as dispersas atividades econômicas. Santos (2008) defende tal pensamento ao se referir à globalização enquanto processo. “A globalização é, de certa forma, o ápice do processo de internacionalização do mundo. Para entendê-la, como, de resto, a qualquer fase da história, há dois elementos fundamentais a levar em conta: o estado das técnicas e o estado da política.” (SANTOS, 2008, p. 23).

Graças às inovações tecnológicas e dos avanços das ciências a partir do final do século XX, através das técnicas de comunicação e informação, se produziu um sistema de técnicas que passaram a assegurar uma presença planetária. (SANTOS, 2008). Apesar disso, Santos (2008) atenta para o fato de que a globalização não se trata apenas da existência desse sistema de técnicas.

Ela é também o resultado das ações que asseguram a emergência de um mercado dito global, responsável pelo essencial dos processos políticos atualmente eficazes. Os fatores que contribuem para explicar a arquitetura da globalização atual são: a unicidade da técnica, a convergência dos momentos, a cognoscibilidade do planeta e a existência de um motor único na história, representado pela mais-valia globalizada. Um mercado global utilizando esse sistema de técnicas avançadas resulta nessa globalização perversa. (SANTOS, 2008, p. 24).

O surgimento de um sistema moderno de comunicação, de uma rede comunicativa (estradas, transportes, jornais, rádio, televisão, internet, etc.) possibilita articular um emaranhado de pontos e elementos desconectados entre si, interligando-os. Isso é observado hoje, num mundo considerado pós-moderno e globalizado, onde as novas tecnologias podem aproximar cada vez mais as pessoas dentro da sociedade.

Nesse sentido, há uma reformulação no próprio conceito de espaço. O que era limitado agora se amplia. A formação da nação pode ser compreendida como um processo de desenraizamento, ou seja, a *cultura* nacional libera os indivíduos do peso das tradições geograficamente enraizadas, pressupondo assim um grau de desterritorialização.

O espaço geográfico recebe novas características, novos contornos e condições diferentes. Numa sociedade competitiva como esta que vivenciamos hoje, aqueles que detêm mais poder (econômico, político, etc.) possuem os melhores pedaços do território – e/ou lutam

ferozmente para possuí-los – e deixam o que sobra para os outros. “Com a globalização, todo e qualquer pedaço da superfície da Terra se torna funcional às necessidades, usos e apetites de Estados e empresas nesta fase da história.” (SANTOS, 2008, p. 81).

Abordando o conceito de economia-mundo, cunhado por Braudel para ilustrar a autonomia existente entre as diversas culturas, Ortiz (2007) apresenta como a história dos homens pode ser contada como uma sucessão de economias-mundo. E isso aparece como um fato de grande relevância para o entendimento do processo de mundialização da cultura atualmente.

Esse conceito de economia-mundo nos ajuda a compreender como até mesmo culturas “autônomas” podem possuir a capacidade de integração de elementos vindos de fora. Assim, nota-se que nas sociedades contemporâneas o uso de novas tecnologias facilitam a comunicação e diminuem a distância entre os povos. Até mesmo países considerados “fechados” possuem a capacidade e possibilidade de adquirir elementos que não pertencem a sua cultura de origem.

As inovações tecnológicas possuem uma influência capital na mundialização da cultura, pois, formam a infraestrutura material para que ela se consolide. Com o advento dessas inovações, como o computador e a internet, por exemplo, possibilitou-se a comunicação à distância, o que, sem dúvida, favorece o desenvolvimento de redes planetárias e globais. É nesse sentido e contexto que as “culturas tradicionais” são perpassadas pela totalidade das relações capitalistas da sociedade ocidental, transformando-se também em interesses econômicos e consumistas.

A tática desse sistema é fazer com que seus produtos e mercadorias pareçam desatualizados, criando o desejo de sempre possuir algo novo, ou seja, é a criação de novas necessidades, as quais muitas vezes estão acima das possibilidades financeiras da maioria das pessoas. Os meios de comunicação e informação são ferramentas de grande relevância para a disseminação desse desejo de consumo exacerbado, e a idealização dessas novas necessidades impostas pelo capitalismo.

Os processos de globalização, através dos meios de comunicação, como a televisão, o rádio, o telefone, a internet, etc., carregam diversos tipos de informação por toda a parte, nos centros urbanos e em suas periferias, modificando as relações entre indivíduos e sociedades humanas, facilitando os contatos e diminuindo as distâncias entre as pessoas. Entretanto, é

importante observar que através desses processos são introduzidas e disseminadas mensagens consumistas e hegemônicas de um mundo cada vez mais globalizado e capitalista, onde essa lógica consumista se contrapõe a um modo de vida tradicional e sustentável de determinadas comunidades: comunidades quilombolas e indígenas, por exemplo.

Sabe-se que a globalização apresenta uma cultura hegemônica, ou seja, a cultura do pensamento único, e com a ajuda dos meios de comunicação consegue infiltrar nas sociedades, nos indivíduos, a crença de que o mais importante é o lucro, é o capital, é o dinheiro; por tal motivo nos tornamos seres “individualistas”, incapazes de pensar coletivamente. (COLAÇO; SPAREMBERGER, 2010, p. 222).

Ao contrário da cultura hegemônica da sociedade ocidental capitalista, a lógica desses sistemas culturais “tradicionais” é uma acumulação reduzida do capital com ênfase maior nas atividades de subsistência, “ainda que produção de ‘mercadorias’ possa estar mais ou menos desenvolvida, o que implicaria uma relação com o mercado; [além de uma] evidente importância dada à unidade familiar e aos mitos e simbologias associados à caça, pesca e atividades extrativistas.” (ARAÚJO; BELO, 2009, p. 266).

Essas populações são possuidoras “de um conhecimento rico, fruto de sua relação diferenciada com a natureza e que constituem uma manifestação da diversidade cultural brasileira.” (COLAÇO, T. L.; SPAREMBERGER, R. F. L. 2010, p. 218). Daí a importância do meio ambiente e dos recursos naturais para a manutenção do modo de vida tradicional dessas populações. Para a sociedade ocidental capitalista, esses recursos são vistos como matéria-prima para a indústria, para fins econômicos e de mercado, o que representa uma ameaça à organização e à sobrevivência dessas comunidades.

O conhecimento tradicional é fruto do reproduzir de uma determinada relação social entre os homens e destes com o meio para a produção de sua existência. Este resultado não tem valor monetário, não gera mercadoria, o que só ocorrerá quando ingressar como recurso no processo produtivo fundado na propriedade privada, tendo na unidade produtiva o lócus transformador de recursos privados para a construção da mercadoria. (DERANI, apud COLAÇO, T. L.; SPAREMBERGER, R. F. L. 2010, p. 218).

Nesse momento é necessário refletir um pouco mais sobre uma questão de bastante relevância nesse contexto, onde o contato cada vez mais intenso com a lógica do mundo globalizado tem a capacidade de criar novas necessidades para o modo de vida dessas

comunidades tradicionais. De acordo com Karl Marx (1983, p. 45), “a riqueza das sociedades em que domina o modo de produção capitalista aparece como uma ‘imensa coleção de mercadorias’, e a mercadoria individual como sua forma elementar.”

Para Marx (1983), a mercadoria é antes de tudo uma coisa, ou seja, um objeto externo, que satisfaz necessidades humanas quaisquer, pelas propriedades que essa coisa possui. Porém, cada coisa útil deve ser observada sob dois pontos de vista: segundo qualidade e quantidade. “(...) não se trata de como a coisa satisfaz a necessidade humana, se imediatamente, como meio de subsistência, isto é, objeto de consumo, ou se indiretamente, como meio de produção.” (MARX, 1983, p. 45). E sobre a diversidade das medidas dessas mercadorias, essa diversidade tem origem tanto na natureza diversa dos objetos como na convenção.

O valor de uma mercadoria é determinado pela quantidade de trabalho gasto durante a produção dessa mercadoria, mas enquanto força de trabalho socialmente média. “Mercadorias que contêm as mesmas quantidades de trabalho ou que podem ser produzidas no mesmo tempo de trabalho, têm portanto, a mesma grandeza de valor.” (MARX, 1983, p. 48). Marx (1983) ainda deixa claro que ao produzir para satisfazer sua própria necessidade, o indivíduo cria valor de uso, mas não mercadoria. “Para tornar-se mercadoria é preciso que o produto seja transferido a quem vai servir como valor de uso por meio da troca.” (MARX, 1983, p. 49). Portanto, a mercadoria nada mais é do que uma relação social entre os próprios homens, apesar de seu caráter físico.

Nessa relação social entre os homens e o produto de seu trabalho, as mercadorias parecem então dotadas de vida própria, aparecem como figuras autônomas, as quais “mantém relações entre si e com os homens.” (MARX, 1983, p. 71). É esse processo que Marx (1983) vai chamar de fetichismo da mercadoria. O fetichismo determina a personificação das coisas (mercadorias) - que se voltam hostis e autônomas contra seus criadores (os homens) - e a coisificação dos próprios seres humanos.

A maior parte da produção dessas populações é destinada para as necessidades imediatas de subsistência a partir de atividades de pesca, extrativismo, agricultura familiar, etc., sem a preocupação de um acúmulo exagerado de capital. Como já dito anteriormente, ao contrário do modo de produção dessas comunidades, a mercadoria aparece como a riqueza das sociedades baseadas no sistema de produção capitalista.

E esse contato cada vez mais intenso com o fetichismo da mercadoria pode trazer para essas comunidades a criação de novas necessidades voltadas para a acumulação de capital e para o consumismo, sugerindo um processo maior de competitividade. E mais, nos termos de Marx, esse contato pode levar a uma importância exagerada dos produtos de consumo (personificação das coisas) e para uma inferiorização do fator humano e das relações sociais e coletivas (coisificação dos homens).

Nesse sentido, Santos (2008) afirma que ao se tornar unificado em virtude de um novo sistema de técnicas, a ação humana mundializada se impõe à maior parte da humanidade como uma “globalização perversa”, onde o dinheiro e a informação estão intimamente relacionados. O capital e a informação, ambos fornecem a base do sistema ideológico que valida as características do sistema capitalista e influencia o caráter dos indivíduos. “A competitividade, sugerida pela produção e pelo consumo, é a fonte de novos totalitarismos, mais facilmente aceitos graças à confusão dos espíritos que se instala.” (SANTOS, p. 37).

Com avanço da cultura globalizada, seus efeitos se fazem sentir em todas as áreas da sociedade. Santos (2008, p. 88), afirma que a agricultura, por exemplo, – relacionada intimamente com a vida das comunidades tradicionais – se apresenta como uma “atividade reveladora das relações profundas entre as sociedades humanas e o seu entorno”, e que por meio de um aprofundado sistema de técnicas e a difusão deste, o homem é capaz, cada vez mais, de modificar “os dados naturais quando possível, reduzir a importância do seu impacto e, também, por meio da organização social, de modificar a importância dos seus resultados.”

Santos (2008) defende a ideia de “uma outra globalização”, de que a globalização atual não é um processo irreversível e que

devemos considerar que o mundo é formado não apenas pelo que já existe (aqui, ali, em toda parte), mas pelo que pode efetivamente existir (aqui, ali, em toda parte). O mundo datado de hoje deve ser enxergado como o que na verdade ele nos traz, isto é, somente, o conjunto presente de possibilidades reais, concretas, todas factíveis sob determinadas condições. (p. 160).

2. UMA SOCIEDADE EM REDE

Para Castells e Cardoso (2004, p. 20), apesar de nem todos, nem todas as pessoas estarem envolvidas nas chamadas *redes*, estamos na *sociedade em rede*, ou seja, estamos incluídos em uma estrutura social, a qual se baseia “em redes operadas por tecnologias de comunicação e informação fundamentadas na microelectrónica e em redes digitais de

computadores que geram, processam e distribuem informação a partir de conhecimento acumulado nos nós dessas redes.” Conforme esses autores,

A sociedade em rede é uma sociedade hipersocial, não uma sociedade de isolamento. As pessoas, na sua maioria, não disfarçam a sua identidade na Internet, excepto alguns adolescentes a fazer experiências de vida. As pessoas integraram as tecnologias nas suas vidas, ligando a realidade virtual com a virtualidade real, vivendo em várias formas tecnológicas de comunicação, articulando-as conforme as suas necessidades. (p. 23).

Contudo, em um mundo cada vez mais globalizado, onde os contatos entre os indivíduos são muito mais próximos e frequentes devido às novas tecnologias da informação e comunicação, as sociedades que não participam dessa *rede* correm o risco de tornar-se excluídas. Dessa maneira, a chamada sociedade da informação ou sociedade em rede proporciona o acesso às novas tecnologias para diversas sociedades ao redor do mundo, mas acaba excluindo as partes restantes que não têm acesso a elas ou esse acesso é realizado de maneira muito precária.

Para Octávio Ianni (2001, p. 16), é nessa sociedade em que as informações “são fabricadas como mercadorias e comercializadas em escala mundial.” É nesse momento em que o modo capitalista de produção torna-se propriamente global, a mídia impressa e eletrônica, a indústria cultural, atreladas à internet e outros meios de comunicação, diminuem as distâncias, aceleram os mercados, e dessa forma generalizam o consumismo.

É a partir dessa modernização e globalização através das novas tecnologias que os padrões e valores socioculturais capitalistas tornam-se predominantes ao redor do mundo. “O mesmo capitalismo que se consolida e desenvolve nos países centrais, do norte, metropolitanos ou dominantes tende a espalhar-se pelo mundo, impregnando as sociedades coloniais, subdesenvolvidas, agrárias, dependentes, periféricas, do sul, do Terceiro Mundo.” (IANNI, 2001, p. 99).

Entretanto, ao tratarmos de globalização e das novas tecnologias é necessário levar em consideração o fato de que “se o mundo está mais conectado, nem por isso está mais igual ou homogêneo, pois cada processo será único dentro de seu contexto e dos sujeitos envolvidos.” (VIEIRA, 2011, p. 12). O fato de estar conectado a uma mesma *rede* mundial não quer dizer que todos que fazem parte dessa *rede*, têm acesso às mesmas coisas e da mesma maneira. De acordo com a autora,

Longe de se mundializar e defender a criação de uma cultura universal e padronizada, devemos avaliar os níveis e tipos de participação, associação e compartilhamento existentes nestas sociedades em rede, seja entre os jovens, conforme o foco desta pesquisa, ou mesmo para outros públicos, guardando suas peculiaridades antropológicas e sociais, tendo em vista que estar conectado não necessariamente implica acessar e consumir as mesmas coisas e das mesmas formas. (VIEIRA, 2011, p. 12).

Vivemos num mundo imerso em um processo multidimensional e que está associado à elevação de um novo padrão tecnológico. Padrão esse, baseado nas chamadas novas tecnologias da informação e comunicação, as quais espalharam-se de maneira diferenciada por todo o planeta. Porém, Castells e Cardoso (2005, p. 17) defendem que “a tecnologia é condição necessária mas não suficiente para a emergência de uma nova forma de organização social baseada em redes, ou seja, na difusão de redes em todos os aspectos da actividade na base das redes de comunicação digital.”

Castells e Cardoso (2005) apontam para o fato de que é preciso reconhecer as nuances do novo terreno histórico em que estamos, é necessário reconhecer as características do mundo em que vivemos.

Só então será possível identificar os meios através dos quais, sociedades específicas em contextos específicos, podem atingir os seus objectivos e realizar os seus valores, fazendo uso das novas oportunidades geradas pela mais extraordinária revolução tecnológica da humanidade, que é capaz de transformar as nossas capacidades de comunicação, que permite a alteração dos nossos códigos de vida, que nos fornece as ferramentas para realmente controlarmos as nossas próprias condições, com todo o seu potencial destrutivo e todas as implicações da sua capacidade criativa. (CASTELLS; CARDOSO, 2005. p. 19).

É importante observar que essas novas tecnologias, a exemplo da internet, introduzem e disseminam de forma mais rápida e global mensagens consumistas e homogeneizantes de um mundo globalizado e capitalista, onde a lógica consumista se contrapõe a um modo de vida tradicional e sustentável de determinadas comunidades.

3. JUVENTUDE: UMA CATEGORIA EM DISCUSSÃO

As diversas transformações que vêm ocorrendo no debate sociológico fazem com que a categoria sociológica *Juventude* receba tratamentos e análises distintas ao longo do tempo. Os diversos estudos a respeito da categoria social *Juventude* mostram que devemos perceber esse

fenômeno social enquanto uma construção social, histórica e cultural dinâmica, a qual se relaciona de maneira muito íntima com as transformações produzidas pela modernidade. Nesse sentido, a noção de juventude como apreendemos atualmente é fruto de processos da modernidade. De acordo com o sociólogo Nilson Weisheimer (2009),

A juventude é uma categoria social que passa a se constituir e adquire o sentido atual a partir do advento da modernidade. Deste modo, cabe salientar que as percepções correntes sobre ela são, necessariamente, sociais, culturais e historicamente determinadas. Isto implica reconhecer que, mesmo que já existissem jovens nos períodos históricos anteriores, seus significados, características e papéis sociais eram bastante diversos do que se atribuem recentemente. (p. 51).

Desse modo, *Juventude* se apresenta como um conjunto de relações vivenciadas e compartilhadas pelos indivíduos considerados como jovens em determinado contexto social. Sendo assim, ainda de acordo com Weisheimer (2004),

Conforme a lição de Mannheim, sociologicamente é preciso pensar juventude e sociedade em termos de reciprocidade total (MANNHEIM, 1968), ou seja, o termo “juventude” designa um conjunto de relações vividas pelos elementos considerados jovens de uma determinada sociedade. (p. 81-82).

Portanto, entendemos que *Juventude* se estabelece enquanto uma categoria sociológica, e dessa maneira, ela surge a partir de grupos sociais, os quais procuram significar determinados comportamentos. Ou seja, podemos compreender a juventude como uma representação ou criação simbólica, produzida pelos próprios indivíduos vistos como jovens, no sentido de significar um conjunto de atitudes e comportamentos imputados. E é nesse sentido que essa categoria sociológica se estabelece como dinâmica, diversa, complexa e heterogênea.

(...) a juventude se apresenta como categoria sociológica, sociocultural inventada pelos adultos, contudo os seus sentidos se tornam cada vez mais difíceis de totalizar, por se constituir como categoria social complexa, diversa e heterogênea, assim, os gostos, as atitudes, e os comportamentos dos jovens se identificam atualmente pela multiplicidade e a ambivalência. (GROPPO *apud* SOUSA; e OLIVEIRA, 2016, p. 4).

Para Juarez Dayrell (2003) a juventude se define simultaneamente como uma condição social e um tipo de representação. Segundo o autor,

Se há um caráter universal dado pelas transformações do indivíduo numa determinada faixa etária, nas quais completa o seu desenvolvimento físico e enfrenta mudanças psicológicas, é muito variada a forma como cada sociedade, em um tempo histórico determinado, e, no seu interior, cada grupo social vão lidar com esse momento e representá-lo. (DAYRELL, 2003, p. 42).

Ainda segundo Daryell (2003), tal diversidade se fundamenta com base nas condições sociais (classes sociais), de gênero, culturais (etnias, identidades religiosas, valores) e das regiões geográficas onde esses indivíduos situam-se, além de outros aspectos sociais.

A emergência da categoria juventude está intimamente ligada aos processos de modernidade, com o desenvolvimento do modo de produção capitalista e os novos tipos de relação sociais que resultaram deste novo meio de experienciar a realidade social. Philippe Ariès *apud* Weisheimer (2009) demonstrou em sua obra que a noção de juventude aparece na modernidade e tem como base dois processos distintos e fundamentais que se relacionam de maneira simultânea: um deles consiste nas mudanças que ocorreram nas formas da organização da família a partir do século XII, e o outro diz respeito ao surgimento da juventude enquanto um fenômeno social moderno, essencialmente entre os setores da aristocracia e da burguesia.

No que diz respeito às mudanças nas formas de organização familiar a partir do século XII, o autor aponta para o fato de que

Remonta a esta época uma mudança de orientação no âmbito do grupo doméstico. A família passa a voltar-se cada vez mais para si mesma, passando a organizar-se em torno da criança e erguendo entre ela mesma e a sociedade o muro da sociedade privada. Isto se reflete, também, na composição do grupo doméstico que vai deixando de ser caracterizado por laços amplos e voltando-se ao convívio mais estreito e íntimo. (...) A juventude assume então, no interior de uma família nuclear, um novo e diferenciado papel social, uma vez que passa a ser responsabilidade dos pais a preparação das condições de existência e sobrevivência futura dos filhos. (WEISHEIMER, 2009, p. 52).

Com relação ao segundo processo mencionado, o autor afirma que a burguesia e a aristocracia, ao enviar seus filhos para escolas e prepará-los para as funções vindouras, os conservavam longe da vida social e produtiva.

Foi justamente esta segregação das novas gerações nas instituições educacionais que substituiu a aprendizagem privada da família por um sistema de educação via escolarização que acaba por conferir visibilidade ao

fenômeno juvenil. Posteriormente, com a institucionalização e universalização do processo educacional, como etapa preparatória para a inserção das novas gerações no mundo do trabalho, tornou-se cada vez mais visível a especificidade da etapa intermediária entre a infância e a fase adulta, configurada pela adolescência e a juventude (ARIES, 1981). (WEISHEIMER, 2009, p. 52).

Dessa maneira, essa categoria sociológica, a qual se distingue dos outros grupos etários, de início em meio às elites entre os séculos XVII e XVIII, teve sua expansão enquanto “um fenômeno social via nuclearização das famílias e universalização do ensino para todas as classes sociais.” (WEISHEIMER, 2009, p. 53).

Em síntese, pode-se dizer que o aparecimento da noção de juventude – como a conhecemos hoje – resulta de processos iniciados pela modernidade e que implicaram uma crescente racionalização e individualização das práticas sociais, promovendo a distinção entre a esfera privada (família) da pública (escola). (WEISHEIMER, 2009, p. 53).

Pelo fato de se tratar de uma categoria sociológica, e que, em qualquer sociedade, a linha que separa a juventude da vida adulta é, sem dúvida, objeto de disputa, a divisão entre as idades, e conseqüentemente entre os papéis de cada um no contexto social, se estabelece de maneiras diferentes dependendo das relações existentes em determinado agrupamento social.

A juventude se estabelece como a fase da vida que situa-se entre a infância e a vida adulta, entretanto, delimitar os limites etários entre a juventude e a vida adulta se torna uma empreitada bastante complexa, visto que inúmeros estudiosos, organizações e entidades nacionais e internacionais delimitam o início e o término da juventude a partir de diferentes faixas etárias. De acordo com Weisheimer (2009), o início da juventude

coincide com a conclusão do desenvolvimento cognitivo da criança. Conforme a psicologia genética de Jean Piaget (1977), isto corresponde à capacidade de realizar operações formais cujo processo de estruturação se conclui por volta dos 15 anos de idade e confere ao indivíduo uma nova capacidade, a execução de operações mentais próprias do pensamento abstrato e hipotético-dedutivo. (p. 53).

O início da fase juvenil se dá pelo surgimento da puberdade, quando se dá o desenvolvimento de um novo porte físico, além de novas exigências para o disciplinamento do corpo do indivíduo. Nesse sentido, Weisheimer (2009) mostra que o início da juventude é marcado por diversos critérios, os quais expressam as transformações pelas quais os

indivíduos passam no plano biológico, psicológico, cognitivo, social e cultural.

Já o término dessa fase da vida é estabelecido eminentemente por critérios sociológicos. Para Sanchis, (1995); Durston, (1997); Galand, (1997) *apud* Weisheimer (2009)

O fim da juventude aparece relacionado à progressiva autonomia nos planos cívico (maioridade civil) e ligado à conjugação de responsabilidades produtivas (um status profissional estável); conjugais (um parceiro sexual estável assumido como cônjuge); domésticas (sustento de um domicílio autônomo); e paternal (designação de uma prole dependente). (p. 55).

A Organização Ibero-americana de Juventude (OIJ, 1994) e a Organização Internacional da Juventude (UNESCO, 1997), por exemplo, tomam como recorte etário para a fase denominada como juventude a faixa etária de 15 a 24 anos de idade. Entretanto, ao realizar uma caracterização etária trazemos tanto vantagens como desvantagens para a compreensão do fenômeno sociológico da juventude.

Ao produzir uma caracterização a partir de uma faixa etária é possível a criação de uma categoria de análise que auxilie uma melhor compreensão desse agrupamento social. Contudo, é imprescindível não transformar tal caracterização etária em uma simples determinação biológica a partir de princípios puramente naturais. Apesar de se constituir como um momento determinado, a juventude não está reduzida a uma mera passagem, ela assume

uma importância em si mesma como um momento de exercício de inserção social, no qual o indivíduo vai se descobrindo e descortinando as possibilidades em todas as instâncias da vida social, desde a dimensão afetiva até a profissional. Este processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona, fazendo com que os jovens construam determinados modos de ser jovem. (OLIVEIRA; SOUSA, 2016, p. 09).

Certamente não é possível uma única definição do conceito de juventude, e sendo uma categoria sociológica construída histórica e culturalmente, ela carrega, conseqüentemente, uma grande complexidade e diversidade. Dessa maneira, torna-se necessário pensar em termos de *juventudes*, devido à complexidade do conceito e às diversas realidades sociais da qual esses jovens participam, refletindo na construção de identidades coletivas diferenciadas. Para Daryell (2003),

Construir uma noção de juventude na perspectiva da diversidade implica, em primeiro lugar, considerá-la não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos

específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social. (p. 42).

Nesse sentido, é necessário enfatizarmos a noção de *juventudes*, no plural, de modo a dar maior ênfase na diversidade e complexidade dos modos de ser jovem, existentes nas diversas sociedades humanas. Sendo assim, é preciso refletir sobre esta categoria sem separá-la do contexto social em que esta se encontra. E ainda mais:

Tiramos como lição das observações feitas por Bourdieu, não que a juventude seja uma “ficção”, visto que esta se constitui uma realidade social inegável, mas que não existe uma juventude como um todo homogêneo e sim *juventudes*, que ao estudá-las sociologicamente devemos reconhecer a artificialidade dos padrões etários, que são estabelecidos a partir de determinadas relações desiguais de poder. (WEISHEIMER, 2004, p. 87).

Sendo assim, a linha que demarca o início e final do período juvenil se relaciona com uma série de fenômenos objetivos, subjetivos, individuais, coletivos e sociais, os quais variam de um contexto social para outro em nossas sociedades. “Podemos compreender o processo juvenil enquanto um conjunto de mudanças em diferentes âmbitos da existência humana.” (WEISHEIMER, 2009, p. 54).

A juventude é objeto de pesquisa dos cientistas sociais desde os primórdios das Ciências Sociais, no século XVIII. Esses estudos foram alavancados, em grande medida, pelo surgimento e desenvolvimento do capitalismo. Diversos estudos, precursores da chamada Sociologia da Juventude passaram a se debruçar sobre esse assunto. Várias visões sobre esse temas passaram a coexistir dentro das Ciências Sociais. Uma das mais difundidas diz respeito a juventude vista em sua condição de transitoriedade. Para Daryell (2003), nesta perspectiva,

o jovem é um ‘vir a ser’, tendo no futuro, na passagem para a vida adulta, o sentido das suas ações no presente. Sob essa perspectiva, há uma tendência de encarar a juventude na sua negatividade, o que ainda não chegou a ser (Salem, 1986), negando o presente vivido. (p. 40-41).

Outra imagem presentes nesses estudos é uma visão mais romantizada da juventude. De acordo com Daryell (2003), essa visão foi se cristalizando a partir dos anos de 1960, sendo resultado do desenvolvimento da indústria cultural e de um mercado de consumo direcionado os jovens.

Nessa visão, a juventude seria um tempo de liberdade, de prazer, de

expressão de comportamentos exóticos. A essa ideia se alia a noção de moratória, como um tempo para o ensaio e o erro, para experimentações, um período marcado pelo hedonismo e pela irresponsabilidade, com uma relativização da aplicação de sanções sobre o comportamento juvenil. (DARYELL, 2003. p. 41).

E mais recentemente outro ponto de vista também discute a questão da juventude em nossa sociedade. Segundo Daryell (2003, p. 41), “acrescenta-se uma outra tendência de perceber o jovem reduzido apenas ao campo da cultura, como se ele só expressasse a sua condição juvenil nos finais de semana ou quando envolvido em atividades culturais.” A partir desse ponto de vista, a juventude é notada e analisada como sendo uma expressão da chamada cultura de massas e a mídia surge como o elemento essencial para a construção da compreensão do que é a juventude nesse contexto.

É através de suas mídias que a sociedade de consumo cria “estereótipos do que é ser, como se comportar e o que pensar ou falar quando se é jovem.” (OLIVEIRA; SOUSA, 2016, p. 2). As autoras ainda completam que: “o contato entre jovens do mundo todo, principalmente por meio de redes sociais, faz com que em um pequeno intervalo de tempo surjam assuntos múltiplos, aflorando uma variedade de perfis que dão lugar a experimentação do diferente e do plural.” (OLIVEIRA; SOUSA, 2016, p. 01).

A mídia é a instituição, por excelência, de formação dessa indústria cultural; as representações mais conhecidas sobre juventude são produzidas pelos meios de comunicação, que tendem, com facilidade, a elaborar caricaturas do que seria a cultura jovem. No desejo de sentirem-se pertencentes e aceitos pelos grupos de iguais, os jovens desejam consumir os produtos que lhes permitem ter esses sentimentos. (OLIVEIRA; SOUSA, 2016, p. 10).

De acordo com Oliveira e Sousa (2016, p. 1), “a globalização das culturas e o avanço das tecnologias de informação, principalmente a internet, contribuem com a dinâmica de formação dos grupos juvenis e com a construção de suas identidades, transcendendo o tempo e o espaço.” Nesse sentido, Weisheimer (2009, p. 79) afirma que “as culturas juvenis emergem como um produto da abundância, intimamente ligada à sociedade de consumo. Suas características incluem certo tipo de vestimentas, acessórios, linguagem, gostos musicais e práticas esportivas e de lazer.”

Nessa perspectiva o consumo se apresenta de maneira muito marcante nas sociedades contemporâneas, pois se estabelece enquanto um demarcador desse universo juvenil,

atuando na construção identitária dos jovens, ganhando dimensões significativas nos espaços de sociabilidade e orientando na formação dos grupos. Porém, esse consumo acaba por fomentar as desigualdades sociais e cria necessidades imaginárias que são associadas à felicidade e satisfação pessoal. (OLIVEIRA; SOUSA, 2016. p. 1).

Para Weisheimer (2009, p.79), nessa visão, “os jovens aparecem como um mercado consumidor importante; a indústria cultural estandardiza seus produtos que transcende os limites de idade através da propagação da moda jovem. Esta se constitui no padrão estético da vida cotidiana.” Outrossim, Oliveira e Sousa (2016) destacam que, nesse sentido,

destaca-se a ideia do consumo como um demarcador entre os jovens, pois os grupos, os espaços de sociabilidades e os seus pares para serem aceitos e estarem integrados, necessitam não compartilhar das mesmas ideologias, a única exigência submetida é consumir, uma vez que o consumo é encarado como uma dimensão essencial na construção da identidade dos jovens. (p. 5).

Dessa maneira podemos observar o quão complexo se apresenta o fenômeno da juventude em nossas sociedades. Essa diversidade e complexidade fazem com que essa categoria sociológica proporcionem debates e reflexões tão ricas e relevantes para a compreensão do que hoje entendemos como *Juventude*.

4. COMPLEXIFICANDO O *MEIO RURAL*

Nesse momento buscarei discorrer a respeito do meio rural, utilizando alguns estudiosos do tema, no sentido de problematizar tal conceito, o qual se estabelece como de vital importância para a análise realizada nesta pesquisa. Inicialmente realizo uma discussão sobre os estudos que tentavam dar conta do fenômeno rural a partir da dicotomia rural-urbano. Em seguida tento refletir sobre as novas questões que se apresentam no chamado *novo rural*, para dar conta de problematizar o conceito de rural na sociedade contemporânea.

Atualmente, nas sociedades contemporâneas, tem sido cada vez mais difícil definir e demarcar aquilo que é rural e o que é urbano. As inovações tecnológicas em diversos setores da sociedade, mais fortemente nas comunicações e nos transportes, possibilitaram uma globalização e transformaram antigas noções criadas pelas distâncias espaciais que possuíamos. Para José Graziano da Silva (1997),

Pode-se dizer que o rural hoje só pode ser entendido como um “continuum” do urbano do ponto de vista espacial; e do ponto de vista da organização da atividade econômica, as cidades não podem mais ser identificadas apenas com a atividade industrial, nem os campos com a agricultura e a pecuária. (p. 1).

Para Martins *apud* Carneiro (2008, p. 10), ao se partir da definição do rural pela perspectiva do atraso, da escassez, “constituiu-se uma sociologia baseada muito mais na imagem criada pelos sociólogos sobre como o rural (e seus habitantes) deveria ser, do que na análise do modo de ser e de fazer das populações tidas como rurais.” Há então, “uma tendência à valorização do urbano que é considerado como espaço da civilização, do progresso e da modernidade, enquanto ao rural cabe o estigma do atraso, da tradição e do estático.” (CARNEIRO, 2008, p. 23).

A dicotomia urbano-rural não surge simplesmente como um corte geográfico, ela se apresenta intimamente ligada ao surgimento do capitalismo, visto que buscava representar as classes sociais que contribuíram para o aparecimento do modo de produção capitalista ou a que se contrariavam a ele, na Europa do século XVII. Segundo Graziano da Silva (1997),

É a partir daí que o “urbano” passou a ser identificado com o “novo”, com o “progresso” capitalista das fábricas; e os rurais – ou a “classe dos proprietários rurais”, com o “velho” (ou seja, a velha ordem social vigente) e com o “atraso” no sentido de que procuravam impedir o progresso das forças sociais, como por exemplo na famosa disputa pela revogação das leis que limitavam a importação de cereais pela Inglaterra na época de Ricardo. (p. 02).

Estudos recentes indicam transformações no meio rural, as quais não vão por um caminho não previsto pela Sociologia Rural. Dessa maneira, é posto em questão o mito fundador da Sociologia Rural, o qual instituiu a oposição entre o campo e a cidade enquanto realidades espaciais e sociais descontínuas, porém em uma relação onde o campo está subordinado à cidade. Nessa linha de raciocínio, Carneiro (2008) afirma que

Destaca-se na formulação desse mito o pressuposto de que as diferenças entre o rural e o urbano tenderiam a desaparecer como resultado do processo de urbanização tido como natural e inevitável. Nesses termos, o desenvolvimento do campo se daria nos moldes da cidade, resultando na expansão e generalização do urbano, o que levaria ao fim o próprio objeto da sociologia rural e a dualidade sobre a qual essa disciplina se constituiu (cf. MARTINS, 1981). Do questionamento dessas premissas desenvolve-se o debate sobre a definição da ruralidade na atualidade. (p. 10).

Na procura pela essência do rural e do urbano, desenvolveu-se um extenso debate que mobilizou inúmeros pesquisadores e estudiosos durante o século XX, os quais se lançaram por diferentes e diversificadas posições e pensamentos a respeito do tema. De acordo com Carneiro (2008), entre tais pensamentos

destaca-se a associação, quase que consensual, entre o rural e o agrícola que acabou por reduzir a sociologia rural à sociologia da atividade agrícola ou, mais especificamente, à sociologia do desenvolvimento da agricultura, já que muitos dos estudiosos desse campo se voltaram para a análise do rural a partir da perspectiva de sua modernização. (p. 10).

Ainda nessa linha de pensamento, é possível observar que encontram-se relacionadas a esta característica habitual entre a maioria das abordagens sobre o rural – a agricultura como ponto central para a organização da vida social - “outras características tais como a relação específica com a natureza e a fraca densidade demográfica responsável, para alguns, pelas relações sociais sustentadas no interconhecimento.” (CARNEIRO, 2008, p. 11).

Nesse sentido, Graziano da Silva (2001) aponta para o fato de que essa relação entre o rural e o atraso se constitui como um mito em nossa sociedade. De acordo com autor,

Há no rural brasileiro ainda muito do atraso, da violência, por razões em parte históricas, relacionadas com a forma como foi feita a nossa colonização, baseada em grandes propriedades com trabalho escravo. Mas há também a emergência de um novo rural, composto tanto pelo agrobusiness quanto por novos sujeitos sociais: alguns neo-rurais, que exploram os nichos de mercados das novas atividades agrícolas (criação de escargot, plantas e animais exóticos etc.). (GRAZIANO DA SILVA, 2001, p. 37).

Ainda conforme Graziano da Silva (2001), outro mito a respeito do meio rural brasileiro é que ele se constitui como predominantemente agrícola. Para o autor essa afirmação não se sustenta, devido a um número crescente de indivíduos que moram em áreas rurais e que se encontram ocupadas em atividades não-agrícolas.

Os dados da PNAD de 1999 também mostram que dos quase 15 milhões de pessoas economicamente ativas no meio rural brasileiro (exceto a região Norte), quase um terço – ou seja 4,6 milhões de trabalhadores – estava trabalhando em ocupações rurais não-agrícolas (ORNA): como serventes de pedreiro, motoristas, caseiros, empregadas domésticas etc. (GRAZIANO DA SILVA, p. 39).

Sarraceno *apud* Carneiro (2008) propõe uma abordagem sustentada em uma noção de economia “locais” ou “regionais”, com o intuito de interpretar e descrever os processos de diferenciação espacial. A autora apresenta tal abordagem

por considerar ruralidade uma categoria analítica que pressupõe uma homogeneidade dos territórios que os distingue dos urbanos, por considerar também que os critérios de definição tanto dos limites como dos indicadores da ruralidade não são claramente definidos e reconhecendo a heterogeneidade crescente dos espaços rurais. (CARNEIRO, 2008, p. 15).

Nesse sentido e preocupado com a complexidade do mundo rural, Terry Marsden *apud* Carneiro (2008, p. 15) indica a necessidade de novas conceituações “que permitam ir além do simples reconhecimento dessa heterogeneidade e responder como esse processo emerge, para quem e por quem, privilegiando assim uma abordagem centrada na diversidade dos atores e classes sociais.”

Centrando sua análise no que denomina de fase do pós-produtivismo, na qual objetivos diversos, para além da produção agrícola, tais como a proteção ambiental, os interesses dos consumidores e as demandas de uma classe média não-agrícola, se combinam em determinados espaços rurais fomentando políticas e dinâmicas ancoradas muito mais em base local ou regional do que em âmbito nacional. (CARNEIRO, 2008, p. 15).

Na sociedade contemporânea, novos ingredientes e caracteres vêm sendo colocados nessa discussão, tendo em vista as dinâmicas atuais das sociedades rurais, proporcionando assim, a construção de outras linhas interpretativas. Entre esses ingredientes “destaca-se a observação de que a dinâmica do mundo rural não caberia mais na afirmação da tendência ao seu esvaziamento social, econômico e cultural.” (CARNEIRO, p. 11). De maneira inversa, não haveria uma tendência ao esvaziamento social, econômico e cultural do mundo rural, mas sim um sopro de vida, “o que permitiu falar, para o caso francês, em ‘renascimento rural’”. (CARNEIRO, 2008), p. 11).

De acordo com a autora, esse renascimento não diz respeito à modernização do meio rural nos moldes da cidade, mas sim ao estabelecimento de novas maneiras de

sociabilidade e de relações sociais sustentadas numa complexa rede de atores sociais que não pode mais ser compreendida pura e simplesmente como um processo de urbanização que se encaminharia na direção da homogeneização espacial e social entre o campo e a cidade. (CARNEIRO, 2008, p. 11-12).

Ainda segundo Carneiro (2008), é quando as distâncias culturais e sociais entre o mundo rural e o mundo urbano encontram-se

mais diluídas, fruto da própria intensificação da mobilidade física e cultural dos indivíduos nas sociedades contemporâneas, que se abre espaço para a reivindicação pela diferença, o que se consubstancia na emergência de identidades sociais múltiplas a partir de novas relações de alteridade que se estabelecem nesse novo contexto. (p. 26).

Ainda hoje, o rural é determinado como o “não-urbano”, o “não-metropolitano”, em oposição ao urbano. Graziano da Silva (1997, p. 3) afirma que “a visão que se tem do mundo rural ainda está completamente vinculada à evolução do mundo agrário, enquanto a indústria e os serviços parecem ser características ‘naturais’ do meio urbano, mas já não se pode falar de mundo rural identificando-o exclusivamente com as atividades agropecuárias.”

Sendo assim, são necessárias novas conceituações do meio rural na atualidade, pois, à medida que a sociedade contemporânea adquire novas dinâmicas, as áreas rurais passam a mostrar novas formas de organização social e econômica, influenciadas pelas transformações em todos os setores da sociedade. Contemporaneamente, é preciso problematizar até que ponto categorias genéricas como *rural* e *urbano* são apropriadas para pensar espaços e contextos sociais em nossas sociedades atuais. Nesse sentido, Marsdem *apud* Graziano da Silva (1997) aponta três pontos centrais do debate atual sobre as transformações do mundo rural:

a) a mudança rural é multidimensional, ou seja, não pode ser vista apenas da ótica econômica ou social, nem do ponto de vista estrito da produção e/ou do consumo; b) é preciso incorporar a esfera da circulação como parte das “novas formas, mais especificamente, o capital financeiro”; c) o significado do atual processo de “commodotization” é que as áreas rurais estão crescentemente associadas com atividades orientadas para o consumo, tais como, laser, turismo, residência, preservação do meio ambiente, etc. (p. 03).

Ao se referir ao “novo rural brasileiro”, Carneiro (2008, p. 20) afirma que este novo mundo rural “vai estimular uma série de estudos voltados para a qualificação dessa nova tendência que têm como uma das principais premissas a ruptura (ou relativização) da representação do mundo rural atrelada à atividade agrícola”. Ainda segundo a autora, considera-se que

a noção de rural corresponde a construções simbólicas pertencentes a

diferentes universos culturais que lhes atribuem significados distintos. Através dessa classificação, é possível compreender a sociedade e construir uma representação do mundo social em torno do tempo e do espaço (MORMONT, 1996) e de agir sobre ela como uma “categoria operacional” (MORMONT, 1989) ou como uma “categoria realizada”. (CARNEIRO, 2008, p. 30).

As novas experiências produzidas no contexto da contemporaneidade alimentam-se de uma diversidade cultural e social, a qual enriquece os bens simbólicos e culturais e alarga a rede de relações sociais. É nesse sentido que Carneiro (2008) declara que a heterogeneidade social, ainda que produza uma situação de tensão, é também responsável pelo enriquecimento do tecido social das localidades, sem que isso resulte, necessariamente, em uma descaracterização da identidade cultural local. Para ela,

a diversidade pode atuar no sentido de consolidar as identidades dos grupos ao possibilitar uma consciência de si na relação com o outro, o que pode contribuir igualmente para a definição de uma identidade urbana no interior de uma localidade tida como rural e vice-versa. Seria mais adequado falarmos em um processo de reestruturação dos sistemas sociais a partir da incorporação de novos elementos econômicos, culturais e sociais que engendram relações mais ou menos conflituosas e ambíguas. (CARNEIRO, 2008, p. 33).

Dessa maneira, a ruralidade se constitui enquanto um processo dinâmico, reestruturando, a todo instante, os elementos da cultura local ao incorporar novos hábitos, valores e técnicas.

Tal processo implica um movimento em duas direções, nas quais se identificam, de um lado, a reapropriação dos elementos da cultura local a partir de uma releitura possibilitada pela emergência de novos códigos e, de outro, a apropriação pela cultura urbana de bens culturais e naturais do mundo rural, produzindo, assim, uma situação que pode contribuir para alimentar a sociabilidade e reforçar os laços com a localidade. (CARNEIRO, 2008, p. 35).

Nesse sentido, a autora reforça a ideia de que desse encontro podem aparecer também “expressões culturais singulares que representariam a síntese ou a combinação de universos culturais distintos, mas que sustentam noções de espaço e de tempo sociais diferentes um do outro.” (CARNEIRO, p. 35).

CAPÍTULO II – SÃO FRANCISCO DO PARAGUAÇU – BOQUEIRÃO: UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA RURAL

Com a finalidade de alcançar uma melhor compreensão do contexto estudado no presente trabalho, busco, neste primeiro capítulo, uma caracterização da comunidade quilombola de São Francisco do Paraguaçu – Boqueirão, onde a coletividade analisada nessa dissertação convive e desenvolve suas práticas sociais entre si e com outros sujeitos sociais, à luz de alguns conceitos essenciais como o de territorialidade, comunidade quilombola, tradicionalidade, entre outros, os quais ajudarão nessa empreitada.

Essa contextualização nos ajudará a entender melhor as relações sociais dessa coletividade, como se desenvolvem suas práticas sociais em determinado contexto social, em que o modo de vida da comunidade onde esses jovens residem apresenta diferenças acentuadas com relação à cultura de um mundo moderno, capitalista e cada vez mais globalizado.

Para tanto, inicialmente faço um panorama mais geral da região onde se encontra o universo empírico desta pesquisa. Primeiramente realizo uma breve apresentação do Recôncavo da Bahia, sua história, localização e características mais gerais, no sentido de situar o leitor no campo de estudo aqui proposto. Em seguida apresento um pouco do município de Cachoeira, onde está localizada a comunidade quilombola estudada nessa dissertação.

Logo depois, faço um panorama da região do Vale do Iguape, na zona rural do município de Cachoeira, onde encontram-se 15 comunidades quilombolas, dentre as quais está São Francisco do Paraguaçu. Após essa empreitada, apresento a comunidade, com sua história, suas lutas, modo de vida, belezas naturais e especificidades de uma comunidade tradicional quilombola rural.

Realizo uma reconstrução histórica do surgimento dessa comunidade, a partir da implantação do Convento de Santo Antônio do Paraguaçu, às margens do Rio Paraguaçu, além de uma contextualização da atual situação da comunidade, de dados geográficos e estatísticos, dos meios de subsistência, da situação do conflito quilombola e dos desafios que essa localidade vem sofrendo em seu contexto atual.

Tudo isso no sentido maior de tentar compreender o contexto sócio-histórico em que os jovens aqui estudados se encontram, e como isso afeta diretamente suas relações sociais dentro da própria comunidade, para tentar compreender como se estabelecem os efeitos da globalização em um contexto de uma comunidade quilombola rural, de costumes ainda tradicionais, a pouco tempo envolvida com os processos de globalização, tendo como foco principal a internet.

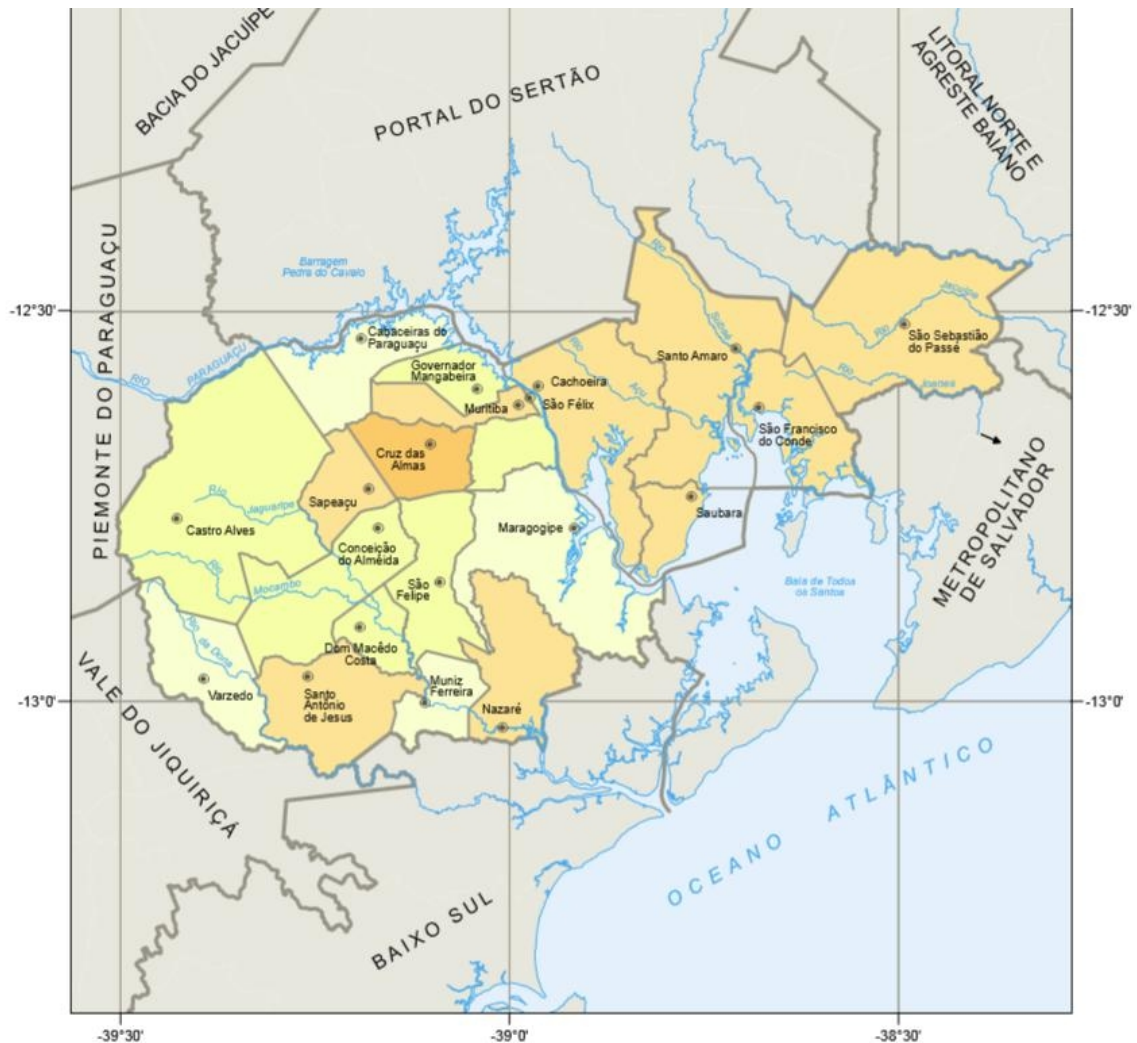
1. ASPECTOS DA GEOGRAFIA, HISTÓRIA E ECONOMIA DO RECÔNCAVO DA BAHIA

A comunidade quilombola de São Francisco de Paraguaçu – Boqueirão, universo da minha pesquisa, como já anunciado anteriormente, situa-se na região do Recôncavo da Bahia. Com dezenas de municípios, o Recôncavo da Bahia se apresenta como um dos principais territórios de herança africana no Brasil.

O Recôncavo da Bahia deve seu nome à sua forma côncava que margeia a Baía de Todos os Santos. Essa região está localizada “numa extensão de terra composta por tabuleiros e mangues e sua denominação tradicional remete diretamente a sua função de periferia de Salvador e a forma geométrica côncava em torno da Baía de Todos os Santos.” (FERNANDES; OLIVEIRA, 2016. p. 2).

Administrativamente, o território do Recôncavo da Bahia é formado por 20 municípios, sendo eles: Cabaceiras do Paraguaçu, Cachoeira, Castro Alves, Conceição do Almeida, Cruz das Almas, Dom Macêdo Costa, Governador Mangabeira, Maragogipe, Muniz Ferreira, Muritiba, Nazaré, Santo Amaro, Santo Antônio de Jesus, São Felipe, São Félix, São Francisco do Conde, São Sebastião do Passé, Sapeaçu, Saubara e Varzedo.

De acordo com os dados do Censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o território do Recôncavo da Bahia possui uma população de cerca de 576,6 mil habitantes, sendo que o município com a maior população é Santo Antônio de Jesus, com 90,9 mil habitantes. Ainda de acordo com esse censo, a área total desse território baiano é de 5,2 mil quilômetros quadrados.

FIGURA 1: MAPA DO RECÔNCAVO DA BAHIA

Fonte: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI)

Entres os principais rios que banham a região do Recôncavo da Bahia destacam-se os rios Subaé, Jiquiriçá e Paraguaçu, sendo este último a via fluvial de maior importância dessa região, com um volume de água de cerca de 4.650.000 m³, e onde está localizada a Barragem Pedra do Cavalo, a qual engloba os municípios de Cabaceiras do Paraguaçu, Cruz das Almas, Cachoeira, Muritiba, São Félix, Governador Mangabeira, Antônio Cardoso, Santo Estevão, Conceição da Feira e Feira de Santana.

De acordo com a Secretaria de Desenvolvimento Rural da Bahia (2015, p. 5), esse território caracteriza-se “pela ampla diversidade cultural e econômica, com marcante vocação para o turismo, em função da existência de rico patrimônio histórico, intensas atividades

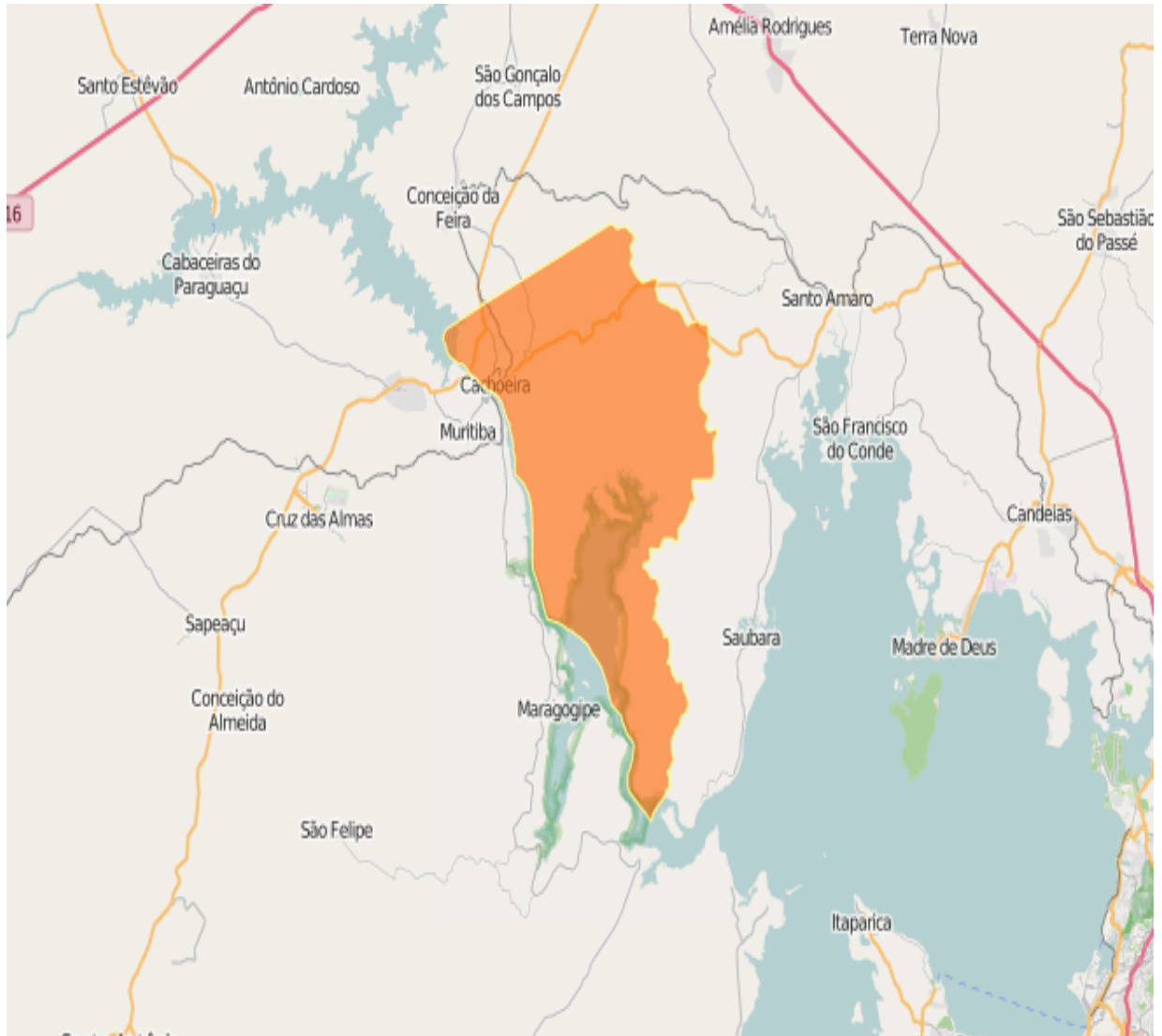
religiosas de matriz africana e significativas belezas naturais.” No que diz respeito ao clima do Recôncavo, ainda segundo a Secretaria de Desenvolvimento Rural da Bahia (2015),

O Recôncavo caracteriza-se pelo clima tropical, registrando precipitação pluviométrica superior a 2 mil milímetros anuais, com as chuvas concentrando-se no outono e no inverno. As temperaturas variam entre a mínima de 14 graus e a máxima de 32 graus, embora haja ampla variação entre os municípios que integram o território. (p. 5).

Apesar de possuir um solo com baixa fertilidade na maior parte do seu território, a região do Recôncavo da Bahia apresenta-se como uma região “adequada à pecuária extensiva e ao cultivo de plantas cítricas, cana-de-açúcar e mandioca, culturas beneficiadas pela distribuição de chuvas regulares entre 1.100 e 2.000mm, anualmente.” (FERNANDES; OLIVEIRA, 2016. p. 3).

1.1 Município de Cachoeira

A comunidade quilombola de São Francisco do Paraguaçu – Boqueirão está localizada na zona rural de Cachoeira. O município de Cachoeira, localizado na margem esquerda do Rio Paraguaçu, no Recôncavo da Bahia, ocupa uma área de 395,21 km² e faz divisa com os municípios Conceição da Feira (norte), Santo Amaro e Saubara (leste), Maragogipe, Muritiba e Governador Mangabeira (oeste). Cachoeira fica a 110 km de distância de Salvador (capital do Estado) e a 46 km de Feira de Santana (segunda maior cidade da Bahia). A chegada ao município pode ser feito via Santo Amaro pela rodovia BR-324/BA-026, via distrito de Belém de Cachoeira pela BR-101/BA-502, via Muritiba pela BR-101/BA-492 e através da BR-101, via distrito de Capoeiruçu e São Félix.

FIGURA 2: MAPA DO MUNICÍPIO DE CACHOEIRA

Fonte: Google Maps

O município possui três distritos, sendo eles: Belém da Cachoeira, Santiago do Iguape e Cachoeira (Sede), além de dezenas de povoados espalhados por todo o seu território. Com seus belos casarões e igrejas, Cachoeira apresenta-se como uma joia do patrimônio histórico do Brasil e é considerada a maior expressão do estilo barroco da região do Recôncavo da Bahia. De arquitetura predominantemente em estilo barroco, Cachoeira possui o segundo maior acervo arquitetônico da Bahia e é, desde o ano de 1971, tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como Monumento Nacional.

Apesar de ter seu conjunto arquitetônico e paisagístico tombado pelo IPHAN, Cachoeira possui muitos bens tombados de maneira individual na década de 1940. Entre os monumentos e espaços públicos tombados pelo IPHAN na cidade destacam-se a Capela de Nossa Senhora D' Ajuda; o Conjunto do Carmo; as igrejas do Rosarinho, Nossa Senhora do Monte, Matriz de Santiago do Iguape e Matriz de Nossa Senhora do Rosário; Paço Municipal (Casa de Câmara e Cadeia); Chafariz Público (Chafariz da Praça Dr. Aristides Milton); Casa natal de Ana Nery (atual Museu Hansen Bahia); Engenho Vitória (sobrado, capela, crucifixo, senzala e banheiro); e o Convento de Santo Antônio de Paraguaçu (igreja e ruínas).

De acordo com dados do último censo demográfico realizado pelo IBGE, em 2010, a população do município de Cachoeira era de 32.026 habitantes, sendo que desses, 15.639 residiam na zona rural e 16.387 na zona urbana do município. Segundo o IBGE (2010), a densidade demográfica do município era de 81,03 hab/km² e a população estimada para 2015 foi de 34.535 habitantes.

1.2 Um breve histórico de Cachoeira

No ano de 1531 uma expedição chefiada por Martim Afonso de Souza e Paulo Dias Adorno realizou as primeiras tentativas de povoamento das áreas do Rio Paraguaçu com o objetivo de colonizar a região e dar início ao plantio de cana-de-açúcar. Porém, somente no ano de 1693, na margem esquerda do rio, foi criada a freguesia de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira, que mais tarde, em 1698, foi elevada à categoria de Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira.

A partir da construção de diversos engenhos de açúcar na região, a Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira tornou-se um grande centro açucareiro, além de desenvolver nas terras mais próximas outras culturas que ganharam destaque como a do tabaco (fumo). Por estar localizada no último ponto navegável do Rio Paraguaçu, a vila era um ponto de ligação estratégico entre o sertão e a cidade de Salvador, tendo papel fundamental no processo de interiorização do desenvolvimento para o sertão e estabelecendo-se como o porto de escoamento mais importante da produção dos engenhos construídos às margens do Paraguaçu para a cidade de Salvador.

Cachoeira foi de fundamental importância histórica para independência do Brasil do julgo português, pois, foi de Cachoeira que partiram as primeiras lutas armadas contra a

opressão portuguesa em junho de 1822, antecipando o grito do Ipiranga que proclamava a Independência do Brasil em setembro do mesmo ano. Figuras ilustres tiveram papel importante nas lutas iniciais pela independência do país, entre elas a do Barão de Belém (Rodrigo Antônio Falcão Brandão) e Maria Quitéria de Jesus a mulher soldado. No dia 25 de junho de 1822, Cachoeira decidiu pela aclamação de D. Pedro I como Regente do Brasil. Insatisfeitos, os portugueses dispararam tiros contra a vila para tentar deter o movimento em favor da aclamação de D. Pedro I.

A reação dos brasileiros foi imediata e esta região do Recôncavo se tornou palco de três dias de batalha entre portugueses e brasileiros. Por surpresa, os lusos acabaram derrotados devido à atuação dos batalhões patrióticos formados por combatentes tanto da capital (que abandonaram os quartéis em direção ao Recôncavo) como do interior, compostos por gente da região organizada como voluntários, e entre esses homens muitos que haviam participado da Revolução Pernambucana de 1817. Este episódio marca o início da guerra pela independência na Bahia. (SANTOS, 2009, p. 68-69).

No ano de 1832 foi criada a Vila de Cachoeira, que viria a ser elevada à categoria de cidade cinco anos mais tarde, em 1837, através da Lei Provincial n.º 43, além de receber o título de “Cidade Heroica”. Durante os primeiros séculos de sua origem, Cachoeira se tornou de forma rápida a cidade mais populosa e rica do Brasil, sendo assim uma das mais importantes do país.

Essa condição permaneceu até meados do século XIX e a produção açucareira foi um das bases da economia do município. Mas foi a partir do século XX que a cidade passou a entrar em uma fase de decadência com as crises na produção fumageira e açucareira e a chegada da Petrobras na região. De acordo com Fernandes e Oliveira,

O século XX caracterizou-se pelo declínio e consequente estagnação econômica do município de Cachoeira. Como fatores cruciais neste processo destacam-se: as crises do fumo e do açúcar – iniciadas no final do século XIX; e a chegada da Petrobras (em meados do século XX) na região do Recôncavo que favoreceu, alguns municípios em detrimento de outros como Cachoeira. A referida estagnação economia perdurou até o início do século XXI. Os itens a seguir, analisam tais estágios individualmente. (p. 6-7).

Foi a partir do desenvolvimento e reestruturação do sistema rodoviário estadual que o sistema ferroviário do município caiu em desuso e o transporte fluvial, feito através do Rio Paraguaçu, - principal via de escoamento da produção do município – perdeu sua importância

e chegou a ser suspenso. Com isso fábricas foram fechadas e as lavouras acabaram perdendo o lugar de destaque que tiveram por mais de dois séculos frente a outras regiões do país.

O decênio 1930-1940 iniciou no Recôncavo uma fase de grandes transformações na hierarquia regional. E a revolução dos meios de transporte foi uma grande indutora da referida mudança. Cachoeira seria afetada profundamente por esse processo, pois, se o vapor e a ferrovia fortaleceram sua posição como centro comercializador, a construção das estradas de rodagem e a extensão da rede ferroviária teria efeito diverso. (FERNANDES; OLIVEIRA, p. 9).

Atualmente a cidade abriga o Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), criada pela Lei 11.151 de 29 de julho de 2005, fruto do desmembramento da Escola de Agronomia da Universidade Federal da Bahia (UFBA) com sede e foro no município de Cruz das Almas. A UFRB conta com estudantes oriundos de diversas partes da Bahia e do Brasil.

Com a chegada da UFRB ao município, novos consumidores (professores, estudantes, técnicos) se apresentam como um impulso para a economia local, visto que essa demanda obriga o comércio “a se atualizar, a contratar novos empregados e a aumentar sua capacidade de carga, visando atender, da melhor forma possível, os novos consumidores.” (FERNANDES; OLIVEIRA, Op. cit. p.14).

1.3 Vale do Iguape

Pertencente à Cachoeira, o Vale do Iguape é um território localizado na zona rural desse município. No Vale do Iguape, ou simplesmente Iguape, encontra-se um estuário de grande importância para a reprodução da vida marinha e conseqüentemente para a manutenção da população que vive nesse território de maneira sustentável, denominado Bacia do Iguape. Na Bacia do Iguape encontra-se o Lagamar do Iguape que é formado por um braço de mar da Baía de Todos os Santos com as águas do Rio Paraguaçu.

O início da ocupação do Iguape se dá a partir da fundação de engenhos de açúcar em frente a Ilha dos Franceses, por Antônio Penedo, os quais foram instalados utilizando mão de obra escrava, assim como em todos os outros engenhos ao longo da foz do Rio Paraguaçu e em todo o território do Recôncavo da Bahia. “O tráfico trouxe numerosos negros bantos chegados do Congo, Zaire, de Cabinda, de Angola, de Moçambique e Zanzibar. Chegados à

Bahia os negros bantos se espalharam pelas plantações de cana-de-açúcar e fumo do Recôncavo.” (CARNEIRO *apud* DUTERVIL, 2007, p. 15).

É o Iguape uma légua de terra em quadro rodeada toda de montes, na qual se acham levantados catorze engenhos, tanto de água, como cavalos, os quais botam os seus matos, e baldios para diversos ramos, pela extensão de duas, três ou mais léguas. Além dos engenhos há mais naquele admirável torrão, todo de massapés legítimos, diferentes fazendas desobrigadas dos engenhos e é tal sua natureza para a produção da cana (...) que apesar da antiguidade daquelas propriedades, e da irregularidade da sua cultura, são os senhores de engenho de Iguape os mais opulentos, e seu açúcar reputado sempre pelo melhor de todo o Recôncavo. (VILHENA *apud* DUTERVIL, 2007, p. 21-22).

Após a chegada dos colonizadores portugueses ao Brasil, a região do Iguape sofreu inúmeras transformações. O Vale do Iguape foi inicialmente habitada por índios Maracás e sua história está intimamente ligada à construção do Convento de Santo Antônio do Paraguaçu e à implantação dos engenhos de cana-de-açúcar. Após a expulsão dos índios, os colonizadores portugueses perceberam que a região era, além de adequada para a instalação e expansão de fronteiras agrícolas, uma via de acesso bastante importante para o interior do país, através do Rio Paraguaçu.

Foi durante a primeira metade do século XVII que a região teve seu período de maior prosperidade, tanto da cultura canavieira quanto da cultura e fumageira. Inúmeros engenhos de cana-de-açúcar foram construídos durante o ápice da produção agrícola na região. Nesse sentido, a mão de obra escrava foi de grande importância no cultivo e produção agrícola. Conseqüentemente, eram comuns as fugas e rebeliões de escravos nesse período. A partir dessas fugas formaram-se os primeiros quilombos do Vale do Iguape.

Com a chegada dos portugueses, a partir da segunda metade do século XVI, foram instalados inúmeros engenhos na região. Um deles tornou-se muito importante por ter sido um dos primeiros a exportar açúcar para a Europa: trata-se do Engenho Velho, construído por Antônio Penedo na fazenda de mesmo nome e que, como era comum na época, utilizava mão de obra escrava. As ruínas desse antigo engenho encontram-se dentro do território quilombola de São Francisco do Paraguaçu. Naquela época, o Iguape era considerado como sendo a região especial do açúcar. De acordo com Fragoso (2004), Vilhena escreve que:

No termo dessa vila é que fica o famoso sítio de Iguape de que tenho já falado, e dito que dentro de uma légua quadrada se vêem não menos de catorze engenhos, em que se fabrica o melhor açúcar do Recôncavo da

Bahia; é famoso pela excelência do seu terreno todo ele de massapê legítimo, e tão valente que ainda não demonstrou fraqueza. (VILHENA, *apud* FRAGOSO, p. 25-26).

Atualmente o Vale do Iguape possui 15 comunidades quilombolas, entre elas a comunidade quilombola de São Francisco do Paraguaçu – Boqueirão. Além de São Francisco do Paraguaçu, no Vale do Iguape encontram-se as seguintes comunidades quilombolas: Santiago do Iguape, Kaonge, Kalembá, Kaimbongo Velho, Kalole, Dendê, Imbiara, Engenho da Ponte, Engenho da Praia, Engenho da Vitória, Tombo, Engenho Novo, Engenho da Cruz e Brejo.

1.4 São Francisco do Paraguaçu

Localizada na margem esquerda do Rio Paraguaçu, a comunidade quilombola de São Francisco do Paraguaçu faz parte da Reserva Extrativista Marinha Baía do Iguape desde a criação dessa Resex, em 11 de agosto de 2000. Em frente à comunidade, na margem direita do Rio Paraguaçu, encontra-se o município de Maragogipe. Atualmente a Resex Marinha Baía do Iguape possui 10.082,45 hectares de extensão. Criada com o intuito de preservação ambiental através do uso sustentável dos recursos naturais existentes na região da Baía do Iguape por parte das populações tradicionais ribeirinhas, a Resex abrange dezenas de comunidades dos municípios de Cachoeira e Maragogipe.

O acesso à comunidade pode ser realizado via marítimo-fluvial pelo do Rio Paraguaçu ou por via terrestre através da BA-880. A BA-880 possui 22 quilômetros de extensão e liga a comunidade de São Francisco do Paraguaçu ao povoado de Opalma, no Vale do Iguape, também na zona rural de Cachoeira. A comunidade dista 110 quilômetros de Salvador e 44 quilômetros de Cachoeira, sede do município.

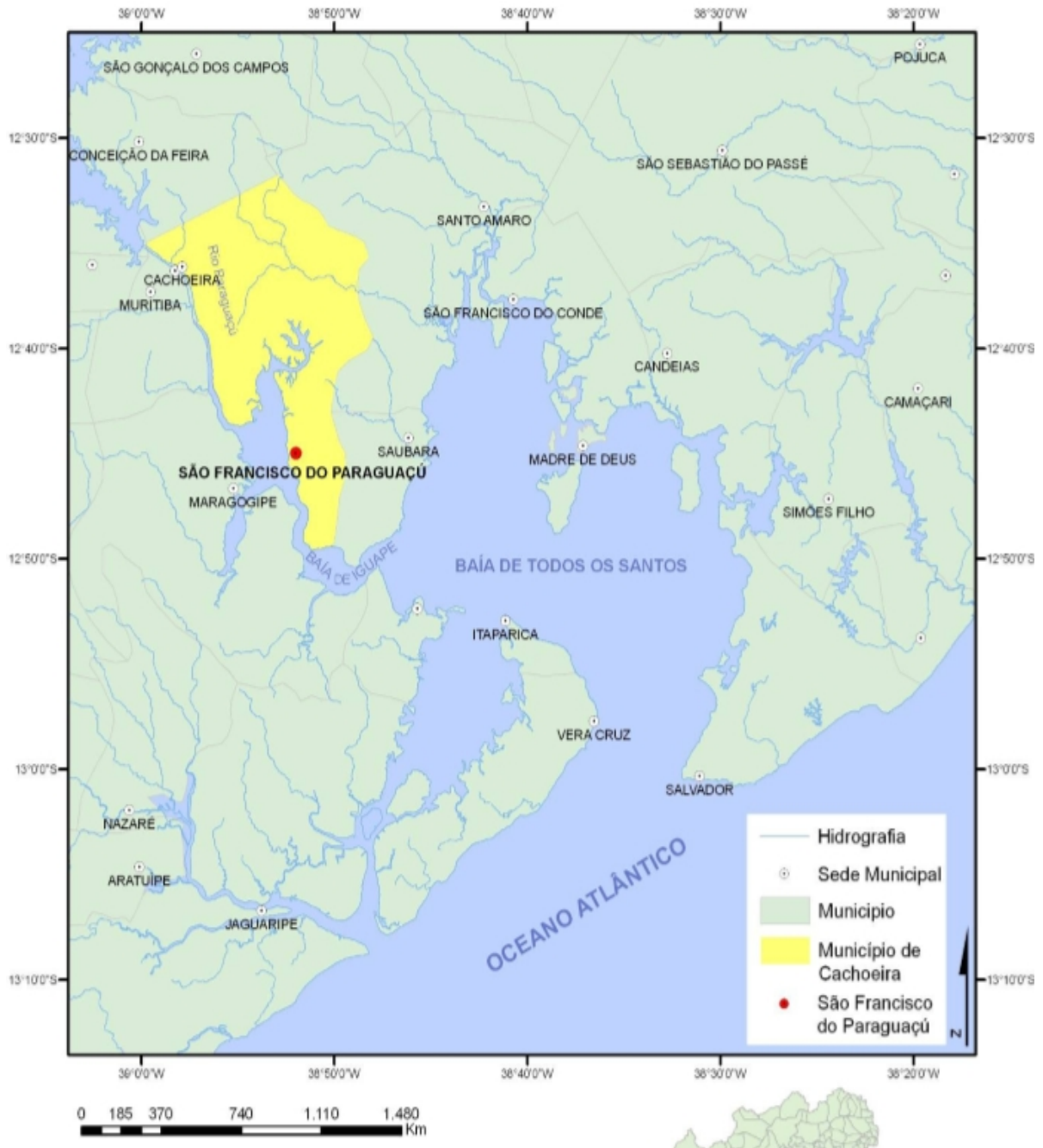


FIGURA 3: MAPA DE LOCALIZAÇÃO DE SÃO FRANCISCO DO PARAGUAÇU Fonte: SIG SRH, 2004

Atualmente a comunidade pouco mais de 500 famílias distribuídas ao longo do seu território. A zona urbana, ou seja, o espaço onde se concentra a grande maioria das casas da comunidade, é composta por oito ruas, sendo elas: Rua das Flores (Quebra-Prato); Rua Nova;

Rua Fonte da Bica; Rua da Custódia; Rua do Urubu; Praça São José; Rua do Porto; e Rua do Pontal. Algumas famílias moram um pouco mais distantes da zona urbana da comunidade no Boqueirão¹, no Catu² e no Sítio de Dona Adelaide³.

São Francisco do Paraguaçu possui duas escolas municipais, as quais vão desde a pré-escola até a oitava série do ensino fundamental, além de um posto médico e uma pequena biblioteca localizada na praça da comunidade.

1.5 Histórico da comunidade

A história da comunidade quilombola de São Francisco do Paraguaçu remonta a construção do Convento de Santo Antônio do Paraguaçu, pelos franciscanos – primeiros religiosos a aportar no Brasil. A construção do Convento de Santo Antônio do Paraguaçu foi de fundamental importância para a formação do vilarejo que posteriormente iria se tornar o povoado de São Francisco do Paraguaçu. Muitos escravos que trabalhavam na construção do convento conseguiram fugir, se refugiando na mata fechada, longe dos senhores de engenho.

Lá esses ex-escravizados deram origem ao Quilombo (nome dado à atual comunidade quilombola de São Francisco do Paraguaçu). Esses negros, ao fugir de seus senhores, ocuparam a região do Boqueirão, Alamão e Caibongo Velho. Nesses locais, em meio a mata fechada, eram desenvolvidas atividades de subsistência a exemplo do extrativismo vegetal, da agricultura com a plantação de feijão, mandioca e batata, além da caça.

Após o término da escravidão, a partir do ano de 1888, os escravos dessas regiões regressaram para as terras baixas e próximas ao Rio Paraguaçu, no lagamar do Iguape, à procura de melhores condições de vida. Próximo ao convento formaram e desenvolveram a comunidade de São Francisco do Paraguaçu, com seu modo próprio de vida, músicas, cultura, religião e hábitos alimentares.

¹Um dos locais onde os escravos da região se abrigavam e que dá nome ao quilombo da comunidade.

²Local próximo ao Rio do Catu utilizado pela Embasa para abastecimento de água da localidade.

³Pequeno sítio afastado da zona urbana, próximo as Engenho Velho (antigo engenho de cana-de-açúcar da região).

1.6 Convento de Santo Antônio do Paraguaçu

A fundação do Convento de Santo Antônio do Paraguaçu – ou simplesmente Convento do Paraguaçu – tem seu contexto histórico no momento da ocupação holandesa no nordeste do Brasil. A partir do ano de 1630, após a invasão e expulsão dos holandeses do território baiano em 1625, eles estabeleceram-se no nordeste do país, no Estado de Pernambuco.

De acordo com Hugo Fragoso (2004, p.30), apesar da expulsão dos holandeses da Bahia, a guerra holandesa continuou, envolvendo sempre “de longe o Governo Geral, com investidas mútuas entre Pernambuco dos holandeses e a Bahia portuguesa. Ainda segundo o autor, no ano de 1645, os pernambucanos levantaram-se em armas contra a dominação dos holandeses, e isso proporcionou um envolvimento ainda maior por parte da capital da América portuguesa.

Diante desse contexto, os franciscanos se envolveram diretamente no conflito, participando como numa “guerra santa contra os ‘hereges’” (FRAGOSO, Op. Cit. p. 30). Durante os conflitos, conventos foram destruídos e os franciscanos foram obrigados a abandonar a região.

É nesse contexto histórico, que os franciscanos da Custódia de Santo Antônio do Brasil, à revelia da Província-Mãe em Portugal, impetram, no ano de 1647, em Roma, a sua autonomia de governo. Este ato de ‘independência’ foi, talvez, a primeira proclamação de autonomia de uma instituição do Brasil, face a Portugal. (...) Paraguaçu será o primeiro convento fundado pela Custódia independente, sob o governo de Fr. João Batista. Foi também sob o regime de Custódia independente que a Casa Capitular foi transferida de Olinda para Salvador. (FRAGOSO, 2004, p. 30).

A necessidade de reerguer a vida da Custódia, a qual fora comprometida durante quase vinte anos por causa dos conflitos com os holandeses, parece ter sido a influência fundamental para que os superiores da então Custódia independente resolvessem implantar uma casa de Noviciado na Província de Santo Antônio, em Paraguaçu, às margens do Rio Paraguaçu, no Recôncavo da Bahia. O pedido para a implantação do novo convento dos franciscanos no lugar de Paraguaçu partiu dos moradores da freguesia de Cachoeira, no qual foi oferecido o terreno do Pe. Pedro Garcia.

Ainda de acordo com Fragoso (2004), Fr. Jaboação apresenta os franciscanos que participaram da fundação do Convento do Paraguaçu, seja de forma direta ou indireta:

Foram, primeiramente, o Padre Custódio Fr. João Batista com seu Definitório; os “fundadores” propriamente ditos foram Fr. Antônio de Santa Clara, Fr. Pacífico de Jesus e Fr. Jorge, irmão leigo. E os que presidiram o andamento inicial das obras de construção foram os Definidores Fr. Antônio de Santa Clara, Fr. Gaspar de Conceição e Fr. Francisco dos Santos. E também “assistiu à mesma obra” Fr. Manuel das Neves. (p. 31).

Segundo Fragoso (2004), Fr. Jaboatão, fonte primária e básica para a história da construção do Convento de Paraguaçu, e que realizou seu noviciado no mesmo convento no ano de 1717, relata que a construção da residência inicial dos franciscanos, a qual ele chama de *recolhimento*, num dos sítios oferecidos pelo Pe. Pedro Garcia, não deu certo, visto que o local, um pouco mais abaixo junto ao Pontal e às margens do mesmo Rio Paraguaçu, era muito despovoado, não oferecendo assim “possibilidade de sustento, sem grandes incômodos.” (FRAGOSO, 2004, p. 40). Apesar do ocorrido, o Pe. Pedro Garcia ofereceu um outro terreno mais próximo de Cachoeira, o qual possibilitava a garantia de sustento com a promessa de esmolas superiores.

Dessa forma, a construção definitiva do Convento de Paraguaçu teve início entre os anos de 1649 e 1653, tendo como autor da planta do convento o Frei Francisco dos Santos, falecido em 1670, enquanto que a primeira pedra da Igreja de Santo Antônio do Paraguaçu só foi lançada em 1658, e sua fachada definitiva concluída no ano de 1686.

Ao lado do convento de Igaráçu, em Pernambuco, o convento do Paraguaçu, enquanto casa de Noviciado, representou a *menina dos olhos* da Província de Santo Antônio do Nordeste brasileiro. “E isso porque a casa de Noviciado era a sementeira e o celeiro vocacional, onde germinavam e cresciam as novas plantinhas franciscanas, garantia da continuidade de vida dessa seara de Francisco de Assis.” (FRAGOSO, 2004, p. 157).

Durante 43 anos funcionou no Convento de Paraguaçu um pequeno hospital com enfermaria chamado Hospital de Nossa Senhora de Belém, o qual teve grande relevância, pois prestou inúmeros serviços a diversas localidades da região durante a epidemia de febre amarela, chamada também de *peste da bicha*. No ano de 1729, esse pequeno hospital foi transferido para a cidade de Cachoeira, para o local onde mais tarde seria construída a Santa Casa de Misericórdia.

Depois de muitos anos de intensa atividade, a fase de decadência do convento do Paraguaçu enquanto Noviciado teve início com as medidas restritivas da Corte Régia,

medidas essas que se intensificaram com a administração do Marquês de Pombal, influenciado de maneira especial pela ideologia iluminista, aplicada a partir de seu local de governança absolutista. De acordo com Fragoso (2004, p.159), “essa mudança introduzida pelo governo de Pombal envolveu, como que, um ‘desemprego’ para os religiosos. Não sendo mais necessários para a catequese dos índios – razão prioritária de seu envio para o Brasil, seu campo de ação ficou bastante reduzido).

Após diversas medidas de restrição das casas de Noviciado dentro da Província de Santo Antônio, as quais limitavam o número de religiosos, o Capítulo Provincial do ano de 1825 determinou a transferência da Casa de Noviciado de Paraguaçu para Salvador. “A mudança do Paraguaçu para Salvador teve, portanto, como causa, a falta, ali, de religiosos suficientes para o processo de aprovação dos noviços, a fim de serem admitidos à profissão religiosa” (FRAGOSO, 2004, p. 162). Já no ano de 1855 o Aviso Imperial decretou o fechamento de todas as casas de Noviciado da Província de Santo Antônio, até que fosse realizada uma reforma vantajosa.

Com o início da República, e a consequente separação entre a Igreja e o Estado, a Província de Santo Antônio conseguiu realizar sua restauração e revitalização, tendo a Província alemã de Santa Cruz, da Saxônica, assumido esse papel de restauração da decadente província baiana, com a reabertura do Noviciado. Porém, a restauração do Convento de Paraguaçu não foi mais considerado, devido ao estado avançado de ruínas em que se encontrava. Sendo assim, esse Noviciado foi reaberto no convento de São Francisco do Salvador.

FIGURA 4: CONJUNTO DO CONVENTO E DA IGREJA DE SANTO ANTÔNIO DO PARAGUAÇU



Foto: Leomir Santana

Dessa maneira, o Convento de Paraguaçu se tornou um convento como os outros, a exemplo do convento de São Francisco do Conde e de Cairu. “A partir de 1862, já não figurava mais a pessoa do Presidente. E a partir de 1869, desapareceu, também, o frade da portaria. Isto até chegar o ano de 1877, quando foi eleito o último Guardiã do Convento de Paraguaçu, passando a casa para a Arquidiocese de Salvador” (FRAGOSO, Op. Cit. p. 165).

O conjunto do Convento e da Igreja de Santo Antônio do Paraguaçu é tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional desde o ano de 1941. Atualmente o antigo convento encontra-se em ruínas, enquanto que na igreja ainda são realizadas missas e a tradicional Novena de Santo Antônio na comunidade.

1.7 Modo de vida

Enquanto morador de São Francisco do Paraguaçu desde que nasci, é uma tarefa prazerosa e ao mesmo tempo desafiadora para mim descrever o modo de vida dessa comunidade cheia de particularidades e especificidades que fazem dela uma comunidade ímpar em seu contexto histórico-cultural. Nesta pesquisa, coloco-me em dois lugares distintos, mas que se complementam ao mesmo tempo, pois, além de pesquisador, faço parte do contexto social estudado, como membro da comunidade. Nesse sentido, proponho uma descrição a partir da ótica de um morador da localidade, mas sem deixar de me atentar para certos detalhes que uma pesquisa científica requer por parte do pesquisador.

Tenho a consciência de que meus conhecimentos de certos códigos e categorias sociais sobre a comunidade aqui estudada podem ajudar para uma melhor problematização dessa realidade, no sentido de uma construção de um conhecimento mais profundo e elaborado do campo social em questão. Porém, procuro não deixar que minhas conclusões prévias a respeito do campo social obscureçam e atrapalhem, de certa maneira, essa problematização da realidade estudada.

Nesse sentido, Damatta (1978, p. 28-29) atenta para o fato de que o pesquisador precisa realizar um exercício de “estranhar alguma regra social familiar e assim descobrir (ou recolocar, como fazem as crianças quando perguntam o ‘por que’) o exótico no que está petrificado dentro de nós pela reificação e pelos mecanismos de legitimação.”

Assim o autor propõe que o pesquisador faça o que ele chama de *transformar o familiar em exótico*, mas, também atentar para o sentido oposto, visto que para ele é necessário *transformar o exótico em familiar*, ou seja, trata-se de um processo de tentar compreender códigos e símbolos, os quais o pesquisador ainda não tem acesso, em suma, é familiarizar-se com o contexto social estudado. Ainda segundo o autor, é o “esforço na busca deliberada dos enigmas sociais situados em universos de significação, sabidamente incompreendidos pelos meios sociais do seu tempo.” (DAMATTA, Op. Cit. p. 28).

Formada basicamente por pescadores e agricultores, a população de São Francisco do Paraguaçu vive de modo ainda tradicional, explorando de maneira sustentável os recursos naturais de que dispõe. Isso retrata costumes dos antigos habitantes do local que faziam uso dos recursos naturais para sobreviver. Costumes antigos e tradicionais que sobreviveram ao tempo, se reinventando a cada geração na comunidade.

Por se tratar de uma comunidade pequena, formada por pouco mais de 500 famílias, a maioria dos moradores se conhece e por isso mantêm laços de amizade muito próximos, o que faz com que perceba-se um sentimento de coletivismo e pertencimento muito forte entre a população. Atividades essenciais para a subsistência da população local como a pesca, a agricultura, por exemplo, são realizadas, na maioria das vezes, de forma conjunta, o que serve como um meio de estreitamento das relações sociais entre os moradores da comunidade.

Outro exemplo disso está relacionado ao lazer na comunidade. Devido ao fato de não haver uma grande variedade de formas de entretenimento, os moradores acabam realizando as mesmas atividades para se divertir dentro da comunidade, a exemplo das partidas de futebol, realizadas em campos ou quadras poliesportivas; dos banhos de rio; das rodas de conversa nos pequenos bares. Tudo isso se apresenta também como formas de fortalecer as redes de relacionamento e a interação social entre os moradores da localidade.

Por não possuir muitas atividades de lazer, as noites na comunidade costumam ser pouco movimentadas. Muitos moradores, em sua maioria os jovens, preferem sair e se reunir na praça local, ou se encontram em outros lugares da comunidade para conversar e realizar outras atividades como jogar dominó, baralho, etc.

São Francisco do Paraguaçu ainda preserva um modo de vida secular e tradicional. Na comunidade podemos observar diversas manifestações culturais bastante antigas como a capoeira, o samba de roda e o candomblé, as quais possuem grande força e relevância entre a população local. Algumas festas fazem parte do calendário anual na comunidade e exemplo do Natal, do Carnaval e dos festejos juninos.

A festa de Natal de São Francisco do Paraguaçu é um dos festejos mais tradicionais da comunidade, pois reúne toda a população local para celebrar a data. A festa acontece na praça local e conta com a participação de bandas da própria comunidade e de outras localidades também. É um momento muito importante para a população, visto que, durante o período da festa, pessoas de diversos lugares visitam a comunidade, muitas delas para rever seus parentes e amigos.

Na comunidade o carnaval ainda é realizado de maneira tradicional. Os moradores organizam uma pequena banda formada por instrumentos de percussão que percorre as ruas da comunidade cantando e tocando músicas diversas. A festa conta com a presença das *caretas*. As *caretas* são pessoas vestidas com fantasias exuberantes e máscaras. Os foliões se

divertem ao som do bloco, pulando, cantando e jogando farinha e ovos uns nos outros ao longo do percurso.

Os moradores locais celebram os festejos juninos num clima de tranquilidade. Uma atividade comum entre a população durante o São João é assar milho nas fogueiras armadas nas ruas da comunidade e tocar fogos de artifício. Um clima aconchegante, de cumplicidade entre os moradores. As ruas são enfeitadas com bandeirolas e palhas de dendezeiro. Um clima rústico e tranquilo que demonstra um ar de simplicidade que a comunidade ainda preserva.

É bastante comum observar os moradores realizando atividades rústicas, consideradas tradicionais no meio rural. Atividades que não tem maior espaço nos grandes centros urbanos, mas que fazem parte do cotidiano da população de São Francisco do Paraguaçu. Atividades como pegar areira de carroça, construir casas de pau a pique, caçar, promover disputas entre pássaros de estimação, entre outras, são parte constituinte da rotina dos membros dessa comunidade.

1.8 Meio ambiente

Dono de uma natureza exuberante, o território quilombola de São Francisco do Paraguaçu mantém um grande trecho de Mata Atlântica ainda bem conservado, indispensável para a sobrevivência de sua população. Com mais de 5 mil hectares, a imensa maioria do território de São Francisco do Paraguaçu é composto pela Mata Atlântica, um dos principais meios de subsistência dos moradores locais.

O Rio Paraguaçu se encontra bem conservado no trecho que banha a comunidade. O modo de vida tradicional e sustentável da comunidade tem papel fundamental na preservação de um dos principais meios de sobrevivência dos moradores locais, através, principalmente, da pesca artesanal e do extrativismo marinho, realizado de maneira tradicional, sem agredir os recursos naturais. Nesse sentido, a população tem a preocupação em manter certos hábitos tradicionais no intuito de preservar o meio ambiente e seus meios de subsistência para conservação da qualidade de vida na comunidade.

A Baía do Iguape é fonte indispensável para a vida das comunidades ribeirinhas da região. A pesca e a mariscagem são um dos principais meios de subsistência de toda a região. São Francisco do Paraguaçu é uma das inúmeras comunidades que compõem a chamada Baía

do Iguape, a qual abrange a zona rural dos municípios de Maragogipe e Cachoeira. Bruna Pastro Zagatto (2013, p. 14) afirma que “essa área estuarina, caracterizada por extensos manguezais, além de apresentar grande potencial pesqueiro, possui boa condição de navegabilidade, o que torna a região ainda mais relevante do ponto de vista socioeconômico.”

1.9 Meios de subsistência

O uso sustentável dos recursos naturais é um dos aspectos que caracterizam a comunidade. A grande maioria da população sobrevive da exploração sustentável dos bens naturais que tem acesso. Essa maneira sustentável de utilização dos bens naturais a que dispõem, garante o futuro das futuras gerações e conseqüentemente da população local a longo prazo. Essa utilização, a partir de técnicas tradicionais que não agredem o meio ambiente, vem sendo passadas de pai para filho dentro da comunidade há muitos anos.

O Rio Paraguaçu se estabelece como principal fonte de sustento dos moradores. É das águas do Lagamar do Iguape que a maior parte população local retira seu sustento todos os dias. A atividade da pesca artesanal é praticada pela população da comunidade desde seu surgimento e tem como consequência a preservação do meio ambiente aquático para as futuras gerações.

A pesca artesanal é realizada de maneira a causar o menor dano possível ao meio ambiente, preservando assim os recursos naturais da comunidade que servem como principal fonte de sustento e sobrevivência da população de São Francisco do Paraguaçu. Com relação à pesca, na comunidade são realizadas atividades como a pesca de camarão, peixes, mariscos, etc. A pesca do camarão é realizada com o uso de redes chamadas de *camarãozeiras*, que além de camarões também servem para a captura de uma grande diversidade de peixes. Além do uso das *camarãozeiras*, os pescadores fazem uso de canoas feitas de madeira ou de fibra sintética, algumas delas motorizadas.

Já a captura do siri, atualmente uma das principais fontes de renda relacionadas à pesca na comunidade, é realizada no leito do rio com a ajuda de canoas e com *gaiolas*, que são objetos construídos artesanalmente pelos próprios pescadores. As *gaiolas* são feitas manualmente utilizando materiais como tubos PVC, telas sintéticas e barbante.

Após capturados, esses mariscos são cozidos, beneficiados para a retirada do catado de

siri e vendidos dentro da própria comunidade para moradores, donos de pequenas mercearias e atravessadores que vendem o produto em outras cidades vizinhas. A atividade de beneficiamento – catar o siri – é uma atividade majoritariamente realizada por mulheres que passam a maioria do dia catando o siri, seja dos companheiros ou de pescadores que pagam cerca de R\$ 6 reais por quilo de catado.

Outra atividade muito importante é a mariscagem, a qual consiste na captura de diversos tipos de marisco. A mariscagem é realizada nos manguezais presentes ao longo do território da comunidade. Essa atividade artesanal visa a extração de mariscos como a ostra, o sururu, caranguejo, siri, aratu, entre outros, de maneira a não agredir o ecossistema e os recursos naturais. Para realizar essa atividade, feita em sua maioria por mulheres, são utilizadas ferramentas e artefatos construídos artesanalmente que tem o objetivo de ser eficiente, mas também de preservar o manguezal e conseqüentemente os meios de subsistência da população.

Além da pesca artesanal praticada no Rio Paraguaçu, os moradores dispõem da grande área de Mata Atlântica que compõe o território quilombola da comunidade para a extração dos recursos naturais da floresta, como por exemplo, o extrativismo sustentável da piaçava⁴, da estopa⁵ e de frutas em geral (manga, jaca, caju, jenipapo, dendê, coco, licuri⁶, etc.). O extrativismo vegetal que é praticado no território quilombola de São Francisco do Paraguaçu é realizado de forma equilibrada.

⁴ Fibra vegetal utilizada na fabricação de vassouras e coberturas.

⁵ Fibra vegetal utilizada na calafetagem de navios.

⁶ Fruta da palmeira chamada licurizeiro.

FIGURA 5: PLANTAÇÃO DE MANDIOCA

Foto: Leomir Santana

A coleta de produtos como a piaçava e a estopa também são realizadas de forma a não agredir o meio ambiente e preservar os recursos naturais existentes na comunidade. A extração da piaçava, por exemplo, é realizada por moradores da comunidade que também fazem a limpeza da fibra e vendem a atravessadores que comercializam o produto para outras localidades. Outro exemplo é a coleta da estopa que também é beneficiada na própria comunidade e vendida para atravessadores da região.

Outro meio de subsistência importante na comunidade é a agricultura familiar. Pequenas roças estão distribuídas por todo o território quilombola. Destaca-se o plantio da mandioca para a fabricação de farinha, bolos, beiju⁷ e outros derivados que são vendidos dentro da própria comunidade, para outros moradores e pequenas vendas locais que revendem esses produtos, além de serem consumidos pelas próprias famílias produtoras. A mandioca é plantada, colhida e beneficiada dentro da própria localidade nas chamadas *casas de farinha* artesanais. Nas casas de farinha é feito o processo de beneficiamento da mandioca para a fabricação da farinha de mandioca e do beiju.

⁷ Pequeno bolo feito da goma da mandioca.

Existem outros produtos agrícolas de menos destaque que também são plantados na comunidade como forma de sustento de algumas famílias, como por exemplo, o plantio de milho, batata-doce, amendoim, abóbora, melancia, banana, quiabo, etc. A exemplo da mandioca, esses produtos também são consumidos e comercializados dentro da própria comunidade. Muitos desses produtos são plantados nos próprios quintais das casas ou em pequenas roças ao longo do território. Dessa maneira podemos perceber a importância do território para essa coletividade, pois, é dele que essas famílias retiram seu sustento e garantem sua sobrevivência e, conseqüentemente das gerações seguintes.

Além de utilizar os recursos naturais como meio de subsistência, muitas famílias trabalham em outras atividades dentro da comunidade. Muitos são funcionários da prefeitura de Cachoeira, exercendo funções no posto médico e nas escolas da comunidade. São professores, vigias, merendeiras, zeladores, entre outros cargos ligados à prefeitura local. Mesmo exercendo funções no quadro de servidores municipais, muitos desses funcionários realizam outras atividades como a pesca e o extrativismo para complementar sua renda familiar.

2. QUESTÃO QUILOMBOLA

Com um território composto por 5.126,6485 hectares, São Francisco do Paraguaçu – Boqueirão é certificada pela Fundação Cultural Palmares desde o dia 17 de maio de 2005 enquanto comunidade quilombola, sendo uma das quinze comunidades quilombolas do Vale do Iguape. A comunidade é beneficiária da Reserva Extrativista (Resex) Marinha Baía do Iguape, uma unidade de conservação de uso sustentável, a qual visa a proteção ambiental e a conservação de usos, saberes e modos de vida tradicionais das comunidades da região.

A ideia de comunidade quilombola, o qual utilizo neste trabalho, se refere a grupos que desenvolvem determinadas práticas de resistência, as quais têm papel fundamental na manutenção e reprodução de seu modo de vida característico em um determinado lugar. Nesse sentido, esses grupos sociais se estabelecem e autodefinem a partir de relações com seus territórios, tradições e práticas culturais específicas de uma ancestralidade negra, a qual está relacionada a resistência à opressão sofrida historicamente. Dessa maneira, esses grupos possuem uma identidade étnica que os diferencia do restante da sociedade.

De acordo com o decreto presidencial 4887 de 20/11/2003, o qual regulamenta o artigo

constitucional, em termos legais, as comunidades remanescentes de quilombos se caracterizam mediante a autodefinição da própria comunidade, compreendendo tais comunidades “como grupos étnicos-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida”. (MATTOS, 2006, p. 4).

Hebe Mattos (2006) aponta que os novos quilombos também possuem uma origem remota, relacionada de maneira consistente “na formação de um campesinato formado por escravos libertos e seus descendentes no contexto da desagregação da escravidão e de sua abolição no Brasil, que permite tais grupos reivindicarem-se como comunidades tradicionais e reivindicarem-se como quilombolas.” (p. 5). A autora ainda acrescenta que

as comunidades de quilombo que emergem da aplicação do artigo constitucional emprestam visibilidade a um campesinato negro formado no processo de desagregação da escravidão no Brasil, que de certa maneira sobreviveu ao intenso processo de urbanização sofrido pela sociedade brasileira nos últimos 50 anos. (p. 9).

José Maurício Arruti (2008) refere-se ao significado contemporâneo de quilombo como uma categoria em disputa, “travada entre antropólogos e historiadores, mas também entre estes; travada na imprensa, no parlamento e nas decisões judiciais.” (ARRUTI, 2008, p. 1). O autor aponta para uma *ressemantização* do termo quilombo na contemporaneidade, através não só do movimento social mas também por uma série de formulações teóricas e políticas. Para Arruti (2008),

o processo de ressemantização encontra-se em aberto, estando o desenho inicialmente proposto no documento da ABA em transformação não apenas em função de novos movimentos analíticos, mas também em função dos avanços do movimento social. (p. 30).

A questão da identidade de remanescente de quilombo é também, e acima de tudo, política, criada na atualidade, e resultante de um contexto mais amplo de lutas pelo reconhecimento jurídico das terras de ocupação antiga. A luta pelo acesso ao território está relacionada ao fator da identidade étnica, no sentido de compensar a histórica injustiça contra a população negra no país. Alfredo Wagner Berno de Almeida (2011) explica que a recusa pela naturalização do termo quilombo na lógica das pesquisas conduziu à análise da

polissemia que implica a noção corrente de quilombo e à sua ressemantização. Para ele,

O novo significado expressa a passagem de quilombo, enquanto categoria histórica e do discurso jurídico formal, para um plano conceitual construído a partir do sistema de representações dos agentes referidos às situações sociais assim classificadas hoje. (ALMEIDA, 2011, p. 47).

De acordo com Livia Ribeiro Lima (2009, p. 161), o Programa Brasil Quilombola (2004), do Governo Federal, estabelece que é possível “afirmar que a ligação com o passado reside na manutenção de práticas de resistência e reprodução do seu modo de vida num determinado local, onde prevalece a coletivização dos bens materiais e imateriais.” Entretanto, ainda segundo a autora, “nas políticas públicas dirigidas aos quilombolas, as comunidades são motivadas a ‘recriar-se’ etnicamente, para que sejam reconhecidas e, portanto, tenham livre acesso aos direitos culturais e socioeconômicos.” (LIMA, 2009, p. 168).

É necessário atentar para a dinamicidade e complexidade das culturas, desse modo, não podemos analisar a cultura dessas comunidades ditas tradicionais como algo estanque, mas sim como algo dinâmico. De acordo com Thais Luíza Colaço e Raquel Fabiana Lopes Sparemberger (2010),

A Antropologia dos últimos vinte anos vem criticando a postura essencialista do isolamento cultural e homogeneidade histórica de relacionar a representação local com o isolamento, a pureza e o tradicionalismo, pois cultura tradicional não é sinônimo de cultura estática. (p. 224).

Os moradores locais que se autoidentificam como quilombolas organizam-se politicamente através da Associação dos Remanescentes do Quilombo de São Francisco do Paraguaçu – Boqueirão. A associação quilombola local possui 17 coordenadores, eleitos pelos associados para mandato de 3 anos. Os moradores se reúnem de 15 em 15 dias, sempre aos sábados com o intuito de discutir assuntos que dizem respeito à população local.

Alguns como órgãos a Comissão Pastoral dos Pescadores (CPP), a Comissão Pastoral da Terra (CPT), a Associação de Advogados de Trabalhadores Rurais (AATR), a Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de Salvador, a Coordenação Nacional das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ) e o Movimento de Pescadores e Pescadoras da Bahia (MPP-BA) prestam assessoria à comunidade no que diz respeito à questão quilombola local.

2.1 Histórico do conflito quilombola

Após a fundação da Associação dos Remanescentes do Quilombo de São Francisco do Paraguaçu – Boqueirão e certificação da comunidade enquanto remanescente de quilombo, em 2005 o conflito entre quilombolas e fazendeiros da região se acirram. Já no seguinte, em fevereiro de 2006, Francisco Salgado Santana, um dos fazendeiros da região, ajuíza uma ação de reintegração de posse contra a comunidade, que é indeferida em março do mesmo ano pela Justiça Estadual e confirmada logo depois pela Justiça Federal. No dia 13 de junho do mesmo ano, policiais militares armados, afirmando cumprir uma ordem de reintegração de posse, concedida pelo juiz da Comarca de Cachoeira, destruíram roças e barracos, além de promover ameaças a moradores locais e espancar animais.

Depois de audiência pública de abertura do procedimento de demarcação e titulação do território da comunidade no dia 14 de agosto de 2006, a qual foi acompanhada por um ato público em defesa de São Francisco do Paraguaçu e que contou com a presença de diversos movimentos sociais e entidades parceiras da comunidade, a Justiça Estadual declara-se, em 22 do mesmo mês, incompetente para julgar as ações de reintegração de posse que passam a ser de competência da Justiça Federal.

Durante o restante do ano de 2006, diversas atuações e investidas ilegais foram realizadas por parte de policiais militares na comunidade, a exemplo de ameaças de prisão e morte de moradores locais, o que ocasionou um clima de insegurança e medo entre a população. E em setembro desse ano, a Justiça Federal concede uma ação de reintegração de posse a uma fazendeira local que dá o direito de expulsão dos moradores do território que ocupam, impedindo o acesso da população a áreas tradicionalmente ocupadas, necessárias para a sua sobrevivência.

Porém, no dia 07 de fevereiro do ano seguinte, os quilombolas tiveram uma importante vitória: uma decisão do Juiz convocado da 5ª Turma do Tribunal Regional Federal da 1ª região, César Augusto Bearsi, suspendeu a liminar que concedia a reintegração de posse à fazendeira Ângela Santana, garantindo o direito de permanência dos quilombolas no território que ocupam.

Ainda no ano de 2007, a comunidade de São Francisco do Paraguaçu ganha notoriedade a nível nacional após duas reportagens realizadas pela Rede Bahia, afiliada da Rede Globo de Televisão que acusava os moradores de fraudar o pedido de reconhecimento da comunidade

enquanto remanescente de quilombo. Intituladas *Suspeitas de fraude em área que vai ser reconhecida como quilombola e INCRA promete apurar denúncias de fraude no Recôncavo Baiano*, as reportagens foram ao ar nos dias 14 e 15 de maio e apresentavam supostos indícios de fraude por parte dos membros da associação quilombola da comunidade.

De acordo com as reportagens, não haveria nenhuma indicação de antigos engenhos de cana-de-açúcar na comunidade onde escravos da região teriam trabalhado. Após a acusação de falso quilombo feita pela reportagem, a comunidade contestou, através de uma nota pública, as informações veiculadas pela Rede Globo e tratou a reportagem como fraudulenta e tendenciosa.

Em 17 de julho de 2007 a Fundação Cultural Palmares (FCP) instaura uma sindicância com o objetivo de apurar as denúncias contra a comunidade pela Rede Globo. Pouco mais de dois meses depois, em setembro, a FCP conclui a sindicância que aponta a legitimidade da certificação de São Francisco do Paraguaçu – Boqueirão enquanto comunidade quilombola.

Ainda no mês de setembro, a Associação de Amigos do Engenho (AAMEN), criada por fazendeiros da região com o objetivo de prejudicar os interesses dos quilombolas, entra na justiça com uma ação cautelar para suspender o procedimento de demarcação e titulação do território quilombola com base em argumentos como as reportagens realizadas pela Rede Globo. Entretanto, no dia 18 de dezembro de 2007, é publicado no Diário Oficial da União, o Relatório Técnico de Identificação e Delimitação do Território (RTID) quilombola da comunidade, elaborado pela INCRA.

Mesmo depois de ter seu RTID publicado no ano anterior, outros mandados de reintegração de posse foram emitidos e acatados pela justiça contra a comunidade. Em dezembro de 2008 um mandado de reintegração de posse permitia que a fazendeira Rita Santana destruísse as casas e roças que estivessem dentro de sua propriedade.

O ano de 2008 foi um ano de perdas importantes para a comunidade de São Francisco do Paraguaçu. No dia 18 daquele ano morre o Sr. Altino da Cruz, uma das maiores lideranças do movimento quilombola da comunidade. Após ser informado que corria o risco, novamente, de ser expulso da roça e da casa onde viveu por 60 anos, Sr. Altino sofreu um ataque cardíaco e faleceu próximo a sua roça.

Onze dias depois da morte de Sr. Altino, a comunidade sofreu outra perda tão grande quanto: a morte de Dona Maria das Dores. Abalada pela morte do companheiro de luta no

movimento quilombola na comunidade e desgastada pelas constantes intimações para depor na justiça, Dona Maria das Dores faleceu no dia 29 de dezembro de 2008.

Os quilombolas de São Francisco do Paraguaçu continuam na luta pela titulação definitiva de seu território, com o intuito de preservar seu modo de vida, suas práticas seculares e honrar a vida daqueles que lutaram pelos direitos de uma população que visa a preservação dos seus recursos naturais em prol das gerações futuras. Atualmente a comunidade se depara com mais um entrave para a titulação de suas terras: a sobreposição do seu território quilombola e da Reserva Extrativista Marinha Baía do Iguape.

2.2 Sobreposição de territórios: Reserva Extrativista Marinha Baía do Iguape

Outro conflito pelo qual São Francisco do Paraguaçu vem travando diz respeito a mudança na poligonal da Reserva Extrativista Marinha Baía do Iguape que incorporou parte do território quilombola da comunidade, inclusive as casas dos moradores, à área dessa Resex.

Entre os anos de 1997 e 2000 foi criado o Projeto de Conservação e Utilização Sustentável da Diversidade Biológica Brasileira (PROBIO) pelo Ministério do Meio Ambiente que apontou a Baía do Iguape como área prioritária para a conservação dos recursos naturais. A partir desse projeto foi criada, no dia 11 de agosto de 2000, a Reserva Extrativista Marinha Baía do Iguape, com

uma área de 8.117,53 hectares, sendo 2.831,24 de manguezal e 5.286,29 de águas internas brasileiras. O intuito da criação da reserva era conservar o ecossistema estuarino de grande valor ecológico e também cultural e econômico, sobretudo para as comunidades de pescadores artesanais que habitavam o seu entorno. (ZAGATTO, 2013, p. 17).

Porém, o Governo do Estado da Bahia apresentou no ano de 2008 a proposta de construção de um polo industrial naval, que se localizaria na parte sul da Resex, em frente a São Roque do Paraguaçu, no município de Maragogipe.

O polo, inicialmente orçado em cinco bilhões de reais, cujo estaleiro principal seria capaz de processar setenta mil toneladas de aço por ano, se instalaria entre as comunidades quilombolas Salamina e Enseada do Paraguaçu, na margem oposta a São Francisco do Paraguaçu, impactando todas as comunidades pesqueiras da Baía do Iguape. (ZAGATTO, 2013, p. 21-22).

O fato de não estar em consonância com os objetivos principais de criação da Resex, entre os quais, a preservação dos recursos naturais utilizados de forma tradicional pela população local, a implantação do empreendimento na parte sul da Resex gerou diversas discussões entre o Governo do Estado e o Conselho gestor deliberativo da Resex, formado em sua maioria por representantes das comunidades tradicionais extrativistas da unidade de conservação. No ano de 2009, sem a aprovação do Conselho Gestor e sem discussão em audiências públicas, “o Ministério do Meio Ambiente apresentou um projeto de lei com a proposta de redução dos atuais limites da reserva em sua porção sul.” (ZAGATTO, 2013, p. 22).

Após a aprovação em regime de urgência do projeto de redução da área da Resex que comportaria o Estaleiro Enseada do Paraguaçu, o Instituto Chico Mendes (ICMBio), responsável pela gestão da reserva extrativista, com o objetivo de minimizar o desgaste ocasionado pela mudança da poligonal da área pretendida pelo empreendimento,

propõe, às pressas e sem consultar as comunidades locais, a ampliação da Resex para a porção terrestre ao norte, alegando que a ampliação propiciaria a agregação do Convento de São Francisco do Paraguaçu, tombado, em 1941, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, à área protegida. Em 13 de outubro de 2009, através da promulgação da Lei nº 12058, a Reserva Extrativista Baía do Iguape é ampliada, passando a abranger parte do Território Quilombola São Francisco do Paraguaçu. (ZAGATTO, 2013, p. 23).

Entretanto, o que se viu na prática não foi a agregação somente do Convento de São Francisco do Paraguaçu. Toda a área urbana da comunidade – onde se encontram as casas dos moradores – foi incorporada à área da Resex. Foram incluídos 1.964,92 hectares de terra do território de São Francisco do Paraguaçu que já estavam delimitadas pelo INCRA enquanto território quilombola. Sendo assim a área total da Resex após a mudança de sua poligonal passou a ser de 10.082,45 hectares.

Ao avançar sobre parte do território terrestre de São Francisco do Paraguaçu, a Reserva Extrativista Marinha Baía do Iguape deixa de ser uma reserva marinha, gerando uma sobreposição de territórios e uma situação conflituosa e prejudicial para a titulação definitiva do território quilombola da comunidade “que já havia sido reconhecido pelo próprio Governo Federal e cujos limites já haviam sido divulgados para os demais órgãos públicos, desde o fim

de 2007, quando o RTID foi publicado em Diário Oficial.” (ZAGATTO, 2013, p. 23).

A mudança da poligonal vem gerando grande prejuízo para a comunidade, pois a sobreposição do território quilombola e da Resex impossibilita a titulação definitiva das terras da comunidade, junto ao INCRA, enquanto comunidade quilombola. Para Zagatto (2013), esse conflito gerado pela sobreposição de territórios começa a ter outros agentes envolvidos como “servidores do INCRA responsáveis pelos estudos técnicos, servidores da Secretaria Estadual da Promoção da Igualdade – SEPROMI, e até mesmo servidores do ICMBio, que discordavam da forma como o MMA conduziu os processos de alteração de poligonal da Resex.” (p. 23).

Para o movimento quilombola essa mudança na poligonal que ocasionou a ampliação da Resex “foi um ato deliberado de não reconhecimento não apenas dos estudos técnicos do INCRA, que delimitaram o território quilombola, mas, sobretudo, do direito territorial quilombola e da capacidade do quilombo de gerir seu próprio patrimônio, natural e histórico” (ZAGATTO, 2013, p. 25-26), visto que, a gestão da Resex não é de exclusividade dos extrativistas, pois, o órgão responsável pela gestão desse território é o ICMBio, o qual preside o conselho gestor.

Dessa maneira, a comunidade depara-se com mais um conflito com relação à titulação de suas terras, visto que, todos os imóveis privados e benfeitorias que estão atualmente dentro da área da Resex, passam a ser declarados de interesse social, estando passíveis de desapropriação.

Para a comunidade de São Francisco do Paraguaçu, que já sofria com inúmeras ações de reintegração de posse movidas por proprietários de terras e que já tinha conflitos em função da existência de uma Reserva Particular do Patrimônio Natural em uma área de extrativismo de piaçava e dendê, a ampliação da Resex trouxe novos impasses. (ZAGATTO, 2013, p. 26).

Atualmente a comunidade luta na justiça contra a mudança na poligonal da Resex que incluiu parte de seu território à unidade de conservação. A comunidade conta com o apoio de órgãos como a CPP, a AATR e o MPP na luta pela titulação integral de suas terras.

CAPÍTULO III – PESQUISA DE CAMPO

Este capítulo tem como objetivo principal descrever de que maneira se estabeleceu o processo de pesquisa, quais as etapas percorridas para a realização desse estudo, tendo como foco principal a coleta de dados e a relação entre o pesquisador e o campo de estudo, a qual permeou tanto o processo de coleta quanto o processo de análise dos dados. Para tanto, procurei descrever como se estruturou o processo de escolha e contato com os entrevistados, a fase de observação sistemática do campo de estudo e a fase das entrevistas com os jovens quilombolas de São Francisco do Paraguaçu - Boqueirão.

Para alcançar os fins estabelecidos neste estudo, foi utilizado o método de pesquisa qualitativo. Ao buscar uma abordagem qualitativa do fenômeno social em questão, procurei problematizar as relações sociais presentes na realidade analisada, pois, a pesquisa social “apoia-se em dados sociais – dados sobre o mundo social – que são o resultado, e são construídos nos processos de comunicação.” (BAUER; GASKELL, 2008, p. 20). Nesse sentido, Bauer e Gaskell (2008, p. 23) nos mostram que a pesquisa qualitativa “lida com interpretações das realidades sociais, e é considerada pesquisa *soft*.”

Desse modo, procurei explorar as mais variadas nuances da realidade, no intuito de conseguir uma compreensão detalhada das relações sociais entre os sujeitos da pesquisa. Para tanto foram realizadas entrevistas em profundidade, ou como alguns autores costumam chamar *entrevistas etnográficas*. São chamadas de entrevistas etnográficas pois, “não são ‘isoladas’, nem independentes da situação de pesquisa.” (BEAUD; WEBER, 2007, p. 118). Para Uwe Flick (2004, p. 105), devido a sua estrutura aberta “esse método faz aparecer, de forma acentuada, o problema geral da elaboração e da manutenção de situações de entrevista.”

A observação participante apresentou-se como uma das peças-chave durante a pesquisa, visto que meu contato direto e frequente com o campo de estudo, ou seja, meu convívio cotidiano com o campo social do qual os jovens fazem parte, possibilitou uma relação de confiança e afinidade com os sujeitos estudados, tornando possível um desenvolvimento bastante favorável da pesquisa. Nessa perspectiva, para Bauer e Gaskell (2008, p. 72) durante a observação participante, “o pesquisador está aberto a uma maior amplitude e profundidade de informação, é capaz de triangular diferentes impressões e observações, e consegue conferir discrepâncias emergentes no decurso do trabalho de

campo.”

Enquanto uma técnica de investigação da pesquisa de cunho qualitativo, a observação participante caracteriza-se por interações sociais intensas entre pesquisador e pesquisados. Dessa maneira, ao fazer parte de grupos em que os jovens quilombolas em questão interagem, a exemplo dos grupos em redes sociais, e ao possuir um contato mais próximo com essa coletividade, foi possível observar de “dentro” e de forma sistemática as interações sociais entre esses jovens, ou seja, foi possível analisar as interações entre os sujeitos observados no seu próprio contexto.

1. RELAÇÃO ENTRE O PESQUISADOR E O UNIVERSO DA PESQUISA

Faz-se necessário uma reflexão acerca do meu lugar de fala enquanto pesquisador, estudante de pós-graduação de uma universidade pública federal no Recôncavo da Bahia, pesquisando a relação entre jovens quilombolas e a internet na comunidade onde vivem, mas também enquanto morador dessa mesma comunidade quilombola, e conseqüentemente parte da realidade em estudo.

É nessa relação entre pesquisador e parte do contexto analisado que procurei enriquecer a presente pesquisa a partir de teorias já existentes, mas também a partir de minha experiência como morador da comunidade desde que nasci, além de meu conhecimento empírico do cotidiano da coletividade estudada. Durante este trabalho busquei analisar a relação entre os jovens locais e o uso da internet tendo consciência da importância do meu modo de observar e interpretar a minha realidade, realidade essa em que estou inserido junto aos jovens da referida comunidade quilombola.

Entretanto, para compreender essa relação é deveras necessário descrever um pouco de minha trajetória até aqui, seja como estudante de pós-graduação, seja como quilombola, morador de São Francisco do Paraguaçu. Isso se torna necessário no sentido de que a minha experiência enquanto morador da localidade e minha convivência com os jovens dessa comunidade permeou toda a pesquisa, no sentido de procurar entender também o campo social aqui analisado, além do ponto de vista daqueles que fazem parte daquele contexto social. Nesse caso, compreender o olhar do pesquisador é também entender o olhar dos jovens da comunidade.

São Francisco do Paraguaçu é e sempre foi a minha casa, o meu lugar. Filho de pescadores, cresci na mesma casa onde nasci, na época basicamente todos os partos eram realizados em casa por uma parteira. Para mim, assim como para todos que nasceram e se criaram na comunidade, São Francisco do Paraguaçu sempre foi um lugar maravilhoso de se viver. A minha vida simplesmente se resumia àquele contexto.

Apesar da precariedade do ensino público, a comunidade contava com uma escola de nível fundamental, a qual fez parte significativa de minha aprendizagem e socialização, pois meus pais sempre fizeram questão que eu estudasse. Parte dos meus estudos se deram na Escola Estadual de 1º Grau São Francisco do Paraguaçu e outra parte na Escola Estadual Eraldo Tinoco, a qual ficava há cerca de 6 quilômetros de distância, na comunidade vizinha de Santiago do Iguape. Entre as idas e vindas da escola a vida seguia seu fluxo na comunidade, de maneira simples, mas prazerosa de se viver.

Sair de casa e correr de uma ponta da rua até a outra já era uma diversão indescritível. Olhar da janela de casa a água da chuva descendo pela rua ainda sem calçamento e jogar barcos de papel ou qualquer outra coisa que servisse como tal só pra ver eles sumirem enxurrada abaixo era diversão garantida para as crianças da minha época. Parecia que a vida passava bem mais devagar, mas sem perder o brilho e a leveza da vida.

A diversão da criançada era feita por diversas outras brincadeiras ditas mais tradicionais na comunidade, as quais estimulavam um sentimento de coletivismo e solidariedade entre as crianças e os jovens. Tais brincadeiras estimulavam a participação de um grande número de jovens e crianças pelas ruas da comunidade. Brincadeiras realizadas na rua a exemplo de *pular corda*, *perna-lata*, *garração*, *ono um*, *cavalo de pau*, *boia*, *bolinha de gude*, *baleado*, *tico-taco*, *carro de lata*, *carrinho de rolimã*, *chicotinho queimado*, *pular carniça*, *smilinguido*, *sete pedrinhas*, entre várias outras, possibilitavam um envolvimento de um número maior de pessoas, e conseqüentemente um sentimento maior de coletivismo.

Para a realização desse tipo de brincadeira era preciso a colaboração de todos os envolvidos, nesse sentido quase todos os jovens da rua se mobilizava para que a brincadeira pudesse ter êxito. E outras vezes a organização era tamanha que jovens de ruas distintas se reuniam para realizar uma determinada atividade lúdica. Exemplo disso eram as “guerras de pistolas” e as “guerras de mamona.” As “pistolas” eram pequenos pedaços de bambu, os quais eram armados com papel molhado. Já a “guerra de mamona” consistia em jogar sementes de

uma plana chamada mamona uns nos outros.

Por se tratar de uma comunidade rural pequena, esses sentimentos de coletivismo e solidariedade em São Francisco do Paraguaçu sempre foram muito fortes nas várias esferas da vida coletiva, muito devido à aproximação entre os moradores, seja uma aproximação parental e/ou física. Desde pequeno meu pai já me levava para pescar e lá, apesar de já ser algo muito naturalizado para mim, eu conseguia observar como esses sentimentos de solidariedade e coletivismo eram importantes para manter a coesão e o nosso modo de vida, o qual se perpetua até hoje.

Desde que nasci, a comunidade já contava com energia elétrica, porém meus pais viveram num tempo em que esse recurso não estava ao alcance dos moradores de São Francisco do Paraguaçu. Nesse sentido, a chegada da energia elétrica possibilitou novas perspectivas para aqueles moradores. Foi um avanço muito grande para quem tinha que conviver com as dificuldades da falta de energia elétrica. E com a chegada dessa nova tecnologia um fato mudou bastante a rotina daqueles moradores: a chegada da televisão à comunidade.

Eu tinha 6 anos de idade quando vi uma televisão pela primeira vez em São Francisco do Paraguaçu. Pra quem nunca tinha visto algo parecido, foi uma experiência singular e inesquecível. Era a novidade do momento. No início eram três ou quatro aparelhos de televisão em toda a comunidade. E, no início, na minha rua só uma casa tinha televisão. A cena de todos os dias na casa de um senhor chamado Memeu era: as cadeiras e o sofá ocupados, o chão que não cabia mais ninguém, todos aglomerados, enfileirados e a entrada da porta totalmente ocupada, além das janelas abarrotadas de gente para assistir televisão.

Com o passar dos anos a novidade se difundiu em toda a comunidade e na minha casa também passou a ter um aparelho de televisão. Assistir televisão se tornou mais uma forma de diversão para mim. Mas de alguma maneira mudou o meu jeito de ver as coisas. Era um contato mais próximo com outros lugares, outras pessoas, outras culturas, mesmo que indiretamente. Um conhecimento novo que se abria para mim naquele momento, uma nova forma de adquirir conhecimento.

Assim como a relação de todos os moradores de São Francisco do Paraguaçu com a natureza, minha relação com ela sempre foi bastante forte, isso porque é basicamente dela que as famílias locais tiram seu sustento. O lema para perpetuar o modo de vida sustentável da

comunidade e dar prosseguimento às futuras gerações é usar os recursos naturais com responsabilidade, de forma a preservar a natureza para que todos possam usufruir. Para isso a população dispõe de práticas tradicionais que vieram de seus antepassados e que vão se ressignificando com o passar do tempo. Práticas e técnicas de trabalho como a pesca artesanal, a agricultura familiar e o extrativismo vegetal sustentável.

Foi em meio a esse contexto que minha trajetória de vida foi se construindo e reconstruindo. Minhas perspectivas de futuro sempre foram bastante limitadas na comunidade. À exceção de alguns comerciantes ou fazendeiros da região, os jovens eram filhos de pescadores e pescadoras, assim como eu. Ou você continuava a trajetória de vida dos seus pais ou tentava um emprego na capital. E pela falta de qualificação, a grande maioria dos que saíam para trabalhar na capital se estabeleciam no ramo da construção civil ou em atividades domésticas.

Quando cheguei ao Ensino Médio passei a estudar em Cachoeira, sede do município. Nós estudantes íamos e voltávamos todos os dias de ônibus, numa viagem de cerca de uma hora e meia. E essa rotina seguiu-se até minha conclusão do Ensino Médio no ano de 2003. Estar “formado” já era um grande motivo de orgulho para qualquer pai da comunidade. Nunca tive grandes aspirações em fazer um curso superior.

Terminado o Ensino Médio trabalhei durante um tempo como professor em São Francisco do Paraguaçu na mesma escola onde estudei. Após esse período passei a pensar mais na possibilidade de fazer um curso superior. Para mim fazer uma faculdade passava por diversos obstáculos, assim como para quase todos nós jovens de São Francisco do Paraguaçu.

A falta de informação foi para mim um grande empecilho, visto que era muito difícil ter informação sobre as vagas na universidade, como fazer para entrar, etc. Sendo assim, somente quatro anos após a implantação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) na sede do município me propus a fazer o vestibular e tentar um curso superior. Soube das vagas através de um amigo que estava morando em Salvador.

Consegui passar no vestibular e o ano de 2009 passei a estudar na UFRB. Foi um momento um pouco estranho para mim e principalmente para meus pais que não entendiam muito bem a importância daquele acontecimento: um filho de pescador de uma comunidade rural quilombola entrando numa universidade pública federal. Uma prima, um amigo e eu, provavelmente, fomos os primeiros jovens da comunidade a conseguir entrar numa

universidade pública federal. Só depois passei a entender um pouco mais a importância disso, não só para mim, mas também para os outros jovens de São Francisco do Paraguaçu, pois muitos deles se inspiraram nesse acontecimento para seguir o mesmo caminho.

Entrei para o curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo do Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL/UFRB) sem ter conhecimento a respeito do curso. Sair do lugar onde nasci e me criei e ir para um lugar desconhecido não foi uma tarefa fácil. Os primeiros seis meses foram os mais difíceis. Meus pais tiveram que fazer muitos sacrifícios financeiros para que eu pudesse me manter na faculdade até que eu conseguisse uma bolsa permanência. Várias vezes pensei em desistir.

Apesar de todas as dificuldades que um jovem de uma comunidade rural, vindo de um ensino público precário, pode enfrentar em uma cidade diferente, no ensino superior, consegui permanecer e concluir o curso. Devido a forte relação que sempre tive com minha comunidade, o tema do meu trabalho de conclusão de curso não poderia ser outro senão São Francisco do Paraguaçu. Falar de São Francisco do Paraguaçu era uma forma de mostrar a importância e a beleza do lugar onde sempre vivi.

O meio usado para tratar desse tema foi a internet. Nesse sentido, produzi um web-documentário sobre a comunidade, uma espécie de site na internet que mostrava como era o modo de vida daquela comunidade quilombola, seu contexto social e suas especificidades. A internet sempre esteve presente em minha vida acadêmica. Entretanto, meu primeiro contato com esse tipo de tecnologia se deu dentro e através da universidade, algo que até então não existia em São Francisco do Paraguaçu.

Após me formar em jornalismo em 2013, entrei no mercado de trabalho e passei a trabalhar nessa área durante um curto período de tempo. Foi quando surgiu a oportunidade de entrar no mestrado de Ciências Sociais. Com o intuito de ter uma melhor qualificação profissional entrei para o programa de pós-graduação da UFRB, onde não deixei de lado a minha origem, analisando neste estudo a relação entre os jovens e a internet no contexto da comunidade quilombola de São Francisco do Paraguaçu.

2. A “ENTRADA” EM CAMPO

Em diversas pesquisas no campo das Ciências Sociais, a entrada em campo, ou seja, o

momento inicial de contato entre o pesquisador e o pesquisado, muitas vezes se dá de maneira complexa e até conflituosa. Isso ocorre, pois, a relação entre aquele que pesquisa e aquele que é pesquisado não possui laços maiores de conhecimento e afinidade. É nesse contato de confiança entre as duas partes de uma pesquisa que muitas vezes está a chave da questão.

Na maioria das vezes o pesquisador precisa adentrar em um contexto que não é de seu conhecimento, pois não possui uma relação mais próxima com os sujeitos da realidade, a qual pretende observar. Esse momento de primeiro contato com o campo social e os indivíduos que fazem parte dele pode se apresentar como uma espécie de “rito de passagem”, onde o pesquisador passa a ter um contato empírico com o campo de sua pesquisa.

Porém, em alguns casos essa relação pode se estabelecer de maneira diferente quando o próprio pesquisador já possui uma relação mais próxima com os sujeitos da pesquisa. Esse é o caso desta pesquisa. Minha “entrada” em campo se deu de maneira menos conflituosa, pois, falar com/dos jovens pesquisados é falar de uma realidade da qual faço parte também.

Entretanto, é necessário deixar explícito que realizar uma pesquisa nesses termos não significa dizer que seja mais fácil ou menos difícil do que se não houvesse esse contato mais íntimo com tais jovens. É, sem dúvida, necessário um olhar treinado para as questões referentes às Ciências Sociais, o qual é adquirido na universidade. E é a partir desse olhar treinado, no sentido de tomar um certo “distanciamento” do objeto de estudo, e de minha interação e aproximação com o contexto da pesquisa que procuro compreender da maneira mais adequada e científica possível os aspectos mais relevantes do campo de estudo.

Minha experiência e meu conhecimento empírico sobre a comunidade podem sim ajudar a tentar entender a relação proposta pela pesquisa, porém, tomo bastante cuidado para não deixar isso atrapalhar o distanciamento necessário para uma análise mais apurada do contexto sócio-histórico em questão. Nesse sentido, Queiroz (2008) afirma que assim como qualquer ciência,

as Ciências Sociais possuem um corpus de teorias pré-existentes ao pesquisador, que este precisa abarcar na maior amplitude possível, tanto no que diz respeito à compreensão das diversas posturas teóricas fundamentais, quanto também às teorias especificamente ligadas ao problema que pretende estudar. (p. 20).

Logo após a aprovação do projeto de pesquisa e início das minhas aulas no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, em março de 2015, passei a observar mais atentamente a

questão da internet na comunidade de São Francisco do Paraguaçu. Como os moradores se apropriavam desse tipo de tecnologia em seu próprio contexto social.

Ao realizar uma observação mais detalhada dos jovens quilombolas locais, procurei entender como se dava essa interação com as novas tecnologias do mundo digital e sua rotina dentro da comunidade. Busquei apreender como esse contato era estabelecido e quais as mudanças se apresentavam de maneira mais aparente. Passei a conversar com os moradores sobre o assunto, no intuito dar um norte, um direcionamento ao estudo que estava propondo. Eram basicamente conversas informais e uma observação sistemática da relação entre eles e esse novo tipo de tecnologia da informação e comunicação.

De certa maneira, a pesquisa de campo já havia tido início, porém, sem uma dinâmica de entrevistas e coleta de dados mais sistematizada. Isso se estabeleceu muito mais no âmbito da observação das mudanças em determinados tipos de comportamento, além de uma reflexão a respeito de como encaminhar a pesquisa. Esse primeiro contato com a problemática foi de grande importância, pois, revelou-me aspectos que ainda não estavam claros, apesar fazer parte do contexto em questão.

Contudo, um fato marcou esse primeiro período da pesquisa. Pode-se dizer que foi como um “rito de passagem”, o qual me levou a uma melhor problematização do campo de estudo. Ao visitar a casa de conhecido na comunidade, deparei-me com seu filho de 17 anos editando um vídeo em seu computador, junto com um amigo seu. Ao perguntar qual o intuito da montagem do vídeo, ele me respondeu que se tratava de um vídeo criado por ambos para ser postado na internet, na página do Youtube.

Naquele momento passei a problematizar por que dois jovens de 16 e 17 anos, de uma comunidade quilombola rural, no Recôncavo da Bahia, tinham tanto interesse em postar um vídeo na internet. E mais, que implicações isso trazia para a vida desses jovens e como eles se enxergavam em um contexto ainda novo para aquela comunidade. Pode até parecer irrelevante, mas esse fato despertou em mim uma disposição em tentar entender quais os efeitos desse novo tipo de ferramenta na vida desses jovens quilombolas rurais.

A observação sistemática da realidade estudada abarcava o contexto social mais amplo da comunidade – não só os mais jovens, mas também os de maior idade. Para o processo de escolha dos jovens para a realização das entrevistas semiestruturadas (em profundidade) optou-se por seguir alguns fatores relevantes como o contato frequente com a internet por

parte dos jovens a serem entrevistados, quais os jovens mais ativos nas redes sociais, quais os jovens mais engajados com assuntos coletivos da comunidade, etc., tudo isso permeado por minha percepção enquanto pesquisador, mas também, perpassado por meu convívio diário com essa coletividade.

3. AS ENTREVISTAS

Antes de começar a fase de entrevistas propriamente dita, debrucei-me na elaboração de um tópico guia, no sentido de dar uma maior sistematização às ideias no momento das conversas com os entrevistados. Nesse sentido, foram listadas algumas perguntas e temas que pudessem nortear o estudo, como por exemplo, formas lazer, estudo, relação com os pais, tudo relacionado ao uso da internet por parte dos jovens.

Após a elaboração do tópico guia, teve início a realização das entrevistas, as quais decidi chamar de conversas com os jovens quilombolas. O uso de um gravador foi de bastante importância durante as entrevistas, pois, a gravação permitiu “captar na íntegra e em todas as suas dimensões a palavra do entrevistado” (BEAUD; WEBER, 2007, p. 137), sendo possível assim, trabalhar em profundidade as entrevistas, visto que as falas puderam ser escutadas diversas vezes.

Com o gravador, e o tópico guia onde estavam os temas a serem abordados durante a conversa em mãos teve início a etapa das entrevistas com a visita à casa dos jovens escolhidos para a realização do estudo. Antes do início das conversas com os entrevistados expliquei quais os objetivos da pesquisa e perguntei se poderia usar um gravador para registrar nosso diálogo, e não houve nenhuma objeção quanto a isso.

Devido à minha relação de proximidade com os entrevistados não foi pedido nenhum tipo de autorização para o uso das informações, entretanto, expliquei que seus nomes não seriam usados no trabalho, somente as siglas, no sentido de preservar a identidade e a imagem dos mesmos. Todos os entrevistados mostraram-se bastante solícitos em conversar comigo. De início pareciam não entender muito bem do que se tratava a conversa, mas aos poucos as entrevistas foram se desenvolvendo de forma positiva.

Inicialmente comecei a fazer entrevistas individuais, contudo, apesar de serem entrevistas individuais optei por conversar com os jovens em situações onde o pai, a mãe ou

alguém do seu convívio diário também pudesse estar junto e participasse daquele momento. Essa estratégia foi usada no sentido de deixar o jovem mais à vontade, além de poder observar o ponto de vista de pessoas que formam o ciclo social do entrevistado. Para além disso, foi uma maneira de tentar tornar a conversa um pouco mais leve com o objetivo de obter uma análise mais fidedigna possível daquele contexto social e consequentemente alcançar melhores resultados na pesquisa.

Apesar dessa estratégia, alguns jovens ainda se mostravam um pouco fechados a um diálogo mais dinâmico, muito por conta do gravador que usei durante a entrevista. Alguns chegaram a perguntar qual o motivo da utilização do gravador e disseram ficar acanhados com isso. Entretanto, esse fator não proporcionou maiores complicações para o desenvolvimento da pesquisa, visto que tentei deixá-los o mais à vontade possível, ressaltando que o uso daquela ferramenta se tratava apenas de um recurso a mais para não deixar escapar nenhum detalhe importante da conversa.

As entrevistas aconteceram em lugares e situações distintas, como, por exemplo, em salas, varandas, passeios das casas dos jovens, bancos no meio da rua e na sede da associação quilombola local. Porém, durante as entrevistas quase sempre os entrevistados estavam usando seus celulares e, na maioria das vezes, acessando a internet.

Além das entrevistas individuais, foi realizada uma entrevista com um número maior de jovens ao mesmo tempo, ou seja, um grupo focal. O local escolhido foi a sede da associação quilombola da comunidade. O grupo focal foi estruturado com a participação de sete jovens, os quais foram escolhidos para participar da entrevista devido ao fato de que os mesmos fazem parte de um grupo virtual, no aplicativo de mensagens instantâneas pela internet, Whatsapp, e utilizam esse grupo – do qual eu também faço parte – para discutir assuntos relacionados ao acesso e permanência no Ensino Superior e às universidades em que estudam.

O grupo, intitulado como Quilombolas/UFRB/UFBA/UEFS, é formado por mim e por mais 8 jovens quilombolas da comunidade que atualmente cursam o Ensino Superior. O grupo é formado por estudantes da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), na Universidade Federal da Bahia (UFBA) e da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Infelizmente nem todos puderam participar do diálogo devido a problemas pessoais, contudo esse fato não prejudicou a realização da entrevista e consequentemente o andamento da pesquisa. A roda de conversa contou com a participação de 7 dos 8 jovens que formam o

grupo.

4. OS JOVENS ENTREVISTADOS

Durante este estudo foram realizadas entrevistas semiestruturadas (abertas), ou seja, entrevistas em profundidade ou *entrevistas etnográficas*, com 18 jovens da comunidade de São Francisco do Paraguaçu na faixa etária de 15 a 24 anos, sendo que a distribuição desse grupo é de 50% para cada sexo, ou seja, nove jovens do sexo masculino e nove do sexo feminino. Todavia, a escolha dos jovens entrevistados para o estudo em questão não se deu de maneira aleatória, mas seguiu alguns critérios, com o objetivo de “maximizar a oportunidade de compreender as diferentes posições tomadas pelos membros do meio social.” (BAUER; GASKELL, 2008, p. 68-69).

A partir de minha experiência e observação sistemática do contexto analisado, procurei utilizar alguns critérios para a escolha dos jovens que seriam entrevistados, como por exemplo, o contato frequente deles com a internet, o acesso ao ensino superior, além de minha afinidade com os mesmos, entre outros fatores. Esse último fator foi de grande relevância para a pesquisa, pois, essa relação de confiança entre o pesquisador e pesquisado se apresentou como um aspecto crucial para o andamento das entrevistas e para o desenvolvimento do estudo.

O objetivo da pesquisa não é a elaboração de modelos estatísticos para explicar uma determinada realidade, pois as entrevistas em profundidade “não visam produzir dados quantificados e, portanto, não precisam ser numerosos.” (BEAUD; WEBER, 2007, p. 119). Procurou-se, portanto, uma análise mais aprofundada do campo social, visto que cada entrevistado expressa no contexto de suas interações sociais um ponto de vista específico, singular.

Tabela: Perfil dos jovens entrevistados

	<i>Idade</i>	<i>Escolaridade</i>	<i>Sexo</i>	<i>Internet banda larga em casa</i>
N. S. da C.	18	8º ano (Ensino Médio)	Masculino	Sim
V. C. da C. S.	17	3º ano	Masculino	Sim

		(Ensino Médio)		
V. C. da C. S.	15	1º ano (Ensino Médio)	Feminino	Sim
I. P. dos S.	16	3º ano (Ensino Médio)	Feminino	Não
E. P. dos S.	18	Ensino Médio Completo	Feminino	Não
N. C. do C. P.	17	Ensino Médio Completo	Feminino	Não
T. S. dos S.	22	Ensino Médio Completo	Masculino	Não
L. S. dos S.	20	Ensino Superior Incompleto	Feminino	Não
I. S. da C.	24	Ensino Superior Incompleto	Feminino	Sim
J. S de J. J.	18	Ensino Superior Incompleto	Masculino	Sim
J. C. da C.	24	Ensino Superior Incompleto	Feminino	Sim
D. S. M.	21	Ensino Superior Incompleto	Masculino	Sim
D. S. da C.	20	Ensino Superior Incompleto	Feminino	Sim
L. A. S. R. J.	18	Ensino Superior Incompleto	Masculino	Sim
J. S. da S.	24	Ensino Médio Incompleto	Masculino	Sim
J. S. da C.	17	3º ano (Ensino Médio)	Masculino	Não
L. S. B.	15	1º ano (Ensino Médio)	Masculino	Sim
G. P. S.	17	3º ano (ensino Médio)	Masculino	Não

A tabela acima apresenta o perfil dos entrevistados com alguns dados mais gerais que mostram, além do sexo, a idade e escolaridade de cada jovem entrevistado e se o mesmo possui internet banda larga em casa. No sentido de proteger a identidade dos entrevistados, optou-se pela utilização da sigla do nome de cada um dos jovens ao longo de toda a pesquisa.

5. OS JOVENS DE SÃO FRANCISCO DO PARAGUAÇU E A INTERNET

Esta seção versa basicamente sobre os efeitos da internet na vida de jovens moradores da comunidade quilombola de São Francisco do Paraguaçu – Boqueirão, e busca uma análise de como o uso desse novo tipo de tecnologia, fruto da modernidade e dos processos de globalização em nossa sociedade contemporânea, pode afetar a vida desses jovens de uma comunidade quilombola rural, distante fisicamente dos grandes centros urbanos.

O atual contexto sócio-histórico se apresenta plenamente influenciado por diversas ferramentas, as quais proporcionam e propagam a construção de uma cultura onde as novas tecnologias da informação e comunicação colocam um papel importante na interação e comunicação entre os indivíduos e na constituição e conservação dos relacionamentos gerados. E é nesse atual contexto sócio-histórico, onde as juventudes atuais “constroem” e são “construídas”.

5.1 Os jovens de São Francisco do Paraguaçu e seu contexto específico

Os pressupostos teóricos deste estudo apontam para a ideia de que os jovens da comunidade quilombola rural de São Francisco do Paraguaçu – Boqueirão, com suas especificidades e em seu contexto próprio, são também, e de forma bastante sintomática, assim como a população dos grandes centros urbanos, afetados pelas novas tecnologias da informação e comunicação (NTIC), seja através da criação de novas formas de interação social (novas redes de interação), da obtenção de mais conhecimento, de novas formas de socialização ou da mudança nos costumes tradicionais dessa coletividade. Nesse sentido, Cardoso e Castells concluem que:

A multiplicidade de canais de televisão e de sítios na Internet, bem como o acesso à informação nos seus vários formatos em todo o mundo, tem tido um forte impacto nos media tradicionais e, simultaneamente, como refere Thompson (1997), as tecnologias digitais transformaram a organização

espácio-temporal da vida social, criando novas formas de acção e interacção, novos modos de relação social e novas formas de relacionamento com os outros e conosco. (2005, p. 281).

Entretanto, é necessário e imprescindível levar em consideração o fato de que os jovens aqui estudados apresentam-se como uma coletividade singular, com suas particularidades, em um contexto social próprio de uma comunidade quilombola rural tradicional. Nesse sentido, outro ponto importante é a perspectiva adotada nesta pesquisa a respeito da relação, muitas vezes problemática, entre tradição e modernidade.

Parto do viés de que as tradições não se apresentam como algo estanque, arcaico, estático e avesso às mudanças sociais, mas que elas evoluem e transformam-se a partir de novas necessidades que cada sociedade suscita ao longo de sua história, estruturando-se como aprendizagem, reapropriação e readaptação a tais mudanças.

Os jovens de São Francisco do Paraguaçu convivem em um contexto social onde partilham de uma relação íntima e um conhecimento profundo sobre os ciclos da natureza, relações de parentesco, atividades familiares de subsistência como a agricultura, pesca e extrativismo, noção e identificação com o território durante várias gerações consecutivas, e acumulação de capital reduzida. A partir do contato mais íntimo com as mudanças advindas da modernidade e dos processos de globalização, essa coletividade passa a reapropriar-se e readaptar-se às variações decorrentes de tais processos.

Durante o processo de pesquisa foi possível observar o quanto os jovens de São Francisco do Paraguaçu estão envolvidos com o mundo das novas tecnologias, tendo um maior destaque para o uso de aparelhos celulares de última geração (smartfones). Para Santana *apud* Mattos (2013, p. 111-112) “os adolescentes constituem uma geração imersa em interfaces tecnológicas e usuária das novas mídias digitais. A internet e os aparelhos celulares cheios de funções e possibilidades comunicativas são as mídias mais usuais deste grupo na sociedade atual.” De acordo com Mattos (2103),

o celular, com sua alta mobilidade e portabilidade, capaz de receber, transmitir e armazenar conteúdos de todas as outras mídias, além de fotografar, filmar e enviar mensagens de texto, permite à juventude assumir uma postura ativa, participando como agente transformador e construtor da realidade, interagindo, sendo fonte, receptor e transmissor simultaneamente. (p. 131).

Por todo território da comunidade é possível encontrar jovens – não só jovens, mas adultos também – fazendo uso contínuo de smartphones, em boa parte do tempo para acessar a internet. O uso de computadores para o mesmo fim também é bastante corriqueiro, porém com menos frequência que os smartphones. A utilização de smartphones entre os jovens da comunidade é algo que já faz parte da rotina e do cotidiano local.

Nesse sentido, o smartphone é levado para quase todo lugar e está o tempo todo à mão, quase sempre com acesso à internet, visto que a internet móvel é usada em larga escala pelos moradores locais. Podemos ter uma ideia do uso frequente da internet por parte dos jovens em algumas falas recorrentes a respeito de sua relação com a internet na comunidade:

“Eu gosto de ver séries. Netflix o dia todo. Eu não durmo não. Eu durmo duas horas por dia. Eu durmo três horas da madrugada, aí cinco horas o celular tá despertando.” (D. S. M. 21 anos).

“Eu uso até o celular descarregar, aí vai pro PC.” (G. P. S. 17 anos).

“O dia tem 24 horas... é umas 20 horas por dia. E as quatro é pra dormir (risos)” (N. C. do C. P. 17 anos).

“Atrapalhava na hora de comer. Porque a conversa tava tão empolgante que não dava nem vontade de comer (risos). Eu não comia. (E. P. dos S. 18 anos). Ela tava parecendo uma mendiga, seca! Agora que ela parou mais, ela engordou. (I. P. dos S. 16 anos).

Contudo, atualmente a internet banda larga ganhou um espaço considerável entre a população local, visto que sua instalação nas moradias locais cresceu bastante durante os últimos anos. Atualmente a preferência pela internet banda larga é notável entre os moradores, pois, sua qualidade é bastante superior em relação à internet móvel. Outro ponto com relação a isso é o custo-benefício, que faz com que os jovens prefiram a internet banda larga à móvel.

Apesar de amplamente usada na comunidade, a internet móvel é alvo de muitas críticas por parte dos seus usuários devido à deficiência do sinal das operadoras de telefonia móvel, o que dificulta o acesso de forma mais eficiente, além de não proporcionar um custo-benefício vantajoso para os mesmos. Entretanto, nem todos têm condições financeiras para colocar uma internet banda larga – popularmente chamada de WIFI pelos moradores.

Uma cena bastante comum atualmente nas ruas de São Francisco do Paraguaçu é encontrar jovens sentados em frente a casas de vizinhos, parentes e conhecidos “acessando o WIFI” com seus smartphones em diferentes horas do dia. Muitos destes que não possuem internet banda larga em casa pagam uma mensalidade ao dono da casa que possui e passam

boa parte do seu tempo acessando a internet através do “WIFI” de outra pessoa. É uma forma mais barata de ter internet, mas sem a mobilidade da internet móvel, nem a comodidade de ter uma internet de maior qualidade em casa.

É possível notar um certo desconforto e estranhamento por parte de muitos moradores da comunidade, principalmente daqueles um pouco mais velhos, pertencentes a uma geração anterior que não teve acesso a esse tipo de tecnologia, com relação ao hábito (recente) dos jovens de passarem boa parte do seu tempo “grudados” na internet, seja em casa ou na rua. Pode-se notar um certo incômodo através da fala de pessoas mais velhas, as quais não tiveram contato com essas novas tecnologias da informação e comunicação:

“Antigamente os meninos brincavam mais. Se divertiam mais. Hoje em dia só quer saber de internet. (...), hoje os meninos estão sentados um do lado do outro, um em cima do outro, tudo calado. Conversando pelo whatsapp.” (M. B. Da C. 35 anos).

“Hoje em dia a mãe diz ‘sai desse computador, menino, vai pra rua, vai se divertir, vai fazer alguma coisa!’” (I. S. da C. 24 anos).

“E muitas das vezes tá até perto, na arquibancada, um na ponta e outro na outra, conversando numa distância bem pouca assim, mas estão conversando na internet. (J. C. S. da C. 42 anos).”

“Às vezes mainha critica, né, que não saio do celular. Porque fico muito tempo.” (V. C. da C. S. 17 anos).

“Porque eu levo muito tempo olhando a internet, esquece da vida (risos), mainha reta! Tem hora que eu fico um tempão, mainha vem cá querendo desligar o celular, ‘guarde e vá procurar o que fazer!’” (T. S. dos S. 22 anos).

Aplicativos de mensagens instantâneas pela internet como o Whatsapp e o Messenger, redes sociais, a exemplo do Facebook e Instagram sites de vídeos como o Youtube, sites de música, jogos online, além do site de buscas Google, estão entre as atividades preferidas dos jovens quilombolas acima mencionados. Dentre essas atividades, as redes sociais são as que possuem maior destaque entre essa coletividade.

5.2 A internet enquanto nova instância socializadora da comunidade

Por se tratar de uma comunidade pequena, com pouco mais de 500 famílias, São Francisco do Paraguaçu apresenta um sentimento comunitário ainda muito forte entre seus

moradores. Instituições como a escola e a família sempre tiveram um grande destaque na formação do conjunto de regras e valores interiorizadas pelos sujeitos, as quais compõem um contexto social próprio na comunidade. Nesse sentido, a escola e a família possuem um papel decisivo na formação e socialização dos indivíduos.

Por socialização Peter L. Berger e Thomas Luckmann (2008) entendem o processo em que o indivíduo passa a interiorizar os processos subjetivos e o mundo em que o outro vive, e esse mundo torna-se o seu próprio. É somente após a realização desse processo de interiorização que o indivíduo se torna membro da sociedade em que está inserido. Para os autores, a socialização pode ser definida como

a ampla e consistente introdução de um indivíduo no mundo objetivo de uma sociedade ou de um setor dela. A socialização primária é a primeira socialização que o indivíduo experimenta na infância, e em virtude da qual torna-se membro da sociedade. A socialização secundária é qualquer processo subsequente que introduz um indivíduo já socializado em novos setores do mundo objetivo de sua sociedade. (BERGER; LUCKMANN, 2008, p. 175).

Pedro Abrantes (2011) também nos traz uma definição bastante interessante do conceito de socialização. Para o autor a socialização coloca-se como

processo de constituição dos indivíduos e das sociedades, através das interações, atividades e práticas sociais, regulado por emoções, relações de poder e projetos identitários-biográficos, numa dialética entre organismos biológicos e contextos socioculturais. Desta forma, os indivíduos vão produzindo a sociedade e sendo produzidos por ela. (ABRANTES, p. 135).

Entretanto, ainda segundo Berger e Luckmann (2008, p. 179), “nenhum indivíduo interioriza a totalidade daquilo que é objetivado como realidade em sua sociedade, mesmo que a sociedade e seu mundo sejam relativamente simples”, pois, “há sempre mais realidade objetiva ‘disponível’ do que a efetivamente interiorizada em qualquer consciência individual, simplesmente porque o conteúdo da socialização é determinado pela distribuição social do conhecimento.” Nessa mesma perspectiva, Abrantes (2011) nos mostra que

todas as experiências do indivíduo, ao longo da vida, contribuem para o processo de socialização, ou seja, para a construção de disposições internas que permitem (e orientam) a participação na vida social. No entanto, sabemos que: (1) a experiência dos indivíduos é apenas uma fração do “todo social”; (2) essa experiência depende da capacidade (e disposição) de interpretar e interpelar o social; (3) a informação resultante das experiências

não pode ser armazenada e posteriormente mobilizada, na sua totalidade, o que supõe processos (intersubjetivos) de seleção, generalização e analogia. (p. 122).

Não apenas em São Francisco do Paraguaçu, mas também na sociedade atual, essas instâncias primeiras de socialização passaram a partilhar com as novas tecnologias advindas dos processos de globalização da sociedade contemporânea a responsabilidade pela socialização dos indivíduos. Podemos analisar essa mudança nessas instituições socializadoras na comunidade como um processo gradual, pois, as instituições socializadoras ditas mais tradicionais, aos poucos, passaram a partilhar esse papel com outras instâncias de socialização da sociedade contemporânea.

Para Abrantes (2011, p. 129) essas novas instâncias socializadoras nas sociedades modernas, como a escola de massas e os media, impõem “os padrões da ‘cultura dominante’, ao mesmo tempo que desautorizam e condenam as formas culturais dos grupos dominados (Bourdieu e Passeron, 1970; Bowles e Gintis, 1976).” Entretanto, essas relações de poder não se apresentam como uma simples imposição de um padrão cultural sobre outro, há aí um processo dialético em curso.

Após a implantação da energia elétrica na comunidade, a televisão surgiu como uma poderosa ferramenta socializadora na comunidade, dividindo espaço com outras instâncias mais tradicionais de socialização, a exemplo da escola e do núcleo familiar. Nessa perspectiva, Maria da Graça Jacintho Setton (2003) aponta para o fato de que

Até a década de 1960, a sociologia refletiu sobre as instâncias família e escola sobretudo como duas instituições separadas (cf. Van-Zanten e Duru-Bellat, 1999; Sengalen, 1999a). Não antagônicas, é claro, mas cada uma delas com sua função e com seus papéis complementares na formação e na socialização dos indivíduos. De um lado, a família, como espaço de afeto, espaço privado responsável por um patrimônio e uma herança cultural de base (cf. Sengalen, 1999a, 1999b; Berger e Luckmann, 1983; Bourdieu, 1979). De outro, a escola, como espaço público de formação, de educação moral, social e profissional dos indivíduos (cf. Durkheim, 1978; Berger e Luckmann, 1983). (p. 345).

A televisão passou a fazer parte da rotina e do contexto social das famílias locais, tornando-se em pouco tempo uma das principais instâncias socializadoras na comunidade. O contato com a televisão possibilitou o acesso mais direto a outras culturas e contextos, proporcionando aos indivíduos a interiorização não só da realidade mais próxima a eles, a

exemplo do círculo familiar, dos amigos, colegas de escola, vizinhos, etc., mas também de outros estilos de vida e visões de mundo distintas, modificando assim a forma de percepção de sua realidade. De acordo com Setton (2003),

Nesse contexto, aponta para uma nova arquitetura das relações sociais, em que as ações educativas não se realizam apenas nos espaços institucionais tradicionais. Ao contrário, essa nova configuração cultural alerta para outras modalidades educativas, circunstanciando a particularidade do processo de socialização na contemporaneidade. (p. 347).

Em nosso contexto atual, com o crescente avanço tecnológico e a chegada das novas tecnologias da informação e comunicação à comunidade, outras ferramentas e técnicas, fruto dos processos de globalização em nossa sociedade, passaram a se destacar também enquanto espaços de socialização. À medida que há um contato cada vez maior com ferramentas e instituições socializadoras diversas, surgem cada vez mais referências sociais que compõem o processo de socialização desses jovens, complexificando o processo de socialização dessa coletividade.

De acordo com Abrantes (2011, p. 130), o princípio funcionalista assume que o processo de socialização “corresponde à transmissão de pautas de comportamentos e valores das gerações mais velhas às mais novas corresponde a uma situação típica de sociedades tradicionais, em que a idade é per si uma fonte de poder.” Contudo, em nossa sociedade contemporânea, onde a mudança ocorre em ritmo acelerado “e a infância, a juventude, a democracia e a inovação são valores importantes, estas relações são mais complexas.” (ABRANTES, 2011, p. 130).

Nesse sentido, a internet aparece então como uma importante instância socializadora em nossa sociedade, visto que, devido à infinidade de informações ao alcance dessa juventude, ela traz consigo a possibilidade de um potencial reflexivo maior por parte desses jovens de São Francisco do Paraguaçu, orientando suas ações e práticas durante o processo de socialização.

Ao estruturar-se como um processo de interiorização de valores, símbolos e regras de determinada sociedade por parte do indivíduo através do conhecimento apreendido, a socialização dos jovens da comunidade traz diferenças com relação à geração anterior na localidade, pois, essa coletividade passa a ter contato com uma gama de símbolos, universos sociais e conhecimentos múltiplos e diversificados – muitas vezes contraditórios –, produto

dos processos de globalização, através das novas tecnologias, a exemplo da internet.

Entretanto, a socialização se estabelece como um processo individual e seletivo, onde nem tudo que é acessado é internalizado, ou seja, os indivíduos possuem a capacidade de deliberar sobre o que assimilar. Como nos mostra Setton (2003, p. 345): “à medida que os universos de referências sociais e identitários compartilhados se multiplicam e se diversificam, à medida que uma pluralidade de opções e escolhas está ao alcance dos indivíduos, estes terão, conseqüentemente, cada vez mais oportunidades de deliberar.” Ainda segundo a autora,

é importante salientar que essa circulação e a intensidade de penetração de novas formas de pensar e agir, em outras palavras, a circularidade de novas maneiras de conceber e interpretar o mundo, serão sempre apropriadas e experimentadas de forma particular e singular, pois estão continuamente sujeitas aos condicionamentos sociais e às trajetórias individuais ou de grupos. (SETTON, 2003, p. 347).

É a essa pluralidade e heterogeneidade de informações e opções que os jovens de São Francisco do Paraguaçu passam a ter contato mais diretamente através das novas tecnologias, em especial a internet. Esse novo cenário de ampla difusão de informação, conhecimento e bens culturais contribui para uma nova percepção do indivíduo sobre si mesmo e sobre os indivíduos ao seu redor, para o surgimento de novas maneiras de interação social, além de oferecer condições de ampliação e diversificação do conhecimento que ele tem do mundo, “aumentando suas predisposições e/ou disposições interpretativas e reflexivas.” (SETTON, 2003, p. 347).

5.3 Um novo meio de acesso à informação

Devido ao crescente desenvolvimento das tecnologias digitais, o mundo das comunicações vem mudando de maneira radical. Antes do aparecimento das chamadas novas tecnologias da informação e comunicação na comunidade de São Francisco do Paraguaçu a televisão ocupava um lugar de destaque como fonte primeira e principal de informação por parte dos moradores locais – antes dela o rádio possuía esse papel, mas sem a força da televisão.

Ainda hoje, a televisão, sem dúvida, possui um papel de grande relevância como formador de opinião e enquanto meio de informação usado pelos moradores da comunidade,

entretanto, esse protagonismo vem sendo dividido cada vez mais com as novas tecnologias de informação e comunicação. Para o professor Sérgio Mattos (2013)

a televisão já não é mais o principal instrumento a influenciar a juventude. A participação das novas tecnologias digitais e o processo de convergência midiática, reunindo telefone celular, computador, rádio, televisão aberta e por cabo/satélite, com alto poder de interatividade, de interconexão e de socialização têm atraído as juventudes, que são os seus maiores usuários. (p. 111).

Na comunidade, nos últimos anos, a internet ganhou um lugar de destaque enquanto meio de informação e comunicação, principalmente entre os mais jovens. A televisão já não é mais o principal meio pelo qual os jovens têm acesso à informação. A fala de alguns moradores da comunidade são esclarecedoras com relação a isso:

“As pessoas quando não tinham a internet pra se informar de uma maneira melhor, pra poder ver as coisas de longe, elas tinham que esperar muito a imprensa divulgar um lugar daquele, passar uma reportagem na televisão, tinha que esperar quando aquela emissora decidisse ir ali e fazer uma reportagem e pudesse mostrar, e dependendo do horário nem podia ver. Então eu acho que a internet nessa questão já ajudou porque você tá no notebook ou no celular você vai buscando em alguns sites, você mesmo procura. Vê qual o benefício que aquilo vai influir na sua vida, se é pra melhor ou pra pior, as experiências que você já tem, se aquilo vai ser bom pra você ou não e você poder se decidir.” (J. C. dos S. 34 anos).

“Eu acho que 60% é internet, o resto tudo televisão.” (L. A. S. R. J. 18 anos).

“(...) minha busca de informação mudou, principalmente com a internet, com a experiência acadêmica. Eu já acordo buscando notícias no facebook, e muitas vezes Geledés, vários sites de notícia, o R7, o BBC Brasil, então eu acordo já buscando alguma notícia, porque quantas vezes já antes do jornal da tarde passar ou o jornal passar, eu já vi a notícia passar no Facebook? Às vezes passa essa edição à noite, porque ele também selecionam notícias pra passar porque do horário, então eu já vi, muitas vezes não sei quem fala, “pô, você viu?”, eu já vi, “pô, você viu onde?”, eu vi na internet.” (I. S. da C. 24 anos).

“Pô, acho que 90% é internet.” (D. S. M. 21 anos).

“Pro meu uso a internet serve pra ficar mais informado das coisas e pra me comunicar com as pessoas.” (J. S. da C. 17 anos).

“Informações, né, gente?” (L. S. dos S. 20 anos).

Nota-se, portanto, que com o avanço das novas tecnologias digitais em todo o mundo, e

consequentemente entre os jovens entrevistados, “a juventude está trocando a televisão pelas mídias que praticamente surgiram depois do nascimento dessa geração, que está sendo denominada de digital natives, ou seja, os jovens que nasceram na era digital.” (MATTOS, 2013, p. 112-113). Ainda segundo Mattos (2013),

O celular é hoje a principal mídia portátil usada pela juventude brasileira, porque ele vem se caracterizando como ferramenta apropriada para a produção de conteúdo multimídia. Com o celular digital os jovens estão se transformando em produtores e distribuidores de conteúdos multimídia para grupos e redes. (p. 131).

A internet se apresenta aos jovens como um novo meio de informação infinito, repleto de possibilidades nunca antes experimentadas por eles, bombardeando-os de conhecimentos outros e de maneira distinta dos media tradicionais, o que possibilita uma visão diferenciada da própria realidade. Nessa linha de raciocínio, para Baudrillard *apud* Mattos (2013, p. 115-116) “as mídias contemporâneas são instrumentos de simulação de hiper-realidades e ao deixar de espelhar a realidade, passaram a criar realidades paralelas, interferindo na construção do imaginário dos indivíduos.” De acordo com Lucca Vichr Lopes (2015),

Vivenciamos hoje um importante avanço no modo como tratamos a informação. As possibilidades de utilização do que chamamos aqui de tecnologias da informação e comunicação são infundáveis, assim como também o são a gigantesca quantidade de informação que circula por elas. Por isso, cada indivíduo acessa um conjunto de técnicas e de informação que lhe é único. O computador e a internet em conjunto emulam e reproduzem a televisão, o telefone e o rádio. Mas vão além. (p. 127).

Esses jovens apropriam-se de seu atual contexto social, tendo ao alcance esses novos tipos de ferramenta da sociedade contemporânea para dar sentido à sua realidade cotidiana, realidade essa construída socialmente, ou seja, a realidade cotidiana se apresenta como um mundo intersubjetivo, do qual os indivíduos participam em conjunto com outros indivíduos. De acordo com Berger e Luckmann (2008, p. 35), “a vida cotidiana apresenta-se como uma realidade pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente.”

Se a realidade da vida cotidiana é construída socialmente, isso significa dizer que o indivíduo está em contínua interação e comunicação com outros indivíduos, apropriando-se do contexto em que está inserido para dar sentido à sua realidade, pois, “a sociedade é um

produto humano. A sociedade é uma realidade objetiva. O homem é um produto social.” (BERGER; LUCKMANN, 2008. p. 87). Daí a importância das novas tecnologias da informação e comunicação, as quais essa coletividade tem a seu dispor, visto que, tais ferramentas do mundo contemporâneo se configuram como um importante meio de interação e comunicação entre esses indivíduos.

Diferentemente da população mais velha local que não teve contato com esse novo tipo de tecnologia, a exemplo da internet, durante sua juventude, atualmente os jovens locais possuem um acesso direto a essa ferramenta, o que, conseqüentemente, produz uma visão de mundo distinta da geração anterior na comunidade e possibilita a acumulação novos tipos de conhecimento, mediados também por essa ferramenta digital. Para Berger e Luckmann (2008, p. 62), o conhecimento se estabelece como um acervo de experiências acumuladas, e “em virtude dessa acumulação constitui-se um acervo social de conhecimento que é transmitido de uma geração a outra e utilizável pelo indivíduo na vida cotidiana.”

Com esse novo tipo de tecnologia à mão, o acesso a uma infinidade de conhecimentos e informações tornou-se algo mais próximo dessa coletividade. O acesso às informações de maneira mais “próxima” e mais rápida possibilita um novo tipo de interação com essas informações e com o mundo fora de seu contexto social. O fato de estarem sempre conectados ao mundo da internet através de sites de relacionamento, aplicativos de mensagem instantânea e sites noticiosos, por exemplo, contribui para que essa coletividade tenha “interesse por uma variedade de assuntos, levando-os a ser, de uma maneira geral, mais bem informados.” (MATTOS, 2013, p. 134).

“A parte boa é que a gente pode se atualizar das coisas que estão acontecendo no mundo.” (D. S. da C. 20 anos).

“É sim porque é um mundo através do celular, se expandir.” (J. C. da C.24 anos).

“É um tudo, velho!” (J. S de J. J. 18 anos)

“É ficar por dentro das informações.” (L. A. S. R. J. 18 anos).

“Hoje a internet tem tudo, né, gente? Qualquer coisa, qualquer dúvida tá lá, qualquer resposta a gente pode procurar.” (L. S. dos S. 20 anos).

“Pra você ficar conectado com o mundo, você saber as coisas.” (T. S. dos S. 22 anos).

O acesso contínuo a informações fora de seu contexto histórico-social possibilita um

contato maior com novas culturas e contextos sociais distintos por parte dos jovens quilombolas, dando uma visão mais ampliada de sua relação com a comunidade onde vivem e com a sociedade de modo geral. Nesse sentido, essa nova tecnologia se configura como uma ferramenta com um grande potencial de formação de sujeitos mais críticos e reflexivos quanto a sua realidade.

5.4. Novas formas de interação e novas redes de relacionamento

A infinidade de informações e a facilidade de acesso a elas, através de um contato mais direto proporcionado pela internet, promovem uma atuação mais ativa por parte desses jovens enquanto receptores da informação. Em outras palavras, devido às características de interatividade dessa nova tecnologia – a qual se difere radicalmente dos media tradicionais – esses jovens não mais aparecem como apenas “receptores passivos” da informação, ou seja, “processam essas mensagens nos seus próprios termos.” (CASTELLS; CARDOSO, 2005, p. 24). Nesse sentido, John B. Thompson (1998) afirma que

a recepção dos produtos da mídia é um processo mais ativo e criativo do que o mito do assistente passivo sugere. (...) o sentido que os indivíduos dão aos produtos da mídia varia de acordo com a formação e as condições sociais de cada um, de tal maneira que a mesma mensagem pode ser entendida de várias maneiras em diferentes contextos. (p. 42).

Dito de outra forma, ao pressupor uma maior interatividade por parte do receptor, esse modelo de comunicação da internet suscita uma maior atividade por parte deste, no sentido de que ele pode selecionar a abrangência e a extensão das informações, além do que “os indivíduos usam as formas simbólicas para suas próprias finalidades, em maneiras extremamente variadas e relativamente ocultadas, uma vez que essas práticas não estão circunscritas a lugares particulares.” (THOMPSON, 1998, p. 42). Atualmente vivenciamos um período histórico no qual as novas ferramentas tecnológicas possibilitam novas formas de comunicação e interação entre os indivíduos. Para Castells e Cardoso (2005)

Vivemos num período histórico caracterizado como a «era da informação», onde nos deparamos com a possibilidade de interação com novos aparatos tecnológicos, que estabelecem novas formas de comunicação entre as pessoas e das pessoas com coisas. Estamos vivenciando uma revolução, que

tem como elemento central a tecnologia da informação e da comunicação. (p. 227).

Com relação a essas novas formas de comunicação e interação entre as pessoas, podemos observar como isso acontece entre os jovens aqui mencionados. A comunicação via aplicativos de mensagens instantâneas pela internet possui um lugar de destaque entre os usuários de internet na comunidade, sendo o Whatsapp o aplicativo mais utilizado. Segundo Thompson (1998, p. 13), ao usar os meios de comunicação esses indivíduos “entram em formas de interação que diferem dos tipos de interação face a face que caracterizam a maioria dos nossos encontros quotidianos”, tornando-se assim, “capazes de agir em favor de outros fisicamente ausentes, ou responder a outros situados em locais distantes.” A interação face a face passa a dividir espaço com esse outro tipo de comunicação à distância. Isso se torna visível ao observarmos as falas de alguns dos entrevistados:

“Conversar pessoalmente é melhor que conversar no Whatssap. Mas do jeito que tá, tá bom. Você tem as duas opções. Conversar pelo Whatssap facilita pra quem tá longe.” (I. P. dos S. 16 anos).

“Ah, eu mando uma mensagem. Às vezes eu vou na casa da pessoa e às vezes eu mando uma mensagem. Porque tem um meio de comunicação pra se comunicar. (...) Hoje não precisa ir muito porque tem facebook e Whatsapp. (...) É um modo de conviver com as pessoas, com os amigos, de fora e daqui. (N. C. do C. P. 17 anos).

“Hoje conversa ele na casa dele e eu na minha..” (T. S. dos S. 22 anos).

“Oh, Leo, mas hoje os meninos estão sentados um do lado do outro, um em cima do outro, tudo calado. Conversando pelo Whatsapp. Não rola mais a química de conversar cara a cara não. (risos). Quando ela [sua filha] quer me fazer uma pergunta, faz pelo Whatsapp.” (Mãe de V. C. da C. S.). É mais prático! (risos). (V. C. da C. S. 15 anos).

“As pessoas não têm mais aquele costume de sentar, conversar, porque sabe que pelo whatsapp conversa sem precisar ir ao encontro da pessoa.” (D. S. da C. 20 anos).

“Manda mensagem! Eu acho que a relação era melhor antes porque pelo menos conversava olhando no olho, né? E muitas das vezes uma conversa olhando no olho é melhor que no whatsapp, é melhor que no facebook, na internet, muito melhor.” (J. C. S. da C. 42 anos).

Essas novas ferramentas de informação e comunicação na sociedade atual nos coloca diante de uma nova revolução na forma de como nos comunicamos. É nesse novo espaço que “surge a possibilidade de comunicação do tipo muitos-a-muitos.” (CASTELLS; CARDOSO,

2005, p. 228). Para esses autores,

O enorme impacto da Internet na expressão e percepção das identidades sociais é relativamente clara: expande as esferas culturais e as fronteiras geográficas e permite a comunicação de «muitos para muitos». A verdadeira diferença entre a Internet e as formas precedentes de mídia, é o papel que confere às pessoas: milhões de pessoas conectadas representam muitos relacionamentos e interações. (CASTELLS. CARDOSO, p. 281).

Contudo, essa nova revolução na maneira de se comunicar, trazida pelos processos de globalização, é bastante recente no contexto social em que a coletividade aqui mencionada está inserida, se comparada aos grandes centros urbanos. Percebe-se então uma nova forma de perceber o tempo e o espaço, aos quais essa coletividade estava acostumada. “Acrescente-se a isso o fato de que usando o celular, o usuário pode assumir o papel de receptor, transmissor e fonte de informações, rompendo assim alguns paradigmas da comunicação.” (MATTOS, 2013, p. 130).

“Com a internet facilitou. Pra dar um recado a gente tinha que ir lá ou mandar uma mensagem, alguma coisa, a gente tinha que escrever e esperar tempo pra chegar, e hoje em dia é tudo mais prático, você envia qualquer coisa pra outra pessoa.” (M. B. da C. 35 anos).

“A forma de se comunicar é mais rápida.” (D. S. M. 21 anos).

“Mais próxima. Mais próxima porque uma pessoa de lá de... que eu não conheço, aí com o whatsapp mesmo eu passo a conversar, então estabeleço uma relação melhor de amizade. Aí ficando mais próxima.” (V. C. da C. S. 17 anos).

Para Santos (2008, p. 25), essas novas técnicas e ferramentas de informação e comunicação possuem “um papel determinante sobre o uso do tempo, permitindo, em todos os lugares, a convergência dos momentos, assegurando a simultaneidade das ações e, por conseguinte, acelerando o processo histórico.” Ao modificar a percepção de tempo, essas novas técnicas do mundo globalizado acabam encurtando certas distâncias antes existentes. Para Zygmunt Bauman (2004, p. 08), “estar em movimento, antes um privilégio e uma conquista, torna-se uma necessidade.” De acordo com Santos (2008, p. 79), “no mundo da globalização, o espaço geográfico ganha novos contornos, novas características, novas definições.”

Nessa perspectiva atentamos para o fato de que o uso dos meios técnicos de comunicação tem a capacidade de alterar as dimensões espaço-temporal da vida social. Nesse

sentido, Thompson (1998) explana que

Capacitando os indivíduos a se comunicarem através de espaço e de tempo sempre mais dilatados, o uso dos meios técnicos os torna capazes de transcender os limites característicos de uma interação face a face. Ao mesmo tempo, os leva a reordenar as questões de espaço e de tempo dentro da organização social, e a usar esta reorganização como meio para atingir seus objetivos. (p. 36).

No contexto dos jovens quilombolas de São Francisco do Paraguaçu isso se torna mais aparente a partir da chegada dessas novas ferramentas tecnológicas como a internet, por exemplo. Nesse sentido, como podemos ver nas falas desses sujeitos, o contato com pessoas de lugares mais distantes tornou-se algo mais frequente e mais rápido para essa coletividade:

“Porque a gente tem comunicação com várias pessoas de tal lugar e países longe. Hoje com whatsapp, facebook é mais rápido.” (N. S. da C. 18 anos).

“É bom por um lado, como eu já falei que as pessoas conversam com os parentes mais distantes.” (I. P. dos S. 16 anos).

“(...) então se não tivesse [internet] ia ficar tudo restrito com relação a estudo, a namoro, tudo, porque tem isso, o pessoal o máximo de pessoas que vinha pra se relacionar com as outras de namoro e casamento era o quê? Santiago, Saubara que ficava ali, gostava e marcava de novo pra se encontrar, trocava o telefone, orelhão na época, essas coisas todas.” (J. C. da C. 24 anos).

As possibilidades de utilização das novas tecnologias da informação e comunicação são ilimitadas. Essa pluralidade de informações e múltiplas formas de comunicação contribuem para o aparecimento de outras formas de interação social entre os indivíduos, criando, ao longo do caminho, novas formas de aproximação e/ou distanciamento entre indivíduos e grupos. Para Thompson (1998, p. 14), “o uso dos meios de comunicação transforma a organização espacial e temporal da vida social, criando novas formas de ação e interação, e novas formas de exercer o poder, que não está mais ligado ao compartilhamento local comum.”

O contato mais intenso com os novos tipos de tecnologia do mundo globalizado na comunidade acarretou mudanças na forma de interação entre a população local, principalmente entre os mais jovens, os quais possuem um acesso maior a essa nova

tecnologia. Após a chegada dessa nova tecnologia, a exemplo de computadores, celulares e em especial da internet, novas redes de relacionamento foram tornando-se cada vez mais frequentes e intensas.

A interação face a face – ou como os jovens da comunidade costumam dizer, “cara a cara ou olho no olho” – passa a dividir espaço com outras formas de ação mútua. As chamadas redes sociais, a exemplo do Instagram e do Facebook – rede social mais usada entre os jovens da comunidade – possibilitam outras formas de interação entre esses sujeitos. “*O Facebook é mais importante. Você entra. Sabe da vida dos outros.*” (E. P. dos S. 18 anos). A interação agora também passa a ser mediada por esse tipo de tecnologia, ou seja, não é mais preciso estar presente fisicamente para interagir com o outro.

“Uma coisa muito estranha foi a galera me desejando feliz aniversário no Facebook e pessoalmente não, Denilson, Lucas, os meninos, passou bem longe de mim assim, foi muito estanho pra mim assim, a pessoa chega lá, meio mundo de gente estranha no facebook ‘fulana, não sei o quê, felicidades, não sei o quê’, e pessoalmente te vê e passar por você assim abatido.” (I. S. da C. 24 anos).

Todavia, é preciso ter cautela ao tratar desse assunto, visto que, apesar do aparecimento de outros tipos de interação, a interação face a face não desaparece. O que podemos notar é uma transformação na sociabilidade. De acordo com Castells e Cardoso (2005, p. 23), “as pessoas integraram as tecnologias nas suas vidas, ligando a realidade virtual com a virtualidade real, vivendo em várias formas tecnológicas de comunicação, articulando-as conforme as suas necessidades. A comunicação acontece agora, também, de forma virtual, não física, mais acelerada e mediada pelas novas tecnologias.

Essa relação mais próxima e física sempre esteve em evidência entre as gerações anteriores na comunidade. Entretanto, atualmente evidencia-se que, a partir dessas novas formas de relacionamento, outras formas de interação entre os indivíduos vão aparecendo. Um fato que merece destaque é a maciça participação dos jovens da comunidade nas redes sociais, em especial no Facebook, com a formação de grupos de relacionamento nesse ambiente virtual.

O grupo na rede social Facebook, intitulado *Galera de SFP* – a sigla *SFP* significa São Francisco do Paraguaçu – é bastante representativo. Com 1.140 membros, quase todos jovens, o grupo secreto *Galera de SFP* é composto em sua grande maioria por moradores da comunidade e, outra parte por pessoas que moram em outras cidades mas que possuem uma

ligação muito forte e direta com a localidade, pois apesar de estudarem ou trabalharem fora, seu núcleo familiar permanece no local, e sempre que podem retornam à comunidade.

Destarte, as redes sociais surgem como um meio de encurtar as distâncias. O contato com parentes, amigos e conhecidos que estão longe se torna mais fácil. Conversar com alguém que está longe agora se tornou algo mais simples, se comparado ao período em que não possuíam essa relação com esse tipo de tecnologia.

“É bom por um lado, como eu já falei que as pessoas conversam com os parentes mais distantes.” (I. P. dos S. 16 anos).

“A gente pode fazer trabalho, pode se comunicar com a pessoa que esteja longe.” (D. S. da C. 20 anos).

Através do grupo *Galera de SFP* os membros que estão fora da comunidade por algum motivo podem ter acesso mais rápido e direto ao que está acontecendo em São Francisco do Paraguaçu, seja através de fotos, vídeos, postagens ou discussões sobre a localidade. A internet se coloca então como um meio que permite a interação mais fácil e direta entre os que moram na comunidade e os que estão fora. *“Porque mesmo a gente saindo daqui pra fora pra trabalhar tem como falar com eles.” (T. S. dos S. 22 anos).*

A partir do convívio com a internet esses jovens passam a compor novas “redes” de relacionamento, ou seja, participam de novos espaços de interação com outras pessoas, culturas e estilos de vida. E as redes sociais têm papel de destaque nisso. Entre os jovens da pesquisa podemos perceber a importância dada ao fato de conhecer pessoas novas e interagir com elas nas redes sociais. Para eles um dos principais objetivos da internet é se comunicar e interagir com os outros e, conseqüentemente formar novas redes de relacionamento.

“Com a internet agora ficou melhor porque a gente conheceu pessoas novas, tem mais amigos.” (T. S. dos S. 22 anos).

“O que mais a gente conhece são pessoas novas. Você não conhece e as pessoas mandam convite, falam com você.” (E. P. dos S. 18 anos).

“É um modo de conviver com as pessoas, com os amigos, de fora e daqui.” (N. C. do C. P. 17 anos).

“Antes eu não falava com ninguém de longe.” (N. S. da C. 18 anos).

Apesar desse papel de aproximação que as redes sociais possui entre os jovens, elas também podem trazer efeitos contrários, ou seja, podem servir como um meio de afastar e

distanciar as pessoas do mesmo contexto. Atividades que eram realizadas em grupo hoje perderam um pouco de vitalidade, a exemplo das reuniões entre as pessoas que aconteciam na praça local para conversar e entreter-se durante a noite.

É evidente que essas reuniões, ou *resenhas*, como são chamadas entre os jovens, não acabaram, contudo, podemos notar uma certa diminuição na frequência com que aconteciam. Muito disso se deve também a outras alternativas de entretenimento, a exemplo da internet, visto que muitos jovens preferem ficar em casa *resenhando* com os amigos, porém não mais presencialmente, mas através das redes sociais. A partir de uma observação sistemática, de minha experiência enquanto morador da comunidade e dos relatos de jovens e de pessoas mais velhas do local é possível perceber um certo *distanciamento físico* entre as pessoas na comunidade.

“A relação com as pessoas daqui ficou mais distante, muito distante. Porque antes uma época dessa agora, hoje tenha certeza eu ia tomar banho me arrumar, não agora a gente ia pra o Catu, mas mais tarde todo mundo ia pra praça, uma galera, mesmo que você não tivesse, e ficava resenhando, uma folia, aquela agonia de conversa, hoje não tem, eu não vou nem na praça. Fala assim, 'ah, não tem nada na praça!', sabe porque não tem nada na praça? Porque eu vou ficar no meu celular, você vai ficar no seu celular, ele vai ficar no celular dele, ninguém vai descer, mas se antes não tivesse [internet] todo mundo ia pra praça.” (J. C. da C. 24 anos).

“Mais longe! Porque a maioria dos meus amigos é tudo de lá de cima. Tem uma cara que eu não vou lá. A internet junta e separa pessoas.” (L. S. B. 15 anos).

“Sei lá, acho que eles usam a internet como um meio de se afastar das pessoas, porque tem a internet aí pode conversar não precisa mais ir na casa da pessoa.” (D. S. da C. 20 anos).

“Aí você via, a gente descia pra praça, a gente já descia conversando e todo mundo dando ouvido realmente ao que se estava conversando, às vezes você chegava no banco daquela praça via o banco cheio de gente, mas você via quando alguém falava qualquer coisa que achava que era interessante você via todo mundo, oh, baixar a cabeça pra poder ouvir com mais detalhes aquilo que a outra pessoa estava falando, você via aquela... Hoje dia você tá conversando o cara tá de cá aqui oh, no celular” (J. S. da C. 35 anos).

“Às vezes você tá conversando, você sai com um cara na rua, você sai com uma pessoa na rua, ele não ficou em casa, mas às vezes você está conversando com ele, e ele está distante, você apenas tá vendo ele ali, você tá só vendo a presença do físico dele, mas ele em si, ele não está.” (J. S. da C. 35 anos).

Um fato interessante diz respeito a determinadas mudanças nos hábitos dos jovens da comunidade. Observa-se uma diminuição gradativa das brincadeiras ditas tradicionais. Era comum ver jovens e crianças reunidas nas ruas da comunidade brincando em grupo. Eram brincadeiras que necessitavam da presença física por parte dessa coletividade, nesse sentido, esse tipo de atividade fomentava muito mais uma interação face a face e um sentimento de coletivismo entre os jovens. Assim como afirma Mattos (2013):

Mesmo correndo os riscos da generalização, pode-se afirmar que qualquer um pode constatar que, nas últimas três décadas, os meios de comunicação e as novas tecnologias contribuíram para modificar radicalmente os hábitos e costumes da juventude e de todos os cidadãos. (133).

Atualmente o que se vê na comunidade é uma diminuição significativa de brincadeiras como *pular corda*, *chicotinho queimado*, *cavalo de pau*, *sete pedrinhas*, entre várias outras que estimulavam a interação face a face e o coletivismo. O hábito de usar a internet de maneira bastante corriqueira se apresenta como um dos fatores principais para essa diminuição, visto que, como já mencionado anteriormente, atualmente é muito mais comum ver os jovens da comunidade usando seus smartphones para acessar a internet como meio de entretenimento, seja acessando sites de vídeo, música, jogos online ou redes sociais, do que realizando as brincadeiras que eram praticadas pela geração anterior. Nesse sentido, alguns relatos de jovens são ilustrativos com relação a essa mudança:

“Tá mudando porque os pais de hoje, antigamente pra dar um negócio pra gente era prometido de um primeiro do ano pra o final do ano se passasse de ano. Hoje em dia não, 'eu quero um celular', 'tome!'. Mudou até o contato e o relacionamento da criança. Porque antigamente a gente brincava de quê? Ono um. Então ono um tinha que ser pelo menos três pessoas, né? Uma lá, outra cá, eu no meio brincando. Hoje em dia não, cada um com seu celular, o outro que não tiver fica olhando junto, olhando doido pra mexer, vai em casa pede a mãe. Mas é bem individual, não é mais aquela brincadeira coletiva. Você não vê as crianças brincar de pique-esconde, gente. Eu brinquei muito. Lembra da brita? Aquela da brita, a gente já gostava. Como era o nome? O nosso brinquedo era inventado. A gente inventava.” (I. S. da C. 24 anos).

“Pra pior porque não tem esse contato todo.” (J. C. da C. 24 anos).

“Era mais um sentimento coletivo, não tem mais coletividade.” (I. S. da C. 24 anos).

“Antigamente a gente brincava de Baleô, de sete pedrinhas, hoje ninguém mais quer isso, quer jogar online.” (D. S. da C. 20 anos).

“Eu acho que sim porque a internet hoje em dia fica ocupando mais a mente dos jovens em outras coisas, em vez de deixar eles ter uma vida mais com brincadeiras com relação aos amigos.” (J. S. da C. 17 anos).

“Ia ser a mesma coisa de antes que a gente ia esperar escurecer pra brincar, ia brincar de sete pedrinhas, hoje quando chega sete horas os meninos tudo tá na porta de alguém que tem wifi, aí não tem mais como brincar como antigamente a gente brincava.” (D. S. da C. 20 anos).

“Ah, velho, poxa, no meu tempo era percula, começava lá na torre que tem ali embaixo e acabava cá em cima, velho. Disgrama, era menino!” (G. P. S. 17 anos).

“Mas os meninos de hoje em dia já cresce com o celular. Os meninos já crescem influenciados.” (L. S. B. 15 anos).

Entretanto, é importante salientar que esse tipo de interação trazido pelas novas tecnologias da informação e comunicação, como a internet, não acabaram com a interação face a face nem com o sentimento de coletividade entre esses sujeitos. Seguindo essa linha de raciocínio, Thompson (1998, p. 172) aponta para o fato de que “os meios de comunicação podem ser usados não somente para desafiar e enfraquecer os valores e crenças tradicionais, mas também para expandir e consolidar tradições.” Por diversas vezes esse novo tipo de interação possibilita a promoção e fortalecimento de um sentimento de coletivismo entre a população. Para Thompson (1998)

A tradição oral e a interação face a face continuam a exercer um papel importante na elaboração de nossa compreensão do passado, mas elas operam cada vez em conjunto com um processo de compreensão que se serve cada vez mais do conteúdo simbólico presente nos produtos das indústrias da mídia. (p. 38).

Exemplo disso é o grupo *Galera de SFP*. A partir da observação das postagens e das interações que acontecem nesse grupo, do qual também sou membro desde seu início, é possível notar uma certa organização e articulação no intuito de discutir assuntos que buscam a melhoria no modo de vida dos moradores da comunidade, fomentando assim, um sentimento de coletivismo, de pertencimento, de fazer parte de uma determinada coletividade. Desse modo, a comunicação é um importante fator para o desenvolvimento da identidade coletiva. Castells e Cardoso (2005) nos mostram que:

Se entendermos o conceito de identidade não como uma dada realidade mas

como um processo em progressão, conseguiremos apreciar o importante papel da comunicação no cimentar daquele processo. Há dois tipos de construções da identidade que são aqui relevantes: a identidade individual entendida no sentido de si próprio enquanto indivíduo, dotado de certas características e potencialidades, e a identidade colectiva, entendida como o sentido de si próprio enquanto membro de um grupo social. Trata-se do sentido de pertença, da noção de fazer parte de uma colectividade. (p. 281).

Tanto a identidade individual quanto a identidade coletiva, ou seja, esse sentido de pertença a um determinado grupo, “são moldados pelos valores, crenças e padrões de comportamento tradicionalmente transmitidos, mas são também fortemente influenciados pelos materiais simbólicos transmitidos pelos media.” (CASTELLS; CARDOSO, 2005, p. 281). Vemos então a importância da internet como um meio de fortalecimento da identidade dessa coletividade.

Como já mencionado acima, o grupo *Galera de SFP* tem papel importante no fortalecimento de um sentimento de coletivismo entre os membros do grupo com relação à comunidade onde vivem, ou a qual têm laços fortes de ligação. Discutindo assuntos de interesse de toda a população local, os participantes criam redes virtuais de interação que acabam por influenciar determinadas atividades do cotidiano local, a exemplo da organização de festas tradicionais da comunidade como o Natal e o Carnaval.

A interação face a face divide espaço com uma interação mediada pelas redes sociais digitais, porém, nota-se que as redes sociais são capazes de produzir um espaço de organização, no sentido de alcançar os interesses coletivos da população. Um exemplo concreto disso foi a realização de enquetes no grupo *Galera de SFP* para decidir, em conjunto, quais seriam as atrações musicais preferidas da população durante a tradicional Festa de Natal da comunidade. Outro exemplo relevante foi a campanha realizada entre os membros do grupo reivindicando a realização dessa festa tradicional, tradicionalmente financiada pelo poder executivo municipal. Intitulada #todospelonatal a campanha tinha o objetivo de organizar a população visando pressionar o poder público, no sentido cumprir o seu papel de promover financeiramente a festa que sempre ocorreu na comunidade.

Logo abaixo podemos observar em algumas postagens retiradas do grupo *Galera de SFP* como esses jovens se apropriam da internet para se articular e reivindicar seus interesses e da população de modo geral. Por se tratar de um grupo secreto a identidade dos autores das postagens foram preservadas.

“Gente vamos nos organizar, fazê um baxassinado pra ter a festa de Natal, pois nunca ficamos sem nossa festa! O povo tem que se organizar fazê alguma coisa, porque a festa Natalina é tradição, temos que ter a festa, vamos passar 2016 sem festa!?! Uma pessoa só não tem como correr atrás não, mais se todos se unir aí sim vamos conseguir o que queremos!!”

“Peço que nos próximos anos melhoremossas articulações políticas, no sentido de garantir uma organização comunitária independente para a realização da festa, isso significa um planejamento específico para durante todo o ano de 2017 angariar fundos para cumprir com a tradição/cultura que é a festa natalina de SFP. E quem sabe melhor do que as da prefeitura, visto ser organizada segundo o gosto é cultura da comunidade.”

“Em relação a festa do Natal vamos para uma votação quem tiver mais comentários a favor da sua banda esse que ganha. Só vale comentar uma vez cada pessoa. Vamos lá?”

“Doi no coração se deparar com uma imagem dessa. Nosso Porto se encontra abandonado! Gente, compartilhem essa imagem. #queremosmelhorasnoporto. #esseé nossolazer.”

“Podemos organizar um luau na véspera do Feriado! E aí?”

“Gente! Boa tarde. Para quem vai fazer o ENEM, QUEM FOR DO IGUAPE me manda o nome completo e o local de prova HOJE AINDA, há uma necessidade de mandar o ofício para conseguirmos o carro/ônibus. O pessoal do Iguape, Opalma, Caonge, Dendê, Campinas, Caimbongo, & região eu me responsabilizo de repassar os nomes & locais de prova (APENAS DE QUEM MANDAR HOJE). O pessoal de São Francisco deixem o nome com DARINE.”

“Processo seletivo para índios aldeados ou moradores das comunidades remanescentes dos quilombos. Inscrições de 05 a 08 de julho (corrigindo). Marquem e avisem no boca a boca msm, os colegas que fizeram o enem do ano passado. Inscrevam-se logo! Vamos tomar e encher as universidades de indígenas e quilombolas.”

“O tradicional ‘samba do Beiju com Mel’ acontece todos os anos na comunidade quilombola de São Francisco do Paraguaçu – Boqueirão.”

“Qual foi dessa água da embasa aqui em SFP? Vou beber cloro é?”

“PROJETO QUERO MINHA RÁDIO DE VOLTA. O Projeto quero minha Rádio de volta, tem o interesse de Resgatar a Tradicional Rádio São Francisco. A Rádio fica localizada na Praça São José na Comunidade de São Francisco do Paraguaçu - Cachoeira Bahia. A Rádio Comunitária que Existia a mais de 30 anos foi deixada ao desprezo por falta de Recursos para mantê-la ativa. A Rádio tem aproximadamente 10 anos sem funcionar, o Objetivo de ta resgatando essa Rádio é ta trazendo alegria, informações, notícias, músicas, trabalho e esporte.”

Dessa maneira, podemos observar na prática o surgimento de uma rede de relações entre sujeitos similares, em busca de seus interesses individuais, mas também, e sobretudo, interesses coletivos. O grupo *Galera de SFP* não é apenas um meio de diversão e entretenimento para seus membros, mas também estrutura-se como uma forma de (re)organização da própria comunidade, visto que assuntos de interesse coletivo como política, saúde, lazer e segurança são constantemente discutidos entre seus componentes.

A Internet, em conjugação com os mass media, ao fornecer os meios tecnológicos para a socialização do projecto de cada um numa rede de sujeitos similares, torna-se uma poderosa ferramenta de reconstrução social e não um pretexto para a desintegração. Mas essa (re)construção social não terá de seguir a mesma lógica dos valores da sociedade industrial tardia, de onde emerge a nova estrutura. No entanto, sendo a Internet uma tecnologia, a sua apropriação e domesticação (Silverstone, 1994) pode também ocorrer de forma conservadora e assim actuar apenas enquanto propiciadora da continuidade da vida social tal como ela se encontrava pré-constituída. (CASTELLS; CARDOSO, p. 31).

Além do Facebook, o Whatsapp também é muito usado como forma de organização dos moradores locais. Grupos no Whatsapp como o *Esperando o carnaval* são bastante importantes para a organização dessa festa tradicional na comunidade. O carnaval da comunidade é uma festa que necessita da participação coletiva de seus moradores, nesse sentido o grupo no Whatsapp se apresenta como mais uma ferramenta que visa formar uma rede de indivíduos semelhantes em prol de interesses em comum, e conseqüentemente facilitar a organização dos festejos carnavalescos locais.

Um fator importante são os *grupos de família* no Whatsapp. Tratam-se de grupos formados somente por pessoas da mesma família com o intuito, também, de estreitar laços afetivos entre seus membros. Esses grupos são compostos por pessoas da mesma família que moram na comunidade e por outros que não convivem no local. Através desses *grupos de família* a comunicação com os parentes mais distantes tornou-se mais rápida e fácil.

Dessa forma, evidencia-se que esses grupos apresentam-se como um meio de integração entre as famílias da comunidade, visto que antes da chegada à localidade das novas tecnologias como telefone celular, internet, etc., comunicar-se com alguém da família que estivesse distante era algo bastante complicado, pois existia apenas um posto telefônico onde as pessoas pagavam uma taxa para utilizar o equipamento quase sem nenhuma privacidade. “Muitos idosos hoje em dia querem também se comunicar com os parentes de fora, né?” (I. P.

dos S. 16 anos).

E é a partir desse sistema de relações sociais que requerem um reconhecimento recíproco que as identidades se constituem, e a Internet, através dessa forma de comunicação interativa em rede, surge como mais um facilitador nesse processo de formação de uma identidade coletiva, dessa forma “podemos dizer que a Internet facilita o reconhecimento porque facilita a comunicação bidireccional.” (CASTELLS; CARDOSO, 2005, p. 287).

Apesar desse caráter agregador, a internet também traz consigo aspectos que direcionam a um processo de exclusão. Dito de maneira mais simples, ao unir sujeitos similares, a internet – através das redes sociais – acaba por excluir dessas novas “redes” de interação aqueles que não possuem um contato com esse novo tipo de tecnologia. De acordo com Thompson (1998, p. 143), “a globalização da comunicação tem sido também um processo estruturado e desigual que beneficiou mais a uns do que a outros, e que incluiu mais rapidamente algumas partes do mundo nas redes de comunicação global do que outras.”

Nem todos os moradores da comunidade possuem acesso à internet, nesse sentido esses não participam de maneira mais ativa desse processo de formação de uma identidade coletiva entre aqueles que formam as “redes” e acabam sendo excluídos dessa nova dinâmica que se apresenta a essa população. Sendo assim, Bauman (1999, p. 07) afirma que “a globalização tanto divide como une; divide enquanto une — e as causas da divisão são idênticas às que promovem a uniformidade do globo.”

De acordo com Bauman (1999, p. 54), “ao contrário do que costumam acreditar os acadêmicos, eles próprios integrantes da nova elite global, a Internet e a Web não são para qualquer um, e é improvável que jamais venham a se abrir para o uso universal.” E mesmo aqueles que possuem esse acesso “são autorizados a fazer opções dentro do quadro estabelecido pelos provedores, que os convidam a ‘gastar tempo e dinheiro escolhendo entre os inúmeros pacotes que eles oferecem.’ (BAUMAN, 1999, p. 54-55).

5.5 Os jovens, a internet e a escola no quilombo

A relação entre a escola, os jovens e a internet na comunidade apresenta-se de maneira harmônica, porém, muitas vezes conflituosa. Múltiplas instituições culturais socializadoras com as quais os jovens convivem às vezes se apresentam em situações heterogêneas e

contraditórias. Enquanto que a escola se estabelece como um “espaço público de formação, de educação, social e profissional dos indivíduos” (SETTON, p. 346), direcionado para a ordem do sistema social, a internet, dotada de toda uma diversidade, edifica um ambiente propício à disseminação de padrões de conduta e de estilos de vida diversos e até mesmo heterogêneos.

Sem dúvida, com relação ao uso da internet, as redes sociais, em especial o Facebook, e o aplicativo de mensagens instantâneas pela internet Whatsapp estão em primeiro lugar entre as atividades preferidas dos jovens na comunidade. Entretanto, entre os jovens entrevistados que estudam, a internet se apresenta também como uma fonte a mais de pesquisa para atividades escolares, porém, de maneira mais superficial e menos intensa.

Em outras palavras, a internet aparece enquanto uma ferramenta capaz de reforçar o aprendizado escolar e acadêmico desses jovens. O acesso à infinidade de informações na internet dá a esses jovens a possibilidade de ter um auxílio em seus estudos, visto que essa a internet se apresenta para eles como uma fonte de pesquisa e realização de atividades escolares.

“Às vezes. (risos). Quando é preciso assim, tipo uma pesquisa que vai cair no assunto de uma prova. O que é, por exemplo, o que é tecnologia. Eu não sei, aí pronto, eu vou lá pesquiso e aí vou passar a saber o que significa. Uma coisa que eu não sei, eu faço a pesquisa. Passo a responder a atividade. (...) Tipo, porque ajuda em tudo, né? Fazer trabalho de escola, trabalho de colégio.” (V. C. da C. S. 17 anos).

“Já olhei no Youtube vídeos falando sobre o assunto da escola.” (N. C. do C. P. 17 anos).

“Aí embaixo mesmo quando a professora Rita botava aquelas perguntas enormes, do jeito que ela botava lá eu digitava na internet, ainda botava a interrogação (risos) pra ver se achava a resposta.” (L. A. S. R. J. 18 anos).

“Às vezes eu pesquiso por conta própria só pra ter uma maneira mais fácil de ter o conteúdo. Eu acho que é importante porque quando a pessoa fica com dificuldade de encontrar as coisas no livro assim a pessoa tem a internet mais próxima e mais rápido pra fazer a pesquisa.” (J. S. da C. 17 anos).

“De alguma foma ajudou. Tipo, um trabalho de escola que a gente tinha que ir em uma biblioteca pesquisar, com a internet a gente pesquisa em casa.” (D. S. da C. 20 anos).

“Eu vou no site científico, leio, mas só que aqueles diabo daqueles artigos, às vezes as linguagens são tão difíceis pra gente entender, aí eu vou pra o Wikipédia e fico comparando as informações. Aí eu

vejo que a linguagem do Wikipédia tá mais fácil de eu entender, eu estudo pelo Wikipédia, mas na hora de botar a referência eu boto do outro site científico.” (I. S. da C. 24 anos).

“Eu também faço isso o site que for melhor pra mim, pra eu entender, eu vou colhendo as informações e colocando. A gente só não pode copiar e colar, né?” (L. S. dos S. 20 anos).

Contudo, apesar de ser uma possibilidade de melhorar o desempenho escolar, muitas vezes a internet aparece também como algo prejudicial para a vida escolar desses jovens, ou seja, coloca-se como um meio de distração para eles. De acordo com os entrevistados, o Facebook, Whatsapp e Youtube, além dos jogos online, são aquilo que mais atrapalha na hora de fazer alguma tarefa escolar ou acadêmica. O ato de deixar de estudar para uma prova ou fazer uma atividade por causa da internet aparecem de maneira frequente na fala de alguns jovens entrevistados:

“A internet ajuda, mas também atrapalha. Tipo assim, você chega ‘poxa preciso pesquisar um gráfico’, aí você pega dá uma olhada lá, aí daqui a pouco o Whatsapp trinca, aí você dá uns dez minutos lá na sua pesquisa e passa uma hora lá no Whatsapp.” (G. P. S. 17 anos).

“Atrapalha mais do que ajuda. Tem que acordar mais cedo porque tem que ter o espaço pra o Royale, né? O espaço da internet. (...) Porque se fosse pra acordar só pra fazer o trabalho da escola acordava nove horas, acordava onze, mas agora pra fazer isso aí e jogar um pouquinho tem que ser sete horas (risos). E nem faz o trabalho! Tem que ser quente. A internet é muito top!” (L. S. B. 15 anos).

“Às vezes tem que estudar e o vício da internet não deixa.” (N. S. da C. 18 anos).

“Antes da internet eu tinha mais tempo de estudar, velho! Eu tinha mais concentração, eu me concentrava melhor em sala de aula e tudo, velho. Depois da internet, putz, velho! Sinceramente a coisa ficou feia.” (D. S. da C. 20 anos).

“É como se fosse um demônio que quer destruir com nossas vidas, a gente tem que saber lhe dar com aquilo ali, por que se não a pessoa se leva, a pessoa não pode deixar a maré te levar, você tem que remar.” (L. S. dos S. 20 anos).

“Se você usar só o celular, você vai ter que pegar o celular, desligar pra estudar, esconder o celular, mandar alguém esconder aquele celular pra você não ficar usando aquele celular. Toda hora vai chegar uma mensagem e você vai quer toda hora ver.” (L. A. S. R. J. 18 anos).

“É uma liberdade que é uma prisão ao mesmo tempo, sabe? Algo que vai te libertar de uma coisa que você não tinha, ‘pô! que liberdade que agora a gente tem de não sei o quê, de pesquisar várias coisas e ter contato com várias coisas, que massa!’, mas ao mesmo tempo é uma prisão que te prende,

quando você pensa que não, você perdeu seu tempo, você perdeu muito do seu tempo ali. Você tem que estudar pra uma prova que vai acontecer daqui a dois dias. (I. S. da C. 24anos).

Percebe-se que apesar do grande potencial dessa nova tecnologia da informação e comunicação, os jovens, principalmente os de menos idade, não aproveitam as possibilidades que esse meio lhes oferece, no sentido de conseguir incrementar seus estudos. Por ser um tipo de tecnologia ainda recente entre esses jovens, muitas vezes seu uso ainda é muito limitado e até superficial. Eles acabam se dividindo entre diversas atividades, as quais se destacam os jogos online e as redes sociais, transformando a internet muito mais em um meio de entretenimento e distração do que uma ferramenta que possa lhes ajudar em seus estudos.

A hipótese para a análise da evolução social e do papel da Internet nessa evolução é que a Internet é uma ferramenta para a construção de projectos, no entanto, se ela for apenas utilizada como mais um meio de fazer algo que já fazemos, então, o seu uso será limitado e não necessariamente diferenciador face a outros media existentes. (CASTELLS. CARDOSO, p. 32).

Um dos pontos de conflito nessa relação entre os jovens, a internet e a escola diz respeito a linguagem utilizada nos trabalhos escolares. Alguns hábitos de escrita acabam sendo transferidos da internet para a escola, ocasionando certos vícios de linguagem. Através do relato de uma professora que leciona há mais de 15 anos na Escola Estadual de 1º Grau São Francisco do Paraguaçu, a qual abriga estudantes do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, é possível ter uma noção mais clara sobre isso:

“A maneira como eles escrevem no Whatsapp, eles também colocam no papel, na folha, no trabalho de escola, na prova. Eu mesma, teve uma prova, logo eu professora de português, eu fiz uma prova que tinha 'pq', 'vc', tinha outra também, o texto todo assim! Eu disse a eles que eles precisam saber quando e onde podem usar isso aí. Não é a internet que é ruim, é a maneira que os jovens estão lidando com a internet. A preocupação da gente é que eles não fazem bom uso da internet. Eu tive que parar a aula toda pra poder mostrar pra eles que a gente não pode ficar preso aquilo ali porque vai virar um vício de linguagem. Você vai ficar habituado naquilo ali, você vai escrever errado.” (R. S. da C. 39 anos).

Dessa forma podemos inferir que o uso da internet entre os jovens estudantes da comunidade com relação a sua vida escolar pode ser percebido de maneiras bem diferentes. Enquanto que o uso dessa ferramenta pode trazer benefícios para a aprendizagem desses jovens, seja através da possibilidade de obter mais conhecimento, seja através do auxílio para

a realização de tarefas escolares, a utilização dessa nova tecnologia também pode, de certa maneira, ser responsável por prejudicar a vida escolar dos mesmos.

“A gente procura orientar na hora de eles fazerem uma pesquisa que a internet tem coisas boas, mas os livros também. Isso pra incentivar o hábito da leitura, porque depois da internet eles não querem mais saber de pegar um livro, um jornal, uma revista pra ler. Porque ela tá ali, com uma infinidade de coisas, depende de como você vai fazer uso dela. Vão fazer uma pesquisa, copiou e nem leu.” (R. S. da C. 39 anos).

5.6 O acesso ao ensino superior

A população da comunidade sempre conviveu com a precariedade do ensino escolar. Concluir o Ensino Médio nunca foi tarefa fácil para os moradores locais, muito devido a vida de trabalho intensa e a precariedade do ensino escolar na localidade. E o acesso ao Ensino Superior era mais difícil ainda, ou quase impossível para um jovem quilombola local. Para se ter uma ideia dessa dificuldade, somente no ano de 2009 os primeiros moradores da comunidade conseguiram entrar numa universidade pública federal.

O ensino deficitário, a falta de informação e de maiores perspectivas por parte daqueles que com muito esforço conseguiam concluir o Ensino Médio sempre foram os maiores empecilhos para a entrada de um jovem ou uma jovem quilombola de São Francisco do Paraguaçu no Ensino Superior. Para aqueles que conseguiam terminar o Ensino Médio entender os caminhos para uma possível entrada na universidade era uma tarefa muito complicada, devido à falta de conhecimento e de informação mais precisas a esse respeito.

A partir da chegada das novas tecnologias da informação e comunicação à comunidade, a celeridade e a gama de informações passou a fazer parte da rotina dessa população. Nesse sentido, a internet teve papel primordial na disseminação das informações que possibilitaram um conhecimento maior a respeito de como poder se organizar para tentar uma vaga no Ensino Superior, além de ser uma ferramenta a mais para a obtenção de mais conhecimento.

Atualmente a comunidade conta com 10 jovens cursando o Ensino Superior em universidades públicas federais e estaduais. Seis na UFRB, dois na UEFS, e outros dois na UFBA. Antes de ter acesso às informações, principalmente através da internet, sobre os cursos, as vagas, cotas e maneiras de ingresso em universidades, o acesso de um jovem quilombola da comunidade a uma universidade pública era praticamente impossível, pois

além da defasagem e precariedade do ensino escolar, a falta de conhecimento eram preponderantes para isso.

Dentre os 18 jovens entrevistados nesse trabalho, sete são estudantes universitários. Através deste estudo concluímos que a internet teve um papel bastante importante para a entrada desses jovens na universidade. O relato de duas das primeiras jovens desse grupo a conseguir acessar o Ensino Superior é esclarecedor sobre a importância da rede mundial de computadores para que esse acesso pudesse ser facilitado:

“Eu devo muito à internet porque eu acho que a minha formação não foi suficiente, não vou mentir. Eu estudei muita coisa para o Enem pela internet mesmo. E sobre a como se inscrever na faculdade mesmo, eu não vou mentir pra vocês não, eu não sabia que a UFRB tinha esse sistema de SISU aceito já não, vim saber depois de 2013 pra cá que eu soube. Eu terminei em 2010 o Ensino Médio, mas aí eu fui tentando outros vestibulares e a gente tentava mais a UEFS e não era a gente que inscrevia a gente, eram outras pessoas do Iguape, as meninas que já estavam lá. A gente ia pra o Iguape todo domingo fazer pré-vestibular, eu e Edna. A gente ia e ficava conversando e tudo mais. Aí quando eu fui trabalhar em Salvador, aí eu já tinha mais esse negócio de facebook, já tinha mais intimidade com facebook, aí iam mandando pelo facebook, elas criaram uma página Vestibulandos do Iguape, né? Nessas páginas que veio uns links, uns negócios. Conversei muito com Guilherme pelo Facebook, aí ele ia me mandando umas coisas, ele ia mandando e eu ia acessando aí eu comecei a acessar, aí passei, 'e aí agra o que é que eu faço?', aí ele ia me falando.” (I. S. da C. 24 anos).

“Eu mesma se tivesse tido mais acesso à internet logo quando eu me formei, hoje eu já teria me formado em várias... Já estava na pós-graduação. Eu formei em 2010, aí em 2014 que eu vim saber e tal, mais acesso à internet. Em 2009 que já tinha esse sistema de cotas. Em 2010 eu formei, se soubesse teria essa facilidade a mais. E a curiosidade também, né? Porque eu mesma coloco lá 'vagas quilombolas', aí vou indo até encontrar, aí boto só naquela universidade, 'Minas Gerais', aí vou procurando até achar, então a partir daí a curiosidade também foi aguçando e eu achando o que eu queria.” (J. C. da C. 24 anos).

Através da fala das jovens transcritas acima podemos observar como a internet teve papel decisivo para o acesso das mesmas ao curso superior, visto que essa tecnologia, além de um meio de informação ela também se configura como uma ferramenta a mais para o desenvolvimento dos estudos, possibilitando, conseqüentemente, melhores condições e maiores chances de entrar numa universidade pública.

“Esse ano eu olhei umas dicas pela internet de fazer redação e alguns sobre as matérias também.” (J. S. da C. 17 anos).

“Estudei muito pela internet! Videoaula. Até hoje eu estudo.” (J. C. da C. 24 anos).

“Mas sempre com site da videoaula aberto e mais quinze abas abertas com Facebook, site web, essas coisas.” (D. S. M. 21 anos).

“Tipo aquelas aulas no Youtube que ensina as matérias que a gente pode aprender no Youtube. Esse ano que eu entrei eu vi alguns temas de redação.” (D. S. da C. 20 anos).

Um dado importante diz respeito ao uso da internet como meio de articulação entre os jovens quilombolas que cursam o Ensino Superior. A internet é usada pelos jovens do grupo Quilombolas/UFRB/UFBA/UEFS no Whatsapp como um meio de articulação política e de disseminação de informações que visam tanto ao fortalecimento de seus membros enquanto grupo, como ao auxílio a outros jovens da comunidade que pretendem acessar o Ensino Superior, seja através da divulgação de novos editais, datas e prazos para efetuação de matrícula e entrega de documentos, de oportunidades de bolsas quilombolas, etc.

O grupo é também responsável pelo fortalecimento de um sentimento de união e de pertencimento a um grupo que luta por interesses semelhantes. Dessa forma, o grupo Quilombolas/ UFRB/UFBA/UEFS se configura enquanto uma ferramenta que possibilita não só o acesso a um curso superior, mas também a permanência desses jovens na universidade, visto que as experiências compartilhadas por seus membros em seus contextos acadêmicos diferentes possibilita uma formação política e de um sentimento de coletivismo, fundamental para a luta por espaços muitas vezes negados a eles.

5.7 Novas necessidades e saída da comunidade

Uma das hipóteses iniciais deste estudo era de que a partir do contato cada vez maior por parte dos jovens quilombolas rurais de São Francisco do Paraguaçu com a infinidade de possibilidades trazidas pelas novas tecnologias da informação e comunicação do mundo moderno e globalizado houvesse a criação de novas necessidades e, conseqüentemente, a criação de um desejo de consumo de produtos que não são condizentes com as possibilidades financeiras dessa coletividade. Produzindo assim um consumismo mais intenso e exagerado, resultando numa saída precoce desses jovens quilombolas da comunidade em busca de satisfação dessas novas necessidades geradas.

Entretanto, após a análise dos dados referentes a este estudo, conclui-se que

pouquíssimos fatores apontam para a confirmação de tal hipótese. Entre a coletividade aqui estudada foi possível observar que a internet, enquanto meio de acesso a uma diversidade de produtos e serviços de uma sociedade globalizada e capitalista, não se configura como uma ferramenta capaz de produzir, a partir da criação de novas necessidades, um desejo de consumo exacerbado e, conseqüentemente uma saída significativa desses jovens da comunidade. Portanto, não há indícios que comprovem de forma exata e convicta a influência da internet numa possível saída mais intensa dos jovens da comunidade.

“Quando eu não posso comprar algo que vejo na internet eu me acomodo, eu não esquento muito a cabeça quando eu não consigo comprar algo.” (J. S. da C. 17 anos).

A questão que chama mais atenção e se aproxima mais da hipótese acima mencionada está relacionada ao acesso ao Ensino Superior. Isso porque, como já analisado na seção anterior, o acesso ao Ensino Superior por parte desses jovens, facilitada em grande medida pelas novas tecnologias da sociedade contemporânea, em especial pela internet, faz com que os mesmos tenham que sair da comunidade onde vivem para cursar faculdade em outras cidades.

Porém, nota-se que existe um desejo recorrente por parte dessa coletividade em voltar ao seu lugar de origem, o lugar onde estão suas raízes e sua história. É possível observar um sentimento de pertencimento bastante intenso, uma identificação com a comunidade, e isso resulta no fato de que aqueles que desejam sair para estudar ou trabalhar fora queiram retornar à comunidade um dia. Podemos visualizar isso através de algumas falas retiradas das entrevistas realizadas com esses jovens:

“Eu gosto de morar aqui. Aqui é calmo, tem coisas que a gente pode fazer sem medo. Eu não penso em sair daqui não. Pode ser trabalhando fora e vim pra aqui, mas nunca deixar de morar aqui. (D. S. da C. 20 anos).

“Chutando à toa no mundo. Morando por outras bandas, mas voltar um dia pra morar aqui.” (J. S. da S. 24 anos).

“Essa pergunta é meio difícil porque eu gosto de viver aqui na minha localidade, mas nesses dias de hoje nos obriga a sair do local pra ter um trabalho. Mas eu gosto de morar aqui.” (J. S. da C. 17 anos).

“Trabalhando em uma firma. Onde eu não sei. Onde achar, né? Morar lá, mas um dia voltar pra cá.” (N. S. da C. 18 anos).

Para eles, apesar das poucas oportunidades de emprego e das poucas possibilidades de ascender financeiramente, a comunidade se configura ainda como um local tranquilo, em contraste com os grandes centros urbanos, apresentando-se como um bom lugar para se viver. Nesse sentido, uma das principais preocupações desses jovens diz respeito à violência e aos perigos que a chamada *cidade grande* pode lhes oferecer.

“Eu gosto daqui. Aqui é suave no mundo, tranquilo, calmo.” (J. S. da S. 24 anos).

“É um lazer, um local muito bom de se viver. Eu gosto daqui.” (N. S. da C. 18 anos).

“Aqui é um lugar tranquilo, não tem muitos índices de violência. De vez em quando que tem uma morte assim, como é que fala? Morte matada. A maioria é tudo morte natural mesmo.” V. C. da C. S. 17 anos).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho procurei compreender, à luz de teorias das Ciências Sociais e a partir de meu conhecimento empírico enquanto parte do contexto estudado, quais os efeitos causados pela internet, a qual se configura enquanto uma tecnologia trazida pelos processos de globalização da sociedade contemporânea, na realidade cotidiana de jovens de uma comunidade quilombola rural no Recôncavo da Bahia.

Através da análise qualitativa dos dados coletados, a partir do estudo de caso detalhado realizado com 18 jovens da comunidade quilombola de São Francisco do Paraguaçu – Boqueirão e da observação participante e sistemática do contexto sócio-histórico que envolve essa coletividade, foi possível perceber que essa nova tecnologia da informação e comunicação pode trazer impactos na vida de uma coletividade afastada fisicamente dos grandes centros urbanos e que há pouco tempo tem um contato mais direto com essa nova ferramenta.

No que diz respeito à questão da socialização desses jovens, identificou-se que a internet passa a se estabelecer enquanto mais uma instância socializadora na comunidade, dividindo espaço com outras instituições a exemplo da escola e do núcleo familiar. A partir desse contato com as novas tecnologias da informação e comunicação, em especial a internet, as crianças e os jovens passam a interiorizar os processos subjetivos do mundo onde vivem, e esse mundo passa a ser mediado também por esse novo tipo de tecnologia que traz consigo regras e valores distintos daqueles apreendidos pela geração anterior na comunidade. O acesso cada vez maior com referências sociais diversas acaba por tornar o processo de socialização dessa coletividade cada vez mais complexificado e diverso.

Entretanto, isso não quer dizer que tudo aquilo que o indivíduo tem acesso durante o processo de socialização é assimilado de maneira passiva, pois esse processo se estabelece enquanto um processo individual e seletivo, onde o indivíduo tem a possibilidade e capacidade de deliberar sobre o que assimilar. Nesse sentido, enquanto nova instância socializadora entre esses jovens a internet contribui para uma nova percepção que os indivíduos possuem sobre si mesmos e sobre o contexto ao seu redor, modificando, conseqüentemente, seu modo de refletir e interpretar a realidade, tornando-os sujeitos mais críticos e reflexivos.

No que se refere ao acesso à informação, a internet surge entre os jovens estudados como uma importante ferramenta. A televisão, fonte principal de acesso à informação na comunidade, passa a compartilhar essa responsabilidade também com a rede mundial de computadores, a qual começa a se configurar como um formador de opinião relevante entre os jovens da comunidade, visto que são eles os que têm mais proximidade com essa nova tecnologia. Dessa forma, a internet contribui para que haja um interesse por uma variedade maior de assuntos por parte dessa coletividade, fazendo com que tornem-se sujeitos mais bem informados.

A partir dos dados da pesquisa conclui-se que a internet suscita, entre os jovens quilombolas em questão, novas formas de interação, ou seja, a interação “face a face” passa a conviver com outro tipo de interação à distância, mediada pelas novas tecnologias da informação e comunicação a exemplo da internet. A comunicação entre esses jovens passa a se estabelecer de forma mais rápida e o acesso a outras redes de interação mais frequente, contribuindo para uma nova percepção de tempo e espaço e para a criação de novas formas de aproximação e distanciamento entre esses indivíduos e grupos.

Essa nova tecnologia, de certa forma ainda muito recente entre a coletividade estudada, possibilita a esses jovens a criação de novas redes de relacionamento através, em grande medida, das redes sociais virtuais. O Facebook e o Whatsapp são as redes sociais preferidas entre esses jovens, formando verdadeiras redes virtuais de relacionamento entre indivíduos que convivem no mesmo espaço físico e indivíduos que fazem parte de um contexto, seja ele físico ou social, totalmente diferente desses jovens quilombolas.

Um fator bastante importante diz respeito a mudanças nos hábitos desses jovens com relação à geração anterior na comunidade onde vivem. A partir da análise aqui realizada,

observou-se uma diminuição significativa de atividades lúdicas entre esses jovens, a exemplo das *resenhas* na praça local e as brincadeiras tradicionais que eram realizadas na comunidade. Concluiu-se, portanto que a internet se estabelece como um dos principais fatores para essas mudanças nos hábitos dessa coletividade.

Noutro sentido, a internet se apresenta como um espaço de articulação e organização entre membros da comunidade. Grupos em redes sociais na internet possibilitam essa articulação, fomentando também um sentimento de coletivismo, de identidade coletiva e de pertencimento a uma determinada coletividade que luta pelos mesmos direitos e interesses.

No âmbito da relação entre a internet, a escola e os jovens quilombolas da comunidade, percebe-se que a internet se manifesta como uma ferramenta potencialmente capaz de auxiliar a vida escolar e também acadêmica dos estudantes, servindo como fonte de pesquisa e de aprendizado, porém, ainda utilizada de maneira superficial. Entretanto, essa nova tecnologia também se mostra como algo potencialmente prejudicial, no sentido de que apresenta-se como mais uma fonte de distração entre os mais jovens, podendo, diversas vezes, atrapalhar nas tarefas escolares e também na concentração nos estudos, devido ao grande poder de entretenimento que a internet possui, através das redes sociais e dos jogos eletrônicos.

No contexto da comunidade, a internet configura-se como uma importante ferramenta na vida dos jovens quilombolas com relação ao acesso Ensino Superior. Com essa nova tecnologia o acesso ao Ensino Superior tornou-se algo mais real para essa coletividade, pois, enquanto uma poderosa ferramenta de informação e disseminação de conhecimento, a internet deu a esses jovens a oportunidade de ter um contato mais rápido e fácil às oportunidades de acesso ao Ensino Superior público.

Com relação a hipótese levantada inicialmente de que a partir do contato com as novas tecnologias como a internet haveria entre os jovens a criação de novas necessidades, as quais ocasionariam um desejo de consumo exagerado de produtos e serviços além das condições sociais e financeiras dessa coletividade, o que resultaria numa saída precoce e significativa desses jovens da comunidade, não foram encontrados fatores que confirmassem tal suposição.

A análise aqui apresentada buscou uma abordagem qualitativa dos efeitos da internet entre jovens de uma comunidade quilombola rural a partir de seu contexto social específico. Nesse sentido foram usados métodos que visaram a apreensão, compreensão e interpretação da realidade cotidiana dessa coletividade como a observação sistemática e participante,

entrevistas aprofundadas (etnográficas), pesquisa bibliográfica e análise de discurso.

Este trabalho não pretende ser conclusivo e nem exaurir o assunto por completo, de outro modo, pleiteia contribuir para os estudos referentes à temática dos processos de globalização em nossa sociedade contemporânea. Enquanto um estudo de caso de uma coletividade, a qual possui suas especificidades e particularidades sócio-históricas, esta pesquisa se coloca como mais uma fonte de discussão e reflexão a respeito dos efeitos dos processos de globalização entre grupos e indivíduos, cooperando assim para a produção de conhecimento no âmbito das Ciências Sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRANTES, Pedro. **Para uma teoria da socialização**. Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. XXI, 2011, pág. 121-139.

ALMEIDA, Alfredo Berno de. **Quilombos e novas etnias**. Manaus: UEA Edições, 2011.

ALVES-MAZOTTI, Alda Judith. **Usos e abusos dos estudos de caso**. Cadernos de Pesquisa. v. 36 n. 129 set./dez. 2006.

ARAÚJO, Marlon Aurélio Tapajós; BELO, Patrícia de Sales. **Grandes projetos minerários e comunidades tradicionais na Amazônia: impactos e perspectivas**. Rev. Política. Pública. São Luis, v. 13, n. 2, p. 265-277 jul./dez. 2009.

ARRUTI, José Maurício. **Quilombos**. In. **Raças: Perspectivas Antropológicas**. [org. Osmundo Pinho]. ABA / Ed. Unicamp / EDUFBA. 2008.

BAHIA, Secretaria de Desenvolvimento Rural. **Território de Identidade: Recôncavo - Perfil Sintético**. Governo do Estado da Bahia. 2015.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George (ED). **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 7. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

_____ **Globalização: As Consequências Humanas**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 1999.

BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. **Guia para a pesquisa de campo: Produzir e analisar dados etnográficos**. Petrópolis, RJ: Vozes, Tradução: Sérgio Joaquim de Almeida. 2007.

BOISSEVAN, Jeremy. Apresentando “amigos de amigos: redes sociais, manipuladores e coalizões”. In: FELDMAN-BIANCO, Bela. **Antropologia das Sociedades Contemporâneas: métodos**. São Paulo; Global. 1997.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **A profissão de sociólogo: Preliminares epistemológicas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

CARNEIRO, Maria José. **“Rural” como categoria de pensamento**. Revista Ruris. v. 2. nº1. Março de 2008.

CASTELLS, Manuel; CARDOSO, Gustavo. **A Sociedade em Rede Do Conhecimento à Ação Política** - Conferência promovida pelo Presidente da República. Centro Cultural de Belém. 4 e 5 de Março de 2005.

COLAÇO, T. L.; SPAREMBERGER, R. F. L. **Sociedade da Informação: comunidades tradicionais, identidade cultural e inclusão tecnológica**. Revista direito econômico e socioambiental, Curitiba, v. 1, n, 1, p, 207-230, jan./jun. 2010.

COSTA PINTO, Danilo Roberto Teodozio; OLIVEIRA, Adélia Augusta Souto de; TRANCOSO, Alcimar Enéas Rocha; LIMA, Camila Teixeira; CANUTO, Livia Teixeira; DUARTE, Niédja Silva; VIEIRA, Alisson Tiago Gonçalves. **Juventude, redes sociais e tecnologia: uma experiência de extensão universitária**. Acesso em 27 de novembro de 2015.

DAMATTA, Roberto. O ofício do etnólogo, ou como ter o “antropological blues”. In: NUNES, Edson de Oliveira. **A aventura sociológica: objetividade, paixão, imprevisto e método de pesquisa social**. Rio de Janeiro: Zahar. 1978.

DARYRELL, Juarez. **O jovem como sujeito social**. Revista Brasileira de Educação Set/Out /Nov/Dez. nº 24. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. 2003.

DUTERVIL, Camila. **Relatório Técnico de Identificação e Delimitação do Território de São Francisco do Paraguçu – Boqueirão (RTID)**. Salvador. INCRA, 2007.

FERNANDES, Rosali Braga; OLIVEIRA, Leila Cristina da Silva. **Evolução Econômica do**

Município de Cachoeira (BA): Do Século XVI ao Século XXI. Artigo. Acesso em 15 de Fevereiro de 2016.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa.** Porto Alegre: Bookman, 2004. 2ª ed.

FRAGOSO, Hugo. **São Francisco do Paraguaçu. Uma história sepultada sob ruínas.** Empresa Gráfica da Bahia, Salvador, 2004.

GIDDENS, Anthony. **As Consequências da Modernidade.** São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991.

GRAZIANO DA SILVA, José. **O Novo Rural Brasileiro.** Revista Nova economia. Belo horizonte. 1997.

_____ **Velhos e novos mitos do rural brasileiro.** Estudos avançados. 2001.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010 – Cachoeira, Bahia.** Rio de Janeiro: 2011. Acessado em agosto de 2016. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?>>

IANNI, Octavio. **Teorias da globalização.** Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 9ª Edição. 2001.

KUHN, Ednizia Ribeiro Araújo. **Terra e água: Territórios dos pescadores artesanais de São Francisco do Paraguaçu-Bahia.** Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Geociências. Universidade Federal da Bahia, 2009. Salvador, 2009. 173f.

LEMOS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea.** Porto Alegre: Sulina, 4ª ed, 2008. 295p.

LIMA, Livia Ribeiro. **Quilombos e políticas de reconhecimento: o caso do Campinho da Independência.** Dissertação. São Paulo, 2009.

LIMA, Suzana M. V. **Juventude Rural e as Políticas e Programas de Acesso à Terra no Brasil: Recomendações para Políticas de Desenvolvimento para o Jovem Rural / Suzana Maria Valle Lima [et al.].** Brasília: MDA, 2013. 184p.; 19,6 x 16,7 cm. - (NEAD Estudos; 25).

LITTLE, Paul E. **Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade**. Universidade de Brasília. Brasília, 2002. SÉRIE ANTROPOLOGIA.

LOPES, Lucca Vichr. **Inclusões digitais em uma área rural: uma etnografia de jovens e computadores**. Campinas, SP. 2015.

MANNHEIM, Karl. **O problema sociológico das gerações**. In. Karl Mannheim: Sociologia. [Org. Marialice Mencarini Foracchi]. São Paulo: Ática, 1982. p. 67-95.

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da Economia Política**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MATTOS, Hebe. **Remanescentes das Comunidades dos Quilombos: memória do cativo e políticas de reparação no Brasil**. Departamento de História. Universidade Federal Fluminense. Publicado em Revista USP, n. 68. dez. jan. fev. 2005 e 2006, p. 104-111.

MATTOS, Sérgio Augusto Soares. **A revolução digital e os desafios da comunicação**. Cruz das Almas/BA: UFRB, 2013.

OLIVEIRA, Jaiane de Araújo; SOUSA, Kamila Costa de. **Juventudes e consumo: um estudo empírico com jovens da periferia de fortaleza**. UFC. 2016.

ORTIZ, Renato José Pinto. **Mundialização e Cultura**. Editora Brasiliense. 2007.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. O pesquisador, o problema da pesquisa, a escolha de técnicas: algumas reflexões. In: LUCENA, Célia Toledo *et ali*. **Pesquisa em Ciências Sociais: olhares de Maria Isaura Pereira de Queiroz**. São Paulo: Humanitas, 2008.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2008. 16ª ed.

SANTOS, Rubenilda Sodrê dos. **Cultura política e participação no Recôncavo baiano hoje – uma análise sobre Cachoeira e São Félix**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2009.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. **A particularidade do processo de socialização contemporâneo**. Tempo Social: Revista de sociologia da USP, v. 17. 2003.

THOMPSON, John B. **A Mídia e a Modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis, RJ. Vozes, 1998.

VAN VELSEN, J. A análise situacional e o método de estudo de caso detalhado. In: FELDMAN-BIANCO, Bela. **Antropologia das Sociedades Contemporâneas: métodos**. São Paulo; Global. 1997.

VIEIRA, Manuela do Corral. **Redes sociais, construções identitárias e os processos de consumo na pós-modernidade**. Universidade Federal do Pará. V Simpósio Nacional da ABCiber. 2011.

WEISHEIMER, Nilson. **A situação juvenil na agricultura familiar**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tese de doutorado. Porto Alegre 2009.

WEISHEIMER, Nilson. **Os jovens agricultores e seus projetos profissionais: Um estudo de caso no Bairro de escadinhas, Feliz /RS**. Porto Alegre, 2004. Dissertação.

ZAGATTO, Bruna Pastro. **Sobreposições territoriais no Recôncavo Baiano: a Reserva extrativista Baía do Iguape, territórios quilombolas e pesqueiros e o polo industrial naval**. Revista Ruris. Volume 7. Nº 2. Setembro de 2013.

ANEXO

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS

Nome: N. S. da C.

Idade: 18 anos

Escolaridade: 7ª série do Ensino Médio

Leomir: Há quanto tempo você utiliza a internet e que tipo de internet você usa? N. S. da C.: Eu usava internet pelo celular, internet móvel, mas agora uso Wifi, banda larga. Uso mais o celular pra acessar. Computador só um pouco. Não gosto não. Leomir: Quanto tempo você costuma ficar na internet? N. S. da C.: Uma hora. Leomir: Só? Duvido! N. S. da C.: Quando enjoa, eu saio. Leomir: Não, uma hora assim, depois você pega e vai de novo. N. S. da C.: 24 horas! (risos). Leomir: Tipo assim, você pega o celular quantas vezes pra olhar a internet? N. S. da C.: Várias vezes. Leomir: De manhã assim dá umas dez vezes? Ou mais. N. S. da C.: Por aí. Leomir: É só chegar a mensagem que você olha. Leomir: De que maneira você usa a internet? Quais os sites que você acessa? N. S. da C.: Sua música. Leomir: É de baixar música? N. S. da C.: É. Leomir: E o que mais? Você usa mais o quê? Facebook? N. S. da C.: Facebook. Whatsap. O Messenger. Leomir: E site, a não ser o Minha Música, você não acessa mais nenhum não? N. S. da C.: You tube também.

Leomir: Pra você a internet é uma coisa boa ou uma coisa ruim? N. S. da C.: Boa. Porque a gente tem comunicação com várias pessoas de tal lugar e países longe. Leomir: Na sua opinião, pra que serve a internet? N. S. da C.: Pra se comunicar com parentes, amigos. Leomir: E serve pra se divertir? N. S. da C.: Serve também. Leomir: Como? Como você se diverte na internet? Fazendo o quê? N. S. da C.: Fazendo o quê? Leomir: Sim. O que você legal fazer na internet que você se diverte? Tipo, baixar música é um modo de se divertir, não é? Conversar é um modo de se divertir. N. S. da C.: É. Leomir: O que você gosta de ver na internet, além de conversar com as pessoas? N. S. da C.: Fotos. Fotos de paisagens. Leomir: Mas fotos de lugares diferentes daqui? N. S. da C.: Lugares diferentes. Leomir: O que você não gosta na internet e por quê? Tem alguma coisa que você não gosta na internet? N. S. da C.: Toda hora fica caindo! Leomir: Toda hora fica caindo! (risos). Normalmente como você se diverte? Como é seu lazer? N. S. da C.: De lazer? Nada! Só deitado no sofá pra dormir. Leomir: Jogar bola? N. S. da C.: Jogar bola. Sair com os pássaros. Conversar com os amigos na rua. Ouvindo música. Leomir: Quando não tem internet, como você faz pra se divertir? N. S. da C.: Vou pra rua. Vou pro mato. Leomir: Que tipo de atividade você faz no mato? N. S.

da C.: Armar passarinho. Leomir: Que tipo de coisa você aprende na internet? N. S. da C.: Coisas boas e coisas ruins. (risos). Leomir: Quais são as coisas boas? N. S. da C.: Eu aprendo algumas experiências. Leomir: Que tipo de experiência? N. S. da C.: Armadilha de pegar rato. Leomir: Você conversa mais com seus amigos pela internet ou fisicamente? N. S. da C.: Fisicamente. Leomir: Mas você conversa muito pela internet? N. S. da C.: Converso. Leomir: Você acha que conversar mais pela internet do que pessoalmente é bom ou ruim? N. S. da C.: Ruim. É mais ruim. Leomir: Por que é mais ruim? N. S. da C.: (risos e silêncio). Leomir: Por que pessoalmente é melhor? N. S. da C.: Aí me pegou (risos). Leomir: Você gostaria que fosse diferente? Você queria que as pessoas conversassem mais fisicamente ou mais por internet? N. S. da C.: Fisicamente. Leomir: Qual a diferença de antes quando você não tinha internet e hoje que você tem acesso? N. S. da C.: Toda diferença. Leomir: Qual a diferença? N. S. da C.: Eu não falava com ninguém daí de longe. Leomir: Hoje em dia você conhece pessoas de longe? N. S. da C.: É. Leomir: O que é que mudou? Mudou pra melhor ou pra pior? N. S. da C.: Mudou pra melhor. Saber de outras coisas de lá de longe. Leomir: Sua relação com as pessoas mudou de alguma forma depois que você passou a se comunicar mais pela internet? N. S. da C.: Não. Leomir: Por exemplo, antes a gente se conversava muito com as pessoas aqui de cima, hoje em dia você conversa com gente de lá do Quebra-Prato. Você fez amizade com pessoas de lá pela internet. N. S. da C.: Mudou mesmo. Leomir: Sua relação com as pessoas ficou mais próxima ou mais distante? N. S. da C.: Próxima. Leomir: Por quê? Se hoje você conversa muito pela internet, como é que ficou mais próxima. Tipo, você tem um amigo que você só conversa pela internet que mora em Saubara ou Bom Jesus, que você só fala pela internet, sua relação ficou mais próxima ou mais distante? N. S. da C.: Mais distante. Leomir: Antes de ter internet você conversava mais presencialmente com seus amigos? N. S. da C.: Sim. Leomir: E hoje fala menos por quê? N. S. da C.: Porque dela, da internet. Porque não precisa ir à procura dele. Leomir: De ir na casa conversar, né? Da sua própria casa você conversa. N. S. da C.: É. Leomir: Antes você ia mais na casa de seus amigos? N. S. da C.: Nem ia, viu. Leomir: Mas você acha que antes as pessoas iam mais na casa dos amigos e hoje elas vão menos porque tem a internet? Tendo a internet dá pra conversar de casa mesmo, então não precisa ir muito na casa, né? N. S. da C.: É. Leomir: Quando dá vontade de ir conversar com alguém você prefere ir na casa dela ou falar pela internet mesmo? N. S. da C.: Pela internet mesmo. Leomir: Por quê? N. S. da C.: Porque tipo se eu estiver cansado, de não querer ir lá. De casa mesmo se comunica. Leomir: Pra não ter que andar tanto, pra poder facilitar também, né? É mais rápido também, né? Tipo dar um recado. Antigamente pra dar um recado a gente tinha que ir na casa da pessoa. N. S. da C.: Hoje com whatssap, facebook é mais rápido. Leomir: Sobre namoro e paquera. O que mudou na hora de paquerar? Antigamente, era melhor ou hoje em dia é melhor? N. S. da C.: Hoje em dia é mais fácil com a internet porque a gente não tá frente a frente, olhos nos olhos (risos). A gente fala coisas pela internet que na frente a gente não fala. Leomir: Seus pais usam internet? N. S. da C.: Só uma. Minha mãe. Leomir: Eles sabem usar? N. S. da C.: Minha mãe mais ou menos. Não sabe não. Diga que não. Leomir: Seu pai não usa por quê? N. S. da C.: Não sabe nem ler nem mexer. Leomir: O que eles acham de você usar a internet? Eles gostam ou não? N. S. da C.: Gostam e não gostam. Quando eles querem alguma pesquisa mandam eu pesquisar. E não gosta porque quando eu fico conversando demais, ela diz que eu tô conversando com as putas (risos). Leomir: Eles já brigaram com você por causa da internet? N. S. da C.: Já. Leomir: Por quê? N. S. da C.: Tempo de prova eu não queria estudar por causa da internet. Leomir: A internet te ajuda nas suas tarefas do dia a dia ou atrapalha? N. S. da C.: Atrapalha. Leomir: Como? N. S. da C.: Às vezes tem que estudar e o vício da internet não deixa. Leomir: Com a internet você descobriu coisas novas? O que, por exemplo? N. S. da C.: Pessoas novas que eu

não conhecia. Leomir: Você já teve vontade de comprar algo que você viu na internet? N. S. da C.: Já. Eu vi mas não quis comprar porque não tive coragem. Não tive dinheiro. Leomir: Você já comprou algo que você viu na internet? N. S. da C.: Já. Leomir: O quê? N. S. da C.: Um celular. Leomir: Você conhece algum lugar pela internet que você tem vontade de visitar ou de morar? N. S. da C.: Não. Leomir: Você gosta de morar aqui em São Francisco do Paraguaçu? N. S. da C.: Gosto. Leomir: Por quê? N. S. da C.: É um lazer, um local muito bom de se viver. Leomir: Você pretende continuar morando aqui? N. S. da C.: Sim, porque eu gosto daqui. Leomir: Como você se imagina no futuro, trabalhando em algo ou morando onde? N. S. da C.: Trabalhando em uma firma. Leomir: Onde? N. S. da C.: Onde eu não sei. Onde achar, né? Morar lá, mas um dia voltar pra cá. Leomir: Que tipo de profissão você quer seguir? Já pensou em alguma coisa? N. S. da C.: Não sei. Ainda não pensei nisso. Leomir: Você usa a internet pra estudar? N. S. da C.: Usei. Leomir: Como você usou a internet pra estudar? N. S. da C.: Assistindo vídeo no You tube. Leomir: Como a internet é usada na escola pelos professores? N. S. da C.: Nem usa. Só professor Clériston que usa lá pra puxar prova. Leomir: E vocês não tem acesso ao laboratório lá não? N. S. da C.: Não. Leomir: E você acha importante usar internet na escola? N. S. da C.: Acho. Por quê? N. S. da C.: Puxar assuntos novos. Leomir: A internet te ajuda nas tarefas da escola? Você já respondeu algum dever pesquisando na internet? N. S. da C.: Não. Leomir: Você pensa em fazer faculdade? N. S. da C.: Penso. Leomir: Que curso? N. S. da C.: Nem sei (risos). Nem pensei nisso. Leomir: Você descobriu algo sobre sua comunidade pela internet que você nem fazia ideia? N. S. da C.: Não. Nunca parei pra ver isso não. Leomir: A internet te faz se sentir mais próximo ou mais distante de São Francisco e das pessoas que moram aqui? N. S. da C.: Mais próximo.

Nome: V. C. da C. S.

Idade: 17 anos

Escolaridade: 3º ano do Ensino Médio

Leomir: Há quanto tempo você usa a internet e qual tipo de internet você utiliza? Há quanto tempo tem que sua mãe colocou internet aqui na sua casa? V. C. da C. S.: Acho que não tem nem um ano, botou esse ano, poucos meses. Leomir: E antes você já usava internet? V. C. da C. S.: Não. Só dos outros, wifi. Leomir: Sim, mas não tinha móvel de celular não? V. C. da C. S.: Não. Leomir: Quais os aparelhos usados pra acessar a internet? V. C. da C. S.: Celular e computador. Leomir: Quantas horas por dia você costuma ficar na internet? V. C. da C. S.: Vai variando, né? Às vezes fico duas horas, três horas por dia assim. Leomir: Quer dizer: Fica sem parar, depois para e vai de novo, um pouquinho? V. C. da C. S.: É assim. Toda hora que o cara fica dentro de casa, para. Leomir: Quais os sites que você acessa? Você acessa o que na internet? V. C. da C. S.: Acesso... (mãe de V. C. da C. S. responde: “jogo, jogo e jogo”). Não! Jogo, You tube e Sua Música pra baixar música também. Leomir: Além do Facebook e do Whatsapp? V. C. da C. S.: É. Leomir: Facebook você usa mais no celular ou no computador? V. C. da C. S.: No celular. E whatsapp também. Leomir: Pra que você utiliza a internet? V. C. da C. S.: Eu uso a internet pra facilitar, né? Meio de comunicação. Leomir: A internet é uma coisa boa ou uma coisa ruim? V. C. da C. S.: Boa. Mais que boa! (risos). Leomir: Por quê? V. C. da C. S.: Tipo, porque ajuda em tudo, né? Fazer trabalho de escola, trabalho de colégio, se comunicar e outras coisas. Fazer pesquisa, outros meios. Leomir: A internet é importante pra você? V. C. da C. S.: Pra mim é. Leomir: Por quê? V. C. da C. S.: Porque como eu disse, por meio de comunicação. Quando eu quero baixar uma música a net tá batendo certo! (risos). É isso aí. Leomir: O que você não gosta de ver na internet? V. C. da C. S.: Só quando ela fica lenta (risos). Leomir: Não é da internet. É o que você não gosta de ver na internet. De algum

site que você não gosta, alguma coisa que as pessoas falam, de algum lugar que você viu. V. C. da C. S.: Não. Isso aí não. Leomir: Como você se diverte no seu dia a dia? Lazer assim, é mais o quê? V. C. da C. S.: É televisão e a internet. Leomir: Gosta de uma televisão, hein? V. C. da C. S.: Não tem igual. (risos). Leomir: E na rua? V. C. da C. S.: Futebol, resenha com os amigos e rolê aí. (risos). Leomir: Como você usa a internet pra se divertir? V. C. da C. S.: Sei lá. Pra jogos online. Leomir: Quando não tem internet, como você faz pra se divertir? V. C. da C. S.: Televisão ou vou pra rua. (risos). Leomir: Você aprende alguma coisa na internet? O quê? V. C. da C. S.: Tipo fazer pesquisa do colégio que eu não sei. Aí eu pesquiso e já passo a saber, né? Leomir: Você costuma conversar mais com seus amigos pela internet ou pessoalmente? V. C. da C. S.: É pessoalmente. Leomir: Você acha que isso é bom ou ruim, conversar mais pessoalmente? V. C. da C. S.: Bom. É melhor pessoalmente porque eu tô vendo a pessoa assim, né? Mais contato físico. Leomir: Qual a diferença de antes quando você não tinha internet e hoje que você tem acesso? O que é que mudou? Mudou pra melhor ou pra pior? O que você acha? V. C. da C. S.: Antes era ruim. Eu não tinha internet. Hoje eu tenho, fico viciado o tempo todo também no You tube. Então acho que melhorou, né? Leomir: Sua relação com as pessoas mudou de alguma maneira depois que você passou a se comunicar mais pela internet? V. C. da C. S.: Não. Creio que não. Leomir: Sua relação com as pessoas ficou mais próxima ou mais distante? V. C. da C. S.: Mais próxima. Mais próxima porque uma pessoa de lá de... que eu não conheço, aí com o whatsapp mesmo eu passo a conversar, então estabeleço uma relação melhor de amizade. Aí ficando mais próxima. Leomir: Antes você conversava mais presencialmente com as pessoas do que antes? V. C. da C. S.: Eu acho que não, viu. Leomir: Antes você ia mais na casa de seus amigos do que hoje? V. C. da C. S.: Antes eu ia. Leomir: E por que você não mais tanto hoje? A internet tem influência nisso? V. C. da C. S.: Em parte sim. A gente menor, né, antes gostava mais de ficar nas casas dos outros, de primo, parente perto, mas quando a pessoa vai crescendo vai perdendo isso. Leomir: E a internet tomou mais seu tempo e pra conversar você não precisa ir lá, você pode conversar com eles da própria casa. V. C. da C. S.: É. Leomir: Hoje quando dá vontade de ir na casa de alguém você prefere ir na casa dela ou falar pela internet mesmo? V. C. da C. S.: Falar pela internet. Não precisa eu me deslocar da minha casa pra ir até a casa dela. Porque às vezes dá preguiça, né? (risos). Leomir: O que é que mudou pra paquerar, por exemplo, mudou pra melhor ou pra pior? V. C. da C. S.: Eu acho que mudou pra melhor. Porque pessoalmente o cara tem um pouco de nervosismo e pelo whatsapp, internet não, é distante ninguém dá pra ver ninguém então o cara fica mais à vontade. Leomir: Seus pais usam a internet? V. C. da C. S.: Usam. Todo mundo aqui. Aqui é o quarteto. (risos). Leomir: O que eles acham de você usar a internet? V. C. da C. S.: Normal. Às vezes mainha critica, né, que não saio do celular. Leomir: É já brigaram por causa da internet? V. C. da C. S.: Já. Porque fico muito tempo. Leomir: A internet te atrapalha em algumas coisas, mas te ajuda em outras? Em fazer alguma tarefa? V. C. da C. S.: Ajuda. Tipo uma coisa que, veio um móvel novo, minha mãe não sabe armar nem eu, pronto, a gente vai lá na internet e pesquisa como é que faz. Leomir: Você descobriu coisas novas fora daqui que você não sabia? V. C. da C. S.: Descobri. Meio mundo de lugares novos aí. Coisas que eu nunca tinha visto. Coisas que eu nunca tinha feito. Leomir: Você tem ou já teve vontade de comprar algo que você viu na internet? V. C. da C. S.: Teve já. Mas quando eu não tenho condição de comprar eu saio do site pra não ficar olhando. (risos). Leomir: Você já comprou algo que você viu na internet? V. C. da C. S.: Não. Você conhece algum lugar que você viu na internet e tem vontade de morar? Um lugar bacana que você queria ir lá. V. C. da C. S.: Fora do Brasil, né. Praia do nudismo. (risos). Leomir: Você tem vontade de morar em um lugar fora? V. C. da C. S.: Tenho. Leomir: Você gostaria de ter ou fazer algo que você viu pela internet? V. C. da C. S.: Sim. Leomir: Você gosta de morar aqui

em São Francisco? V. C. da C. S.: Gosto porque aqui é um lugar tranquilo, não tem muitos índices de violência. De vez em quando que tem uma morte assim, como é que fala? Morte matada. A maioria é tudo morte natural mesmo. Leomir: Você pensa em continuar morando em São Francisco ou você quer morar em outro lugar? V. C. da C. S.: Quero morar em outro lugar, né, mas depois eu volto pra cá de novo. Leomir: Como você se imagina no futuro? Trabalhando em quê? Eu queria ser jogador de futebol. Fazer um teste aí agora no final de ano no Vitória. Leomir: Você usa a internet pra estudar? V. C. da C. S.: Às vezes. (risos). Quando é preciso assim. Tipo, uma pesquisa que vai cair no assunto de uma prova. O que é, por exemplo, o que é tecnologia. Eu não sei, aí pronto, eu vou lá pesquiso e aí vou passar a saber o que significa. Leomir: Como a internet é usada na escola, pelos professores? V. C. da C. S.: Lá no meu colégio? Lá não usa não! Leomir: Lá não tem uma sala de informática, não? V. C. da C. S.: Tem. Mas só usa de vez em quando, os computadores todos lentos, pra ligar é três anos. Leomir: Você já usou? V. C. da C. S.: Não, só pra jogar. Leomir: Seus professores pedem pra você pesquisar algo na internet? Ou eles passam um trabalho e vocês mesmos procuram na internet? V. C. da C. S.: É isso mesmo. Lá mesmo eles não passam não. Eles mandam a gente pesquisar em casa. Leomir: A internet te ajuda nas tarefas da escola? V. C. da C. S.: Sim. Uma coisa que eu não sei, eu faço a pesquisa. Passo a responder a atividade. Leomir: Você pensa em fazer faculdade? V. C. da C. S.: Não. Não sou muito fã de colégio. E estudar mais, né, aí eu não quero. Leomir: Você já descobriu algo sobre São Francisco pela internet? V. C. da C. S.: Sobre o convento, né. Que foi algo feito pelos escravos, há muitos anos atrás. Você acha importante saber algo sobre a comunidade aqui? V. C. da C. S.: Acho sim. Em primeiro lugar é porque a gente mora aqui, né. Sempre é bom saber a história de onde você mora. E aí vem tipo um turista querendo saber sobre a história sobre onde você mora e você tem que saber, né. Leomir: A internet te faz sentir mais próximo ou mais distante de São Francisco e das pessoas que moram aqui? V. C. da C. S.: Por um lado distancia, mas aproxima também.

Nome: V. C. da C. S.

Idade: 15 anos

Escolaridade: 1º ano do Ensino Médio

Leomir: Há quanto tempo você utiliza a internet e que tipo de internet você usa? V. C. da C. S.: Um pouco mais de um ano. Leomir: E antes de colocar aqui na sua casa, você já usava? V. C. da C. S.: Já. Leomir: Que tipo? V. C. da C. S.: Internet móvel. Leomir: Que tipo de aparelhos você usa pra acessar? V. C. da C. S.: Computador e celular. Leomir: Quantas horas por dia você costuma ficar na internet? (Mãe de V. C. da C. S.: “24 horas”) Leomir: Fica muito tempo? V. C. da C. S.: Fica! (risos). Leomir: O que você acessa a internet? V. C. da C. S.: Whatssap, Facebook... (Mãe de V. C. da C. S.: “Whatssap, whatssap e whatssap”) Pera aí, mainha! (risos). Fazer pesquisa. Leomir: Site de pesquisa? Google? V. C. da C. S.: Sim. Leomir: O que você acha da internet? É uma coisa boa ou ruim? V. C. da C. S.: Boa. Leomir: Por quê? V. C. da C. S.: (pausa) Porque... Por que o quê, mainha? (risos) (mãe de V. C. da C. S.: “Ela fica 24 horas e não sabe porque”). Leomir: Você que é bom. Por que é bom? V. C. da C. S.: Porque passa tempo. Leomir: É uma forma de se divertir também, não é? V. C. da C. S.: É. Leomir: De que mais? V. C. da C. S.: De saber muitas coisas. Leomir: Na sua opinião pra que serve a internet? V. C. da C. S.: Pra acessar... (pausa). (Mãe de V. C. da C. S.: “Milhares de coisas. Coisas boas e coisas ruins”). Leomir: A internet é importante pra você. V. C. da C. S.: É. Leomir: Por que é importante? V. C. da C. S.: Porque sem internet, meu Deus! Leomir: Porque sem internet, meu Deus!? V. C. da C. S.: Não consegue viver mais não! (risos).

Leomir: Não consegue mais não? V. C. da C. S.: (risos). Leomir: O que você faz de tão importante na internet que você não consegue viver? (Mãe de V. C. da C. S.: “Bate papo!”). Leomir: Se sua mãe tirar a internet, você vai sofrer por quê? V. C. da C. S.: Porque não vai ter mais como acessar. Leomir: Nem conversar com suas amigas? V. C. da C. S.: É. Leomir: Mas suas amigas estão logo ali. Por que não ali conversar? V. C. da C. S.: (risos) Algumas daqui, outras não! (Mãe de V. C. da C. S.: “Oh, Leo, mas hoje os meninos estão sentados um do lado do outro, um em cima do outro, tudo calado. Conversando pelo whatsapp. Não rola mais a química de conversar cara a cara não. (risos)”). Leomir: O que é que você gosta de ver na internet? V. C. da C. S.: Vídeos no You tube, assistir filme. Leomir: Como você faz pra se divertir quando não tem internet? V. C. da C. S.: Deixa eu ver, deixa eu imaginar aqui (pausa). Só assistindo televisão. E passear na rua... Leomir: Você conversa com seus amigos mais pela internet ou pessoalmente? V. C. da C. S.: Pela internet. Leomir: É melhor conversar mais pela internet? V. C. da C. S.: É. Leomir: Por que é melhor? V. C. da C. S.: (risos). Porque tem mais assunto pra falar. Leomir: E pessoalmente não tem? V. C. da C. S.: Não! Eu prefiro conversar mais assim. Assim tá bom! Leomir: Por que você é tímida? V. C. da C. S.: Sim! Leomir: Qual a diferença de antes quando você não tinha internet e hoje que você tem acesso? O que mudou? Mudou pra melhor ou pra pior? V. C. da C. S.: Mudou pra melhor porque antigamente era muito chato sem internet, sem fazer nada dentro de casa. Leomir: Você se diverte mais hoje do que antigamente? V. C. da C. S.: Han! Leomir: É mesmo? V. C. da C. S.: Han! E muito! Leomir: E antes quando você não tinha internet você não se divertia? V. C. da C. S.: Sim. Com a internet dá pra passar o resto do tempo acessando. (Mãe de V. C. da C. S.: “V. C. da C. S. quando quer me fazer uma pergunta, Leo, faz pelo whatsapp”). V. C. da C. S.: É mais prático! (risos). Leomir: É mesmo? Você conversa com sua mãe dentro de casa pelo whatsapp? V. C. da C. S.: Às vezes. (Mãe de V. C. da C. S.: “Se for uma coisa que ela tem vergonha de me perguntar, ela me pergunta pelo whatsapp.”). Leomir: Você acha que com a internet a relação com as pessoas ficou mais próxima ou mais distante? V. C. da C. S.: Mais próxima. (Mãe de V. C. da C. S.: “Dá pra bater papo com as amigas longe.”) Leomir: E a relação com amigas que estão perto? (Mãe de V. C. da C. S.: “É. Antigamente ia na casa, né?”). V. C. da C. S.: Mas eu conversa mais pela internet com as pessoas que tá longe, do que com as daqui. Leomir: Hoje você fala menos com seus amigos do que antes por quê? (Mãe de V. C. da C. S.: “Porque fica mudo, só no celular!”). Leomir: A internet atrapalha? V. C. da C. S.: Sim. Leomir: Antes você ia mais na casa dos seus amigos? V. C. da C. S.: Não. A mesma coisa eu acho! Leomir: Será? V. C. da C. S.: Quando o Wifi tá ruim! (risos). Leomir: Ah, você só vai na casa do amigo quando o Wifi não está funcionando! V. C. da C. S.: Claro! (risos). Leomir: Antes você não tinha nada pra fazer e ia na casa de fulano e ficava até a hora de almoçar. (Mãe de V. C. da C. S.: “É. Na casa de Rafinha mesmo.”) Leomir: Hoje em dia você não vai muito mais, vai? A mesma coisa que você ia antes? V. C. da C. S.: Não. Leomir: Não precisa? (Mãe de V. C. da C. S.: “Porque tem a internet.”) Leomir: Quando dá vontade de conversar com alguém você prefere ir na casa dela ou falar pela internet mesmo? V. C. da C. S.: Pela internet porque não gasta o esforço de ir na casa da pessoa andar (risos). Leomir: Nem tão longe é a casa de suas amigas. (Mãe de V. C. da C. S.: “Por isso que tá engordando. Léó, nesse instante eu mandei ela perguntar a Nilda pra comprar um esmalte pra mim, aí ela já perguntou pelo whatsapp, ela se fosse lá em cima?”). V. C. da C. S.: Tá vendo?! Leomir: O que mudou na hora de paquerar? Mudou pra melhor ou pra pior? (Mãe de V. C. da C. S.: “Esse é o meu medo porque tá em casa (risos). Minha filha não tá fazendo nada, tá em casa...”.) Leomir: Tá nada! Tá namorando pelo whatsapp, pelo Facebook (risos). Seus pais usam a internet? V. C. da C. S.: Sim. Leomir: A mais viciada é sua mãe. (Mãe de V. C. da C. S.: Eu mesmo não!). V. C. da C. S.: Imagina! Leomir: Você usa pouco mãe de V. C. da C. S.?

(Mãe de V. C. da C. S.: Pouquinho). Leomir: Sua mãe acha o que de você usar a internet? V. C. da C. S.: Normal porque ela usa também. Ela ama! (Mãe de V. C. da C. S.: “Amo o quê?”) Leomir: Que V. C. da C. S. use internet. V. C. da C. S.: Gosta. Tanto gosta que tá viciando também, né mãe? Leomir: Sua mãe já brigou com você por causa da internet? (Mãe de V. C. da C. S.: Já!). Leomir: Por qual motivo? (Mãe de V. C. da C. S.: Fica muito tempo). V. C. da C. S.: Sem fazer nada só na internet (risos). Leomir: A internet ajuda nas suas tarefas de casa, do dia a dia? V. C. da C. S.: Não. Leomir: Ou atrapalha? (Mãe de V. C. da C. S.: “Atrapalha!”). Leomir: Como que atrapalha? (Mãe de V. C. da C. S.: “Para de fazer as coisas pra ficar na internet”). Leomir: Você tem ou já teve vontade de comprar algo que você viu na internet? V. C. da C. S.: Já, mas não pode comprar por falta de dindim, né mainha? (risos). (Mãe de V. C. da C. S.: “É minha filha!”). Leomir: E quando não compra? V. C. da C. S.: Tem que ficar quieta, né? (risos). Infelizmente. Leomir: Você já comprou algo que você viu na internet? V. C. da C. S.: Já. Um celular. Leomir: Você gosta de morar aqui? V. C. da C. S.: sim. Porque é um lugar calmo. Já foi, mas não tá mais. Leomir: Você pensa em continuar morando aqui? V. C. da C. S.: Não (risos). Leomir: Por que não? V. C. da C. S.: Porque, sei lá. Leomir: Se você acha aqui um lugar legal por que você não quer continuar morando aqui? V. C. da C. S.: Nem sei. Leomir: Porque você quer trabalhar em outro lugar? V. C. da C. S.: É. Leomir: Como você se imagina no futuro? V. C. da C. S.: Trabalhando. No máximo em Salvador. Leomir: Por que você gostaria de morar lá? V. C. da C. S.: Pra fazer curso porque eu quero ser médica. Estudar medicina. Leomir: Você utiliza a internet pra estudar? V. C. da C. S.: Às vezes quando precisa. Leomir: Como você usa a internet pra estudar? V. C. da C. S.: Vendo vídeo, baixando aplicativo. Leomir: Dá pra estudar pelo Facebook? V. C. da C. S.: Não. Leomir: Como a internet é usada na sua escola pelos professores? Eles colocam vocês pra fazer pesquisa na internet? V. C. da C. S.: Não. (Mãe de V. C. da C. S.: Eu vejo ela no whatsapp). V. C. da C. S.: (risos). Eles não mandam a gente pesquisar nada. Leomir: Já pediram pra você fazer algum trabalho pela internet? Leomir: Por que é importante usar a internet pra estudar? V. C. da C. S.: Porque na internet tem muitas coisas que a gente aprende, sabe? Leomir: Pra fazer alguma prova você estuda pela internet? V. C. da C. S.: Só pelo caderno e pelo livro. Eu não uso a internet pra estudar não. Leomir: Por que você acha importante fazer faculdade? V. C. da C. S.: Porque faculdade vai ajudar você chegar aonde você quer. Leomir: Por que você escolheu essa profissão pra seguir? V. C. da C. S.: Porque é massa.

Nome: M. B. da C.

Idade: 35 anos

Escolaridade: Ensino Médio completo

Leomir: Você acha que a internet influenciou na vida dos jovens daqui? M. B. da C.: Antigamente os meninos brincavam mais. Se divertiam mais. Hoje em dia só quer saber de internet. Já de conhecimento melhorou, né? Porque a gente conhece muitas coisas, né, que a gente não conhecia. Eu mesmo não conhecia. E agora eu conheço muitas coisas. Leomir: Você acha que a internet pode influenciar os meninos conhecer um lugar novo e querer sair daqui? M. B. da C.: Pode. Leomir: E você acha isso legal? M. B. da C.: Depende do lugar de onde ele queria ir (risos). Leomir: Você acha que a internet facilitou alguma coisa para as pessoas? M. B. da C.: Facilitou. Leomir: O que, por exemplo? M. B. da C.: Pra dar um recado a gente tinha que ir lá ou mandar uma mensagem, alguma coisa, a gente tinha que escrever e esperar tempo pra chegar, e hoje em dia é tudo mais prático, você envia qualquer coisa pra

outra pessoa. Leomir: Quais são as coisas ruins da internet? M. B. da C.: Assim, coisa de vagabundagem mesmo, né? Você sabe que o pessoal fica postando coisa que não devia, entendeu? Tipo pornografia, violência. Leomir: E como você faz pra controlar isso com seus filhos? M. B. da C.: A gente conversa, né, fala o que deve se fazer e o que não deve. O que deve ser bom pra eles ou não.

Nome: I. P. dos S.

Idade: 16 anos

Escolaridade: 3º ano do Ensino Médio

Leomir: Há quanto tempo você utiliza a internet? I. P. dos S.: Um ano, mais ou menos. Leomir: Você usa internet móvel? I. P. dos S.: Não, a Vivo é muito ladrona. Leomir: Quais aparelhos você usa pra acessar computador? I. P. dos S.: Só celular. Leomir: Quanto tempo você costuma ficar na internet por dia? O dia todo? I. P. dos S.: O dia todo não, só de noite. Leomir: E tá fazendo o que aí agora? I. P. dos S.: É que eu tô dando recado dos outros. Leomir: E durante o dia você faz o quê? I. P. dos S.: Eu cato siri. Quando tem. Quando não tem eu faço trabalho de escola. Leomir: Quais os sites que você acessa? É só Facebook e whatsapp ou acessa outras coisas? I. P. dos S.: Só uso Facebook e whatsapp, e olhe lá! Leomir: Você acha que a internet é uma coisa boa ou uma coisa ruim? I. P. dos S.: Bom pra quem quer se aproximar dos parentes. Ruim pra quem é viciado, né! Leomir: E vicia? I. P. dos S.: Imagina! Leomir: E por que é ruim, ficar viciado em internet? I. P. dos S.: Porque fica capaz de ficar doente, não come, não faz “diacho” de nada, só internet, internet o tempo todo. Leomir: Na sua opinião, pra que serve a internet? I. P. dos S.: Serve pra quem quer se comunicar, serve pra comunicação à distância. Leomir: Serve pra se divertir? I. P. dos S.: Também. Não é só pra vício não. Serve pra outras coisas. Leomir: Hoje em dia, a internet é importante na sua vida? I. P. dos S.: Não é tão importante não que eu vivo sem ela. Leomir: O que você gosta de ver na internet? I. P. dos S.: Só gosto de ver facebook e whatsapp. Mensagens. Eu fico fuçando tudo. Leomir: Você segue alguma página de jornal, de pessoa... I. P. dos S.: Que página de jornal! Eu sigo página de filme. Leomir: Como você faz pra se divertir no dia a dia? I. P. dos S.: Eu jogo bola. Leomir: O que mais? Sai pra conversar com os amigos... I. P. dos S.: Também. Estudar não é diversão mais eu estudo. Leomir: Você usa a internet pra se divertir? I. P. dos S.: Também. Eu fico conversando com os outros. Abusando os outros. Leomir: O que mais você faz pra passar o tempo? I. P. dos S.: Assisto televisão. É o jeito (risos). Leomir: Você aprende alguma coisa na internet? I. P. dos S.: Aprendo (ironia). O quê, nada. Leomir: Você não aprende nada no whatsapp? I. P. dos S.: Eu não aprendo nada. Aprendo a escrever errado. Whatsapp aprende a escrever errado. Leomir: E no facebook, não dá pra aprender nada? I. P. dos S.: Dá, né, porque tem algumas coisas que tem informação. Leomir: Você conversa mais com seus amigos pela internet ou pessoalmente? I. P. dos S.: Sei lá. As duas coisas. Mas no whatsapp eu converso pouco. É mais pessoalmente. Leomir: O que você acha disso? I. P. dos S.: Conversar pessoalmente é melhor que conversar no whatsapp. Mas do jeito que tá, tá bom. Você tem as duas opções. Conversar pelo whatsapp facilita pra quem tá longe. Leomir: Pra ir dar um recado lá no Quebra-Prato já facilita. I. P. dos S.: É. Pra você subir aquela ladeira ali dá preguiça. Aí você pra internet e conversa melhor. Leomir: Qual a diferença de antes quando você não tinha internet e hoje que você tem? I. P. dos S.: Quando eu não tinha era a mesma coisa. Hoje que eu tenho é a mesma coisa. Leomir: Não mudou nada? Tem certeza? Porque antigamente uma hora dessa, você estaria na casa dos seus amigos. Antigamente você ia mais na casa deles do que hoje? Pra fazer um trabalho da escola, você tinha que ir lá e combinar e tal. E hoje no grupo de whatsapp você resolve isso, não

resolve? I. P. dos S.: Mas eu prefiro ir na casa da pessoa. Até com a internet. Leomir: Você acha que sua relação com as pessoas mudou quando você passou a se comunicar com a internet? I. P. dos S.: Pra mim tá a mesma coisa. Leomir: Com a internet sua relação com as pessoas ficou mais próxima ou mais distante? Você acha que se aproximou mais dos seus amigos daqui? I. P. dos S.: De alguns me aproximei, de outros fiquei mais distante. Parei de falar mesmo. Leomir: Mas eu digo assim, pessoas que você não conhecia aqui que você não tinha intimidade e hoje você conversa muito pelo facebook. Aqui você tem amigos que só conversa só pelo facebook daqui de São Francisco que é difícil de você encontrar na rua? I. P. dos S.: É também. Leomir: Aí de certo modo ficou mais próximo de algumas pessoas então? I. P. dos S.: É. Leomir: Antes de você ter acesso à internet você conversava mais presencialmente com seus amigos? I. P. dos S.: Antes eu falava menos pessoalmente. Leomir: Antes você ia mais na casa deles? I. P. dos S.: Pra mim a mesma coisa. Leomir: E quando dá vontade de conversar com alguma pessoa, você prefere ir na casa dela ou mandar uma mensagem no facebook, no whatsapp? I. P. dos S.: Eu prefiro ir na casa. Eu mando mensagem quando bate a preguiça. Quando não bate. E quando eu tenho internet, né? (risos). Leomir: E na hora de paquerar, o que é que mudou? Mudou pra melhor ou pra pior? Antigamente não tinha internet, aí como é que fazia pra paquerar? Tinha que conversar pessoalmente, dar recado um pelo outro. Hoje em dia acho que você nem precisa dar recado mais. I. P. dos S.: Mandava os outros. Hoje em dia você fala na internet. Ficou melhor assim (risos). Pessoalmente a vergonha bate na hora (risos). Leomir: É um meio de você quebrar a timidez, por exemplo? I. P. dos S.: É. Leomir: Seus pais usam internet? I. P. dos S.: Eles não gostam não. Leomir: Eles acham o que? I. P. dos S.: Mainha não sabe. Porque não quer aprender. Meu pai não gosta. Leomir: Ela vê vocês usando, será que ela não tem vontade de “Ah vou fazer um whatsapp”? I. P. dos S.: Não. Ela disse que isso não presta não. Leomir: Ela nunca comentou com vocês porque que não presta? I. P. dos S.: Comigo não. Leomir: E o que eles acham de vocês usarem a internet? Gostam ou não gostam? I. P. dos S.: Mainha tem vez que reclama, meu pai também. Tem vez que tá nem aí. Leomir: E eles já brigaram com você por causa da internet? Já reclamaram? I. P. dos S.: (risos) Imagina. Leomir: Reclamaram de que? I. P. dos S.: De noite mesmo. Se eu tiver na internet e a conversa tiver interessante aí eu fico até tarde e ela fica me chamando. Leomir: É por causa do horário. Você fica até tarde. Leomir: Mas nunca reclamaram de você estar vendo coisas erradas? I. P. dos S.: Não. Não é isso não. (Irmã de I. P. dos S.: Pra não botar negócio de foto) I. P. dos S.: Ainda tem isso. Leomir: Tomar cuidado com essas coisas. Você acaba expondo sua vida, né? Aí eles tem medo de vocês ficarem se expondo demais? I. P. dos S.: É. Tem isso. Leomir: Você acha que a internet é um meio de se expor? I. P. dos S.: É. (Irmã de I. P. dos S.: Pra gente não, mas pra muita gente é). Leomir: Mas qualquer coisa que você coloca na internet hoje qualquer um pode ver no mundo todo. I. P. dos S.: Né? Querendo ou não pode. Leomir: Às vezes você coloca inocentemente e a pessoa... I. P. dos S.: É. Leomir: Com a internet você descobriu coisas novas fora daqui da comunidade? Já descobriu coisas que você não sabia antes? Que tipo de coisa nova que você viu na internet que te chamou atenção? I. P. dos S.: Você acha que eu fico lendo aqueles “negocinhos” que vêm em cima na internet, aqueles negócios é? Leomir: Você não lê não? I. P. dos S.: Eu leio muito (ironia). Leomir: Seu negócio é só se comunicar? I. P. dos S.: É. Leomir: Você tem ou já teve vontade de comprar algo que você viu na internet? I. P. dos S.: Acho que não. Pelo menos eu não acho que eu tive, sabe? Leomir: Tipo, você viu no facebook uma blusinha tão bonitinha aí deu uma vontade de comprar. Não lembra se você já viu assim? I. P. dos S.: Já, mas é vontade mas ao mesmo tempo não é porque dinheiro você não tem, saber se é seguro comprar ali também, você não sabe. Aí você fica com o pé atrás. Tem gente que sabe onde tem site seguro, tem gente que não sabe. Como eu mesmo não paro

pra olhar nada disso, então eu não sei. Aí eu não procuro coisa pra me coçar. Leomir: Seu negócio é mais redes sociais. Mas mesmo no facebook tem, né? Tem uns anúncios assim, uma chuteira bonita. I. P. dos S.: É. Pra quem gosta. Leomir: Você já comprou alguma coisa que você viu a internet? I. P. dos S.: Não. Leomir: Você conhece ou conheceu algum lugar pela internet que você tem vontade de ir visitar? I. P. dos S.: Um dia eu ainda vou a Paris. Leomir: E de morar? I. P. dos S.: Que nada. De morar não. Não bate certo não. Leomir: Por que não bate certo? Você tem vontade de ter ou fazer algo que você viu na internet? Ahh aqui já foi. Você gosta de morar aqui em São Francisco? I. P. dos S.: Gosto. Leomir: Por quê? I. P. dos S.: Sei lá. Porque aqui você não vê tanta coisa como você vê fora. Leomir: Coisa tipo o quê? Violência? I. P. dos S.: É. Apesar de tá mudando, né? Mas aqui ainda é mais tranquilo. Leomir: E sobre questão de trabalho? I. P. dos S.: É. O ruim é esse. Aí tem que ir pra fora de qualquer jeito. Leomir: Você pensa em continuar morando aqui? I. P. dos S.: Sim. Leomir: Como você se imagina no futuro? Trabalhando em quê? Morando onde? I. P. dos S.: Eu me imagino morando aqui, com fé em Deus. Mas eu me imagino sendo uma dentista. Leomir: Se formar e vim morar aqui? I. P. dos S.: Eu vou fazer isso. Leomir: E trabalhar aqui? I. P. dos S.: Quem sabe. Aí a gente resolve. Leomir: Mas se não der pra trabalhar aqui você vai ter que morar em outro lugar. I. P. dos S.: É também. Tem isso, né? Mas querer ninguém quer. Leomir: Você usa a internet pra estudar? I. P. dos S.: Quando eu quero. Leomir: Você vê que site? O que você pesquisa? Você faz pesquisa? I. P. dos S.: De vez em quando. Leomir: Em que site? No Google? I. P. dos S.: É. É o único que eu entro. Leomir: Como a internet é usada lá na escola pelos professores? Tem internet lá na escola? I. P. dos S.: Dizem eles que não. Leomir: Que não tem? Mas eu sei que tem. Leomir: Eles usam só entre eles lá, né? I. P. dos S.: É. Leomir: Não tem um laboratório de informática lá não? I. P. dos S.: Tem, mas os computadores não servem de nada. Quando você bota pra pesquisar alguma coisa ele sai sozinho do nada. Leomir: E eles pedem pra pesquisar sobre alguma coisa? Eles nunca pediram pra vocês fazerem uma pesquisa em casa, tipo “faça uma pesquisa sobre a independência do Brasil”? Aí vocês conseguem fazer na internet aqui? I. P. dos S.: Faço. Leomir: Já fez alguma desse tipo? I. P. dos S.: Já. Leomir: Você acha que é importante usar a internet pra estudar? I. P. dos S.: Acho. Leomir: E sem a internet dá pra estudar? I. P. dos S.: Dá, mas com internet é bom também porque é mais fácil você achar as coisas na internet. Leomir: A internet te ajuda nas tarefas da escola? I. P. dos S.: De vez em quando. Leomir: Você pensa em fazer faculdade? I. P. dos S.: Sim. Leomir: Por que você acha importante fazer faculdade? I. P. dos S.: Pra você ter uma formação. Pra você conseguir um trabalho é mais fácil. Leomir: Por que você escolheu esse curso? I. P. dos S.: Sei não. É porque eu quero. Eu ainda quero ser dentista. Porque não me pergunte. Leomir: Você acha bonito? Acha importante? I. P. dos S.: Eu acho bonito, acho importante. Mas porque nem eu sei. Leomir: Quando você era pequena você... I. P. dos S.: Botei isso na minha cabeça por agora, Leo. Quem disse que foi de pequena? Foi por agora. Meu sonho de pequena foi ser professora. Mas já mudou (risos). Leomir: Você vê algum dentista na TV aí você acha bonito? I. P. dos S.: Também. Leomir: E na internet você já viu alguma dentista trabalhando? I. P. dos S.: Na internet? Eu não! Leomir: Então a internet não tem influência na sua escolha pelo curso de dentista? I. P. dos S.: Não. Leomir: É coisa sua mesmo. I. P. dos S.: É. Leomir: Quando você era pequena ficava pegando as bonecas pra ficar arrancando os dentes das bonecas? (risos). I. P. dos S.: Não. Não tá vendo que meu sonho de quando eu era pequena era ser professora. Eu enfiei isso na minha cabeça por agora. Agora porque não sei. Leomir: Você já viu algo na internet sobre São Francisco que você nem imaginava antes? Você já fez alguma pesquisa sobre São Francisco? I. P. dos S.: Eu já pesquisei isso na 8ª série, mas eu não lembro mais de nada. Leomir: Sobre a história? I. P. dos S.: Eu pesquisei. Leomir: É importante, é legal saber

da história daqui? I. P. dos S.: É. Leomir: Por que é legal? I. P. dos S.: É legal porque você vai saber como se fez São Francisco aonde você vai. Se São Francisco é importante na boca do povo. Leomir: A internet te faz sentir mais próximo daqui, das pessoas daqui ou mais distante? I. P. dos S.: Às vezes mais distante. Leomir: Por quê? I. P. dos S.: Os povo daqui é muito... Leomir: Você acha que as pessoas daqui preferem ficar falando mais de longe assim por internet do que antigamente falar mais cara a cara? I. P. dos S.: Antigamente o povo falava mais cara a cara. Leomir: Hoje as pessoas conversam mais de longe pelo facebook, né? I. P. dos S.: É. Leomir: Isso é bom ou ruim? Você acha que essa mudança foi boa? I. P. dos S.: Mais ou menos. Um pouco de tudo porque é bom por um lado, como eu já falei que as pessoas conversam com os parentes mais distantes, mas é ruim porque eles se afastam dos parentes mais próximos. Leomir: Verdade. Às vezes a gente conversa com pessoas do outro lado do mundo pelo facebook e as pessoas aqui próximas a gente não tá nem conversando. I. P. dos S.: É. O ruim dele é esse. Leomir: Você já viu os meninos que ficam sentados ali no banco, um no whatsapp o outro também, um não conversa com o outro. Você conversa com uma menina da França, eu converso com um menino do Japão e a gente não se conversa. I. P. dos S.: Né? Leomir: Esse é um dos lados ruins da internet. É por isso que eu falo, o modo de viver mudou um pouquinho assim. As pessoas não se falam muito mais assim pessoalmente. I. P. dos S.: As pessoas querem falar mais pela internet. Se não tiver internet quer até se matar. Leomir: E no dia que falta internet aí? I. P. dos S.: Olha! Principalmente quanto falta energia fica todo mundo entrar em pânico. Leomir: Aí o que é que faz? Vai todo mundo pra rua pra conversar junto? I. P. dos S.: Alguns. Tem gente que ainda fica nas portas dos outros, pode ser de noite, pode ser que hora for. Leomir: Eu sou do tempo que não tinha internet. Então o que eu fazia pra me divertir? Se bem que eu não saía muito. Mas quando eu saía eu ficava conversando com os meninos. Fazia aquela roda no banco, ficava ali conversando. Hoje não precisa tanto assim. Dá vontade de sair, você sai é claro. I. P. dos S.: É verdade. Leomir: Você tem um mundo todo ali no seu computador, no seu celular, você conversa com todo mundo. Só que eu acho essa relação um pouquinho ruim, pra mim é ruim. I. P. dos S.: Eu também acho. Porque se aproxima de quem você não conhece direito e se afasta de quem você realmente conhece. Leomir: É. Essa é a parte ruim. Tem a parte boa de você ter mais conhecimento de várias coisas, conhecer lugares novos, conhecer pessoas novas e tal, mas de um certo modo acaba afastando as pessoas, a gente aqui mesmo. I. P. dos S.: Né? Leomir: acaba afastando. I. P. dos S.: Tem gente que faz uso da internet bastante errado. Leomir: A internet tem vários perigos. Nem tudo na internet é verdade. As pessoas que se escondem de perfil falso de facebook. Tem uns maníacos aí. Tipo assim, os meninos falaram que as mães deles brigam porque às vezes eles ficam muito tempo na internet e atrapalha na escola. Você acha que atrapalha? I. P. dos S.: Atrapalha. Leomir: Por um lado ajuda porque você faz pesquisas. Você nunca viu videoaulas no Youtube não? I. P. dos S.: Eu não entro no Youtube assim não. Leomir: Por outro lado se você ficar muito tempo na rede social, você deixa de estudar pra prova, um tempo que você tem pra estudar acaba não estudando. Quem usa mais internet aqui são os mais novos, né, a gente que tem menos idade assim. E a maioria das pessoas mais velhas aqui, poucas pessoas de 50, 60 anos usam internet. Você que eles não usam por que? Não gostam ou porque não são acostumados? Por que eles acham uma coisa ruim? Porque eu conheço uma senhora que tem facebook, whatsapp. (Irmã de I. P. dos S.: Muitos idosos hoje em dia querem também se comunicar com os parentes de fora, né?) Leomir: Aqui tem muito grupo de família. Vocês estão dentro de algum grupo de família? I. P. dos S.: Não tô não. Minha família não gosta disso não. Leomir: Essa senhora que eu falei participa do grupo da família Cerqueira. Aí é um jeito de unir a família toda num grupo só. A internet tem esses dois lados: de aproximar... I. P. dos S.: É isso que eu tô falando, pra quem

quer se aproximar se aproxima, mas tem gente que usa mais a internet pra aproximação com pessoas que ela nem conhece por achar que é bonita e esquece de quem fica do lado. Leomir: Eu era adolescente e na minha época de paquerar ia eu, Sandrinho, Som, Popó, essa galera, juntava e um ajudava o outro com as meninas, porque todo mundo tinha vergonha, aí pra ideia pra uma menina, eu dava ideia pra uma menina pra Popó, Popó dava pra Sandrinho, Sandrinho dava pra mim. E hoje não tem mais isso assim, certo que ainda tem, né, dar recado e tal. Negócio de carta. I. P. dos S.: Antigamente tinha, hoje em dia... Leomir: Antigamente tinha muito isso de carta. Vocês já receberam muitas cartas? (irmã de I. P. dos S.: Já rebebi, já mandei). Leomir: Eu tenho carta guardada. O outro dia eu peguei meu classificadorzinho, aí tinha uma carta lá bonitinha, rosinha, eu disse “olha, a pessoa mandou uma carta pra mim”. Eu acho que eu nunca mandei não. Eu mandava recado mesmo, pelos meninos, tal. Mas já recebi umas duas, lá em casa tem ainda. Era tipo assim, a gente descia pra festa e tal. O jeito de namorar era assim, de paquerar era assim. Hoje em dia você tem um leque bem maior de possibilidades. Porque tipo assim, antigamente não tinha aquela rixa entre os meninos daqui e os meninos do Quebra-Prato? Como é que a gente ia lá pra paquerar ninguém? Era ruim, tinha que ficar com as meninas daqui mesmo. Hoje com whatsapp você fala com as meninas de boa, marcou... I. P. dos S.: Já foi (risos). Leomir: Divide o caminho aí. I. P. dos S.: E “nós” vai. Leomir: Mas hoje a rivalidade entre a gente e os meninos do Quebra-Prato diminuiu muito. A gente vai muito lá. Eu nem tinha muita rixa, quem tinha era os meninos aqui que brigavam muito. E sobre música? Vocês mudaram seus gostos de música? I. P. dos S.: Eu sempre gostei de música romântica. Leomir: Você conheceu um ritmo diferente na internet? Um ritmo que não é muito daqui é funk, né? Mas a galera curte muito funk aqui. Eu acho que a internet ajudou a mudar um pouco o gosto de música das pessoas. Antigamente aqui era mais música romântica mesmo, arrocha e pagode. I. P. dos S.: É. Leomir: Esse funk aí já é do Rio de Janeiro, tem aqueles forró, calipso não sei o quê. Músicas de outros lugares. E aí você acaba conhecendo pela internet algumas coisas. (irmã de I. P. dos S.: As minhas vista arde. Eu nem sei o que é whatsapp. Leomir: Nunca mais você usou whatsapp não? (irmã de I. P. dos S.: Tem sete meses. Porque meu celular quebrou). I. P. dos S.: Acessa o Facebook, Leo, pelo meu celular. Não é não irmã? Pra isso eu presto. Leomir: Vocês acham que as pessoas aqui conhecem lugares novos pela internet e têm vontade de ir morar fora daqui? (irmã de I. P. dos S.: De morar não. De visitar sim. Mas pra morar não acho bom não. Eu não faço questão). I. P. dos S.: Nem eu. (irmã de I. P. dos S.: Aqui só difícil trabalho). Leomir: eu também penso em trabalhar fora mas depois eu volto. I. P. dos S.: A gente tira por você, né? Leomir: Não tem lugar melhor do que aqui. I. P. dos S.: Porque você está num lugar que você já conhece, é sua casa, né? Leomir: Onde está sua família, a maioria dos seus amigos.

Nome: E. P. dos S.

Idade: 18 anos

Escolaridade: Ensino Médio completo

Obs: O Celular está quebrado e não está usando as redes sociais

Leomir: Há quanto tempo você já usa a internet? E. P. dos S.: Eu tenho mais de um ano. Mas agora eu parei. Leomir: Você usa internet só pelo celular? E. P. dos S.: É. Antigamente era pelo notebook. Leomir: Você fica muito tempo na internet? E. P. dos S.: Não. Antes ficava. Leomir: Antes ficava muito? E. P. dos S.: Demais. Leomir: Quando você usava assim mais frequentemente, você acessava mais o quê? E. P. dos S.: Acessava mais whatsapp. Leomir: Facebook? E. P. dos S.: Pouco. Leomir: E outros tipos de site? E. P. dos S.: Só no Google. E no Youtube a maioria das vezes. Leomir: Youtube também você olhava muito? E. P. dos S.:

Olha! Leomir: Você olhava o que no Youtube? Vídeo de quê? E. P. dos S.: Vídeo de música. Leomir: De dança? E. P. dos S.: Também. Leomir: Pra aprender a dançar? E. P. dos S.: Também (risos). Leomir: A dança pode ser uma profissão, pode ser um lazer. E. P. dos S.: Eu olhava de tudo. E no Google eu olhava mais frases, poesia. Leomir: Você acha que a internet é uma coisa boa ou coisa ruim? E. P. dos S.: Pra mim não tinha nada de ruim. Certo que não me envolvi em nada, mas pra muita gente tem coisa que não é boa não. Não presta aquilo não. É coisa do cão! (risos). Leomir: E na sua opinião, a internet serve pra quê, além de comunicar pelo whatsapp, além de se comunicar pelas redes sociais? E. P. dos S.: Pra você aprender muitas coisas. Leomir: Conhecer pessoas novas. E. P. dos S.: Também. O que mais a gente conhecia é pessoas novas. Você não conhecia e as pessoas mandavam convite, falavam com você. Leomir: E é bom conhecer pessoas novas? E. P. dos S.: É. Porque as pessoas daqui que a gente conhece não falava, você tinha que conhecer novas mesmo. Leomir: E por que conhecer pessoas novas é bom? Porque pessoas novas tem ideias novas, tem conhecimentos diferentes? E. P. dos S.: Também. Se você sair daqui pra qualquer lugar você não vai ter que conhecer de qualquer jeito? Leomir: A internet é importante pra você? Você acha importante? E. P. dos S.: É. Leomir: Por que é importante? E. P. dos S.: O Facebook é mais importante. Você entra. Sabe da vida dos outros. Porque é isso que a gente vai olhar. Leomir: A vida dos outros é? (risos). E. P. dos S.: Claro! Leomir: Só serve pra olhar a vida dos outros é? E. P. dos S.: Não. Serve pra conversar. Leomir: Você não posta nada? E. P. dos S.: Posto. Leomir: O que você posta? E. P. dos S.: Foto. Leomir: E pra que serve postar foto no Facebook? E. P. dos S.: Eu posto mais porque (pausa), sei lá. Irmã de E. P. dos S.: Pra mostrar que você é bonita, né, mana? Leomir: Pra você se mostrar para as pessoas? Para as pessoas verem que você é bonita? E. P. dos S.: Eu nem sei explicar. Leomir: Essa é uma boa pergunta. Por que será que a gente posta foto no Facebook pra todo mundo ver? Irmã de E. P. dos S.: Para os outros verem que eu sou bonita (risos). Leomir: Pra receber elogio? Irmã de E. P. dos S.: Às vezes nem é. Leomir: Porque tem esses elogios: “Prima bonita”. Irmã de E. P. dos S.: Às vezes nem é. Eu posto foto no Facebook, eu não tenho dois comentários. E. P. dos S.: Eu posto mais porque eu já perdi muita foto em meu cartão. Leomir: Pra armazenar, né? Pra não perder? E. P. dos S.: É. Irmã de E. P. dos S.: Por isso que eu posto às vezes. E. P. dos S.: Já perdi muitas fotos. Leomir: Mas tipo, postar foto não seria um modo de fazer as pessoas comentarem e aí rolar uma conversa e aí rolar uma interação com as pessoas? E. P. dos S.: Não. Pra mim pode comentar mil coisas, eu só vou olhar o que me interessa (risos). Leomir: Você posta uma foto, aí começa o comentário: “Ah prima, onde é esse lugar? Tá bonita”, aí já rola um bate-papo. E. P. dos S.: Mas eu não converso. Leomir: Eu posto foto, mas não posto foto minha. Eu posto foto dessas que eu tiro aqui na comunidade, entendeu? Como um meio de mostrar a comunidade para as pessoas que está fora daqui. Tem gente que é daqui e foi pra Salvador e tem saudade daqui e acaba vendo as fotos e comenta que tem saudade daqui e tal. É uma maneira de mostrar a nossa comunidade, que a gente mora num lugar bonito. O que você gosta de ver na internet? E. P. dos S.: O que eu mais gosto de ver é foto. Leomir: De quê? De pessoa, de lugar? E. P. dos S.: De tudo. Pra mim não interessa esse negócio de pessoa ou de lugar. Mas lugar é mais importante. Você acaba diferenciando mais de olhar. Leomir: Você fala que acaba conhecendo lugares diferentes, né? E. P. dos S.: Também. Leomir: E o que você não gosta de ver na internet? E. P. dos S.: Ahh, quando o pessoal bota esse negócio de morto. Leomir: É, né? E. P. dos S.: Deus é mais! Não sei pra que o pessoal quer botar tudo na internet. Eu não gosto de ver não. Irmã de E. P. dos S.: Corrente. Leomir: Corrente? E. P. dos S.: É. Leomir: Que corrente? E. P. dos S.: O povo pega o bebê, Leo, todo “desgramadinho”... Irmã de E. P. dos S.: “Digite amém, se você não digitar você não crê.” Leomir: Eu não digito nenhum daqueles. E. P. dos S.: É isso! E fica botando os bichinho! Leomir: Nada a ver aquilo

ali. E. P. dos S.: “Se você não fizer isso, Deus não vai visitar sua casa.” Ah! Irmã de E. P. dos S.: Deus visita minha casa todo dia. Leomir: Como você se diverte? E. P. dos S.: Jogando bola. Conversando com os amigos. Dando risada. Leomir: Sair na rua pra namorar, conversar com amigos. E. P. dos S.: Também. Leomir: E você usa a internet pra se divertir? E. P. dos S.: Também. Pra dar risada. Leomir: Você dá risada com o quê? E. P. dos S.: Com os amigos. Leomir: Usando o facebook, né? E. P. dos S.: É. Porque agora tô sem whatsapp, então é facebook mesmo. Leomir: E logo no início assim? E. P. dos S.: Era no whatsapp. Leomir: Como o whatsapp serve pra se divertir? E. P. dos S.: Oxente! Você tá sentada, não tem nada pra fazer, conversa com os amigos. Leomir: Pra se distrair? E. P. dos S.: Também. Leomir: A internet serve pra aprender alguma coisa? E. P. dos S.: Serve. Leomir: O quê? E. P. dos S.: O que aprende mais na internet, não é nem whatsapp nem facebook nem nada porque esses negócio só influencia as pessoas fazer só o mal. A internet não influencia fazer muito o bem não. Pra mim não. Porque muitos amigos que falam com você fica tramando maldade. Eu acho melhor no Youtube mesmo. Leomir: No Youtube dá pra aprender mais coisas? E. P. dos S.: Dá. Muita gente é falsa, fala com você aqui depois fala outra coisa. E tem muita gente que fala fala com você assim pessoalmente, mas quando é pelo facebook e whatsapp fala. Fala pelo whatsapp de boa com você e depois fica falando mal. Leomir: Você conversa mais com seus amigos pessoalmente ou pelo whatsapp? E. P. dos S.: Pessoalmente. Leomir: Hoje me dia pessoalmente porque você tá parada também sem internet. E. P. dos S.: Mas antes também era pessoalmente. Antes eu só ficava mais em grupo. Leomir: Grupo como? E. P. dos S.: Grupo de whatsapp, conversando com todo mundo reunido, mas pessoalmente era melhor, olho no olho. Leomir: Você acha que falar pessoalmente é melhor? E. P. dos S.: É. Eu gosto, o bom é cara a cara. Leomir: Qual a diferença entre antes que você não tinha internet e hoje que você tem acesso? O que é que mudou? Mudou pra melhor? E. P. dos S.: Pra melhor. Leomir: Por quê? E. P. dos S.: Porque antes você não tinha amizade assim com quase ninguém, comunicação, e hoje é melhor, mais fácil. Leomir: Mais amizade com pessoas daqui ou com pessoas de fora? E. P. dos S.: Daqui, de fora. Leomir: Seu jeito de se relacionar com seus amigos aqui em São Francisco mudou de alguma forma por causa da internet? E. P. dos S.: Pra mim não. Leomir: Você acha que com a internet a relação entre as pessoas ficou mais próxima ou mais distante aqui em São Francisco, por exemplo? E. P. dos S.: Pra mim dá no mesmo. Minhas amizades mais próximas só é mais de mulher. De homem só “oi, oi” e acabou. Leomir: Mas eu digo assim, você acha que as pessoas aqui ficaram mais unidas ou mais desunidas? E. P. dos S.: Pra mim tá mais desunida. Leomir: Por que está mais desunida? E. P. dos S.: Porque tem muita gente também que é falsa. Leomir: Antes você ia mais na casa dos seus amigos do que hoje? E. P. dos S.: Ia. Muito mais (risos). Agora que eu parei mais. Leomir: E você não vai por causa de quê? E. P. dos S.: Eu ia mais pra conversar, pra usar internet. Hoje quem quiser que tem que me ver. Leomir: Antes você ia pra bater papo e hoje de casa mesmo você conversa pela internet. Aí não precisa ir como antes? E. P. dos S.: Também. Senta aí mesmo no passeio. Leomir: Quando dá vontade de conversar com alguém você prefere ir na casa dela ou mandar um recado pelo facebook, pelo whatsapp? E. P. dos S.: Eu prefiro ir lá. Porque pelo facebook eu acho muito difícil, porque muita gente só fica mais online no whatsapp. E pra ver demora. Então tem que ir pessoalmente. Antes quando eu tinha whatsapp, eu tinha que mandar mais de três vezes, só pra uma pessoa só ver. Leomir: Por exemplo, Marinho disse que vai ter treino hoje, aí você diz “poxa tem que avisar a Dedé”. E. P. dos S.: Eu ia lá. Eu grito daqui do fundo. Leomir: E se fosse mais longe? Iau. E. P. dos S.: Xau? Eu ia buscar na porta. É um prazer de jogar bola. Leomir: Você tendo whatsapp, você tem certeza que você ia lá ou você mandava o recado? E. P. dos S.: Ah não, eu não mandava o recado não, Leo, porque eu sabia que ela não ia ver. Leomir: Mas se fosse uma pessoa que

você sabia que ia ver? E. P. dos S.: Aí eu sentava e mandava. E tinha que mandar uma hora antes. Mãe de E. P. dos S.: Tem que ser muito viciado no whatsapp o tempo todo. Leomir: Meu celular tá aqui, meu celular vibra. Eu não fico muito tempo no whatsapp não, mas se alguém me mandar o negócio vibra aqui. Irmã de E. P. dos S.: Mas tem gente que escuta vibrar, conversa com outra pessoa mas não presta atenção no que o... você fica ali coisa... eu não... E. P. dos S.: Eu já saí daqui pra buscar todo mundo pra jogar bola. Leomir: Você é o vício da bola (risos). Irmã de E. P. dos S.: Ao invés de ser da internet. Leomir: Sobre paquera, namoro, o que que mudou pra você? E. P. dos S.: Sem internet era pior. Leomir: Hoje em dia a mãe diz assim “você não vai sair de casa pra não namorar”, mas namora pelo facebook mesmo. E. P. dos S.: Qualquer coisa que você mandar ele tá lendo. E você pessoalmente? A língua travava, acabou, não sai mais nada. Leomir: E seus pais já brigaram com você por causa da internet? E. P. dos S.: Reclamar assim, falar que tá muito tarde, “isso é hora”, que não é pra ficar postando esse negócio de foto pra os outros não ficar esculhambando. Leomir: Eles se preocupam com o que você posta, com o que você coloca na internet? E. P. dos S.: É. Leomir: Eles procuram saber o que você pesquisa, o que você olha na internet, não? E. P. dos S.: Tem muita coisa que eu tô olhando aí mainha pergunta o que é que eu tô olhando. Leomir: A internet te ajuda nas suas tarefas do dia a dia ou atrapalha? E. P. dos S.: Atrapalhava na hora de comer. Porque a conversa tava tão empolgante que não dava nem vontade de comer (risos). Leomir: Deixava o almoço pra falar no whatsapp, aí sua mãe reclamava também? E. P. dos S.: Também. Porque eu não comia. Irmã: Ela tava parecendo uma mendiga, seca! Agora que ela parou, ela engordou. Leomir: Você descobriu coisas novas fora daqui com a internet? E. P. dos S.: Sei lá. Vê um bocado de línguas lá. Leomir: Línguas estrangeiras? E. P. dos S.: Línguas diferentes lá. Leomir: Você sabe falar línguas estrangeiras? E. P. dos S.: Eu não. Só sei falar é português, a pulso ainda. Leomir: Você tem ou já teve vontade de comprar alguma coisa na internet? E. P. dos S.: Já. Leomir: E quando não pode comprar, o que você faz? E. P. dos S.: Sai daquele lugar porque se ficar vai empolgar assim demais. Aí fica difícil. Leomir: O que é você viu? Roupas? E. P. dos S.: Sapato. Leomir: E aí, você fica triste, com raiva? E. P. dos S.: Tem que ficar normal, se não pode. Eu também tenho mais medo de não vim certo, do jeito que a gente quer e ser também calote. Leomir: Mas se você ver na internet e tem em Maragojipe? E. P. dos S.: Aí eu vou até lá em Maragojipe. Lá é melhor do que você ir pela internet e não vim. Leomir: Você acha que a internet não é segura pra essas coisas? E. P. dos S.: Não. Leomir: Você viu algum lugar na internet que você tem vontade de ir? E. P. dos S.: Eu? É tanto lugar bonito. Vontade de ir conhecer dá, de morar não. Leomir: Você gosta de morar aqui? E. P. dos S.: Gosto. Demais. Leomir: Por quê? Aqui é chato! (risos). E. P. dos S.: Não acho! Leomir: Não é chato não? E. P. dos S.: Não. Tanta gente corre pra cá, eu vou correr pra fora é? (risos). Eu não troco aqui por lugar nenhum não. Leomir: Por que você não troca? E. P. dos S.: Porque aqui, Leo, eu posso andar, antes podia dormir até com as portas abertas, mas hoje mais não. Mas aqui eu posso andar com segurança, sabendo que eu vou e venho em paz. Leomir: Você conhece as pessoas já, né? E. P. dos S.: É. E fora? Onde eu vou e não vou saber se vou voltar. Leomir: Você pensa em continuar morando aqui? E. P. dos S.: Sim. Leomir: Como você se imagina no futuro? Trabalhando em alguma coisa? Morando em algum lugar? E. P. dos S.: Morando aqui mesmo que eu não vou sair daqui pra lugar nenhum. Agora trabalhando? É trabalhar todo mundo quer. Pra trabalhar tem que morar fora. Irmã de E. P. dos S.: Trabalhar fora? Eu venho pra cá todo final de semana. Leomir: Você pensa em trabalhar mais aqui o trabalho é ruim mas você quer mesmo ficar aqui? E. P. dos S.: É. Leomir: Você quer seguir algum tipo de profissão? E. P. dos S.: Eu queria ser veterinária. Leomir: Você usa a internet pra estudar? E. P. dos S.: Antes usava. Leomir: Hoje em dia que você já se formou não usa mais pra estudar nada? E. P. dos S.: Não. Leomir: Nem pra lembrar alguns assuntos

assim do colégio? E. P. dos S.: Quem!? Eu só faço assunto de colégio quando os meninos ficam pedindo pra pesquisar. Aí eu vou ver, mas. Irmã de E. P. dos S.: Quando os meninos não! Quando Daian, né? E. P. dos S.: É. Leomir: Você pensa em fazer faculdade? E. P. dos S.: Sim. Leomir: Por que que você gosta dessa profissão? E. P. dos S.: Pra cuidar dos animais. Leomir: Você gosta de animal, né? E. P. dos S.: Gosto. Quanto mais de ave melhor ainda! Leomir: Por que você tem essa vontade? Você viu em algum lugar? E. P. dos S.: Na televisão. Quando passa pegando os cachorros, os gatos doentes pra cuidar. Leomir: Esse seu desejo veio porque você viu na televisão? E. P. dos S.: Sim. Leomir: Você já descobriu algo sobre sua comunidade que você nem fazia ideia antes pela internet? Você já pesquisou sobre a história daqui? E. P. dos S.: Já. Leomir: Foi legal? E. P. dos S.: É importante pra você saber o que aconteceu anos atrás. O que é que tinha, o que não tinha, o que não tem mais. Leomir: Você acha que a internet é importante pra gente conhecer a própria história da gente? E. P. dos S.: É. Muita gente de fora que não sabe, pesquisa, conhece. Leomir: As pessoas de fora pra conhecer aqui também. A internet te faz sentir mais próxima ou mais distante das pessoas daqui? E. P. dos S.: Mais perto. Porque pra se comunicar mais rápido, pra se conhecer, porque tem muita gente que é vergonhoso, não fala com você cara a cara, só pela internet, agora se conhecendo pela internet depois vai. Leomir: Então a internet serve pra quebrar a timidez e criar alguns laços de amizade que você não tinha antes? E. P. dos S.: É.

Nome: N. C. do C. P.

Idade: 17 anos

Escolaridade: Ensino Médio Completo

Leomir: Desde quando você usa internet? N. C. do C. P.: Desde meus treze anos. Quatro anos já. Leomir: Que tipo de internet você usa? Banda larga ou móvel? N. C. do C. P.: Mais móvel pelo celular. Mas uso wifi também. Leomir: Quais aparelhos você usa pra acessar? N. C. do C. P.: Celular e computador também. Leomir: Quantas horas por dia, mais ou menos, você costuma ficar na internet? N. C. do C. P.: Ah, meu Jesus Cristo! O dia tem 24 horas... é umas 20 horas por dia. E as quatro é pra dormir (risos). Leomir: Que tipo de site você acessa? N. C. do C. P.: Acesso o whatsapp, facebook, Instagram. Quer mais? É... Pesquisa sobre assuntos, o Google, Youtube. Só. Leomir: Algum site de baixar música? N. C. do C. P.: Não. Leomir: Você não baixa música na internet? N. C. do C. P.: Não gosto. Eu mando os outros baixar e passar pra mim depois. Leomir: (risos) Você acha que a internet é uma coisa boa ou uma coisa ruim? N. C. do C. P.: Uma coisa boa e uma coisa ruim, né? Tem que ver o modo de usar a internet. Leomir: Por que é boa? N. C. do C. P.: Ah, não vem não. Boa porque a gente se comunica, a gente pesquisa trabalhos interessantes, conhece os lugares e etc. É ruim porque tem que saber se comunicar. Daqui a pouco se comunica errado (risos) e... Leomir: Se comunica errado? Não entendi. Como assim? N. C. do C. P.: Ah... (risos). Pula aí, pula! Leomir: Na sua opinião, pra que serve a internet? N. C. do C. P.: Se comunicar, estudar, conhecer lugares. Leomir: Namorar, paquerar? N. C. do C. P.: Pronto, aí já falou tudo! (risos). Leomir: Hoje em dia a internet é importante pra você? N. C. do C. P.: É. Leomir: Por que é importante? N. C. do C. P.: A gente vai falar a mesma coisa que eu falei. Leomir: Você consegue viver sem internet hoje? N. C. do C. P.: Se eu consigo viver sem internet? Eu consigo viver sem internet. Leomir: Não sei não (risos). Você passa 20 horas na internet. N. C. do C. P.: Consigo. Pode ter certeza. Leomir: O que é que você gosta de ver na internet, além de redes sociais? N. C. do C. P.: Eu só uso internet pra acessar mesmo (risos). Leomir: Mas no Youtube você vê vídeo de quê? N. C. do C. P.: De música. Leomir: Só música? N. C. do C. P.: É. Leomir: Vídeos engraçados? N. C. do C. P.: Não. Leomir: Quando você não tem internet

como é seu lazer? O que você faz pra se divertir? N. C. do C. P.: Futebol, viagem, trabalho fazendo unha. Leomir: Trabalho é diversão é? (risos). Desde quando trabalho é lazer? (risos). N. C. do C. P.: Ah, mas eu gosto, é uma coisa que eu gosto. Leomir: Você aprende alguma coisa na internet? N. C. do C. P.: Lógico! Leomir: O que você aprende na internet? N. C. do C. P.: Eu aprendo um bocado de coisa (risos). Leomir: O quê é bocado de coisa? N. C. do C. P.: Tem que falar as coisas, né? Leomir: É. Como sua amiga falou, por exemplo, ela usa o Youtube pra aprender dança. N. C. do C. P.: Eu nem pesquiso dança no Youtube. Eu pesquiso dueto, canto. Eu aprendo a cantar na internet (risos). Leomir: Você tenta cantar! (risos). N. C. do C. P.: (risos). Leomir: Você conversa mais com seus amigos pela internet ou pessoalmente? N. C. do C. P.: Os dois. Os de mais distante pela internet, e os de mais perto os dois, pela internet e pessoalmente. Leomir: Mas antigamente você conversava mais pessoalmente? N. C. do C. P.: Mais pessoalmente. Leomir: Você acha que é mais legal conversar pessoalmente? N. C. do C. P.: Mais pessoalmente. Leomir: Por quê? N. C. do C. P.: Porque a gente... (risos). Brincadeira. Porque a gente convive com a pessoa... Leomir: Pela internet não é mais legal não, porque você tem vergonha de falar, porque tá longe? N. C. do C. P.: Os mais chegados a gente não tem vergonha de falar, né, nem junto nem pela internet. Leomir: Mas conversar pessoalmente é melhor porque tá mais junto, olhos nos olhos... N. C. do C. P.: Isso! É melhor. Leomir: Uma relação mais íntima? N. C. do C. P.: Isso. Os mais junto, porque os mais afastados têm que ser pela internet mesmo. Leomir: Qual a diferença entre antes quando você não tinha internet e hoje que você tem acesso? O que mudou? N. C. do C. P.: O que mudou, meu Deus? Leomir: Com relação a, por exemplo, a paquera, namoro? Antigamente era melhor sem internet? N. C. do C. P.: Antes era melhor. Leomir: Por que era melhor? N. C. do C. P.: Porque antes a gente entendia mais, a gente trocava ideias melhores do que pela internet. Conversar pessoalmente era mais legal. Leomir: Você entendi melhor? Pela internet, às vezes você não entende? N. C. do C. P.: Isso. Leomir: Ah, esse deve ser o tal erro de comunicação que você falou. Deve ser isso, né? N. C. do C. P.: Isso. Leomir: Seu jeito de se relacionar com seus amigos aqui em São Francisco mudou com a internet? N. C. do C. P.: Continua a mesma coisa. Leomir: Tipo assim quando você precisa dar um recado, você vai na casa da pessoa ou você manda uma mensagem? N. C. do C. P.: Ah, eu mando uma mensagem. Às vezes eu vou na casa da pessoa e às vezes eu mando uma mensagem. Leomir: Então mudou um pouquinho, antigamente você tinha que ir na casa da pessoa. N. C. do C. P.: É que dá preguiça, às vezes. Leomir: Antes da internet você conversava mais presencialmente com seus amigos? N. C. do C. P.: Isso. Leomir: E hoje você fala menos por quê? N. C. do C. P.: Porque tem um meio de comunicação pra se comunicar. Leomir: Antigamente você ia mais na casa dos seus amigos do que hoje? N. C. do C. P.: Com certeza. Hoje não precisa ir muito porque tem facebook e whatsapp. Leomir: Mas, olha você aí na casa de sua amiga. N. C. do C. P.: Ah, porque aqui é família, não é amigo. Eu nem consigo falar por ligação com esse povo, quanto mais por internet. Ela não deixou a vivo bloquear o chip? (risos). Amiga de N. C. do C. P.: Leo não tá te perguntando isso. Leomir: Mas antigamente você vinha muito aqui. N. C. do C. P.: Era mais. Amiga de N. C. do C. P.: Agora, Leo ela tem novas amizades. Abriu novos horizontes. N. C. do C. P.: Mas eu não esqueci as velhas não. Pode ficar tranquila quanto a isso. As velhas são as melhores. Leomir: Hoje quando dá vontade de conversar com alguém você prefere ir na casa dela ou falar pela internet mesmo? N. C. do C. P.: Ah, pela internet. Leomir: Preguiça? N. C. do C. P.: Oh, não é o quê. Leomir: Seus pais usam internet? N. C. do C. P.: Só minha mãe. Meu pai não sabe ler não. Como ele vai usar a internet? Leomir: Ele tem vontade de usar? Ele comenta algo com você? N. C. do C. P.: Não, ele não comenta nada comigo não. Leomir: O que eles acham de você usar internet? N. C. do C. P.: Nunca chegaram pra falar nada pra mim não. Não sei te dizer porque nunca chegaram pra mim pra dizer. Leomir: E eles

já brigaram com você por causa da internet? N. C. do C. P.: Muito. Minha mãe, muito, “vá procurar o que fazer, sai do facebook, sai do whatsapp” (risos). Leomir: Toma muito seu tempo. Atrapalha nas suas tarefas dentro de casa? N. C. do C. P.: É. Só isso mesmo. Leomir: Atrapalha e ajuda em alguma coisa? Você acha que te ajuda em alguma coisa nas suas tarefas de casa? N. C. do C. P.: Me ajuda em quê, pelo amor de Deus?! Não me ajuda em nada, meu filho. Leomir: Você já descobriu coisas novas sobre São Francisco na internet? N. C. do C. P.: Já. A história do convento. Leomir: E você acha que isso é importante? N. C. do C. P.: Lógico. Porque aqui é o lugar que eu vivo sempre (risos). Pra saber a história dos nossos antepassados, como existiu cada coisa que tem hoje e aí se vai. Leomir: Você tem ou já teve vontade de comprar alguma coisa que você viu na internet? N. C. do C. P.: Ave Maria!! Comprei e me dei mal! Comprei uma roupa! Amiga de N. C. do C. P.: (risos). N. C. do C. P.: Comprei uma roupa e não deu em mim, ficou folgada. Não compro mais nada pela internet! Leomir: Você comprou pela internet? N. C. do C. P.: Pela internet. Veio. Não quero mais conta! Leomir: E você já viu na internet e depois comprou na feira, na loja? N. C. do C. P.: Já, mas é mais caro que na internet. Leomir: E quando é muito caro e não tem dinheiro pra comprar, o que é que faz? N. C. do C. P.: Nada! Não compra! (risos). Amiga de N. C. do C. P.: Ela agora levantou com tudo, “já comprei, não gostei”, (risos). Leomir: Você já viu algum lugar na internet que você teve vontade de visitar? N. C. do C. P.: Já, mas prefiro morar aqui. Beleza e tradição. Leomir: Por que você gosta de morar aqui? N. C. do C. P.: Eu gosto da paz, filho. Eu sou da paz! (risos). Leomir: Você gosta da tranquilidade do lugar? N. C. do C. P.: Isso, do lugar. Exatamente! Leomir: Além de você ter seus laços de amizade, sua família... N. C. do C. P.: Isso. Todo mundo é aqui mesmo, né, então. Leomir: Você pensa em continuar morando aqui? N. C. do C. P.: Eu não sei. Leomir: Não, pensar em continuar em morar é uma coisa, agora se vai acontecer ou não é outra coisa. N. C. do C. P.: Isso. Leomir: Quais os planos pra o futuro? Trabalhar em alguma coisa, morarem algum lugar? N. C. do C. P.: Trabalhar numa coisa que eu goste, viver bem. Leomir: Trabalhar aqui ou em outro lugar? N. C. do C. P.: Em outro lugar, né, aqui não tem nada! Vou trabalhar em quê aqui, pelo amor de Deus!? Leomir: Tem sim. As pessoas trabalham aqui. N. C. do C. P.: Trabalham mas eu não quero o trabalho que tem aqui. Amiga de N. C. do C. P.: Ela não quer o trabalho de catar siri. N. C. do C. P.: Ah! Eu não tô discriminando o siri não, palhaça, que eu também cato. Amiga de N. C. do C. P.: Nunca vi. N. C. do C. P.: Eu não cato não, é?! Ah, bandida quando eu vim e tiver apertada no siri eu não cato mais. Leomir: Você usa internet pra estudar? N. C. do C. P.: Uso também. Leomir: Como é que você usa? N. C. do C. P.: Pesquiso no Google. Leomir: E no Youtube, você já olhou algum vídeo de assunto da escola? N. C. do C. P.: Já. Já olhei no Youtube vídeos falando sobre o assunto. Leomir: Você pensa em fazer faculdade? N. C. do C. P.: Penso. Tem que dizer o curso também? Enfermagem. Leomir: Você vê alguma coisa na internet sobre enfermagem? N. C. do C. P.: Vejo. Leomir: O quê? N. C. do C. P.: Vídeos. Leomir: E isso faz aumentar seu desejo de ser enfermeira? N. C. do C. P.: Isso. Leomir: A internet faz você se sentir mais próxima ou mais distante das pessoas daqui? N. C. do C. P.: Daqui? Mais distante. Mais perto eu tô quando tô junto da pessoa. Deixa mais perto por um lado e mais distante por outro. Porque, tipo assim, eu podia vir na casa de um colega falar com ele normalmente, mas não venho porque falo pelo whatsapp, entendeu? Leomir: Você participa de grupos de whatsapp? N. C. do C. P.: Sim. É um modo de conviver com as pessoas, com os amigos, de fora e daqui.

Nome: T. S. dos S.

Idade: 22 anos

Escolaridade: Ensino Médio Completo

Leomir: Há quanto tempo você utiliza a internet? T. S. dos S.: Desde uns dezesseis. Era no chip. Leomir: Que tipo de internet você usa atualmente? T. S. dos S.: Vivo. Da Vivo Turbo e wifi. Leomir: Quais os aparelhos que você usa pra acessar? T. S. dos S.: Celular. Leomir: Computador não? T. S. dos S.: De vez em quando, do pastor. Leomir: Quantas horas por dia você costuma ficar na internet? T. S. dos S.: O dia todo! (risos). Leomir: Que sites você acessa? T. S. dos S.: Youtube, Facebook, Whatsap, esse negócio. Leomir: E site de música? T. S. dos S.: Uso no Google. Eu uso o Google também pra baixar vídeo, música. Leomir: Pra você a internet é uma coisa boa ou uma coisa ruim? T. S. dos S.: Boa. Leomir: Por que é boa? T. S. dos S.: Pra você ficar conectado com o mundo, você saber as coisas, tipo vaga de trabalho pra você pesquisar e achar vaga de trabalho melhor na internet, esse negócio. Leomir: O que você gosta de ver na internet? T. S. dos S.: O que eu gosto de ver na internet? (pausa). Leomir: Filme! Que você não sai da internet assistindo filme aí! T. S. dos S.: Filme, conversar com pessoas no Facebook. É muito bom! Leomir: O que você não gosta de ver na internet? T. S. dos S.: Morte que os caras colocam. Aqueles sites de morte é barril, os caras colocam aqueles negócios ali. Leomir: E o seu lazer? Como você se diverte? T. S. dos S.: Só bola. Leomir: E você usa a internet pra se divertir? T. S. dos S.: Pra jogar. Leomir: Você joga online? T. S. dos S.: Jogo online com “Lincote”. Assistir vídeo, assistir filme. Ver Pulinho Gogó. Conversar no Face, no Whatsap. Instagram. Leomir: Você usa Instagram também? T. S. dos S.: Tenho. Leomir: Eu não tenho Instagram não. T. S. dos S.: É bom! Leomir: Quando você está sem internet o que você faz pra se divertir? T. S. dos S.: Jogar bola, bater papo, ir pra o porto tomar banho, pular da ponte. Leomir: Ir pra o mato caçar. T. S. dos S.: Caçar não é diversão não. Caçar é trabalho. Leomir: Você aprende alguma coisa na internet? Alguma coisa que te ajuda no dia a dia. T. S. dos S.: (silêncio). Leomir: Tipo caçar. Alguma caça nova que você viu. T. S. dos S.: Pesca! Pesca de tarrafa! Os caras explicam. Eu peguei as manhas. E as manhas que eu peguei ficou melhor de jogar a rede. Aí tem os caras explicando. Leomir: No Youtube? T. S. dos S.: No Youtube. Leomir: Você conversa mais com seus amigos pela internet ou mais pessoalmente? T. S. dos S.: Internet. Porque tem gente de fora. Tem os caras que moram lá em Salvador onde eu trabalhei na empresa, eu converso com eles todos aí. De vez em quando bato papo com eles. Leomir: Você acha que é bom se comunicar mais assim pela internet do que pessoalmente? T. S. dos S.: Pela internet é melhor. Leomir: Por que é melhor? T. S. dos S.: Por que é melhor? (pausa). As pessoas daqui conversar pessoalmente é melhor, né? Pela internet nem tanto. Pela internet você... Agora as pessoas daqui é bom você conversar ao vivo porque você dá uma conversada, dar risada, esses negócio. Leomir: Qual a diferença entre antes que você não tinha internet e hoje que você tem acesso? O que mudou? T. S. dos S.: Tudo! Antigamente sem internet era ruim demais. Você não tinha nada pra fazer, ficava o tempo todo parado. Leomir: Hoje também fica parado. T. S. dos S.: Fica não! Você tem coisa pra você olhar, pesquisar. Leomir: Pra você com a internet melhorou? T. S. dos S.: Bastante. Pra o mundo inteiro, não foi não, Leo?! Sem internet hoje, acabou, macho! Leomir: (risos). T. S. dos S.: O mundo para. Porque você pra trabalho você tem que usar ela. Muitas pessoas só trabalham com internet, velho. Pesquisa de trabalho. Você faz seus... Como você. Você é jornalista, você faz seus negócios, você tem que mandar pra alguém é pela internet. Como é que você vai levar ao vivo assim pra todo mundo, ir de ônibus, tá morto. Leomir: Banco também. T. S. dos S.: Banco. Leomir: Você pode pagar contas. Com o celular mesmo você paga, não precisa nem ir na agência, né? T. S. dos S.: É. Leomir: Facilitou bastante. Você acha que sua relação com as pessoas mudou de alguma forma depois que você passou a se comunicar com a internet? T. S. dos S.: Antigamente era mais distante. Com a internet agora ficou melhor porque a gente conheceu pessoas novas, tem mais amigos. Leomir: E com as pessoas daqui? T. S. dos S.: Mais perto também. Porque mesmo a gente saindo daqui pra fora

pra trabalhar tem como falar com eles. Leomir: Antes de ter acesso você conversava mais presencialmente com seus amigos? Pra dar um recado, antes... T. S. dos S.: Andando. Hoje pelo whatsapp. Facilita. Leomir: Antes você ia mais na casa dos seus amigos? T. S. dos S.: Ia. Hoje conversa ele na casa dele e eu na minha. Leomir: E isso é bom ou ruim? T. S. dos S.: É bom. Leomir: Mas presencialmente não é melhor? T. S. dos S.: Mas depois não se fala do mesmo jeito? Isso é por momento, né, por hora, tem momento que não tem como você tá presente. Leomir: Hoje quando dá vontade de conversar com alguém, com um amigo, você prefere ir na casa dele ou falar pela internet mesmo? T. S. dos S.: Pela internet. Leomir: Tá todo mundo ficando preguiçoso. T. S. dos S.: Ir pra casa dos outros toda hora é chato, Leo. (risos). Leomir: Mas antigamente a gente era pivete a gente ia mais. T. S. dos S.: Mas antigamente a gente era mais novo. Hoje a gente já tá maior, e agora? Leomir: Mas antigamente a gente não tinha internet. T. S. dos S.: E hoje não é toda hora que a gente tem tempo. A gente passa a maior parte do tempo trabalhando. Pra gente conversar toda hora não tem como. A hora que o cara tem uma hora vaga fala pela internet mesmo, rapidinho. Leomir: E na hora de paquerar por exemplo, hoje mudou pra melhor ou pra pior com a internet? T. S. dos S.: Ficou melhor, bem melhor. Agora é mais fácil, você manda uma mensagenzinha aí vai ficando melhor. As conversas boas. Leomir: É melhor por quê? T. S. dos S.: Pessoalmente é mais difícil de falar. Pela internet você tem mais coragem. Leomir: Seus pais usam internet? T. S. dos S.: Não. Leomir: Por que eles não sabem usar? T. S. dos S.: Não sabe usar e não gostam. Leomir: Por que eles não gostam? Acham o quê? T. S. dos S.: Acham que a internet passa impressão ruim pra os jovens. Leomir: E que eles acham de você usa? T. S. dos S.: Meu pai nem liga. Agora mainha fica mandando tomar cuidado pra não falar com pessoas erradas, marcar alguma coisa assim pra você ir e acabar se dando mal. Leomir: Ela já brigou com você por causa da internet? T. S. dos S.: Só uma vez. Leomir: Por quê? T. S. dos S.: Porque eu levo muito tempo olhando a internet, esquece da vida (risos), mainha reta! Tem hora que eu fico um tempão, mainha vem cá querendo desligar o celular, “guarde e vá procurar o que fazer.” Leomir: A internet te ajuda nas tarefas do seu dia a dia ou atrapalha? T. S. dos S.: Ajuda em algumas coisas e atrapalha um pouco. Não atrapalha não, Leo. Ela fala muito assim por eu fico na internet porque do olho, fala que a vista fica ruim, é mais porque disso aí. Mas não me atrapalha no meu trabalho não. Leomir: Com a internet você descobriu coisas novas fora daqui? T. S. dos S.: Descobri um bocado. Leomir: Tipo o quê? T. S. dos S. (silêncio). Assim não lembro. Leomir: Tá bom. Você tem ou já teve vontade de comprar alguma coisa que você viu na internet. T. S. dos S.: Tenho. Um celular Moto Z. Quero comprar aquele carinha! Leomir: Você já comprou algum? T. S. dos S.: Já. Três. Leomir: E quando você vê algum que você não consegue comprar o que você faz? T. S. dos S.: Só fico querendo (risos). Só fico querendo, não pode, fazer o quê? Se quiser ter tem que trabalhar pra ter o dinheiro. Aqui esse, eu não podia, me desgracei todo mas comprei. Leomir: Às vezes não é nem aqui, é em Salvador e você tem que fazer uma força e ir pra comprar lá, né? T. S. dos S.: Assim pra ir lá não. Eu comprei pela internet mesmo, Leo. Pelo site da Submarino. Aí o Correio entrega em Cachoeira e a gente pega. Leomir: Você conhece algum lugar pela internet que você tem vontade de visitar ou morar? T. S. dos S.: Ilhéus. Trabalhar lá e ficar um tempo lá. Eu vi Rute, ela mandou umas fotos pra mim, lá é filé demais. Ela falou que lá é bom achar trabalho lá. Leomir: Você tem vontade de fazer algo que você viu na internet? T. S. dos S.: Pular de avião, de paraquedas. Não aguento ver, fico doido! Eu já vi os caras pulando ali, é massa! Eu queria testar uma vez. Leomir: Eu tenho medo de montanha russa, quanto mais de paraquedas. T. S. dos S.: Aquele negócio do Jet que os caras saem arrastando, os caras na corda. Como é o nome daquilo ali? Leomir: Kitesurf. T. S. dos S.: Ali a sensação deve ser boa. Leomir: Você gosta de morar aqui em São Francisco? T. S. dos S.: Gosto porque a violência é pouca, mas

pra trabalho não. T. S. dos S.: Você pensa em continuar morando aqui? T. S. dos S.: Não. Leomir: Ir embora pra sempre e não voltar mais? T. S. dos S.: Vim só pra visita. Pra passear. Leomir: Por quê? Você viu algo na internet que te fez ter essa vontade? T. S. dos S.: Trabalho. Pessoas com vidas melhores. Leomir: Como você se imagina no futuro? Trabalhando ou morando em algum lugar? T. S. dos S.: Um trabalho bom. Qual um trabalho bom, Leo? Refinaria. Agora morar onde? Ilhéus. Leomir: Em Ilhéus não tem refinaria não (risos). T. S. dos S.: Não tem não? Leomir: Sei lá (risos). T. S. dos S.: Oh, mas você mora lá e trabalha em outro lugar. Leomir: Refinaria é em Camaçari, São Francisco do Conde... T. S. dos S.: Mas a gente não mora onde a gente trabalha, a gente trabalha em um lugar e mora em outro. Leomir: Depende. T. S. dos S.: É longe de lá pra lá? Leomir: É, não sei. T. S. dos S.: Refinaria é bom, refinaria dá uma grana. Leomir: Que tipo de profissão você quer seguir? T. S. dos S.: Oh, Deus! Não tem nenhuma. Eu queria estudar ciências. Leomir: Química, aqueles negócios? T. S. dos S.: É. Teste, né? Aquilo que os caras testa as coisas pra depois mostrar. Que tipo de trabalho é aquele? Leomir: Ciência de que? T. S. dos S.: É estudar animal, Leo! Leomir: Biólogo. T. S. dos S.: Os caras que vai pra o mato pesquisar os animais. Leomir: Você usa a internet pra estudar? T. S. dos S.: Não, eu já parei. Só se eu fosse fazer faculdade. Leomir: Você pensa em fazer faculdade? T. S. dos S.: Penso. É bom. Queria! De biologia. Leomir: Por que você escolheria isso? T. S. dos S.: Eu gosto da natureza. Acho interessante. Leomir: A internet te faz se sentir mais próximo ou mais distante daqui e das pessoas que moram aqui? T. S. dos S.: Mais longe. Você vê coisas boas fora. Você se imagina naquele lugar. Você fica imaginando como seria sua vida fora de São Francisco. Casado com Angelina Jolly (risos). Leomir: E você acha que a internet influenciou a sua vida em alguma coisa? Se não tivesse você pensaria de um jeito e hoje que tem você pensa de outro? T. S. dos S.: Influencia, tipo... No interior é tudo doido, Leo. A gente já se acostumou aqui.

Nome: M. S. F.

Idade: 25 anos

Escolaridade: Ensino Médio completo

Leomir: Há quanto tempo você usa internet? M. S. F.: Desde que eu tinha uns 15 anos. Leomir: Que tipo de internet você usa? Banda larga ou móvel? M. S. F.: Todas as duas. Leomir: Quais os aparelhos você usa pra acessar a internet? M. S. F.: Celular, uso notebook, às vezes o tablet. Leomir: Quantas horas por dia você costuma ficar na internet? M. S. F.: O tempo todo! Leomir: (risos). Leomir: Todo mundo que eu converso fala que fica 24 horas, 25 se puder (risos). M. S. F.: 24 não, né, que eu tenho que dormir. Leomir: Sei lá, pode tá sonhando com a internet. M. S. F.: (risos). Leomir: De que maneira você usa a internet? Quais os sites que você acessa? M. S. F.: Deixa eu ver... mais o google, facebook, whatasap, o zelo. Leomir: É site de que isso? M. S. F.: De relacionamento. Leomir: Youtube não? M. S. F.: Youtube pra ver como é que conserta celular (risos), como é que conserta as coisas. Leomir: Para que você usa a internet? M. S. F.: Pra conversar, pra estudar, pra fazer pesquisa. Leomir: Você considera que a internet é uma coisa boa ou uma coisa ruim? M. S. F.: Depende de quem usa e pra que usa. Leomir: Como assim? M. S. F.: Por exemplo, uma pessoa usa a internet pra fins bons, por exemplo, pesquisa, alguma oportunidade de trabalho, claro que é bom. Agora se a pessoa usa pra hackear as outras pessoas, acabar com a vida dos outros. Leomir: Tem gente que se esconde atrás da internet pra poder fazer mal para os outros. Esposo de M. S. F.: Falar mal, denegrir a imagem das pessoas, até pra contribuir pra violência. M. S. F.: Pra roubar. Principalmente pra roubar. Se você for um hacker, você entrar no sistema de uma pessoa você

acaba com a vida dela usando a internet. Esposo de M. S. F.: Até dinheiro. Leomir: O que você gosta de ver na internet? M. S. F.: Vídeo, filmes, contos, coisa que eu adoro é ler contos. Leomir: E o que você não gosta de ver na internet? M. S. F.: Não suporto pornografia. Não gosto de ver aqueles sites de baixaria. Leomir: Como é seu lazer, você usa a internet pra se divertir? Quando você não tem internet como você se diverte? M. S. F.: Com televisão, com as palhaçadas de Marlon. E como você usa a internet pra se divertir? M. S. F.: Conversando. Leomir: Você aprende alguma coisa na internet? M. S. F.: Aprendi a fazer conto na internet, aprendi a melhorar minha redação na internet, também às vezes matemática, testar meus conhecimentos. Leomir: Você conversa mais com seus amigos pela internet ou pessoalmente? M. S. F.: Pela internet! É porque não tem como, porque tem gente que mora em outra cidade. Leomir: A maioria dos seus amigos moram longe? M. S. F.: Sim. Leomir: Qual a diferença entre antes quando você não tinha internet e hoje que você tem acesso? O que você acha que mudou na sua vida? M. S. F.: Oh, com a internet ficou tudo mais fácil. Por exemplo, não precisa mais você sair de casa pra conversar (risos), pra resolver um problema no banco eu já resolvo em casa, não precisa mais eu pegar o telefone, levar mais de 25 minutos esperando um atendente me atender. Leomir: Sua relação com as pessoas mudou muito depois que você passou a se comunicar mais pela internet? M. S. F.: Não. Leomir: Antes você ia mais na casa dos seus amigos? M. S. F.: Não. Mainha nunca deixou. Leomir: Hoje quando dá vontade de conversar com alguém você prefere ir na casa dela ou conversar pelo whatsapp? M. S. F.: Eu pego o telefone. Porque pelo whatsapp a chamada é ruim. Leomir: Você usa a internet no seu trabalho? Ela te ajuda no seu trabalho? M. S. F.: Eu agora não tô mais trabalhando, mas me ajudava porque eu trabalhava com isso. Aí no caso eu baixava texto, baixava novas atividades mais avançadas pra trabalhar com os meninos, vídeos, aplicativos pra trabalhar com eles. Leomir: E a internet te ajuda nas tarefas do dia a dia? M. S. F.: As únicas coisas que eu pesquiso que me ajuda no meu dia a dia é aquele site de culinária que eu vou lá inventar alguma coisa pra comer, receitas. Leomir: Você acha que hoje em dia a internet pra as pessoas paquerar, namorar facilitou ou você acha que antigamente era melhor, porque as pessoas conversavam mais pessoalmente. M. S. F.: Exatamente porque agora virou baixaria, né? (risos). Leomir: Mas você não acha que facilitou na hora de paquerar? M. S. F.: Eu não acho não, porque quando chagar no cara a cara se ferrou. Esposo de M. S. F.: É porque é assim, Leo, eu acho que existem as duas coisas facilitou sim pra quem não tem coragem na hora pra tá conversando, expressando as palavras que poderia está falando cara a cara facilitou, mas também o risco aumentou porque a gente vê, inclusive, o tempo todo reportagens de pessoas que começaram a paquerar pela internet, e tal, e quando é na hora H acontecem várias coisas, coisas tipo violência, pessoas somem. Quando são pessoas que se conhecem é diferente, é evidente que isso não vai acontecer, mas quando não é um risco muito grande. Leomir: Seus pais usam internet? M. S. F.: Mainha, 24 horas! Leomir: E seu pai não usa porque não tem vontade? M. S. F.: Não sabe. Ele não sabe mexer em nada que tenha digital. Nem celular com botão ele sabe mexer. Leomir: E o que seus pais acham de você usar a internet? M. S. F.: Mainha me acaba! (risos). Leomir: Por quê? M. S. F.: Porque “tudo é internet, você não sai de casa”! Leomir: Ela já brigou com você por causa da internet? M. S. F.: Sim, por isso. Leomir: A internet te atrapalha a fazer suas tarefas do dia a dia? M. S. F.: (risos) Olha! É lavando prato, enxuga a mão, vai olhar a mensagem que chegou. Leomir: E ajuda de alguma forma? M. S. F.: Com a culinária. Leomir: Com a internet você descobriu coisas novas fora daqui de São Francisco? M. S. F.: Deixa eu ver. Eu descobri tanta coisa. Leomir: Você tem vontade de comprar alguma coisa que você viu na internet? M. S. F.: Não. Eu evito entrar em sites de compra porque eu não confio. Eu vi no Facebook uma calça da pitbull que eu disse “ai meu Deus quem me dera eu ter esse corpo pra caber em mim.” Leomir: Você já comprou alguma

coisa pela internet? M. S. F.: Pra os outros. Leomir: Você conheceu ou conhece algum lugar pela internet que você tem vontade de visitar ou de morar? M. S. F.: A praia do buraquinho, lá no México. Tem uma praia dentro de uma cratera e a água ninguém sabe, ninguém vê por onde é que entra. Leomir: Deve brotar do chão. M. S. F.: Mas a água é salgada. É linda e o formato dela é de um coração. Leomir: Você pensa em fazer algum curso? M. S. F.: Apesar de eu ter perdido minha oportunidade, eu penso em fazer faculdade. Da última vez que eu passei eu me inscrevi pra assistente social. E passei, só que eu não fui porque de Marlon. Leomir: Você usa a internet pra estudar? M. S. F.: Usava. Eu tenho um grupo onde tem troca de experiência, me ajudou muito pra fazer o concurso. Leomir: Então a internet te ajuda a estudar pra tentar um curso na faculdade, por exemplo? M. S. F.: Pode ser também pra fazer concurso e também me ajudo com o trabalho de informática, tem um bocado de coisa que eu não tomei no curso, mas na internet tem os cursos que eu vou lá e olho. Leomir: A internet te ajudava nas tarefas da escola? M. S. F.: Não. Já no terceiro ano que me ajudou bastante. Fazer pesquisa, fazer os slides, fazer apresentações. Leomir: Os professores pediam pra você procurar na internet ou você toma a iniciativa e procurava? M. S. F.: Os dois. Porque tem coisas mais difíceis, por exemplo, no dia que teve a pesquisa sobre intolerância religiosa, intolerância religiosa não, religiosidade, teve muita coisa que a gente teve que pesquisar da internet. Leomir: Então a internet serve pra se comunicar, pra estudar, pra se informar, conhecer pessoas novas também. Você conhece muitas pessoas assim de outros lugares? M. S. F.: Conheço. Pessoas novas pela internet conheço, mas pessoalmente não. Leomir: Você acha essa questão legal? M. S. F.: É porque você conhece culturas diferentes, jeitos diferentes, pensamentos diferentes. Leomir: A internet faz você se sentir mais próxima ou mais distante das pessoas daqui da comunidade? M. S. F.: Mais distante. Porque eu me prendo em conversar mais na internet, Eu tô conversando com aquela pessoa da internet eu vou tá dialogando, trocando informações. Já pessoalmente a pessoa vai querer ficar debatendo. Leomir: E na internet se você não quiser ficar debatendo você desliga o celular. M. S. F.: E pronto! (risos). Leomir: Que tipo de influência você acha que tem a internet na vida das pessoas daqui? M. S. F.: Boa e ruim depende de quem usa.

Nome: J. C. dos S.

Idade: 34 anos

Não alfabetizado

Leomir: Há pouco tempo as pessoas usam a internet aqui, é uma coisa muito nova, e as pessoas ficam muito ludibriadas pelas internet e às vezes tá se prejudicando também não é? Não tomam cuidado. Tem coisas na internet que é preciso tomar cuidado também. J. C. dos S.: Leo, a maioria dos jovens que eu vejo hoje aí usando a internet, principalmente sentados no passeios ou andando pela rua usando a internet, você pode parar pra procurar ver que esses jovens, não querendo denegrir ninguém, mas não procuram nenhum conteúdo que realmente venha a ajudá-los, só procuram conteúdo de molequeira, de brincadeira, de dar risada, de fazer sujeira com alguém, vídeos pornôs, você só vê essas coisas, cara. Como é que uma pessoa pode ter uma coisa que pode ser boa na mão, na palma da mão e acaba transmitindo pra si mesmo uma coisa ruim. Prejudicando a si mesmo. Porque não se ajuda e não ajuda ninguém. Eu fico puto da vida, não vou mentir! Leomir: Você que é da mesma época que eu, você deve ter notado que antigamente a gente brincava de um monte de coisas, né? Brincadeiras de brincar na rua, tipo hoje ainda tem mas é bem menos. Você acha que isso se deve também a internet? As pessoas ficam mais presas em casa? J. C. dos S.: Eu acho que

sim, Leo, presas em casa, mas mesmo que não fiquem presas em casa, ficam presas na internet. Às vezes você tá conversando, você sai com um cara na rua, você sai com uma pessoa na rua, ele não ficou em casa, mas às vezes você está conversando com ele, e ele está distante, você apenas tá vendo ele ali, você tá só vendo a presença do físico dele, mas ele em si, ele não está. Então você percebe que até as conversas com conteúdos que a gente tinha assim presente, em vários jovens que você encontra hoje, você não tem mais, porque eles ali só estão usando conteúdos diferentes e que não tem nada a ver na internet, ou seja, ou em casa ou na rua eles estão presos, na maioria do tempo, na internet. Nem precisa você estar no lugar, você tá andando com essa pessoa, mas a pessoa já está com o celular na palma da mão, conversando com outra pessoa, coisas que não tem nada a ver com o que você está conversando. Não tem pra onde correr. Leomir: Antigamente a gente era mais próximo. J. C. dos S.: Mas era sim! Leomir: Senta todo mundo no passeio cada um com seu celular, um não conversa com o outro, às vezes tá conversando, eu tô conversando com você aqui por whatsapp, facebook. Esposa de J. C. dos S.: No outro dia eu passei, fui descendo ali a rua, aí a filha de El gritou pra outra “ah espera aí que eu já vou entrar aqui em casa pra gente conversar pelo whatsapp!” (risos). Leomir: É tipo isso mesmo. J. C. dos S.: Cara, eu acho que a internet ela realmente muito boa pra vários fins, mas dizer que o ser humano deixou de ficar mais próximo depois dela, dizer que isso não aconteceu é mentira. Não tem como não ver isso. E você sabe que isso de uma certa maneira se a gente bem parar pra pensar essa falta de proximidade em pensamentos e fisicamente acaba influenciando de uma certa maneira até mesmo nos sentimentos de amizade? Do respeito, dessas coisas? Envolve. E a gente tem que tomar um cuidado especial por essa questão. E se a gente for colocar em questão não e nem somente aqui, mas em qualquer lugar essa questão passa a ser envolvida. O outro dia estava passando uma reportagem, Leo, veja bem como as coisas são coincidência. A menina estava fazendo aniversário, então as amigas tramaram uma festa pra poder tirar essa menina de casa e dar um dia pra ela pra que fosse lembrado depois. Então levou essa menina. Elas estavam em um restaurante comendo uma pizza e tomando um shop, tinha cerca de seis a sete meninas sentadas ali. Leo, em todas as mãos dessas meninas tinha celular e todo mundo online, no jornal da manhã passou. Todas elas online conversando com outras pessoas. Esposa de J. C. dos S.: No dia do aniversário de Joana todo mundo chegou lá “cadê a senha do wifi, cadê a senha do wifi?” (risos). J. C. dos S.: Quer dizer, quantas coisas entre elas ali que foram conversadas que depois teve que ser perguntadas? Leomir: Na internet você acaba fazendo laços de amizade grandes, mas por outro lado você acaba perdendo alguns. J. C. dos S.: Ou maiores. Porque frente a frente você tá vendo a sinceridade realmente das pessoas, você está conversando e cada palavra que você coloca você vê no rosto, no semblante das pessoas como ela recebeu a sua palavra e ela vendo como você recebeu a dela. Tem gente, Leo, que acha que é besteira, mas não é besteira não, implica muito na vida de um ser humano. Dizer que no caso, deixar de existir internet hoje não faria falta, seria ignorância porque eu sou um dos a concordar que a internet é sim muito boa. Agora, o ser humano precisa aprender mais a usá-la. Leomir: Você preferia as relações humanas de antigamente como eram do que as de hoje? J. C. dos S.: Sinceramente sim! Esposa de J. C. dos S.: Pra mim dava no mesmo. Eu não tinha amigos. Mainha não deixava (risos). Leomir: Tem gente hoje que nem quer sair de casa. Fica na porta de casa, achou um lugar que tenha wifi, sentou, passa o tempo todo ali. Às vezes não conversa mais com os amigos direito. J. C. dos S.: E a gente viu, a gente viveu um monte de experiências na questão do respeito, do sentimento entre as pessoas, a gente conversou muito, a gente pode dialogar muito presente um do outro, isso deveria voltar a existir porque faz falta e faz um ser humano, ele crescer em matéria de sentimento, de amor entre as pessoas, de respeito entre as pessoas, ele vai ficando com mais idade e porém com mais respeito sobre

essa questão. Leomir: Você acha que a internet influencia em as pessoas saírem daqui e procurarem outros lugares? J. C. dos S.: Eu acho que existem duas questões. As pessoas quando não tinham a internet pra se informar de uma maneira melhor, pra poder ver as coisas de longe, ela tinha que esperar muito a imprensa divulgar um lugar daquele, passar uma reportagem na televisão, tinha que esperar quando aquela emissora decidisse ir ali e fazer uma reportagem e pudesse mostrar e dependendo do horário nem podia ver. Então eu acho que a internet nessa questão já ajudou porque você tá no notebook ou no celular você vai buscando em alguns sites, em alguns lugares, você vai encontrar aquele lugar, você vai tá podendo vasculhar a história daquele lugar. Você mesmo procura. Vê qual o benefício que aquilo vai influir na sua vida, se é pra melhor ou pra pior, as experiências que você já tem, se aquilo vai ser bom pra você ou não e você poder se decidir. Apesar de que existem seres humanos vai e decide precipitadamente, sem realmente tomar cuidado com as consequências, não pensa direito, mas que ajuda nessa questão, ajuda. As pessoas então ficando mais individualistas e a maioria não tá nem percebendo que isso tá acontecendo. Leomir: A relação da gente era mais coletiva. J. C. dos S.: Com certeza. Leomir: Hoje em dia você pesquisa tudo sozinho, se você quiser se distrair na internet é um jeito de você ficar só e viajar por vários lugares sem sair do lugar. J. C. dos S.: Passou uma reportagem também, dizendo, colocando que a cada dia que passa mais pessoas infartam ou estão ficando obesas pensando que é somente pela alimentação, mas não, por ficar muito tempo parada acessando a internet, não se movimenta pra nada, não sai. Leomir: Sedentarismo. J. C. dos S.: Exatamente. Sedentarismo. Esposa de J. C. dos S.: Olha o que eu acabei de ver! “Querendo sair, mas o facebook está mais forte que eu!” J. C. dos S.: Tá vendo você? Leomir: Sabe o que a internet? É uma prisão sem grade e possibilidade de ver o mundo trancado no quarto! J. C. dos S.: Com certeza! O pior é que o próprio ser humano é que tá fazendo a internet fazer isso, porque ele poderia se conscientizar e tomar os cuidados. Leomir: O problema não tá no objeto, na internet, tá no uso que você dá a ela. J. C. dos S.: Exatamente. Assim como ela pode ser uma coisa muito boa, ela pode também ser pra quem tem os pensamentos ruins uma boa arma. Aí você via, a gente descia pra praça a gente já descia conversando e todo mundo dando ouvido realmente ao que se estava conversando, às vezes você chegava no banco daquela praça via o banco cheio de gente, mas você via quando alguém falava qualquer coisa que achava que era interessante você via todo mundo, oh, baixar a cabeça pra poder ouvir com mais detalhes aquilo que a outra pessoa estava falando, você via aquela... Hoje dia você tá conversando o cara tá de cá aqui oh! Leomir: Sabe de qual princípio isso parte? Parte do princípio de que antigamente as histórias, como é que a gente aprendia? Eram os pais da gente contando as experiências deles pra gente aprender então a gente tinha que parar pra ouvir, hoje em dia já não é mais assim, você mesmo pode adquirir seu conhecimento usando a internet. Então hoje em dia as pessoas não param mais pra escutar os mais velhos falarem, por exemplo. J. C. dos S.: Hoje em dia existem duas coisas: o conhecimento ficou de uma certa maneira mais fácil, porém muitas pessoas não sabendo usar o conhecimento que tem, não estão tendo controle sobre aquilo tudo que tem na mão. Tá esquecendo de muita coisa que também é muito importante pra o seu interior, pra o seu cotidiano de vida, pra o que vem pela frente. Tá acontecendo isso. Leomir: Você acha que a internet acaba enfraquecendo os laços de amizade que a gente tem? J. C. dos S.: Sem dúvida. E essa é uma peça-chave sobre a questão da vida das pessoas do respeito, do cotidiano do que vem pela frente. Se a gente deixa os laços a cada dia que passa for enfraquecendo vai ficar cada dia mais complicado e isso vai piorar, evidente. Não ia ajudar muito, totalmente, porque existem pessoas que não estão nem aí, não querem dar ouvido a nada, só quando começa a sofrer as consequências, mas fazem campanhas de muitas coisas, por que não faz uma campanha sobre conscientização na questão da internet sobre esses fins

que a gente tá colocando aqui? Aí a imprensa não faz. Leomir: A internet é muito grande e não se tem um controle. A internet ela é hipertextual e interativa, se eu acessar um site eu posso ler ele de uma maneira e você pode ler de outra. O problema é com o uso que você dá a ela. A internet acaba trazendo efeitos da globalização. A globalização traz um sentimento de você ser mais consumista de você ser mais individualista e isso acaba refletindo nas pessoas aqui mesmo, as pessoas acabam se tornando isso mesmo. J. C. dos S.: E acaba esquecendo que isso seria importante pra eles mesmo hoje. Aqui está acontecendo e é o tempo todo. Vamos colocar assim, quando você pergunta a maioria dos jovens quanto tempo fica na internet, “24 horas”, então eu digo logo que tá acontecendo 24 horas por dia (risos). Leomir: Quem tem wifi em casa pior. J. C. dos S.: Tem gente, Leo, que dorme com o celular na mão, se deita pegando no sono com ele, às vezes chegam mensagens, e tudo que estavam sendo respondidas, no momento ela não é mais respondida porque ela chegou era pra ser respondida o sono roubou. Tem gente dormindo mal, tem gente que vai pra o vaso e não tá fazendo suas necessidades da maneira ideal, o organismo não tá fazendo o trabalho correto porque você tá com psicológico dividido. Leomir: Quando você tem uma coisa nova, até você se acostumar a usar ela você vai errar um bocadinho de vezes, você vai tomar pau um bocadinho de vezes até você aprender a usar. Aqui tem pouco tempo que as pessoas usam com mais frequência. Uma cidade grande as pessoas já usam há bastante tempo, já tá na rotina delas há muito tempo, então elas já usam de um jeito, a gente tá aprendendo a usar agora, agente erra muito mais do que eles. J. C. dos S.: E pra você ver lá fora tá acontecendo as mesmas coisas. Esposa de J. C. dos S.: Tem gente que vai pra uma festa só pra ter o que postar na internet. J. C. dos S.: Senta numa mesa pra almoçar, a comida fica fria, cara! Esquecendo de mastigar, de colocar o alimento numa boa temperatura na boca, de mastigar direito, de degustar a comida, porque se você divide seu psicológico não adianta você me dizer que está sentindo o total paladar da comida não, não tá não. Leomir: Você sente falta se sua mão não estiver no celular, você sente falta, virou uma extensão da mão da gente. Se você perder seu celular você percebe na hora. J. C. dos S.: Gente, até indiretamente a internet mata. A mulher morreu afogada, acessando a internet se distraiu caiu dentro de um lugar que não poderia, se afogou. Leomir: Grande parte da responsabilidade é também dos pais, mais aqui eles não sabem lidar com isso, não tem informação. J. C. dos S.: Não tem informação, não entende. Leomir: Não tem como eles instruírem os filhos a fazer tal coisa se eles também não sabem, não têm ideia do que é, de como que acontece. J. C. dos S.: Exatamente. E alguns também, Leo, mesmo os pais não tendo informações a internet é tão sem controle, já pessoas que já tem idade suficiente pra tá se conscientizando que essas coisas estão acontecendo, mas não tá conseguindo.

Grupo focal: L. S. dos S. 20 anos; I. S. da C. 24 anos; J. S. de J. J. 18 anos; J. C. da C. 24 anos; D. S. M. 21 anos; D. S. da C. 20 anos; L. A. S. R. J. 18 anos.

Leomir: A minha pesquisa é sobre os efeitos da internet na vida dos jovens aqui de São Francisco do Paraguai. São perguntas simples pra tentar entender como funciona a cabeça da gente daqui de uma comunidade quilombola que há pouco tempo tem contato com a internet, não tem tanto tempo assim. Tem o quê, quatro, cinco anos? D. S. M.: Cinco anos. Leomir: É uma coisa muito rápida recente assim pra gente. I. S. da C.: O meu wifi eu vim botar quando o homem trouxe essa internet. Eu botei em 2014, eu só botei porque eu entrei na faculdade. Eu usava mais a do celular. Então a do celular a gente tem o que, de 2010 pra cá. Leomir: Eu tenho mais, de 2011 pra cá. L. A. S. R. J.: Depois veio modem e depois um negócio parecendo um roteador que era um negócio da vivo que tinha aí. Aí eu coloquei. Mas pra ter em computador mesmo era só por ele mesmo. J. C. da C.: Leo, “bora” começar a

gravar “bora”. Leomir: Tá gravando. J. C. da C.: Já? Leomir: Tá gravando (risos). L. S. dos S.: Vai. Leomir: Que tipo de aparelho vocês usam pra acessar a internet? Além de celular... L. A. S. R. J.: Computador. J. C. da C.: Notebook, tablet. I. S. da C.: Tablet eu não uso. L. A. S. R. J.: Tablet eu não uso. D. S. M.: Eu quero comprar um Ipad, velho. É massa pra ler livro, mas ele é muito caro, velho. L. S. dos S.: Caro? Tá D. S. M., tá bom. D. S. M.: (risos) É muito de foder, velho. L. A. S. R. J.: Ande com o Ipad lá em Salvador que você vai ver o seu. D. S. M.: A menina fica lá na faculdade lendo com o dela eu lá viajando “oh pra lá, velho!” I. S. da C.: O computador eu uso mais pra fazer trabalho, pesquisa, mas no dia a dia assim pra rede social é o celular. L. A. S. R. J.: O celular é mais prático. Dá pra fazer qualquer coisa. D. S. M.: Facilita muito. L. A. S. R. J.: Essa nova geração de celular que dá pra fazer tudo, é trabalho, dá pra baixar vídeo, esses negócios, dá pra mandar tudo pelo whatsapp.

Leomir: Qual a utilidade da internet na vida de vocês hoje aqui na comunidade? J. S de J. J.: É um tudo, velho! J. C. da C.: É. É sim porque é um mundo através do celular, se expandir. L. A. S. R. J.: Se comunicar, pra fazer trabalho. J. S de J. J.: Resenha, pra tudo assim. Até pra comida serve! J. C. da C.: (risos). J. S de J. J.: Eu não sei cozinhar, eu vou lá boto no Youtube acesso e faço minha comida. Leomir: Você já fez isso? J. S de J. J.: Já. Muitas vezes! L. S. dos S.: Tá fazendo isso. L. A. S. R. J.: Macarrão, fazer macarrão. J. S de J. J.: É um tudo, velho! Leomir: Até sei fazer macarrão. L. A. S. R. J.: A primeira vez que eu fui fazer macarrão saiu um grude, tudo amassado. J. S de J. J.: Porque a primeira vez a gente só botou água e macarrão. E o óleo? D. S. M.: Eu não boto óleo não. L. A. S. R. J.: Tem que botar o óleo. L. S. dos S.: Depois que você desliga você tem que botar na água fria. D. S. M.: É o choque térmico que ajuda a não grudar. J. C. da C.: Isso, eu também faço assim.

Leomir: Vamos tentar fazer uma lista de utilidades que a internet tem aqui. Serve pra quê? Pra se comunicar com as pessoas... D. S. M.: Pra ler. L. A. S. R. J.: Estudo. J. S de J. J.: Estudar, resenhar. L. A. S. R. J.: Pesquisas. L. S. dos S.: Comunicação. Comunicar com os contatinhos! (risos). Adoro! Na hora você corta essa parte aí (risos). L. A. S. R. J.: Dá até pra fazer tipo um... tomar uma aula online também quando tiver um trabalho pra fazer. D. S. M.: Uma vídeo aula. J. C. da C.: Aí a questão de a gente saber dos vestibulares mesmo que acontece é pela internet. L. S. dos S.: Informações, né, gente. L. A. S. R. J.: É fica por dentro das informações. Leomir: A internet ajudou vocês pra entrar na faculdade? D. S. M.: Bastante. L. A. S. R. J.: Oxe, bastante. L. S. dos S.: Também porque qualquer dúvida a gente pode pesquisar. Leomir: Vocês estudaram.. J. C. da C.: Eu mesma se tivesse tido mais acesso à internet logo quando eu me formei, hoje eu já teria me formado em várias... Já estava na pós-graduação. Eu formei em 2010, aí em 2014 que eu vim saber e tal, mais acesso à internet. Em 2009 que já tinha esse sistema de cotas. Em 2010 eu formei, soubesse e tivesse essa facilidade mais. L. S. dos S.: Hoje a internet tem tudo, né, gente? Qualquer coisa, qualquer dúvida tá lá, qualquer resposta a gente pode procurar. D. S. M.: Você tem que saber se expressar, né? J. C. da C.: Você bota de várias formas até achar. D. S. M.: Antigamente eu pegava a questão do colégio assim que o professor fazia, aí botava no Google e não vinha a resposta (risos). Leomir: Época de escola? D. S. M.: Época de escola. L. A. S. R. J.: Aí em baixo mesmo quando Rita botava aquelas perguntas enormes, do jeito que ela botava lá eu digitava, ainda botava a interrogação (risos). Pra ver se achava a resposta, nunca achava. L. S. dos S.: A resposta você não vai achar o assunto, o conteúdo, entendeu? Você vai ter que ler. D. S. M.: Isso. Você lê a pergunta, entende o que tem na pergunta e pesquisa o que entendeu daquela pergunta, tá ligado? L. S. dos S.: Justamente. D. S. M.: Aí hoje fica mais fácil. O problema é que a gente não acha a resposta por completo, a gente acha o texto, aí tem que ler aquele filho da puta. Às vezes a resposta é no final do texto lá. I. S. da C.: Então eu percebo aí uma mudança de relacionamento com a internet, né? Por exemplo, isso vai de fase. Em ensino médio a gente

acessa procurando trabalhos prontos, pra fazer e entregar ao professor e que não é analisado se o mérito é seu, mérito no bom sentido, se foi escrito por você ou não. E já na universidade a gente aprende que é plágio. A gente pegar um texto na internet e utilizar como se fosse nosso. Leomir: Porque muitos professores na escola eles pedem pra você fazer a pesquisa, tira o texto todo lá e coloca. J. C. da C.: Isso, justamente. L. A. S. R. J.: Talita mesmo já fez isso lá na sala. J. C. da C.: E já pediram até “você coloca o site onde você pesquisou ou então do livro”. E o wikipédia é mais utilizado do que qualquer outra coisa, né? O wikipédia não é uma fonte de acesso de acadêmicos. Não pode ser. Leomir: O wikipédia é um site feito por várias pessoas, as botam várias informações. L. A. S. R. J.: Tem professor que nem quer que a gente faça pesquisa nele. Tem uma professora que disse que não queria que a gente fizesse pesquisa sobre ele lá. Ela falou que a gente pode fazer umas pesquisas tipo um dicionário, fazer tudo e botar o site onde a gente encontrou. Aí ela disse que só não queria do wikipédia. Podia ser de dicionário, de livro, de tudo menos... I. S. da C.: Mas tem um jeito que eu faço também que eu pesquiso pelo wikipédia. Eu vou no site científico, leio, mas só que aqueles diabo daqueles artigos, às vezes as linguagens são tão difíceis pra gente entender, aí eu vou pra o wikipédia e fico comparando as informações. Aí eu vejo que a linguagem do wikipédia tá mais fácil de eu entender, eu estudo pelo wikipédia, mas na hora de botar a referência eu boto do outro site científico. L. S. dos S.: Eu também faço isso o site que for melhor pra mim, pra eu entender, eu vou colhendo as informações e colocando. A gente só não pode copiar e colar, né? Porque assim, a gente pega aquela palavra e já usa o sinônimo daquela palavra e vai escrevendo. D. S. M.: Mas quando eu não tô com tempo, eu copio, vou lendo e mudando algumas coisas assim mesmo, tchau! (risos). I. S. da C.: O problema disso é lá ma frente quando a gente tem que produzir, principalmente no final do curso, quando a gente tem que fazer o TCC, o diabo do TCC, é barril, pô. D. S. M.: Não é tão miserável não. J. C. da C.: O BI graças a Deus não tem isso. I. S. da C.: E aí tipo você não mas reproduz um pensamento, você faz o seu pensamento, você tem que criar, não só criar porque ali você pode referenciar outros autores que já escreveram sobre o que você tá falando. Mas agora tem que ser um texto seu, uma introdução sua, a divisão do texto tem que ser feita por você, então esse é o ruim de a gente se prender a essas questões.

Leomir: Em que exatamente que a internet ajudou vocês a entrarem na faculdade? O que é que mudou? O que facilitou pra vocês? D. S. M.: A forma de se comunicar mais rápido. Leomir: Como J. C. da C. falou a gente teve mais acesso a saber quais os vestibulares estavam rolando. Alguém estudou para o Enem pela internet? J. C. da C.: Sim! Muito! Vídeo aula. Até hoje eu estudo. I. S. da C.: Muito. Eu devo muito à internet porque eu acho que a minha formação não foi suficiente, não vou mentir. Eu estudei muita coisa para o Enem pela internet mesmo. E sobre a como se inscrever na faculdade mesmo, eu não vou mentir pra vocês não, eu não sabia que a UFRB tinha esse sistema de SISU aceito já não, vim saber depois de 2013 pra cá que eu soube. J. C. da C.: Foi todo mundo nessa mesma época de 2013 pra cá quando a gente tava terminando, não foi, Bely? I. S. da C.: Não. Eu terminei em 2010 o Ensino Médio, mas aí eu fui tentando outros vestibulares e a gente tentava mais a UEFS e não era a gente que inscrevia a gente, eram outras pessoas do Iguape, as meninas que já estavam lá, Luciene, umas meninas que já estavam lá. Leomir: E o contato que vocês tinham com elas era como? I. S. da C.: A gente ia pra o Iguape todo domingo fazer pré-vestibular, eu e Edna. A gente ia e ficava conversando e tudo mais, aí quando eu fui trabalhar em Salvador, aí eu já tinha mais esse negócio de facebook, já tinha mais intimidade com facebook, aí iam mandando pelo facebook, elas criaram uma página Vestibulandos do Iguape, né? D. S. M.: O grupo quilombolas e indígenas. I. S. da C.: Nessas páginas que veio uns links, uns negócios. D. S. M.: Aí veio, apareceu o vestibular da UESB, várias outros vestibulares também que a galera

postava, tá ligado. I. S. da C.: E se eu não me engano eu fiquei mais interessada pela UFRB quando o primo dele passou, Guilherme. Conversei muito com Guilherme pelo inbox, aí ele ia me mandando umas coisas, ele ia mandando e eu ia acessando aí eu comecei a acessar aí passei, “e aí agra o que é que eu faço?”, aí ele ia me falando. J. C. da C.: É isso mesmo. E a curiosidade também, né? Porque eu mesma coloco lá “vagas quilombolas 2017”, aí eu boto “vagas quilombolas janeiro de 2017”, aí vou indo até encontrar, aí boto só naquela universidade, “Minas Gerais”, aí vou procurando até achar, então a partir daí a curiosidade também foi aguçando e achando o que eu queria. L. S. dos S.: É uma coisa que eu sempre falo, porque assim, tem algumas pessoas que querem as coisas sempre muito na mão, prontas entendeu? Então assim, às vezes a gente tem paciência e outras não porque eu mesma já fui muito vítima disso, às vezes a gente dá uma informação e aquela outra pessoa não entende, “ah foi culpa de L. S. dos S. que deu”, por isso que eu me afastei mais. Por conta que eu corria atrás do pessoal aqui, porque lá no Iguape tem o representante dos meninos pra entrar na UEFS, mas aqui só tinha eu, eu e Kananda, só que Kananda não se envolve, então antes eu fazia assim, corria atrás, me informava. Quando chegava as inscrições eu mesma fazia as inscrições dos meninos. Ano passado eu não pude porque eu tava na correria lá na faculdade, eu não pude e falei com Mirele, “Oh Mirele tente aí ver se você consegue inscrever quem é que vai querer fazer porque eu não vou poder me envolver esse ano”. E assim, em aquilo ali a gente explica, “ah tal, tá em tal site”. J. C. da C.: Não quer nem ler. Não quer ler a página de inscrição, não quer ler o que, pelo menos que não leia tudo, mas que leia algumas coisas, por exemplo o que é preciso na inscrição, qual é o dia da prova, o local de prova vai sair tal dia. L. S. dos S.: A gente vai inscreve uma vez, você tá ali, você tá prestando atenção, é assim vou de dar essa informação, “a inscrição é isso aqui”, aí pronto. J. C. da C.: Aí você manda e a pessoa não faz. L. S. dos S.: Uma pessoa vez minha inscrição a primeira vez só que depois eu aprendi a fazer minha inscrição. Todo vai aprendendo, todo mundo vai fazendo, todo mundo tem acesso, é isso aí a curiosidade, gente. Não esperar tudo na mão, a vida não é assim não. Tem gente que quer que eu saiba a data até da UFRB, da UFBA, “eu não sei, eu não sei gente, procura o pessoal aí que faz, que estuda na federal, pra poder saber porque eu não sei data”. “ah, quando sair data de tal e tal inscrição você me fala”. Não posso falar porque eu não sei. D. S. M.: No site da UFBA é um pouco mais fácil, porque eles destinaram uma página só pra quilombola, pra você ver os editais e tudo, essas coisas.

Leomir: E se não tivesse a internet como seria pra vocês estarem na faculdade hoje? L. A. S. R. J.: Hoje eu tava em casa essa hora (risos). Eu estaria dormindo, vagabundando na rua. J. C. da C.: Oxe!, não estaria. Leomir: Não só pela questão da inscrição, mas por ajudar mesmo. Vocês acham que não conseguiriam passar se não tivesse a internet pra estudar? D. S. M.: Rapaz, seria mais difícil. L. S. dos S.: Porque comigo, eu ainda tava no ensino médio e aí quando eu saí eu disse que ia prestar vestibular no final do ano, o que foi que eu fiz? Eu comprei livros, até numa livraria que tem ali atrás do Pereira. Aí eu comprei uns livros ali daquele... qual é a página mesmo...? Vestibulando não, é... é uma coleção mas é o nome de um... eu esqueci depois eu falo. E aí foi que eu estudei e assim como sempre eu quis prestar pra enfermagem aí eu foquei na área mais voltada pra saúde, foi que eu consegui até uma pontuação boazinha. E as outras disciplinas. Matemática, português, foi no colégio, foi minha base, não tinha como estudar porque tipo pra gente ter acesso na quela época, pra ter acesso à internet era difícil porque era aquele moldenzinho. Então era super difícil. Eu sempre preferi meu livro. Hoje eu tô até mais preguiçosa por causa da internet.

Leomir: Mas algum de vocês já usou bastante a internet pra poder estudar? L. A. S. R. J.: Já! Eu já. D. S. M.: Mas sempre com site da video aula aberto e mais quinze abas abertas com facebook, site web, essas coisas. J. C. da C.: É porque se não você dar dor de cabeça. L. A. S.

R. J.: Aí chega uma mensagem você dá uma pausa vai responde a pessoa. J. C. da C.: Se você ficar só lendo aquela coisa ali você vai ficar com dor de cabeça, então pera ainda dois minutinhos aqui. L. A. S. R. J.: Pra relaxar. Aí quando volta esquece tudo, tem que voltar o bichinho tudo de novo, se tiver no meio aí que eu não volto mesmo (risos). E fico com preguiça. L. S. dos S.: E não é nada fácil não, viu, porque quando a gente sai daqui e vai pra outro lugar lá é uma coisa muito difícil, é coisa que a gente nunca viu na nossa vida que a gente tem que começar a se adaptar.

Leomir: Aqui na comunidade a maioria das pessoas que acessam a internet são as mais jovens, poucas pessoas mais velhas acessam a internet. Vocês acham que isso se dá por quê? Por falta de conhecimento? L. S. dos S.: Também. Leomir: Por que algumas não gostam, não sabem ler? L. A. S. R. J.: Minha mãe não conhecia, não sabia como era o whatsapp, esse negócio. Hoje ela passa a bulir no whatsapp, facebook, internet, e antes ela não fazia isso, era mais na base do livro e hoje é mais na internet. Leomir: Falta de conhecimento como assim? L. A. S. R. J.: De não conhecer mesmo. Nunca utilizou e acha que não tem utilidade nenhuma. Ela pensa que é só pra site de putaria. Será que eles acham que isso é coisa de jovem? J. C. da C.: Minha vó acha o máximo, ela quer o mais, o que tiver mais avançado ela quer. L. S. dos S.: Tem pessoas que tem essa curiosidade, né, J. C. da C.? E outras pessoas que não. J. C. da C.: Eu tô na aula e ela me chama, porque ela só sabe do facebook, do whatsapp ela não sabe, aí quer fazer vídeo “e aí minha net?”, eu “ai meu Deus, minha vó, tô na aula” (risos). Leomir: alguns mais velhos não são alfabetizados, eles não sabem mexer mesmo no celular, eles não temo mexer porque eles não sabem ler. E os que sabem ler, por que vocês acham que eles não se interessam? I. S. da C.: Acho que eles tiveram por muito tempo como fonte de informação a mídia, a televisão, jornais, essas coisas, e muitas vezes, eu já vi muitas vezes minha mãe falar comigo que passa essas reportagens sobre o uso da internet, os perigos do uso da internet, que alguém foi estuprada porque marcou um encontro, não sei o quê, minha mãe fica falando comigo. Uma vez minha mãe falou até do meu e-mail, que ela viu na televisão, que meu e-mail era aquele ridículo, gente, gata atrevida, esses negócios (risos). L. S. dos S.: O primeiro e-mail mesmo, eu nem vou falar o meu (risos). I. S. da C.: Sim. A mulher passou falando sobre isso que quando a pessoa já vai usar algo pra trabalho, pra faculdade não pode passar esse tipo de e-mail, essas coisas que parecem um pouco vulgar, essas coisas toda, minha mãe “tá vendo”? Mude lá, bote I. S. da C. Santos porque qualquer coisa, né, trabalho”, aí assim eu fiz mudei, quando eu botava currículo mesmo que botava e-mail, eu botava assim, entendeu? E aí eles tem a televisão, gente, não tanto o rádio que minha mãe usava rádio, mas nem tá usando mais, mas eles têm a televisão como fonte confiável, aquilo que desperta a curiosidade de informação neles e nelas tá na TV. Minha mãe pediu um celular com Whatsapp de ver tanta gente falando de whatsapp, só que na hora de escrever ela não se sente confiável em escrever, ela se sente melhor pra mandar áudio, então é algo bem mecânico pra ela. L. A. S. R. J.: E bem mais prático. J. C. da C.: É, a minha mãe também. L. A. S. R. J.: A minha manda tudo, escreve, manda áudio, faz ligação, tudo.

Leomir: E os pais de vocês acham o que de vocês usarem a internet? L. A. S. R. J.: Ela só manda tomar cuidado com esse negócio de mandar foto porque ficam vazando. D. S. M.: Meu pai e minha mãe se pudesse metia na parede! Leomir: É mesmo? Por quê? D. S. M.: Ele não gosta! Leomir: Porque ele não gosta ou porque você não desgruda? D. S. M.: Os dois. I. S. da C.: Eles querem às vezes um pouco de atenção, eu já cansei de ouvir minha mãe falando. D. S. M.: Que nada. L. A. S. R. J.: Ela disse que a internet deixa a pessoa assim agressivo e irritado, alguma coisa assim. Leomir: Tem um pouco de verdade nisso aí. I. S. da C.: Porque convenhamos, né, gente, Bauman vai falar sobre isso. Ele fala que a gente tá numa multidão e ao mesmo tempo numa solidão com a internet. L. S. dos S.: É verdade! I. S. da C.: Que a

gente tá ali porque o fato de tá todo mundo em rede, aí eu publico uma coisa, aí L. A. S. R. J. curte, eu já não estou me sentindo sozinha porque L. A. S. R. J. curtiu aquilo, compartilhou um sentimento meu, então a já vi que não tô sozinha naquela parada, aí vejo Júnior online, aí Júnior comenta, aí não sei quem comenta, porra, já não me sinto sozinha, vai despertando uma série de sentimentos na gente. E é aquela coisa, você se sente como se estivesse aqui em um grupo, então deixou de fazer sentido hoje em dia esse grupo, e muitas vezes eu tô aqui nesse grupo, mas tô aqui conversando com L. A. S. R. J..

Leomir: Antigamente sentava todo mundo conversava, hoje tá todo mundo junto, mas todo mundo separado porque cada um com seu celular às vezes e tá conversando com pessoas de outra cidade de outro país, entendeu? J. C. da C.: Como hoje todo mundo podia comer uma pizza, né? Já que tá todo mundo aqui, de noite, não agora. I. S. da C.: E tem também essa necessidade, “vamos comer uma pizza?” tem que levar o celular porque a gente precisa registrar e postar aquele momento. Leomir: Por que tem que deixar registrado? I. S. da C.: E outra coisa, a resenha maior não vai ser aquela dali, vai ser quando postar a foto, lá na foto, lá na rede. D. S. M.: Aí todo mundo comenta. Leomir: Antigamente o mais importante era o momento que você estava ali reunido comendo a pizza com a galera, hoje em dia o mais importante é a resenha depois no facebook, no whatsapp, o que é que rolou. D. S. M.: Antes era tirar foto na câmera digital pra postar. J. C. da C.: Eu já postei várias fotos intencional de... I. S. da C.: A gente tirava foto, J. C. da C. dizia “chegar lá eu descarrego lá e posto.” J. C. da C. (risos). I. S. da C.: Minha sobrinha, por exemplo, ela já tem whatsapp, ela já tem celular, e eu vejo muitas outras crianças, Pedrinho mesmo, tem acesso a esse negócio da internet, desses caras que tem banda de funk do Rio de Janeiro, considerado pagofunk aqui regrava as músicas, ele já pega antes no funk, na época do funk ele já pega as músicas assim, “aqui oh, a sarrada no ar mesmo”, esses negócios. Eu fico assim, “porra, velho!”, oh o relacionamento dessa galera.

Leomir: A cultura da gente tá mudando por causa do contato com a internet? I. S. da C.: Tá mudando porque os pais de hoje, antigamente pra dar um negócio pra gente era prometido de um primeiro do ano pra o final do ano se passasse de ano. Hoje em dia não, “eu quero um celular”, “tome!”. Mudou até o contato e o relacionamento da criança. Porque antigamente a gente brincava de quê? Ono um, então ono um tinha que ser pelo menos três pessoas, né? Uma lá, outra cá, eu no meio brincando. Hoje em dia não, cada um com seu celular, o outro que não tiver fica olhando, junto olhando doido pra mexer, vai em casa pede a mãe. D. S. M.: Clash Royale! I. S. da C.: Mas é bem individual, não é mais aquela brincadeira coletiva. Você não vê as crianças brincar de pique-esconde, gente. Eu brinquei muito. L. A. S. R. J.: Sete pedrinhas, era baliô. I. S. da C.: Lembra da brita? Aquela da brita, a gente já gostava. Como era o nome? Leomir: Tico-taco. I. S. da C.: O nosso brinquedo era inventado. A gente inventava.

Leomir: Tem a parte boa da internet que é a gente ter mais conhecimento... J. C. da C.: Deixa eu falar da parte ruim que eu fico com medo até de Jaine, até hoje eu ainda tenho medo, eu fico com raiva porque tem senha, porque eu quero olhar as coisas e quero saber das coisas, e a pessoas coloca senha no celular, quero bisbilhotar justamente pra proteger, então é ruim. Antes quando ela não sabia tanto eu aí deixava sem senha, hoje eu não posso fazer isso, eu não posso vigiar ela, a não ser quando ela abre no computador aí eu vejo o que é que eu posso fazer e aí eu olho mas fora isso eu não tenho como. I. S. da C.: Gente, tem essa do uso do computador e do uso do celular. O computador lá em casa tem sempre alguém atrás e tá vendo o que eu tô fazendo, eu comecei a ver que isso me incomodava muito. L. A. S. R. J.: Mas o meu é assim, a porta fica cá atrás e o computador fica aqui, viro a tela e fico assim todo torto com o teclado, pra ninguém ver. Porque até minha mãe fica olhando o que eu tô fazendo. I. S.

da C.: Outra coisa que eu percebi que mudou muito em algumas casas que eu vou, inclusive na minha, a revelação de fotos, a gente tirava foto, aí ia em Cachoeira revelava, botava no porta retrato e botava na sala, hoje em dia ninguém mais faz isso, gente, a gente bota tudo no facebook, a família não vê, quem chega não vê, é uma maneira também de você excluir os mais velhos. Quando você vê uma foto que alguém revelou e botou ali na estante da sua casa, porra, aquilo ali. J. C. da C.: É um carinho!

Leomir: Vocês acham que as brincadeiras mudaram, mudou pra pior? J. C. da C.: Pra pior porque não tem esse contato todo. I. S. da C.: Era mais um sentimento coletivo, não tem mais coletividade. J. C. da C.: É pra gente jovem que quer namorar, conversar, paquerar, é gostoso a internet, porque muitas vezes você não tá com o cara pra falar algumas coisas. Você vai lá e curte várias fotos dele lá. L. S. dos S.: Você tem que ir no álbum. L. A. S. R. J.: Vai na foto mais velha, na foto mais velha. L. S. dos S.: E aí a pessoa vai se ligar, nem que você não veja as fotos todas mas... L. A. S. R. J.: Ou no Facebook ou no Instagram, você vai na última foto chega lá dá uma curtida, nem comenta, só faz curtir. Aí fica com aquela esperança assim eu vou curtir ele vai falar comigo, fica lá uma, duas, três semanas, o ano todo ele não fala você. I. S. da C.: Mas não se engane não, já rolou uma dessa comigo, eu achei que o crush tava a fim, não tava não, viu?! Mexe nas minhas fotos, comentando e tal, mas só foi ilusão (risos). A gente se ilude, a gente se ilude!

Leomir: Vocês acham que a paquera mudou porque antigamente era mais cara a cara ou então mandava recado. L. A. S. R. J.: Era recado, um bilhete, era indireta na cara, falava não sei o quê, não sei o quê, era na cara. J. C. da C.: É. L. A. S. R. J.: Era cartinha, era um bocado de coisa. I. S. da C.: Era carta, oh, gente! L. A. S. R. J.: Era um bocado de coraçãozinho na carta, beijava enchia de perfume pra ficar cheirando. I. S. da C.: Era mesmo! L. A. S. R. J.: Dobrava assim e entregava, nem entregava, mandava uma pessoa entregar ou se não colocava no caderno. L. S. dos S.: Ah, isso era tão fofo, né, gente? L. A. S. R. J.: Hoje em dia se você encontrar uma carta é mais fácil você lascar sem ler do que ver a carta ali que mandaram. Leomir: Vocês acham que melhorou? J. C. da C.: Pra os jovens sim, pra as crianças não! Leomir: Essa questão da paquera, melhorou? L. S. dos S.: Assim, Leo, pelo ponto de vista de algumas pessoas sim, outras não. Eu, por exemplo, eu prefiro tanto que use a internet como a forma que era. Mas eu acho muito fofo assim receber carta. Alguém escrever uma carta pra mim, não só um homem, mas tipo um amigo desejando um feliz aniversário, é fofo, gente, um buquê de flores, ah, eu sou apaixonada por isso. Ninguém nunca fez, né, mas é muito legal. D. S. M.: Você lembra que em 2014 você me deu uma flor no dia do meu aniversário? Uma branca. L. S. dos S.: Não, meu filho, não lembro. D. S. M.: Tá guardada lá em casa até hoje. J. C. da C.: Oohh! L. A. S. R. J.: Olhe lá pra ele não curtir a sua foto, a última. L. S. dos S.: Chegar na data do aniversário de um amigo você imprimir uma foto. Eu usava a internet assim, quando chegava a data de aniversário de um amigo meu, aí fazia aquele textão, só que assim, eu me privei muito, mas eu vi que aquilo não tinha necessidade pra mim, entendeu? Eu vou usar o whatsapp que é uma coisa privada minha e sua, eu posso escrever pra você te dizendo feliz aniversário, não vou precisar expor meus sentimentos pra várias pessoas, e daí, ninguém se preocupa com isso não, oh, ninguém tá preocupado com isso. Se você gosta ou não. I. S. da C.: Uma coisa muito estranha foi a galera me desejando feliz aniversário no facebook e pessoalmente não, Denílson, Lucas, os meninos, passou bem longe de mim assim, poxa, mas não eles estavam tramando uma brincadeira mesmo, tudo bem, mas mesmo assim foi muito estanho pra mim assim, a pessoa chega lá, meio mundo de gente estranha no facebook “Bely, não sei o quê, felicidades, não sei o quê” e pessoalmente te vê e passar por você assim abatido. Eu tem evitado dar feliz aniversário pelo facebook, a não ser que a pessoa não esteja perto de mim mesmo, entendeu? E o único contato que eu tenha com ela seja

facebook, aí eu chego lá “pô, fulano, parabéns, não sei o que” e tal, mas por, e até tô preferindo dar via inbox mesmo, sabe? Leomir: Mas antigamente era legal essa questão do contato e tal, hoje em dia melhorou com a internet porque você consegue ter um contato com pessoas que estão longe, e tal, mas tipo faz de conta que acabou a internet, e aí? J. C. da C.: Ai, meu Deus! Eu não consigo mais não! I. S. da C.: A gente não lembra mais número de ninguém, meu filho? Leomir: Antes era melhor por causa do contato e se acabar a internet? I. S. da C.: Antigamente eu tinha um celular que eu sabia o número de todo mundo de mente, hoje em dia eu não tenho o número de todo mundo de mente. Leomir: Mas seus contatos aumentaram. J. C. da C.: Se acabasse a internet agora, a gente ia ficar restrito a tudo que tinha aqui como antes, a gente se envolvia mais com o pessoal daqui, o estudo era só por aqui, ou então se você fosse fazer um cursinho, entendeu? D. S. M.: Antes da internet eu tinha mais tempo de estudar, velho! Eu tinha mais concentração, eu me concentrava melhor em sala de aula e tudo, velho. Depois da internet, putz, velho! Sinceramente a coisa ficou feia. Leomir: Desconcentra pra estudar. Ajuda pra estudar porque você tem um mundo ali na sua frente, mas desconcentra por causa das redes sociais, por exemplo? L. S. dos S.: É como se fosse um demônio que quer destruir com nossas vidas, a gente tem que saber lidar com aquilo ali, por que se não a pessoa se leva, a pessoa não pode deixar a maré te levar, você tem que remar. L. A. S. R. J.: Se você usar só o celular, você vai ter que pegar o celular, desligar pra estudar, esconder o celular, mandar alguém esconder aquele celular pra você não ficar usando aquele celular. D. S. M.: Se deixar próximo à tentação ali... L. A. S. R. J.: Toda hora vai chegar uma mensagem e você vai querer toda hora ver. I. S. da C.: É uma liberdade que é uma prisão ao mesmo tempo, sabe? Algo que vai te libertar de uma coisa que você não tinha, “pô, que liberdade que agora a gente tem de não sei o quê, de pesquisar várias coisas e ter contato com várias coisas, que massa!”, mas ao mesmo tempo é uma prisão que te prende, quando você pensa que não você perdeu seu tempo, você perdeu muito do seu tempo ali. Você tem que estudar pra uma prova que vai acontecer daqui a dois dias, é foda. L. S. dos S.: E que bom que a gente, que algumas pessoas conseguem perceber isso a tempo, né? I. S. da C.: O pior é que muitas vezes eu consigo me perceber ali mergulhada naquilo, mas muitas vezes eu não consigo sair daquilo! L. S. dos S.: É igual como se você tiver usando uma droga, como se você tiver viciada ali, se torna um pouquinho difícil você sair dali. I. S. da C.: Quer ver um dos efeitos da internet que eu tenho percebido nos últimos tempos e até Ana Paula comentou comigo? É questão de morte. Assim quando morre alguém, aquilo ali se torna uma rede de forças e tal, oh o chape, tornou um movimento muito grande assim.

Leomir: Qual a importância da internet pra o lazer de vocês hoje? Antigamente não tinha internet, como a gente se divertia e hoje está diferente... I. S. da C.: Marcar o lazer. L. A. S. R. J.: Fazer um grupo pra conversar, vídeo chamada. Leomir: A internet não acaba tirando o tempo de lazer de vocês? Tipo você fica muito tempo na internet, sentado conversando e você poderia estar no porto tomando banho. J. C. da C.: Não, aí não, meu filho, aí é outra história, né, não tem sentido, né? (risos). Leomir: Falou de porto com você não vale, você larga qualquer coisa pra ir pro porto tomar banho.

D. S. M.: eu tenho uma tia que tem facebook só pra olhar a vida dos outros (risos). L. S. dos S.: Antigamente eu fazia muito isso, muito mesmo, mas assim, analisando era uma perda de tempo pra mim, que aquilo ali não is mudar em nada na minha vida. Hoje eu faço isso com as pessoas que são importantes pra mim. A gente vê algumas coisas que até frustram a gente de algumas forma, então quando a gente, é um jeito que eu vejo de não me frustrar. Tem pessoas que se sentem bem também, né, a gente não pode julgar. I. S. da C.: Antigamente eu também era dessas, mas eu percebi que alguma coisa tava me fazendo mal, faz mal, gente, e ao mesmo tempo a gente fica ali apegado aquilo, isso é ruim, pô. Aí teve uma pessoa mesmo que eu

pesquisava todo dia o que essa pessoa postava, tá ligado? Era um crush, tava interessada nele, mas tudo bem (risos). Depois eu descobri há pouco tempo que esse crush tinha me excluído de Face que eu nem sabia, só soube quando me mandou solicitação de novo, de amizade, eu nem sabia, “como assim, produção? Eu não sou mais amiga?” Tipo assim, é algo libertador isso, você ignorar algumas coisas, é muito necessário.

Leomir: O que é que vocês usam pra se informar? L. A. S. R. J.: A internet. L. S. dos S.: A internet. D. S. M.: Eu gosto de jornal, velho. Leomir: Jornal impresso? D. S. M.: Sim. Leomir: E quantos por cento tá a internet? D. S. M.: Pô, man, 90%. L. A. S. R. J.: Eu acho que 60% internet, o resto tudo televisão. J. C. da C.: O meu tempo antes quando eu não usava internet era de desenho animado, eu sou viciada. L. A. S. R. J.: até hoje eu sou. Eu nem assisto televisão. L. A. S. R. J.: Eu gosto de assistir Naruto, na internet, no Youtube. I. S. da C.: Dragon Ball. J. C. da C.: E se hoje a gente não tivesse internet ia ficar restrito a pouquíssimos irem pra Cachoeira, quem tivesse realmente interesse de se deslocar e tal, ou então pra Feira de Santana porque não ia ter internet então ia ser aquele processo de vestibular, aquela coisa toda e ia ficar aquela coisa mais restrita e até pelo medo até de ir pra fora, porque hoje em dia através da internet que a gente soube das bolsas e coisa e tal que você tá ali, né, pelo menos eu vou tá resguardado, entre aspas. E hoje não, entendeu? Tem essa visão “tem uma bolsa, eu vou poder me manter lá”, mas antes não, então como é que eu vou pra Salvador pra estudar, pra trabalhar e como é que eu vou me manter, aquela coisa toda, então sabendo disso da internet a gente pôde olhar mais a fora. Como eu mesma eu penso, “ah, posso sair de Salvador porque eu tenho bolsas lá, mas antes não tinha, então ia ficar tudo restrito a estudo, a namoro, tudo, porque tem isso, o pessoal o máximo que vinha de pessoas que vinha pra se relacionar com as outras de namoro e casamento era o quê?, Santiago, Saubara que ficava ali, gostava e marcava de novo pra se encontrar, trocava o telefone, orelhão na época, essas coisas todas. Eu lembro da época do orelhão que eu namorava com uma pessoa aqui, aí eu ligava de orelhão de lá de Salvador pra aqui e tal, aquela coisa toda. Hoje você pode ver uma pessoa de Salvador e é um amigo em comum de Júnior, “ah, vou ali e converso e tal”, é próximo de Júnior, sondo Júnior também. Então fica mais fácil de se relacionar e de estudar, tudo, então sem a internet hoje ia ficar muito restrito, pra relacionamento, de estudo, de tudo. Ia ser o mundo só tradicional que era, né, livre, essas coisas todas.

Leomir: Vocês acham que a relação entre as pessoas ficou mais próxima aqui na comunidade? J. C. da C.: Distante, muito distante. Porque antes uma época dessa agora, hoje tenha certeza eu ia tomar banho me arrumar, não agora a gente ia pra o Catu, certo, mas mais tarde todo mundo ia pra praça, uma galera, mesmo que você não tivesse, e ficava resenhando, uma folia, aquela agonia de conversa, hoje não tem, eu não vou nem na praça. Fala assim, “ah, não tem nada na praça”, sabe porque não tem nada na praça? Eu vou ficar no meu celular, você vai ficar no seu celular, ele vai ficar no celular dele, ninguém vai descer, mas se antes não tivesse todo mundo ia pra praça. L. S. dos S.: E é triste, viu gente, quando a gente vai na praça. D. S. M.: Quando eu vou pra praça pra resenha meu celular fica no bolso. I. S. da C.: Tem gente que lá em casa perguntar que roupa eu ia vestir hoje (risos).

Leomir: E antigamente, vocês acham que a gente ia mais na casa dos amigos do que hoje? L. A. S. R. J.: Ia. J. C. da C.: Sim. Hoje mesmo, oh pra mim, “você tá em casa?” porque se ela não tiver eu nem vou. Anteontem eu ligue pra L. S. dos S., primeiro falei no whatsapp, liguei e nada, na terceira vez que eu fui falar, porque se ela não tivesse lá em cima eu nem ia lá também. L. S. dos S.: Eu só vivia nas portas, gente, mainha reclamava, reclamava tanto que eu só vivia nas portas à toa. Leomir: Antigamente a gente tinha um contato mais pessoal com as pessoas. D. S. M.: Sim. J. C. da C.: Com certeza. I. S. da C.: Hoje em dia a mãe diz “sai desse computador, menino, vai pra rua, vai se divertir, vai fazer alguma coisa.”

Leomir: Seus pais já brigaram com vocês por causa da internet? J. C. da C.: Mainha já, várias vezes. Leomir: Por causa de quê? Você não sai de casa? I. S. da C.: Porque sua atenção é só aquilo, não faz nada dentro de casa. J. C. da C.: Ela diz, “vá limpar a casa, rapaz, fica aí nessa internet.” Às vezes a conversa tá tão gostosa. Leomir: Atrapalha nas tarefas do dia a dia? D. S. M.: Velho, sinceramente, eu prefiro a rua. Minha mãe reclama porque eu não paro em Salvador não (risos). L. S. dos S.: De vez em quando a gente passa até do horário de dormir, né gente? Duas, três horas da manhã conversando em um grupo ou com alguém, de vez em quando é legal você conversar com uma pessoa, só que assim, quando você tem uma atividade da faculdade, por exemplo, bate logo aquele sono, você procura uma coisa aqui, você conversa com não sei quem aqui, “oh, me distraia aqui”, eu mesmo sou assim. D. S. M.: Vou assistir um episódio da série aqui que dá (risos). J. C. da C.: Eu mesmo já fiz várias vezes isso, tô sem sono, ah vou ler um texto (risos). I. S. da C.: Então a preguiça é relativa. L. A. S. R. J.: Quando eu pensa em pegar o livro eu já tô dormindo (risos). Quando coloca aquelas coisas no facebook, aquelas coisas grandonas eu tenho preguiça de ler.

Leomir: O que você gostam de ver na internet? E o que vocês não gostam? J. C. da C.: Eu gosto de ver meus amigos bem, eu fico feliz quando minha amiga tá feliz. D. S. M.: Eu gosto de ver séries. Netflix o dia todo. Leomir: Os sites que vocês acessam? J. S de J. J.: Eu gosto de esporte. L. A. S. R. J.: O que me deixa triste é falarem mal de mim na rede social. Leomir: A maioria aqui usa rede social, seria 90% dos sites que vocês acessam? D. S. M.: Eu gosto mais de assistir filme, eu fico assistindo filme o dia todo. L. A. S. R. J.: O dia todo, fala com ele até três horas da manhã no whatsapp que ele responde. D. S. M.: O meu celular fica na minha mão. L. A. S. R. J.: Isso aqui não dorme não. D. S. M.: Eu não durmo não. Eu durmo duas horas por dia. Eu durmo três horas, cinco horas o celular tá despertando. Estudar de manhã não é bom não. L. A. S. R. J.: É ruim estudar de noite, você fica com sono. Aí o professor ainda fica falando negócio de lei. D. S. M.: De noite é pior. Você é maluco, velho! J. S de J. J.: Ruim é de tarde, pô! D. S. M.: Ruim é o sol quente.

Leomir: A rotina de vocês mudou bastante com a internet? L. A. S. R. J.: A minha tá normal, mainha toma meu celular mesmo pra eu limpar a casa (risos). Leomir: Quando vocês não tinham internet... D. S. M.: A gente fica se limitando, “ah, daqui a pouco eu faço”. Arrumar meu quarto é tipo um mês tentando. I. S. da C.: Sobre minha rotina, minha busca de informação mudou, principalmente com a internet, com a experiência acadêmica. Eu já acordo buscando notícias no facebook, e muitas vezes Geledés, vários sites de notícia, o R7, o BBC Brasil, então eu acordo já, buscando alguma notícia, porque quantas vezes já antes do jornal da tarde passar ou o jornal passar, eu já vi a notícia passar no Facebook, às vezes passa essa edição à noite, porque ele também selecionam notícias pra passar porque do horário, então eu já vi, muitas vezes não sei quem fala, “pô, você viu...”, não, eu já vi, “pô, você viu onde?”, eu vi na internet. Leomir: Então o facebook não é só uma rede social pra se comunicar, mas pra se informar também. L. A. S. R. J.: Hoje mesmo, eu tô na universidade graças a I. S. da C.. I. S. da C. que me deixava informado, porque se não eu não sabia. D. S. M.: E sendo que L. A. S. R. J. foi a primeira pessoa a ter internet em casa aqui, né? I. S. da C.: Não pô, foi Riá! Leomir: Mas tem aquela lá de seu Florzinho, aquela é velha também. I. S. da C.: Antes foi Riá. L. A. S. R. J.: Primeiro foi Riá depois foi eu. I. S. da C.: Depois foi eu. J. S de J. J.: Não pô. Você foi o primeiro a ter wifi. Porque internet via moldem a gente tinha a tempo. L. A. S. R. J.: Mas era tipo um roteador ali. J. S de J. J.: Eu falo a moldem, a celular a gente tinha a tempo. L. A. S. R. J.: E eu nem falava que era moldem, moldem coloca o chip. J. C. da C.: Eu lembro que eu tinha um trabalho da faculdade, mainha “você faz lá em Angeli”, no computador de lá, porque ainda não tinha wifi, essas coisas no celular. L. A. S. R. J.: Eu ainda pagava seis reais por mês.

Leomir: Vocês acham que a internet mudou o gosto de vocês? D. S. M.: A internet ajuda meio que em tudo. Até comida que você vai fazer, como J. S de J. J. falou que ele vai pesquisar, a gente tem dúvida de como se prepara aquilo, você vai lá e tira a dúvida. Tipo você tem um trabalho e tem uma palavra lá que você não entendeu, aquele negócio de você procurar no dicionário, aí já facilita mais você pesquisar, já facilita bastante a internet em tudo. Leomir: Eu falo com relação a música porque a gente aqui, o tipo de música que a gente curtia aqui é totalmente diferente. Funk, por exemplo, hoje eu vejo muita a galera curtindo funk, tem muita influência da internet, a galera baixa música. D. S. M.: Isso. L. S. dos S.: Sim. I. S. da C.: Nem tanto pela internet, mas a busca pelas músicas de Edson Gomes e outros artistas, lá a galera que a gente gosta de andar em Cachoeira, eu por exemplo, são mais do reggae aí eu comecei tá nos bares com a galera e ouvia as músicas, a galera toda cantando e eu, aí eu chegava em casa botava e ficava fazendo as coisas e ouvindo já pra pegar o ritmo. Outra coisa foi moda. Mas foi algo também visual, primeiro você vê a galera da faculdade usando depois você vai pesquisar. Gente, eu fui pesquisar porque a maioria das feministas usam roupa folgada, a mulher feminista não vê tanto essa necessidade de seduzir uma pessoa, ela quer ser ela mesma, e se você gostar dela vai ser pela decência e não porque você pretende demarcar o corpo, não só por isso, tem muitas outras mulheres feministas que gostam de usar roupa curta e aí tá no direito de uso e propriedade do corpo, “eu faço o que eu quiser e uso o que quiser e nenhum macho vai me dizer o que eu quero vestir”, então eu fui pesquisar uma série de coisas e isso foi mudando sim o meu gosto, minha forma de me vestir, minha forma de pensar, de escrever, por exemplo, até de escrever na internet, o #soumaju, as poesias, uma colega minha que já gosta de poesia, eu achava muito bonito aquilo, comecei a ser fã de Fernando Pessoa, Clarice Lispector, comecei fechar com Clarice Lispector porque você vê nais frases de Clarice Lispector na internet. Muita coisa mudou nesse meu gosto assim, minha aproximação com poesia porque o contato que eu tive com a literatura foi no ensino médio, Machado de Assis, alguns eu já conhecia, né? Outros eu fui conhecendo de acordo com o que eu via a galera postando, compartilhava, essas coisas.

Leomir: E com relação a profissão que vocês querem seguir, a internet tem influência? J. C. da C., por exemplo, você que quer seguir a profissão de medicina, a internet te ajuda? J. C. da C.: Com certeza absoluta. É um leque totalmente aberto. Hoje tem cirurgia no vídeo já e tudo, tem tudo, tudo mesmo de medicina tem na internet. I. S. da C.: Isso mexe também com sua autoestima e aceitação social, os curso de medicina, de advocacia, os cursos de alto porte são mais de aceitação social, do que o curso de ciências sociais, os memes que a gente vê na internet é pra você entrar em crise. Já curtiram aquela página Dramas Universitários? Curtam. J. C. da C.: Eu não porque o pessoal do BI já faz isso, fisicamente.

D. S. M.: Saiu um edital pra casa de farinha móvel. I. S. da C.: Eu vi, casa de farinha móvel, acho que é do Governo da Bahia. D. S. M.: Período de inscrição entre 2 a 31 de dezembro. São oito disponibilizadas pra comunidades quilombolas. Eu não li o edital todo. Eu vi aqui agora, Flávio Passos que acabou de postar aqui no grupo.

Leomir: Eu acho que a internet hoje aqui na comunidade é tá em todo lugar, o momento todo, a gente tá fazendo uma conversa aqui, a gente tá na internet. J. C. da C.: Não tem como não (risos). L. A. S. R. J.: Ele já postou até foto aí, já postou foto de nós dois aqui (risos). I. S. da C.: Falar nisso vou até tirar uma foto pra postar.

Leomir: Se vocês pudessem avaliar a internet hoje em São Francisco do Paraguaçu, ela se apresenta como uma coisa mais útil ou mais prejudicial pra os jovens? L. S. dos S.: Útil! D. S. M.: Não! Não, não, porque esses jovens perderam de ano jogando Clash Royale, esses meninos novinhos aí, meu Deus do céu! Recuperação de todas as matérias jogando Clash Royale, o dia todo. Leomir: Mas ajuda a vocês? D. S. M.: A mim ajuda. Eu tenho limite,

velho. Eles não têm limite. Andrezinho é o dia todo. I. S. da C.: Eu acho que estar na universidade ajudou a gente a ter disciplina de alguma forma. Você vai ter que estar, mas você também vai ter que estudar. Gente, não tem pra onde correr, é muita pressão, você tem que estudar, não tem pra onde correr e eles não tem isso. Leomir: O pessoal mais novinho não tem esse controle todo. I. S. da C.: Não tem. D. S. M.: Mas eu nem culpo tanto a internet, velho, eu culpo os pais que não impõem limite. J. C. da C.: É também, eu reclamo isso com mainha direto que comigo ela bate até de pau, agora com Jaine ela grita lá. D. S. M.: Tempo de prova eu não assistia televisão não, gente, era sentado na mesa estudando, ela me perguntava se eu estava estudando, se eu não responder “você vai sentar de novo até você saber”. I. S. da C.: O que tá fazendo falta é a mãe corrigindo as notas, porque tem gente que tá fazendo o que quer na universidade e as mães não estão vendo as notas, minha mãe ainda vê, fica aí pensando, painho é quem mais pergunta. J. C. da C.: Minha mãe até hoje não sabe que curso eu faço, “é um curso de saúde aí”. L. S. dos S.: A cultura mudou, a forma de educar.

Nome: J. S. da S.

Idade: 24 anos

Escolaridade: Parou na 6ª série do Ensino Médio

Leomir: Há quanto tempo você utiliza a internet? J. S. da S.: Rapaz, comecei a usar eu tinha uns 18 anos, eu acho. Leomir: Já tinha internet aqui? J. S. da S.: Tinha. Era internet móvel no celular mesmo. Leomir: Atualmente que tipo de internet você usa? J. S. da S.: Wifi. Leomir: E a móvel no celular, não usa mais não? J. S. da S.: Não! Porque rouba! Leomir: Rouba como? J. S. da S.: A Vivo é uma ladrona. A Vivo bota três dias pra você usar um ano. Leomir: Além do sinal ser ruim, né? J. S. da S.: Não é o quê?! Leomir: Quais aparelhos você usa pra acessar a internet? J. S. da S.: Meu celular. Leomir: Computador não? J. S. da S.: Não. Leomir: Quantas horas por dia você costuma ficar na internet? J. S. da S.: Eu venho lá da casa de minha vó, venho aqui na casa de minha mãe, dou uma conversada aqui besteira, daqui a pouco eu sumo de novo! Leomir: O wifi é da onde? J. S. da S.: Daqui de Ana. (Mãe de J. S. da S.): A gente paga. J. S. da S.: Aí mainha ajuda a pagar e dá tudo certo. Mãe de J. S. da S.: Na realidade eu pago tudo quase tudo sozinha, né? Aí já vou tirar de lá (risos). Leomir: Quais são os sites que você acessa? J. S. da S.: O facebook e o whatsapp. Mãe de J. S. da S.: E o google, pesquisa. J. S. da S.: Só quando eu quero pegar alguma foto de mulequeira pra mandar pra os caras. Leomir: Youtube não? J. S. da S.: Não.

Leomir: Para que você usa a internet? J. S. da S.: Eu dou uma conversada com o pessoal, só, facebook, whatsapp, uma conversada com um com outro e pronto, fico perturbando também, é bom. Leomir: Você acha que a internet é uma coisa boa? J. S. da S.: Em alguns aspectos ela é boa, mas em outros. Leomir: Em que ela é boa? J. S. da S.: Eu falo em termo de as pessoas se comunicar com pessoas que tá distante que não vê há muito tempo, nesse termo aí ela é boa, mas por outro lado. A parte ruim é a criminalidade que o povo usa pra fazer nas redes sociais, pra querer fazer mal a outras pessoas.

Leomir: O que você gosta de ver na internet e o que é que você não gosta? J. S. da S.: Eu gosto de ver as coisas boas que o povo bota, umas coisas que eu não sei te falar como é, mas as coisas que eu não gosto, as coisas que eu me enraivo é de ver aquelas pessoas que são deficientes, e o povo fica botando foto e mandando digitar amém se não é azar pra quem não digitar, isso aí pra mim é besteira. Eu não gosto disso não!

Leomir: Como você se diverte no seu dia a dia? Mãe de J. S. da S.: Futebol!!! Jander: Meu baba é sagrado! Leomir: Televisão? J. S. da S.: Quando eu não quero correr eu vou assistir uma tevezinha porque eu boto um desenho, só assisto a era do gelo (risos). Ou então eu faço

igual a Piu, só assisto Jumbô e Timbô. Sair pra armar ratoeira, que eu já tô indo. Leomir: E você usa a internet pra se divertir também? J. S. da S.: Também. Quando eu quero sacanear Diego.

Leomir: Faz de conta que acabou a internet, o sinal sumiu. O que você faz? J. S. da S.: Eu não saí de lá de casa, fico em casa assistindo TV que é melhor.

Leomir: Você aprende alguma coisa na internet? J. S. da S.: Não, acho que não.

Leomir: Você conversa com seus amigos mais pela internet ou pessoalmente? J. S. da S.: Pessoalmente, os daqui porque a maioria é tudo daqui mesmo. Leomir: Os de fora pela internet? J. S. da S.: É pouco que eu converso.

Leomir: Qual a diferença entre antes quando você não tinha internet e hoje que você tem acesso, o que mudou na sua vida? J. S. da S.: Ficou no mesmo. Mãe de J. S. da S.: Comunicação. A comunicação hoje é melhor depois da internet.

Leomir: E com relação a paquera, você acha que melhorou? J. S. da S.: Não que eu tô aprisionado, eu tô na cadeia, mas hoje melhorou mesmo porque tem hora que o cara não tá com vontade de andar, já tem umas mensagens.

Leomir: Você acha que a internet influencia em alguma coisa na sua vida hoje? Se você ficar sem internet você acha que tá perdendo alguma coisa? J. S. da S.: Alguns amigos que eu não tenho como conversar de longe.

Leomir: Seus pais usam internet? J. S. da S.: Minha mãe que é viciada! Viciadinha no mundo!

Leomir: E o que ela acha de você usar internet? J. S. da S.: Minha mãe tá assim, do jeito que tiver tá. Do jeito que tiver vai. Leomir: Ela já brigou com você por causa da internet? J. S. da S.: Não porque ela também fica igual. Mãe de J. S. da S.: Já! Às vezes ele fica ali deitado. J. S. da S.: Ela fala porque do olho. Mas quando eu uso ali no quarto não tem nada não porque eu fico com a janela aberto e fico tudo claro dentro do quarto e não afeto muito a visão.

Leomir: A internet ajuda ou atrapalha nas suas tarefas do dia a dia? J. S. da S.: Algumas coisas que eu vou fazer ela ajuda porque quando eu vou sair mesmo pra jogar bola é pela internet que o povo se comunica comigo.

Leomir: Com a internet você já descobriu coisas novas fora daqui de São Francisco? J. S. da S.: Não reparei não.

Leomir: Você tem vontade de comprar alguma coisa que você viu na internet? J. S. da S.: Já! Chuteira! Chuteira de nuvem. Mais de duas mil chuteiras já queria comprar. Leomir: E você não pode comprar? J. S. da S.: Não. Leomir: E o que você faz nessa situação? J. S. da S.: Aí eu fico esperando o tempo até ir pra Cachoeira. Pra procura lá em Cachoeira, se não achar, procuro outra. Faço minha mãe dar birra no chão. (risos). Até a senhora pegar. Mãe de J. S. da S.: Você entendeu? Leomir: Você já comprou alguma coisa na internet? J. S. da S.: Não.

Leomir: Você conhece ou conheceu algum lugar na internet que você tem vontade de visitar ou morar? J. S. da S.: Eu já vi alguns lugares bons pra o cara ir.

Leomir: Você tem vontade de continuar morando aqui? J. S. da S.: Tenho vontade de sair e depois voltar. Leomir: Você gosta de morar aqui? J. S. da S.: Gosto. Aqui é suave no mundo, tranquilo, calmo.

Leomir: Como você se imagina no futuro? Trabalhando em alguma coisa, morando em algum lugar? J. S. da S.: Chutando à toa no mundo. Morando por outras bandas, mas voltar um dia pra morar aqui. Leomir: Você quer seguir algum tipo de profissão? J. S. da S.: Jogar bola que é mais bonito.

Leomir: A internet te ajuda em algo sobre ser jogador de futebol? J. S. da S.: Eu olho muito vídeo pra aprender a dar nó! Principalmente de Ronaldinho Gaúcho! Mãe de J. S. da S.: E eu ainda sou abrigada a ir olhar. J. S. da S.: Principalmente de Ronaldinho Gaúcho. Quem olha tá aqui!

Leomir: A internet te faz se sentir mais próximo ou mais distante das pessoas daqui? J. S. da S.: Pra mim deu no mesmo porque as pessoas que eu não sou chegado continua a mesma coisa. Leomir: Mas tem pessoas que você não era chegado e que você conversa hoje só pela internet? J. S. da S.: Não.

J. C. S. da C.

Idade: 42 anos

Escolaridade: Ensino Fundamental completo

Leomir: Eu e você somos de uma época que não tinha internet. J. C. S. da C.: Não tinha, nunca vi na minha vida. Leomir: E você acha que mudou alguma coisa na vida dos jovens daqui de São Francisco? J. C. S. da C.: Completamente! Eu acho que eles ficaram mais instruídos em umas coisas e em outras, nas coisas ruins pra entender o mundo, se se envolver com alguma coisa é porque eles querem porque tá tudo aí eles vendo. E do outro lado eu achei que eles ficaram mais espertos, mais espertos, sabe mais as coisas. Aquilo que eles tinham dúvida hoje eles acessam e procuram saber, não precisa até perguntar a um pai ou a uma mãe, que às vezes nem quer falar e até hoje tem pai e mãe que não quer falar coisas com o filho porque têm vergonha. Aí eles já vão pra internet, muitos entende legal e muitos já entende de outra forma, mas mesmo assim estão acessando e estão procurando saber. Leomir: Quando eu tô em casa que estou com dúvida em alguma coisa eu boto logo na internet. J. C. S. da C.: Não tem como. Leomir: Mas um dos problemas é esse, além da parte boa de conhecer as coisas mas também a internet é muito grande, tem muita coisa ruim, se não controlar, os pais têm que ter responsabilidade com os filhos a estar acessando a internet. J. C. S. da C.: As crianças porque uns homens desses, eles não são doidos. Vai precisar eu ficar controlando? Leomir: Mas é bom também dar uma incentivada.

Leomir: Você acha que a relação entre as pessoas daqui ficou mais distante? Porque antigamente juntava todo mundo pra brincar e hoje em dia cada um senta no seu canto. J. C. S. da C.: E muitas das vezes tá até perto, na arquibancada um na ponta outro na outra, mas tá conversando numa distancia bem pouca assim mas estão conversando.

Leomir: De um jeito aproxima as pessoas que estão longe, tipo pessoas que você não conhece você conhece pela internet, e te distancia das pessoas que estão perto, você poderia estar conversando pessoalmente. J. C. S. da C.: É sim.

Leomir: Você acha que é bom conhecer lugares novos ou seria ruim porque pode criar a vontade de morar em lugar que não pode, de ir pra um lugar mais violento? A internet influencia em algo nisso? J. C. S. da C.: Influencia sim porque a internet é bem fácil, a internet é quase igual a televisão quando mostra o lugar não mostra o pior, mostra o melhor, e a internet é assim, mostra os pontos turísticos, o lugar de uma pousada mais bonita, é lá que mostra, mas não mostra que se sair um jovem daqui pra lá vai pra periferia porque não vai ter condição de morar num lugar desse, e na periferia o quê que acontece? Aí é bom e é ruim.

Leomir: Você acha que a internet ajuda os meninos a seguir uma profissão? Fazer uma faculdade? J. C. S. da C.: Aqueles interessados, né, professor. Porque aqueles que não são interessados não adianta internet, eles acessam, e eu tenho certeza que tem vários jovens aí que acessam a internet, acessam mais pornografia que na realidade ele não acessa o que é do interesse de fazer um jovem crescer e sim de fazer o jovem evoluir no sexo.

Leomir: Você acha que hoje as pessoas conversam mais pessoalmente ou pela internet? Por exemplo, quando dá vontade de ir na casa de um amigo, você acha que ela prefere ir na casa do amigo ou mandar uma mensagem? J. C. S. da C.: Manda mensagem! Eu acho que a relação era melhor antes porque pelo menos conversava olhando no olho, né? E muitas das

vezes uma conversa olhando no olho é melhor que no whatsapp, é melhor que no facebook, na internet, muito melhor.

Leomir: Você acessa o que na internet? J. C. S. da C.: eu acesso o facebook, faço pesquisa no Google em canais evangélicos, músicas evangélicas, é difícil em entrar no google, não sou muito de ficar pesquisando pra assistir filme, às vezes quando a gente coloca uma música lá é que os meninos falam, e eu não sei pesquisar esse negócio não, eu não sei botar o nome pra pesquisar tal, eu não sei. Leomir: Você usa só celular, computador não? J. C. S. da C.: Só celular.

Leomir: Você acha que a internet te ajuda ou te atrapalha nas tarefas do dia a dia? J. C. S. da C.: Atrapalha um pouco, mas não é tanto não. Leomir: Tem gente que não consegue se controlar. J. C. S. da C.: Consigo, principalmente tomar conta das filhas dos outros.

Leomir: A internet ajudou de alguma forma sua relação com seus filhos? J. C. S. da C.: Sim. Com Jorgilson, principalmente. Ele gosta de sair e eu fico aqui, enquanto ele não chega eu não durmo, aí eu “onde você tá? Pra casa, dez horas, onze horas, vumbora”, aí ele “já vou minha mãe, tô aqui”. Melhorou.

Nome: J. S. da C.

Idade: 17 anos

Escolaridade: 3º ano do Ensino médio

Leomir: Há quanto tempo você usa a internet? J. S. da C.: A uns quatro, cinco anos. Que tipo de internet você usa? J. S. da C.: Eu uso móvel e wifi também, mas uso mais wifi. Leomir: Quais são os aparelhos que você usa pra acessar a internet? J. S. da C.: Celular. Computador de vez em quando. Quantas horas por dia você costuma ficar na internet? J. S. da C.: Eu não fico muito tempo que eu não sou muito ligado na internet não, só quando eu mando umas mensagens mesmo eu fico uns 40 minutos por dia, ou menos, resumindo tudo.

Leomir: Que tipo de site você acessa na internet? J. S. da C.: Eu uso mais assim o whatsapp, um pouquinho assim o facebook e de vez em quando entro no site pra ver lançamento de celular. Leomir: Google não? J. S. da C.: Pouco. Leomir: Youtube? J. S. da C.: Também.

Leomir: Você acha que a internet é uma coisa boa ou uma coisa ruim? J. S. da C.: No meu ponto de vista às vezes sim e às vezes não porque de certa maneira a internet influencia muito os jovens e as crianças a praticar coisas ilegais, mas também deixa os jovens atualizados sobre as notícias que passam no dia a dia.

Leomir: Na sua opinião pra que serve a internet? J. S. da C.: Pro meu uso a internet serve pra ficar mais informado das coisas e pra me comunicar com as pessoas.

Leomir: O que você gosta de ver na internet? Namorada de J. S. da C.: Vídeo de papacapim! J. S. da C.: É (risos). Leomir: Então você usa bastante o youtube? J. S. da C.: Eu uso um pouquinho assim, aí eu baixo o aplicativo, baixo o vídeo e boto pra escutar.

Leomir: O que você não gosta de ver na internet? J. S. da C.: Essas imagens assim de indecência, informações muito fortes de violência, essas coisas assim.

Leomir: Como você se diverte no seu dia a dia? Você usa a internet pra se divertir? Quando não tem internet, como você faz? J. S. da C.: eu fico meio sem jeito, porque eu quero passar uma informação pra um colega aí não tenho, mas fora isso... Leomir: E o seu lazer como é? J. S. da C.: Hoje eu pratico violão. Às vezes eu vou jogar bola. É faço pouca coisa. Leomir: E televisão? J. S. da C.: Pouco.

Leomir: Você usa a internet pra se divertir? Como? J. S. da C.: Assistindo os vídeos de pássaros, mandando mensagens pra os colegas, um pouco pesquisando sobre estudo.

Leomir: Você aprende alguma coisa na internet? No que a internet ajuda na escola? J. S. da

C.: Na maioria das vezes sim porque os professores passam trabalho e às vezes requer que a gente pesquise algo sobre a informação que eles... Leomir: Mas eles pedem pra você pesquisar ou você pesquisa por conta própria? J. S. da C.: Às vezes sim, às vezes eu pesquiso por conta própria só pra ter uma maneira mais fácil de ter o conteúdo. Leomir: Então a internet te ajuda a estudar de uma certa maneira também? J. S. da C.: Também.

Leomir: Você conversa mais com seus amigos pela internet ou pessoalmente hoje em dia? J. S. da C.: Hoje em dia pela internet. Leomir: E antigamente era mais pessoalmente? J. S. da C.: Pessoalmente. Leomir: E você acha que isso ficou melhor ou pior? J. S. da C.: Pra mim conversar pessoalmente é melhor porque tem coisas que a pessoa se expressa mais e sabe se explicar do que por internet.

Leomir: Você acha que sua relação com as pessoas mudou de alguma maneira depois que você passou a se comunicar mais pela internet? J. S. da C.: Alguns sim, alguns amigos ficou mais distante, estão longe e não podem se comunicar, aí ficou um pouco distante.

Leomir: Antigamente você ia mais na casa dos seus amigos e hoje você vai menos por causa da internet, porque você pode mandar mensagem? J. S. da C.: Antigamente eu ia mais nas casas dos amigos. Ficou um pouco diferente, um pouco não, ficou diferente, ficou mais difícil.

Leomir: Por um lado é bom poupa tempo, você pode mandar mensagem e falar mais rápido, mas é ruim porque o contato mais pessoalmente não existe mais? J. S. da C.: É.

Leomir: Hoje quando dá vontade de ir na casa de um amigo você prefere ir na casa de um amigo ou mandar uma mensagem pelo facebook ou pelo whatsapp? J. S. da C.: Alguns momentos dá vontade de ir na casa e falar pessoalmente do que por internet.

Leomir: Sobre paquerar mudou o que? J. S. da C.: No meu caso eu não tive muita conversa por mensagem, foi mais pessoalmente, então hoje em dia por internet ficou mais fácil paquerar porque não vão estar pessoalmente, aí a pessoa não vai passar aquele nervosismo quando tá falando pessoalmente.

Leomir: Seus pais usam a internet? J. S. da C.: Não. Leomir: Por quê? J. S. da C.: Minha mãe quando quer falar ela usa, ela pega o celular do meu irmão. Eles não gostam de usar. Leomir: Por quê? J. S. da C.: Eles nunca comentaram, mas dá pra ver que eles não gostam mesmo, acha que a internet influencia os jovens a coisas ruim, então eles não usam. Leomir: E o que eles acham de você usar a internet? J. S. da C.: Ela já reclamou porque desse negócio de whatsapp, que a internet expõe muito a vida pessoal de algumas pessoas.

Leomir: A internet te ajuda nas suas tarefas do dia a dia? J. S. da C.: Às vezes atrapalha porque quando tem alguma coisa pra fazer aí chega uma mensagem no whatsapp, aí não quer sair do whatsapp.

Leomir: A internet te ajuda a fazer alguma coisa? J. S. da C.: Alguns objetos pra trabalho de escola.

Leomir: Como você falou que gosta de ver vídeos de passarinhos, você acha que vendo te ajudou a cuidar mais dos seus? J. S. da C.: Já. Sim.

Leomir: Com a internet você descobriu coisas novas fora daqui de São Francisco? J. S. da C.: Algumas coisas sim. Leomir: Tipo algum lugar que você já viu e tem vontade de visitar assim? J. S. da C.: Já.

Leomir: Você gosta de morar aqui? J. S. da C.: Gosto. Leomir: Você pretende continuar morando aqui ou tem vontade de morar em outro lugar? J. S. da C.: Essa pergunta é meio difícil porque eu gosto de viver aqui na minha localidade, mas nesses dias de hoje nos obrigam a sair do local pra ter um trabalho. Leomir: Mas você pensa em sair pra trabalhar e depois voltar pra morar aqui? J. S. da C.: Sim.

Leomir: Você já comprou alguma coisa que você viu na internet? J. S. da C.: Não, assim não.

Leomir: E você já viu algo na internet que deu vontade de comprar? J. S. da C.: Já (risos).

Leomir: E você não comprou por quê? J. S. da C.: Aqui também não tinha as coisas que facilitavam, aliás aqui tinha e era mais caro. Quando eu não posso eu me acomodo, eu não esquento muito a cabeça quando eu não consigo comprar algo.

Leomir: Como você se imagina no futuro? Morando ou trabalhando em algum lugar? J. S. da C.: Já. Em meu futuro eu já me imaginei trabalhando de arquiteto, morar nos Estados Unidos.

Leomir: Que tipo de profissão você quer seguir? J. S. da C.: Ser arquiteto. Leomir: Você já pesquisou algo sobre arquitetura na internet? J. S. da C.: Pouca coisa, porque eu tenho uma facilidade em desenho, em desenhar, aí eu vi uma profissão que tem pouco a ver comigo, aí eu pesquisei pouco, na região fica difícil encontrar esse... Leomir: Você pesquisa sobre desenho e algumas técnicas pra desenhar? J. S. da C.: Já pesquisei.

Leomir: Como a internet é usada na escola pelos professores? J. S. da C.: Tem um laboratório mas só que os professores bloquearam a internet porque alguns alunos não queriam mais estudar, só ficar usando, mas só que eles fizeram uma coisa errada, deram a senha para alguns e deixou alguns sem, aí teve um menino lá que harkeou a internet. Leomir: O medo deles era vocês não usarem pra estudar, ficar usando pra outras coisas? J. S. da C.: Sim.

Leomir: E você acha que a internet na escola é importante? J. S. da C.: Eu acho que é importante porque quando a pessoa fica com dificuldade de encontrar as coisas no livro assim a pessoa tem a internet mais próxima e mais rápido pra fazer a pesquisa. Leomir: A internet te ajuda a fazer alguma tarefa da escola, algum trabalho? J. S. da C.: Alguns trabalhos de escola sim, alguns não porque tem que fazer do livro mesmo.

Leomir: De que maneira a internet pode te ajudar a entrar na faculdade? J. S. da C.: Eu olhei umas dicas pela internet de fazer redação e alguns sobre as matérias também. Leomir: Algo que você viu na escola e foi na internet pra tentar entender melhor? J. S. da C.: Já.

Leomir: Você já descobriu algo sobre São Francisco na internet que você nem fazia ideia? J. S. da C.: Não, nunca pesquisei nada não.

Leomir: A internet te faz sentir mais próximo ou mais distante das pessoas daqui? J. S. da C.: A internet faz sentir um pouco distante porque devido as mensagens que você vai mandando você não tem mais o contato com aquela pessoa fisicamente.

Leomir: Você acha que a internet influencia na vida dos jovens aqui de São Francisco? J. S. da C.: Eu acho que influencia porque devido às pesquisas que eles vão fazendo vão tendo contato com outras pessoas que podem não estar num bom caminho e vai influenciando também eles fazer algo errado.

Leomir: E antigamente você acha que as brincadeiras eram melhores porque era todo mundo mais junto e hoje em dia tá um sentado num passeio e outro falando no whatsapp? J. S. da C.: Antigamente eu achava melhor as brincadeiras. Leomir: Como eram suas brincadeiras? J. S. da C.: Eu brincava de pega-pega. Leomir: E hoje em dia você não vê mais muito isso? J. S. da C.: Não vejo muito isso não. Leomir: Você acha que a internet tem influencia nisso? J. S. da C.: Eu acho que sim porque a internet hoje em dia fica ocupando mais a mente dos jovens em outras coisas, ao invés de deixar eles ter uma vida mais com brincadeiras com relação aos amigos.

Nome: D. S. da C.

Idade: 19 anos

Escolaridade: Superior incompleto

Leomir: Há quanto tempo você utiliza a internet? D. S. da C.: Uns dois, três anos. Leomir: Que tipo de internet você usa? Banda larga ou móvel? D. S. da C.: Wifi. Móvel só quando eu tô em Cachoeira que eu boto crédito lá.

Leomir: Quais são os aparelhos usados pra acessar a internet? D. S. da C.: Celular, notebook.

Leomir: Quantas horas por dia você costuma ficar na internet? D. S. da C.: (risos) Uma, no máximo.

Leomir: Uma hora? Você fica mais. D. S. da C.: Fico o quê, Leo? Não gosto disso.

Leomir: Quais são os sites que você acessa? D. S. da C.: Só Youtube pra ver algum vídeo.

Leomir: Whatsap? Facebook? Google pra fazer alguma pesquisa, não? D. S. da C.: Essas coisas.

Leomir: Você acha que a internet é uma coisa boa ou uma coisa ruim? D. S. da C.: Tem parte boa e tem parte ruim.

Leomir: Qual a parte boa? D. S. da C.: A parte boa é que a gente pode se atualizar das coisas que estão acontecendo no mundo e a parte ruim é que influencia os jovens a fazer coisas que não prestam.

Leomir: Mas o jovem só se influencia se ele quiser, não? D. S. da C.: Não.

Porque se ele tá na internet, ele tá vendo ali pra todo mundo ver ele acha que pode fazer. Leomir: Se você ver alguém matando alguém, você vai fazer? D. S. da C.: Não, Leo, porque isso aí eu sei que não pode, mas se tem tipo um vídeo inadequado pra gente ver, se tá lá na internet eles vão achar que é pra ver, que pode fazer a mesma coisa.

Leomir: Pra que serve a internet? D. S. da C.: Muita coisa. Se comunicar, mandar uma mensagem pra os amigos, conhecer pessoas novas, fazer novas amizades.

Leomir: A internet é algo importante pra você? D. S. da C.: É porque a gente pode fazer trabalho, pode se comunicar com a pessoa que esteja longe.

Leomir: O que gosta de ver na internet? D. S. da C.: Gosto olhar o facebook na internet. O que eu não gosto é coisas que pessoas postam que não eram pra ser postadas.

Leomir: Como você faz pra se divertir no dia a dia? D. S. da C.: A gente joga bola quando dá, vai pra praia quando pode (risos). Acho que é isso, senta, conversa com os amigos, relembra as coisas do passado.

Leomir: E na internet, como você se diverte? D. S. da C.: Eu acho que eu não me divirto na internet não porque é só entro pra ver coisas que precisa mesmo, ou conversar com alguém.

Leomir: E acessar o facebook não é se divertir de alguma maneira? D. S. da C.: Acho que não.

Leomir: Se distrair, conversar com as pessoas é um tipo de distração também, não? D. S. da C.: Depende da conversa.

Leomir: Você aprende alguma coisa na internet? D. S. da C.: Aprende. Tipo aquelas aulas no Youtube que ensina as matérias que a gente pode aprender no Youtube, ensinar receitas de coisas.

Leomir: Você conversa com seus amigos mais pessoalmente ou pela internet? D. S. da C.: Eu acho que eu converso mais pessoalmente porque chega a um ponto no whatsapp que a gente não tem mais assunto.

Leomir: Se as pessoas conversam mais por internet, melhorou ou piorou? D. S. da C.: Piorou. Porque as pessoas não têm mais aquele costume de sentar, conversar porque sabe que pelo whatsapp conversa sem precisar ir ao encontro da pessoa.

Leomir: E se você precisar ir na casa de um amigo seu, você prefere ir lá na casa dele ou mandar uma mensagem? D. S. da C.: Se for coisa urgente eu prefiro ir lá porque nem toda hora ele tá online.

Leomir: Qual a diferente entre antes que você não tinha acesso à internet e hoje que você tem? D. S. da C.: De alguma foma ajudou. Tipo um trabalho de escola que a gente tinha que ir em uma biblioteca pesquisar, com a internet a gente pesquisa em casa.

Leomir: Você acha que sua relação com as pessoas mudou de alguma maneira? D. S. da C.: Não.

Leomir: Os laços de amizade dos meninos daqui mudou mais? D. S. da C.: Os dos meninos eu acho que sim porque eles não estão mais sentando juntos pra conversar, acho que pela internet eles estão conversando mais do que pessoalmente.

Leomir: E você acha que isso é bom ou ruim? D. S. da C.: Ruim. Sei lá, acho que eles usam a internet como um meio de se afastar das pessoas, porque tem a internet aí pode conversar não precisa mais ir na casa da pessoa.

Leomir: Antes você ia mais na casa dos seus amigos do que hoje? D. S. da C.: Mesma coisa, nunca gostei de...

Leomir: Na hora de paquerar, você acha que mudou pra melhor ou pra pior? D. S. da C.: Eu acho que é ruim, pela internet você não tá conhecendo a pessoa, aí você marca um encontro e você não sabe quem é. Leomir: E se a pessoa for daqui, você conhece a pessoa? D. S. da C.: É ruim do mesmo jeito, você não sabe se a pessoa tá falando a verdade, porque pela internet a pessoa pode falar coisas que pessoalmente ele poderia não falar. Leomir: E pessoalmente sabe se está falando a verdade? D. S. da C.: Às vezes sim, porque a gente percebe quando tá enganando, tá mentindo.

Leomir: Seus pais usam internet? D. S. da C.: Não. Leomir: Por quê? D. S. da C.: Meu pai porque não sabe usar e minha mãe porque ela não gosta. Leomir: O que eles acham de você usar internet? D. S. da C.: Pra ficar no whatsapp acham que não deveria ter, mas se for pra um trabalho de escola. Leomir: Pra eles o whatsapp e o facebook é uma coisa ruim? D. S. da C.: É. Porque eles acham que a gente podia estar fazendo outra coisa do que ficar ali o dia todo no whatsapp, no facebook. Leomir: Eles já brigaram com você por causa da internet? D. S. da C.: Não.

Leomir: A internet ajuda ou atrapalha nas suas tarefas do dia a dia? D. S. da C.: De alguma maneira ajuda e de alguma maneira atrapalha porque quando a gente tá vendo alguma coisa interessante ou tá fofocando alguma coisa no whatsapp a gente esquece o que tá fazendo e fica no whatsapp, no face.

Leomir: Com a internet você já descobriu alguma coisa nova fora da comunidade? D. S. da C.: Acho que não.

Leomir: Você já teve vontade de comprar alguma coisa que você viu na internet? D. S. da C.: Já, mas não comprei, minha mãe não deixou (risos). Porque não tem dinheiro e a gente não sabe se aquele site é mesmo verdadeiro. Leomir: Você já comprou algo pela internet. Foi uma promoção que teve aí minha mãe comprou pra mim.

Leomir: Você algum lugar pela internet que você tem vontade de visitar? D. S. da C.: A gente vê lugar legal mas não tem condição pra ir pra esse lugar.

Leomir: Você tem vontade de fazer alguma coisa que você viu na internet? D. S. da C.: (silêncio).

Leomir: Você gosta de morar aqui? D. S. da C.: Gosto. É calmo, tem coisas que a gente pode fazer sem medo. Leomir: Você pensa em continuar morando aqui? D. S. da C.: Eu não penso em sair daqui não. Leomir: Como você se imagina no futuro? Morando ou trabalhando em outro lugar? D. S. da C.: É pode ser trabalhando fora e vim pra aqui, mas nunca deixar de morar aqui.

Leomir: Que tipo de profissão você quer seguir? D. S. da C.: Difícil porque o que eu tô fazendo não é o que eu queria. Eu queria fazer psicologia.

Leomir: Você usa a internet pra estudar? Ajuda na faculdade? D. S. da C.: Ajuda. Quando tem alguma coisa que a gente não sabe o que é que o professor não explicou a gente pesquisa e entende mais um pouco o que é que.

Leomir: A internet te ajudou a entrar na faculdade? D. S. da C.: Ajudou. Leomir: Como? D. S. da C.: Porque eu fiz o meu cadastro pela internet porque eu me inscrevi no Enem e no SISU pela internet. Leomir: E você estudou pela internet alguma coisa que te ajudou a fazer o Enem? D. S. da C.: Não. A primeira vez que eu fiz o Enem eu estava na escola. Esse ano que eu entrei eu vi alguns temas de redação.

Leomir: A internet te faz sentir mais próxima ou mais distante das pessoas? D. S. da C.: Mais distante porque se a gente tinha assim, de alguma forma a gente tinha um jeito de sentar pra conversar, com a internet a gente não faz mais isso, então eu acho que ficou mais distante das

amizades.

Leomir: Você acha que as brincadeiras mudaram por causa da internet? D. S. da C.: Totalmente. Antigamente a gente brincava de Baleô, de sete pedrinhas, hoje ninguém mais quer isso, quer jogar online.

Leomir: Você acha que a internet influencia muito ou pouco na vida dos jovens? Imagina se não tivesse internet, como seria São Francisco hoje. D. S. da C.: Ia ser a mesma coisa de antes que a gente ia esperar escurecer pra brincar, ia brincar de sete pedrinhas, hoje quando chega sete horas os meninos tudo tá na porta de alguém que tem wifi, aí não tem mais como brincar como antigamente a gente brincava.

Leomir: E se tirasse a internet? D. S. da C.: Se tirasse a internet ainda ia amenizar um pouquinho porque a maioria ainda ia botar crédito, mas... Leomir: Mas se tirasse qualquer internet? D. S. da C.: Então a opção era brincar como antigamente.

Nome: L. S. B. 15 anos. 1º ano do Ensino Médio

Nome: G. P. S. 17 anos. 3º ano do Ensino Médio

Leomir: Eu queria saber de que maneira vocês usam a internet pra o que vocês acham que serve a internet, se é uma coisa boa se não é. Você usa muito internet? L. S. B.: Muito, muito, muito. Leomir: Quantas horas por dia? L. S. B.: O dia todo! G. P. S.: Até o celular tá carregado. L. S. B.: Até o celular descarregar. G. P. S.: E vai pro PC. Leomir: Você usa mais wifi? L. S. B.: Wifi. Eu não vou botar dinheiro pra... Leomir: Porque você não usa a outra? É ruim pra fazer o que você faz tipo jogos, né? L. S. B.: É.

Leomir: Você faz o que na internet? Jogos. L. S. B.: Muito, muito. Whatsap, redes sociais. Leomir: Só redes sociais e whatsap? L. S. B.: Mais jogo, mais jogo. Leomir: E outros tipos de sites, você não olha? G. P. S.: Xvídeos! (risos). L. S. B.: Me respeite (risos).

Leomir: E o Youtube? L. S. B.: Ahh, muito top! Leomir: Você usa o Youtube pra assistir o quê? L. S. B.: Uso o Youtube muito pra assistir Windersson Nunes, tipo Naruto. Leomir: Quem é Naruto, Leomir? Me respeite! Leomir: Desenho? L. S. B.: Anime! Leomir: Ahh, anime. Eu assisto dragon ball. Dragon Ball Super, só que tá legendado ainda. G. P. S.: É bom assim, a voz original. Leomir: Eu assisti a Batalha dos Deuses. L. S. B.: Assista Naruto, Leomir que você vai ver o que é bom! Leomir: Nunca gostei de Naruto, passava na TV, não gostava não.

Leomir: Na escola o pessoal usa internet, os professores usam a internet? L. S. B.: Usa. Ainda mais agora que abriu a senha lá do colégio. Leomir: Abriu pra os alunos? L. S. B.: Não. Porque os caras descobriram uma maneira lá, tá ligado? De roteador, liberar. Leomir: Mas eles não pedem pra vocês usarem a internet pra pesquisar alguma coisa ou vocês mesmos pesquisam? L. S. B.: Eles não mandam direto “pesquisem”, ele manda “pesquisem”, oh, eles sabem que a gente vai pra internet, eles que a gente vai ter que ir pra internet porque se não tem a coragem de ir pra os livros. Leomir: A coragem? G. P. S.: E aquele computador lá que parece que foi construído pelos índios? L. S. B.: 2006! Leomir: Oh, mas funciona. L. S. B.: O quê, Leomir. Não espaço pra pegar uma imagem ali, pega mais não. Leomir: É maior do que seu celular! G. P. S.: Você clica no negócio assim oh, e o bicho fica lá rodando. Leomir: É a internet que é lenta, não? G. P. S.: Daquele lá, o grandão. O navegador acho que é o Mozilla Firefox, alguma coisa assim.

Leomir: Vocês usam muita rede social. Vocês conversam mais com seus amigos hoje em dia mais pela internet ou pessoalmente? G. P. S.: Internet. Principalmente alguns amigos virtuais, é uma coisa que tá se globalizando pelo mundo. Leomir: Você acha que é melhor

pessoalmente ou pela internet? G. P. S.: Pela internet. L. S. B.: Pessoalmente dá mais risada, cara! Porque você vê a reação, tá ligado?

Leomir: Antes da internet vocês se juntavam mais, iam mais na casa dos amigos? L. S. B.: Muito top! O dia tinha mais horas, pô, o dia. Leomir: Como assim? L. S. B.: Tinha mais horas porque aí com a internet hoje a gente vai dormir duas, três horas da manhã acessando. Acorda tarde e perde o tempo, as horas do dia. Antigamente era o quê? Dormia cedo porque não tinha nada pra conversar, né? Ai acordava cedo, era mais horas. Um dia era gigante, rapaz! O dia era muito top! Leomir: E isso é ruim ou bom? L. S. B.: Nem tanto, nem tanto.

Leomir: Vocês acham que a internet é uma coisa boa ou uma coisa ruim na vida de vocês? L. S. B.: Muito top! G. P. S.: Depende de como for usada! L. S. B.: Pô! (risos). Leomir: Vocês acham que é ruim por quê? L. S. B.: Tem seus pontos positivos e seus pontos negativos. G. P. S.: No caso, coisa boa é que se você for fazer uma pesquisa é bem mais rápido do que você ficar catando os livros. L. S. B.: Você se informa mais rápido. G. P. S.: E tá sendo muito usado alguns trabalhos tipo pra conversar com o patrão, essas coisas assim. Tipo tá precisando fazer um documento, aí tira a foto e manda pelo whatsapp.

Leomir: Vocês fazem grupos no whatsapp, por exemplo, pra poder armar a reunião pra poder fazer uma peça? L. S. B.: Tinha. G. P. S.: No caso eu me reúno mais quatro amigos assim, aí a gente vai na casa de um colega que tem internet, se reúne, cada um faz uma parte, forma aquela resenha, mas sempre. Leomir: Tipo, faz um grupo no whatsapp pra poder marcar. G. P. S.: Rola isso aí também. L. S. B.: E as partes negativas é que usam de maneira errada. G. P. S.: Você fica muito tempo preso dentro de casa, pode acabar se tornando antissocial, além de prejudicar muito as vistas e... L. S. B.: E ficar preguiçoso! (risos). G. P. S.: Não pratica esporte, fica muito sedentário.

Leomir: Vocês saíam mais e brincavam mais na rua do que hoje? Vocês só se distrai mais na internet sentados aqui no passeio? L. S. B.: É. E a gente vê que, eu tô comendo parecendo, eu tô com uma fome que eu não sei o que é, Djah! (risos). Eu tô em casa acessando, cara, não me desgastando em nada, mas come, não sei o que é, agora quando vai pra fora, como antigamente não tinha esse uso excessivo da internet não desgastava tanto porque o maior tempo era jogando bola, as coisas todas lá conversando, não tinha esse tempo todo de comer.

Leomir: Os pais de vocês já brigaram com vocês por causa da internet? L. S. B.: Já! G. P. S.: Já! Muito, muito, muito. Leomir: Por quê? G. P. S.: “Só fica nesse celular, menina, larga esse negócio, vai fazer alguma coisa.” L. S. B.: Aí eu fico até de madrugada no computador, aí Nilda reta. Mas tem vezes que enjoa. Leomir: Mas vocês acham que eles tem razão? L. S. B.: Tem. G. P. S.: Mãe só quer nosso bem, né? Leomir: E por que continua? G. P. S.: É vício! (risos). L. S. B.: A internet quer o bem da gente também. G. P. S.: Ela é um ser que suga.

Leomir: Vocês são fissurados em que na internet? O que vocês mais gostam de ver na internet? G. P. S.: Eu gosto de conversar com alguns amigos aqui, tipo os virtuais, gosto muito de jogar aqueles jogos online e além de ficar viciadão em séries, animes, filmes, etc. Isso é uma coisa que prende muito a pessoa, L. S. B.: E você pode ter uma visão virtual do que poderia ter aqui no momento. Tipo se divertir com um pedaço de tecnologia, olha pra aqui!

Leomir: Antigamente você se divertia jogando baleô. L. S. B.: Mas cansa! Aqui não cansa, rarara! Lá você tem que correr. Leomir: Mas tem que se exercitar também. L. S. B.: É uma rotina muito rápida que a gente tem, Leomir. Tem uma rotina que é o que? De manhã Royale, escola, de tarde baba, Royale, acabou! Quatro coisas! Ou então porto! Leomir: Você se diverte assim? G. P. S.: Mas tem o nosso porto, aí a gente acaba deixando o celular pra carregar, vai tomar banho no porto. L. S. B.: A gente fica aqui, lá, aqui, lá. Só fica aqui assim, a gente.

Leomir: O que é mais importante na diversão: Porto, baba ou internet? Hoje se vocês ficarem sem internet? G. P. S.: Fica maluco! (risos). L. S. B.: A gente ia perder a rotina, não ia saber

como. Leomir Mas antigamente vocês viviam sem internet, não tinha internet? L. S. B.: A gente vivia sem internet não sei como. G. P. S.: você sabe, né, que todo vício é difícil pra caramba pra largar. Ia ser uma coisa que nós temos que nos adaptar, pra poder desenvolver outros tipos de brincadeiras, sair mais pra conversar, armar aquela velha resenha.

Leomir: E pra namorar? L. S. B.: Top! G. P. S.: Mandar aqueles velhos nudes! (risos). L. S. B.: “Os velhos nudes!” (risos). Leomir: A internet facilitou isso? G. P. S.: Algumas coisas que você não tem coragem de falar pessoalmente, aí você se declara aqui, anda catando umas frases na internet e aí depois joga lá, aí “nossa, que não sei o quê” e quando chegar lá no canal só é chegar e chupar, pronto acabou. L. S. B.: tem isso na internet que a pessoa não sabe se é verdade ou não do que você tá demonstrando no momento. G. P. S.: Vixe! L. S. B.: É muito top, internet!

Leomir: A relação de vocês mudou com seus amigos, vocês têm mais amigos hoje por causa da internet? Vocês ficaram mais próximos ou mais longe dos seus amigos por causa da internet? L. S. B.: Mais longe! Porque a maioria dos meus amigos é tudo de lá de cima. Tem uma cara que eu não vou lá. G. P. S.: No meu caso me ajudou muito porque eu não sou muito de conversar com a galera, só mesmo aquela galera do colégio. Aqui L. S. B. aqui mesmo, a gente não se falava muito aí a internet. Leomir: A internet aproximou vocês? G. P. S.: Foi. L. S. B.: A internet junta as pessoas, Leomir! Leomir: Mas também separa? L. S. B.: Separa muito, mas as amizades de lá era tipo Meé, abusado, Djah! E hoje temos aqui risadas, discussão de estratégias, bom demais. Leomir: Estratégias de jogo? G. P. S.: Sim. L. S. B.: A internet junta e separa pessoas.

Leomir: Vocês já viram na internet um lugar que vocês tenham vontade de morar. G. P. S.: Eu queria ir pro Japão pra fazer Codeplay! L. S. B.: Ah, pra G. P. S.! Leomir: Aquelas fantasias de super-herói e de animes, né? G. P. S.: É. A cultura japonesa é muito, sabe uma coisa assim. L. S. B.: Eu queria ir pro Canadá porque tem neve, tá ligado? Leomir: No polo norte também tem (risos). L. S. B.: (risos) Ah, é outras paradas.

Leomir: Vocês gostam de morar aqui? L. S. B.: Porque da paz, nem tanto a paz porque esses tempos aí. Leomir: vocês querem continuar morando aqui? L. S. B.: Cair fora! G. P. S.: Queria ir pra outra cidade, ficar mais na capital que tem mais oportunidade de emprego e aqui você só temo quê... mariscar, ir pra o mato ver piaçava, essas coisas assim, mas o difícil mesmo é você se acostumar à violência que tá lá, mas aqui também estamos provando um pouco. Leomir: Você queria morar no Japão? G. P. S.: Poxa, eu queria. Eles são muito organizados, a política de lá também. Leomir: Essa vontade sua veio por que você conheceu o país pela internet, as coisas que você viu na internet? G. P. S.: É exatamente! Como no caso do Tsunami que devastou o país todo, em seis meses os caras já reconstruíram tudo, o país mais seguro do mundo. L. S. B.: Um país menor que um estado nosso aqui que é Minas Gerais, menos e mais rico, o país todo. Quando a gente ver um japonês a gente tem abaixar a cabeça assim. Tem baixar a cabeça, “não, de boa, pode passar”, alguma coisa assim, porque os caras são uns bichos, Djah.

Leomir: E o Facebook? Vocês acham que ele serve aqui pra estreitar os laços de amizade? Vocês usam o Facebook pra discutir o quê? G. P. S.: Eu entro lá dou uns likes nas fotos dos outros. L. S. B.: Pra ver se alguém que usa ainda mandou uma mensagem pra gente. G. P. S.: Eu acho que tem muito pessoas que tá tipo prejudicando sua imagem, fica lá postando “Partiu não sei o quê! Partiu praia”, aí quando nego tá falando da vida dos outros tá tudo p da vida, sabe? L. S. B.: Porque o facebook tem mais aquela exposição, tipo você posta uma foto e as pessoas, seus amigos, 200, 300 pessoas veem. Leomir: Vocês não gostam de se expor? G. P. S.: Eu não gosto, eu não vou dar motivo pra os outros ficarem falando de mim.

Leomir: No grupo do facebook Galera SFP a galera discute política? G. P. S.: Eu só mais

observando. Leomir: Eles discutem sobre a lista da festa de Natal. G. P. S.: Assunto muito pendente vem sendo discutido por aqui, a galera fica naquele, “ah, será que vai rolar festa?”, vejo muito a galera lá postando, acho uma coisa muito interessante isso aí. L. S. B.: Galera SFP? E eu? Tô isolado! (risos). Cadê? Me adiciona! Tem quantas pessoas? Leomir: Mais de mil. L. S. B.: No whatsapp? Leomir: No facebook. L. S. B.: Ahh, mil? G. P. S.: Porque tem a galera de Salvador. Leomir: É daqui mas tá morando lá e tal. Mas tem gente que nem é daqui e tá no grupo.

Leomir: A internet ajuda vocês a estudarem? G. P. S.: Ajuda, mas também atrapalha. L. S. B.: Atrapalha mais do que ajuda. G. P. S.: Tipo assim, você chega “poxa preciso pesquisar um gráfico”, aí você pega dá uma olhada lá, aí daqui a pouco o whatsapp trinca, aí você dá uns dez minutos lá na sua pesquisa e passa uma hora lá no whatsapp. L. S. B.: Tem que acordar mais cedo porque tem que ter o espaço pra o Royale, né? O espaço da internet. Leomir: Já na sua rotina o espaço certo da internet? L. S. B.: Porque se fosse pra acordar só pra fazer o trabalho acordava nove horas, acordava onze, agora pra fazer isso aí e jogar um pouquinho, sete horas (risos). E nem faz! Tem que ser quente. A internet é muito top!

Leomir: O que mudou de quando vocês não tinha internet e hoje que você tem? G. P. S.: No meu caso mudou muito. Antes eu era um vândalo (risos). Já cheguei até a queimar o sofá dos outros (risos). Meu pai não queria que eu tivesse lá no porto toda hora sozinho, eu sabia nadar mas tinha lá seus perigos. Minha mãe chegava me dava conselho, mas eu, “poxa mas é bom que não sei o quê”. Aí eu ganhei um celular, aí comecei a me aquietar, mas fiquei com a quela sensação de responsabilidade, sabe? Tipo minha mãe agora sabe onde eu tô, agora se como um tempo atrás só chegava, só sabia a hora que eu chegava dentro de casa, eu saía não falava nada. Hoje eu nem preciso falar porque ela sabe que eu tô bem aqui no wifi dos outros. L. S. B.: Pra mim não ficou nem tão bom nem tão ruim porque antes eu tinha mais opções de diversão. Quando não tinha internet aqui, tinha internet lá. Era um pouco de internet lá e quando acabava os caras chamavam pra jogar bola, “bora pro porto”. Agora aqui não, poucas opções de... é mais internet. Um pouco só de lazer. Não, a internet é lazer.

Leomir: A internet é um tipo de lazer também, mas tinham as brincadeiras diferentes, jogar bola, ir pro porto tem outras coisas diferentes. L. S. B.: Tinha a discussão, “vou pocar vidro na quadra”, (risos). Agora acabou isso aí. Leomir: Acabou o quê? Joedson tá lá (risos).

Leomir: E os pais de vocês usam internet? G. P. S.: O meu não? O meu sabe pra onde vai (risos). L. S. B.: Meu pai não sabe. “me ensine a pesquisar no Youtube”, você aperta aqui digita e vai (risos). Rubão não sabe não, pô. L. S. B.: E sua mãe? L. S. B.: Só vai no youtube, pra ver filme, negócio lá de bíblia, algumas informações que ela vê na página principal assim e aperta, “ah, interessante”. Leomir: Mas é porque ela só gosta disso ou é porque ela tem dificuldade de acessar? L. S. B.: Ela só vê isso.

Leomir: Vocês já pesquisaram algo sobre a cultura daqui na internet? L. S. B.: Uma vez. Sobre uma música. G. P. S.: Fizeram um clipe lá no convento, foi uma galera aí de um coral que usaram um drone e tudo. L. S. B.: Da igreja adventista. G. P. S.: A gente ficou curioso e deu uma olhada. Leomir: Mas vocês já pesquisaram sobre a história daqui. G. P. S.: Pesquisei mas tem um tempinho graúdo que foi negócio de colégio. Internet mas com a ajuda dos livros da biblioteca lá. L. S. B.: Biblioteca, o que é isso?

Leomir: Vocês já foram na biblioteca? G. P. S.: Eu ia, pô. Eu ficava lendo aqueles gibis, não tinha nada pra fazer. L. S. B.: ia com um papel pautado, uma caneta, uma borracha, lápis, só, lá tinha os livros e nem tinha os livros todos lá! Porcaria!

L. S. B.: Quanto foi seu celular? Leomir: Oitocentos reais. L. S. B.: Quanto de memória? Leomir: 16 gigas. L. S. B.: Bate Royale certo (risos).

Leomir: Como vocês se imaginam no futuro? Trabalhando aqui ou em outro lugar? L. S. B.:

Futuro eu me imagino rico. Não sei com que dinheiro mas me imagino rico. Leomir: Você tem vontade de ser o quê? L. S. B.: Eu quero fazer faculdade mas pelas condições de pagamento que estão oferecendo hoje aí não tá me chamando atenção porque eu queria trabalhar não em um trabalho que junta quatro mil num mês. Meu trabalho que eu quero é 250 mil por mês, 250 mil por mês, rico! Eu quero trabalhar já bem reto, tá ligado? Leomir: Só ganhando na loteria. L. S. B.: Quê? Os caras ganham dinheiro como aí? Leomir: Roubando na política! L. S. B.: Eu vou roubar também! Se eu fosse político eu roubava. No primeiro ano eu ajudava, no segundo ajudava, no terceiro ajudava, chaga no quarto, é o quê, um milhão pra educação me dá 900 mil aí.

Leomir: Quando você era criança você me dizia que queria ser cientista. L. S. B.: Cientista! Eu pensei, Leomir. Depois que eu conheci um professor chamado Pedro eu mudei minhas expectativas porque biologia é o diabo, biologia estuda capeta por capeta, Leomir. Eu vejo Pedro careca, não quero ficar careca não (risos). O cara chega lá, não aguento. Ciência é muita coisa, meu Deus! G. P. S.: Eu, sabe o que eu queria ser? Diga aí, diga um chute. Queria ser psicólogo. L. S. B.: Ave Maria! É você mesmo, G. P. S.. G. P. S.: Quando eu era guri eu era fascinado assim pela mente humana. (risos) Sério, velho! L. S. B.: Eu pensei em ser bem antes em ser presidente, “presidente pra quê, Licote?”. Aí acabou, passou pra cientista. Agora eu quero ser o que, quero fazer um negócio que mais dê dinheiro no Brasil. É medicina, mas medicina não é minha área não. Administração, tá ligado? Administração é muito top. Leomir: Por que você pensa isso? Você viu alguma coisa na TV, na internet? Você pesquisou alguma coisa? L. S. B.: Eu pesquisei. Eu já tô quase me formando aí, daqui a pouco acaba, eu vou ficar “à locé?”, não. Pesquisei os empregos que mais dão dinheiro no Brasil, olha (risos). Primeiro veio medicina, depois administração. Poxa, “quais são os requisitos para trabalhar como administrador?” Chega lá, “primeiro faça um grupo do whatsapp”, (risos), tô brincando, mentira. (risos). Tem lá “você precisa ter não sei o que lá de líder”, eu “rapaz quando arma as equipes eu que sou o líder”, “não sei o que lá, boas ideias”, aí eu fui relacionando. Leomir: então a internet te ajudou a escolher a profissão que você quer? L. S. B.: Foi. Está ajudando muito top. Leomir: Você continua pesquisando essas coisas? L. S. B.: Não tenho certeza se vou fazer administração porque daqui a pouco a gente engravida a mulher dos outros aí. Leomir: E G. P. S.? G. P. S.: Quando eu era guri eu pensava em ser psicólogo, aí tinha um professor que eu admirava muito assim que era Eliel. Primeiro professor, depois ser médico, queria servir o exército, agora vi que como o Brasil tá numa crise aí horrível, vi que esses sonhos são quase impossíveis, aí vou esperar. L. S. B.: Ganha bem professor! Professor ganha bem, rapaz! Cláudio não faz poxa nenhuma, ganha dinheiro (risos). Não tem família assim. G. P. S.: Aí eu fui vendo como tá aí, tô achando quase impossível. E eu vou esperar me formar, tem esse ano aí agora, vê se eu consigo através de uma vaga pelo Enem, me formar na faculdade, aí nisso aí eu não vou querer uma profissão que eu goste, vou ver a que dá pra eu seguir porque tem uma grande diferença entre querer e poder. Aí nisso aí eu vou me jogar, se der certo, seja lá o que Deus quiser, né velho!

L. S. B.: E a própria internet disponibiliza pra vocês opções de emprego. Aí os Youtubers, mesmo. Youtuber ganha dinheiro do diabo, Windersson Nunes ganha quanto ali por vídeo? 250 mil de boa.

Leomir: Vocês têm um canal no Youtube? L. S. B.: Isso. Se um dia bombasse. Eu esqueci um emprego na mente, Jesus. Se um dia eu tivesse bilhões de inscritos lá. Leomir: Se seu canal do Youtube bombasse. L. S. B.: Eu teria, não pensaria em emprego não. Leomir: Se desse certo você queria ser um Youtuber fazendo vídeo? L. S. B.: Muito top! Porque eu sei que tô ganhando dinheiro e tô me divertindo com aquilo. “Você é o que, menino? Rapaz, eu sou Youtuber. O que é Youtuber?” Leomir: Youtuber é profissão desde quando? L. S. B.: Youtuber

é profissão muito top!

Leomir: E o canal de vocês tem muito acesso de gente de fora ou daqui? L. S. B.: Tem mais gente daqui. Leomir: Tem o que no canal? L. S. B.: A gente tenta fazer comédia pro povo. Tenta. Entretenimento. O que se passa na vida da gente. Coisas que a gente passa. Se baseia pelos outros Youtubers. Muio top! Leomir: G. P. S. participa do canal? L. S. B.: G. P. S. dá umas ideias. G. P. S.: Eu tenho uma mente muito “influenciativa”. Leomir: Você dá ideia dos temas e os caras gravam? G. P. S.: Às vezes eles me perguntam, eu falo minha opinião que eu acho que vai fazer sucesso. Leomir: O canal é quem, L. S. B. e Luan? G. P. S.: É. L. S. B.: Antes começou só com Luan e Davi. Só que eles não sabiam como começar, primeiro vídeo. “Chama aí L. S. B.”, começou a falar, falar e não saía. Aí eu, “e aí galerinha que assiste nosso canal”, é isso aí mesmo, Whindersson Nunes, parceiro. Aí “deixa L. S. B.”. A gente gravou, gravou, gravou, chegou brigou, botou Davi pra fora, chamou Uco e Vini. Aí gravou, gravou, gravou, não tava dando mais certo também, botou os dois pra fora, acabou o canal depois de três, quatro meses, gravou, tá gravando, gravando e eu vou chamar Luan pra gravar amanhã, eu acho (risos). Leomir: Tem quantas visualizações? Cada vídeos em média? G. P. S.: Acho que o primeiro tem mais, tem 310, 320. Leomir: Quantos inscritos tem no canal? L. S. B.: 198. Já chegou a 220. Nosso Youtube deu uma “bugada” muito doida lá que... E dá pra ganhar dinheiro, muito top. Tem 3 centavos de dólar. Leomir: Quando tem muitas visualizações, como vocês se sentem? L. S. B.: Que o povo gostou, que foi top. Leomir: Vocês fazem pra ganhar dinheiro? Lincoln: Pra ficar famoso, ser reconhecido pela comunidade, conhecido pelo mundo! G. P. S.: “poxa, um daqui de São Francisco do Paraguaçu vingou!”. L. S. B.: E ganhar dinheiro que Whindersson Nunes também começou fazendo assim. Leomir: A inspiração de vocês é o Whindersson Nunes? L. S. B.: Whindersson Nunes! Leomir: Hoje ele tem 14 milhões de inscritos. L. S. B.: 14 milhões e meio. É um monstro! “e aí galerinha que assiste meu canal?”

Leomir: Na minha época uma hora dessa a gente tava brincando na rua, lá em cima não era calçado a gente brincava de garrafão, percula. L. S. B.: Que diabo é garrafão? Leomir: Garrafão tipo a gente chegava no campo, botava, fazia um círculo, aí ficava todo mundo em roda aí tinha um negócio que botava no meio do campo assim, aí você tinha que ir correndo tocar e voltar e tinha um cara que ficava no meio, se o cara tocasse em você todo mundo da roda cacetava-lhe pau. L. S. B.: A brincadeira mais antiga que eu lembro é esconde esconde, que nunca mais eu brinquei. G. P. S.: Ah, velho, poxa, no meu tempo era percula, começava lá na torre que tem ali embaixo e acabava cá em cima, velho. Disgrama, era menino! Leomir: Antigamente a gente brincava mais. Você acha que a internet influenciou muito nisso? G. P. S.: Mas tipo você também vai crescendo. L. S. B.: Mas os meninos de hoje em dia já cresce com o celular. Os meninos já crescem influenciados. G. P. S.: Cresce com a mente de idiota assim (risos). Leomir: Quem acessa a internet é idiota? G. P. S.: Não, porque ao invés de tá brincando assim tá futucando no celular umas coisas que não sabe e sei lá. Eu acho até que fica meio burro, sabe? Se você for com seu conhecimento, tipo “vou pesquisar os negócios aqui pra aumentar o meu QI”, aí beleza, mas querem saber de que? Ficar vendo vídeo infantil no Youtube, essas coisas assim, mas apesar de que tá na idade, mas pelo que eu vejo mesmo os pais acabam prendendo muito as meninas aí fica tudo dentro de casa, fica tudo com a mente infantil. L. S. B.: É vídeos de se libertar! “ah, tá presa”, que presa, minha filha? Aqui é internet, oh! Prraaaa! “vou pro Havai, vamos pro Havai”, Tô aqui no meu GPS, Havai.